NADA TÃO ESTRANHO

A AUTOBIOGRAFIA DE

Arthur Ford

Tradução: Amadeu António

NADA TÃO ESTRANHO

A Autobiografia de Arthur Ford

em colaboração com Margueritte Harmon Bro

HARPER & ROW, Editores, Nova Iorque

Direitos de autor © 1958 por Arthur Ford e Margueritte Harmon Bro
Impresso nos Estados Unidos da América
Todos os direitos desta obra estão reservados.

Índice

- Nada Tão Estranho
- Da Prisão para a Universidade
- Explorando o Psíquico
- O Treino de um Psíquico
- Fletcher
- Inglaterra e os Especialistas
- Um Confronto com os Mágicos
- Um Dia de Trabalho
- Provado e Testado
- As Pessoas que Vêm
- Colegas do Outro Lado da Fronteira
- Lá em Baixo
- Catástrofe
- Um Poder Maior do que Eu
- Vida com Dimensão
- Todos São Psíquicos
- Expansão da Consciência
- Treino na Expansão
- O Caminho da Oração
- Uma Nova Fronteira

CAPÍTULO 1

1 Nada Tão Estranho

Nada é tão estranho como a forma como a estranheza se dissipa do estranho. Experiências que hoje me parecem banais abalaram-me outrora até ao mais fundo do ser. Algumas pessoas são introduzidas gradualmente ao tema dos fenómenos psíquicos, mas a minha introdução deu-se como um relâmpago.

Num dia eu era um jovem oficial confiante em Camp Grant, recém-chegado de Fort Sheridan, onde me tornara uma das chamadas "maravilhas de noventa dias" da Primeira Guerra Mundial — um segundo-tenente — e, no dia seguinte, era um rapaz profundamente assustado num mundo diferente. Não por causa da guerra, mas por causa de um sonho. Ou teria sido um sonho?

Nessa manhã acordei de uma noite de sono profundo com a lista dos nomes daqueles que tinham morrido de gripe durante a noite claramente diante dos meus olhos. Pensei que a experiência fosse o resíduo de um sonho. Disse a mim mesmo que, quando visse a lista real — que era meu dever levantar no gabinete do ajudante — perceberia que tinha apenas imaginado o que julgara ver. Mas, quando peguei na lista, era a mesma: não só os nomes coincidiam com os que eu tinha visto, como estavam exatamente na mesma ordem.

Tentei afastar aquela experiência.

Mas, na manhã seguinte, aconteceu o mesmo. Ao despertar, lá estava a lista de mortes. E, mais uma vez, confirmou-se. Eram os dias da epidemia de gripe e Camp Grant foi duramente atingido. A certa altura eu era o único oficial da minha companhia que não estava doente. Todas as manhãs, à alvorada, homens que tinham acabado de sair das camas caíam ao chão; à noite, mais homens morriam no hospital. Em todo o território dos Estados Unidos, mais de meio milhão de pessoas morreram de gripe. Todos pareciam viver sob tensão, mas a minha era diferente — e pior.

Na terceira manhã mencionei estes acontecimentos estranhos a dois camaradas. Disseram:
— Estás a brincar.
Respondi que bem desejava estar.

Assim, na manhã seguinte, logo ao acordarmos, disse-lhes os nomes que apareceriam nesse dia. E, de facto, esses nomes foram afixados. Disseram

então:
— Estás a pregar-nos alguma partida.

Comecei a protestar, mas reparei no olhar deles e limitei-me a rir.
— Decidam vocês — disse com ar presunçoso.

Mas eu não me sentia presunçoso e não conseguia explicar aquilo.

Nunca tinha ouvido falar de precognição; nunca tinha ouvido falar de clarividência; não sabia que a mente pudesse alcançar algo para além dos sentidos. E, se tivesse ouvido falar de tais assuntos, teria pensado que quem mo dissesse era tão louco como os tipos estranhos de que falava. Em Titusville, na Florida, onde cresci, a palavra "psíquico" significava espíritos, e bons rapazes batistas não tinham nada a ver com espíritos. Pessoas comuns falavam por vezes de cartomantes e de adivinhos de água e repetiam histórias de fantasmas que tinham ouvido de criados ou de alguém que conhecia um homem que conhecia outro homem que dizia que… Premonições de morte eram vagamente consideradas um sinal de espiritualidade. E por aí terminava a nossa parapsicologia.

Depois de uma semana desta história de sonhos, pensei em procurar o capelão ou o médico, mas tive medo de ser enviado para um hospital psiquiátrico. Certamente este estranho revelar de factos — que eu não podia saber, mas sabia — cessaria tão subitamente como tinha começado. Mas, em vez disso, tomou outro rumo inesperado.

Numa manhã apercebi-me de que os nomes que via já não eram de vítimas da gripe, mas de homens mortos na frente de combate. Anotava os nomes que via ao despertar e depois confirmava-os nas listas de baixas dos jornais. Diariamente, à medida que novos recrutas chegavam, os nossos homens eram enviados para o estrangeiro; éramos tropas de substituição para a Divisão Rainbow. Por vezes nesse mesmo dia, por vezes no dia seguinte, mas sempre dentro de uma semana, os nomes que eu tinha visto surgiam no jornal, e na mesma ordem.

A par da persistente sensação de estranheza, comecei a sentir curiosidade. Porque é que eu via certos nomes, certas secções de uma lista, e não outras? Nenhum dos nomes me era pessoalmente conhecido.

Por fim, procurei o capelão protestante. Se ele me tivesse recebido com uma camisa-de-forças, eu não teria ficado surpreendido. O que fez foi ouvir a minha história e depois dizer-me para rezar a Deus, pedindo-Lhe que afastasse esses sonhos aventureiros. Sonhos? Delírios? Como se dar um nome

a um processo pudesse controlá-lo, quanto mais fazê-lo cessar. E cerca de 85% dos meus "sonhos" eram verificáveis.

Finalmente escrevi à minha mãe a perguntar se havia algum historial de loucura na família, sem mencionar o motivo da pergunta. Ela respondeu que certamente não havia qualquer loucura; acrescentou que gostaria que eu soubesse que tinha antepassados muito inteligentes. Mas havia uma tia do lado paterno da família que era um pouco desequilibrada. Era agradável e inofensiva, disse a minha mãe, e a família nunca tentara interná-la numa instituição. Assim se explicava a tia Mary, em Jacksonville. Sempre soubera que havia algo de estranho na tia Mary, porque nunca era mencionada como os outros membros da família. Muito mais tarde vim a descobrir que a tia Mary era uma médium!

Nos anais batistas daqueles tempos, uma médium era algo definitivamente impronunciável.

O meu conhecimento involuntário continuou. De certa forma, o que eu sabia era menos perturbador do que a maneira como o sabia. Segundo o ensino que me fora transmitido, todo o conhecimento derivava de dados sensoriais que chegavam ao cérebro através dos canais aprovados dos cinco sentidos. É verdade que eu acreditava — mais ou menos — que Jesus tinha tido o dom da presciência, mas dava como adquirido que tal poder, tal como a capacidade de curar os doentes sem medicamentos, era um dom direto de Deus e que o Filho o transmitira apenas aos Seus doze Apóstolos. Os relatos de quaisquer milagres ocorridos depois de a Bíblia ter sido impressa eram considerados interpretações erradas.

A minha experiência mais impressionante ocorreu na manhã do falso armistício. Acordei com um sentimento agudo de depressão, uma profunda miséria incompatível com a minha natureza. Quando surgiu o anúncio da paz e as pessoas reagiram com alegria histérica, soube que a notícia era falsa.

A manhã do verdadeiro Armistício foi marcada pelo meu primeiro lampejo de conhecimento clarividente com significado pessoal. Ao abrir os olhos, fiquei surpreendido ao ver o rosto do meu irmão George, que se encontrava num campo militar no Sul. Ele sorria, mas senti uma apreensão intensa. Mais tarde descobri que, durante a noite, ele tinha contraído um caso grave de gripe, agravado por complicações das quais viria a morrer.

No mês seguinte deram-me a escolha entre ir para a Rússia ou regressar à universidade. Voltei para a Universidade de Transylvania, em Lexington, Kentucky. No meu tempo, o corpo docente incluía um punhado de

verdadeiros eruditos. Ainda recordo a excitação intelectual que proporcionaram a um rapaz da Florida.

De volta à rotina familiar das aulas, as minhas angústias psíquicas diminuíram, mas a ansiedade persistiu. No outono de 1919 escolhi uma disciplina de Psicologia. Era lecionada pelo professor Elmer Snoddy, um homem grande, de inteligência apurada e sólida formação académica, com uma perspetiva teológica liberal numa época em que o liberalismo lutava por um lugar. O nosso manual fora escrito por William McDougall, de Harvard, então provavelmente o psicólogo mais destacado da América.

Certo dia, numa aula sobre psicologia anormal, o professor Snoddy referiu-se à extraordinária capacidade da mente para adquirir conhecimento, por vezes, através de meios fora dos canais sensoriais habituais. Documentou uma variedade de experiências psíquicas confirmadas por um observador tão credível como William James. Então eu não estava sozinho! Snoddy apresentou o material de forma objetiva, sem comentar a sua própria opinião. Após a aula, refleti. Se lhe dissesse que também eu sentia o conhecimento a entrar, por assim dizer, pela porta das traseiras da mente, poderia concluir que eu era um sujeito estranho. Ao mesmo tempo, queria demasiado falar com ele para deixar passar aquela oportunidade.

Marquei uma conversa e expus-lhe o meu problema.

O professor Snoddy ouviu-me com grande interesse e, antes de eu sair do seu gabinete, falou-me das Sociedades Britânica e Americana de Investigação Psíquica. Homens sérios interessavam-se seriamente pelo tipo de perceção não sensorial que me perturbava! Saí do encontro com *As Variedades da Experiência Religiosa*, de William James, na mão, e com um convite insistente para visitar a sua casa e continuar a conversa.

Tivemos muitas noites maravilhosas. Hoje sei como fui afortunado por ter caído nas mãos de um homem da sua estatura. Pensava com clareza, era bem formado e tinha grande integridade. Queria saber tudo sobre o meu passado — não apenas um esboço de factos, mas as experiências que tinham moldado o meu pensamento. Foi, sem dúvida, a minha primeira tentativa consciente de me observar a mim mesmo.

CAPÍTULO 2

2 Da Prisão para a Universidade

Nasci em Titusville, Florida, população trezentos habitantes. Toda a vila sabia que a minha mãe, Henrietta Brown Ford, tinha regressado a casa para ter o segundo filho, trazendo consigo a filha de dois anos, Annie. Os meus pais viviam em Fort Pierce, mas o meu pai era capitão de um barco a vapor — um robusto navio de rodas laterais — que percorria cerca de duzentos quilómetros do curso do rio Indian, de Daytona a Palm Beach. Pareceu-lhe melhor que a minha mãe fosse para a sua terra natal, onde a própria mãe poderia ajudá-la.

As famílias, em termos de três gerações, eram mais unidas nesses tempos.

A minha mãe era uma mulher belíssima. Todos os que a conheceram o afirmavam. Era esbelta e graciosa, com cabelo escuro e olhos de um azul profundo. De facto, em 1925, quando tinha cerca de cinquenta anos, ganhou inadvertidamente um concurso de beleza em Miami, como a mulher mais bonita do seu grupo etário.

O meu pai era alto e de boa aparência. Chamava-se Albert Ford(e)aux, mas nunca soube da terminação nem da ascendência francesa até já depois da universidade, quando vivia em Nova Iorque e um psíquico me deu uma pista sobre a família. Em criança, tudo o que sabia da família do meu pai era que o meu avô também se chamava Albert Ford e que, quando o meu pai tinha cinco anos, o avô partira para Nova Iorque num veleiro para visitar parentes; o navio naufragara numa tempestade e ele fora dado como um dos afogados.

A minha avó mudou-se então para a parte central da Florida — uma iniciativa pioneira nos dias anteriores aos caminhos-de-ferro — e criou os dois filhos: o meu pai e a sua meia-irmã. Essa meia-irmã, a minha tia Florence Prevatt, contou-me histórias da família "lá nas Carolinas", nos tempos da escravatura. O meu pai sabia que tinha parentes no Norte, mas nunca tentou localizá-los. Naqueles tempos, o Norte ficava muito longe, tanto psicologicamente como em termos de distância.

Nasci numa prisão.

O meu avô Brown era sub-xerife e, naqueles dias, era costume o xerife viver no espaçoso edifício do condado, que também albergava a cadeia. Era um lugar agradável, com um enorme relvado sob carvalhos-verdes. Mas naquele 8 de Janeiro, dizem, o dia estava frio e cinzento, e a minha mãe

preparou um excelente guisado quente para a família antes de chamar o médico.

Quando eu tinha três semanas, a minha mãe vestiu o seu rechonchudo filho com o melhor traje — um vestido quatro vezes mais comprido do que o bebé, com pregas elaboradas e rendas — e tomou o barco de rodas laterais de regresso a Fort Pierce. O meu pai disse que eu seria batizado na Igreja Episcopal. Era um episcopal fervoroso que não frequentava a igreja, espécie ainda existente no mundo. Fui batizado de acordo com a sua vontade. Mas a aceitação não foi fácil para a minha mãe, pois era uma batista firme, doutrinada, inequívoca e vocal. Toda a sua família era batista. O meu avô Brown tinha duas distinções: fora capitão do Exército Confederado e era batista. A minha avó Brown tinha três: o pai fora ministro batista, casara com um capitão do Exército Confederado e era batista.

A minha mãe aceitou o batismo porque sentia que uma quantidade tão pequena de água e as gentis atenções do arquidiácono Cresson não me fariam mal; e que, seguramente, quando atingisse a idade da responsabilidade espiritual — que os batistas arbitrariamente fixavam nos doze anos — eu rejeitaria a confirmação em favor da verdadeira salvação e da imersão. O que aconteceu. Entretanto, o encantador velho senhor Cresson, que percorria o rio Indian num veleiro, mantendo unidos os episcopais dispersos, foi um dos meus heróis.

Lembro-me do meu pai sobretudo pelo seu amor pelos livros. Foi ele quem me apresentou Dickens, Scott, Thackeray e, sem dúvida, foi responsável pela minha própria dependência de livros. Recordo-o também como uma pessoa estimulante, independente no pensamento para o seu tempo. Partilhava com o meu tio Arthur Brown, editor do jornal de Fort Pierce, um intenso interesse pela chegada dos caminhos-de-ferro à Florida. Nos meus tempos de escola primária, recordo a excitação refletida com as obras de drenagem dos Everglades que, livres de malária e febre amarela, tornavam possível a extensão da linha férrea até Key West. O primeiro comboio chegou a Miami em 96.

Se tive experiências psíquicas na infância, não me apercebi disso. Qualquer coisa pouco ortodoxa teria sido reprimida em mim, ao passo que uma visão religiosa ou uma profecia angélica teria sido vangloriada até entrar na minha consciência; mas, olhando para trás, dou-me conta de que muitas vezes sabia o que as pessoas iam dizer antes de o dizerem e sabia o que estavam a pensar quando não falavam. Também reconhecia a falta de verdade, de tal modo que por vezes me perguntava por que razão as pessoas se davam ao trabalho de mentir quando era tão evidente que não estavam a

ser honestas, e, no entanto, outros eram tantas vezes enganados. Na nossa comunidade, a aproximação mais demonstrável ao psíquico era o fenómeno da conversão, que ocupava o centro do interesse comunitário.

Toda a nossa vida social girava em torno da igreja. Os domingos eram dedicados à Escola Dominical e ao culto de manhã, seguidos de um almoço abundante, um intervalo sonolento e depois uma espécie de círculo missionário infantil chamado Banda dos Raios de Sol, uma pausa, uma ceia na cozinha — a minha refeição favorita da semana, porque cada um se servia de todos os restos saborosos do almoço de domingo — e depois o culto da noite. O culto da noite era uma instituição por si só. Era aí que o pastor "punha a plateia ao rubro". À noite, o canto congregacional era duas vezes mais vigoroso —

Quando a trombeta do Senhor soar
E o tempo já não for,
Quando a manhã despontar, eterna, clara e bela,
Quando os salvos desta terra se reunirem
Lá na outra margem,
E a chamada for feita do lado de lá,
Eu estarei lá.

Eu esperava estar lá! Embora cantássemos sobre o céu, o pregador pregava sobre o inferno, e nunca ouvi dizer que alguém se tivesse salvado por desejar chegar ao céu.

Algumas crianças vizinhas contribuíram mais para a minha teologia do que todos os pregadores da minha infância. Do outro lado do rio, em frente à minha casa, havia um posto da Guarda Costeira conhecido como a Casa de Refúgio, guarnecido por um franco-canadiano que tinha vários filhos, meus colegas de escola, com quem eu brincava aos sábados — esses maravilhosos sábados intermináveis que faziam a ponte entre a rotina da escola e a responsabilidade do domingo. Um rapaz, um tipo robusto e ágil com mais ou menos a minha idade, viria mais tarde a tornar-se um dos meus associados mais próximos, embora eu nunca o tenha visto depois de termos cerca de nove anos. Sob um nome fictício, é hoje conhecido de todos os que alguma vez fizeram comigo uma sessão profissional.

A família dele era católica romana, os únicos católicos, tanto quanto eu sabia, na nossa vizinhança. A minha mãe não gostava que eu brincasse com eles. Afinal, de que é que a igreja batista salvava alguém, senão do inferno e do romanismo? Mas eu ficava fascinado com a forma como aqueles rapazes franco-canadianos se referiam aos santos como se fossem personalidades

vivas — e muito úteis, além disso. As minhas ideias sobre a vida depois da morte tinham sido moldadas pelo tipo de pregação a que eu estava exposto: uma exposição baseada nos passos bíblicos da salvação — fé, arrependimento, batismo — que nos preparavam para uma morte segura, após a qual éramos julgados pelo nosso historial e admitidos no céu ou enviados para a danação eterna.

Mas aqueles rapazes católicos romanos falavam de um estado intermédio chamado purgatório, do qual os mortos, se não fossem demasiado perversos, poderiam ser resgatados pelas orações dos amigos, reforçadas pelo pagamento de dinheiro ao padre.

Ainda que a minha mãe me tivesse dito que algum papa inventara toda a ideia do purgatório como forma de extorquir dinheiro aos crédulos, aquilo agradava-me e eu esperava que, se morresse nesse estado intermédio de bondade e maldade em que sentia que normalmente vivia, talvez tivesse amigos que rezassem por mim. Quanto aos santos, parecia razoável que, se em vida tinham servido a humanidade, pudessem continuar a cuidar dos necessitados. E por que não os outros mortos-vivos que tinham pertencido à minha própria família? Havia, por exemplo, o meu bisavô Pigue, na Carolina do Sul, conhecido pela sua bondade para com os escravos — não intercederia ele por um bisneto que esperava vir a ser pastor?

A minha mãe e a maior parte dos meus amigos pareciam dar como certo que eu entraria para o ministério, como se dizia, e assim a minha expectativa seguia a deles. Quando tinha doze anos, tocava piano nas reuniões da União de Jovens Batistas, conhecida como BYPU, assistia a todos os cultos e, num luminoso domingo, entrei para a igreja. Para mim não houve nada de emocional nisso; no momento esperado, limitei-me a fazer o que era esperado.

Mas talvez eu tivesse sido influenciado por um evangelista que pregara sobre "O Pecado Imperdoável". Não o definiu, mas mandou-me para casa com a sensação de que o tinha cometido. Se, durante a noite, um ruído invulgar me acordava, eu ficava à espera de que o diabo aparecesse.

Até ao momento da minha conversão, ninguém de quem eu gostasse tinha morrido; e então, um dia, certa mulher — que não frequentava a igreja e a quem a minha mãe e as amigas chamavam "aquela mulher" — suicidou-se. Era uma das mulheres mais bonitas da nossa região e havia sempre à sua volta um perfume, mesmo quando não ia a nenhuma festa. Nós, crianças, achávamo-la maravilhosa porque, sempre que a encontrávamos na farmácia, comprava-nos gelados com soda. Nunca percebi porque é que todas as

mulheres da comunidade eram contra ela. A minha mãe, apesar de não gostar dela, foi uma das que se voluntariaram para "a preparar". Intrigava-me que a minha mãe se desse a tanto trabalho para lavar e vestir uma mulher morta com quem não falaria em vida.

Então lembrei-me do que os meus amigos católicos diziam sobre o purgatório e pressenti que, com certeza, teria de haver uma nova oportunidade para a salvação daquela mulher. Decidi rezar por ela. Lembro-me de me ter sentido confortado, muito mais em paz no meu mundo, por ainda poder ajudá-la. Só anos mais tarde descobri as passagens da Bíblia que nos exortam a rezar pelos mortos.

O avivamento anual não só me introduziu ao tema da morte como também ao problema do sexo. Era costume o evangelista fazer uma reunião apenas para homens e rapazes. Foi então que percebi, pela primeira vez, porque é que as mulheres da terra não gostavam da minha popular amiga por quem eu rezava: ela nunca se fixara num só marido. Quando cheguei a casa, o meu pai, que adotava uma atitude de superioridade em relação aos avivamentos, perguntou-me o que o evangelista tinha dito.

Repeti as generalidades do pregador, e depois o meu pai, sem qualquer embaraço, explicou-me os factos da vida. Tinha uma visão sensata do sexo e, pela primeira vez, o assunto pareceu um interesse normal e não aquela coisa má e feia que eu deduzira. O meu pai deu-me *A Letra Escarlate*, de Hawthorne. Era uma leitura pesada, mas plantou na minha consciência uma tolerância para com a fraqueza humana pela qual sempre fui grato. E, de forma indireta, deu-me a garantia de que as minhas orações pela mulher que se suicidara seriam atendidas.

Por esta altura, os nortistas começavam a descobrir a Florida como estância de inverno. Nós chamávamo-los "damn-yankees", tudo junto, numa só palavra. Todos os *damn yankees* pareciam ter dinheiro. Eram dias prósperos, já perto do fim do segundo mandato de Theodore Roosevelt. Tínhamos uma casa grande e a minha mãe alugava quartos a turistas empreendedores.

Tinha eu cerca de quinze anos quando encontrei, num quarto desocupado por um casal idoso especialmente encantador, dois folhetos que tiveram muito que ver com a forma como o meu futuro se viria a moldar. Um era *The Metropolitan Opera News* e o outro um pequeno panfleto chamado *Evolution and Religion*, de J. T. Sunderland, publicado pela King's Chapel, uma igreja unitarista em Boston. Ambos me revelaram mundos novos e ambos

diziam que futuras publicações poderiam ser obtidas gratuitamente, bastando enviar o nome. Inscrevi-me de imediato nas listas de envio.

Daí em diante recebi o sermão semanal da King's Chapel e um relatório mensal sobre o que se passava no mundo da música. O meu pai e eu líamos os sermões juntos, enquanto a minha mãe os confiscava quando podia. Do ponto de vista unitarista, gostei do que consegui entender. Mais ainda: espalhei as minhas novas ideias. Na verdade, tornei-me tão herege que me recusei a tocar piano para a BYPU.

Embora eu lesse e discutisse esta literatura fora do comum, nunca me ocorreu que eu não fosse um bom batista. Ser batista era como ser democrata; toda a gente que era alguém o era. Podia puxar pela trela e discutir reformas, mas o rebanho era o seu direito de nascença. E então, um dia, fui chamado perante uma reunião de diáconos e anciãos da minha igreja para ser interrogado sobre as minhas crenças.

Descobri que a Palavra de Deus, tal como impressa em bom e claro inglês, devia ser aceite tal como entendida pelos restantes membros da igreja, e que não se deviam fazer perguntas sobre a forma como membros de outras confissões liam essa mesma Palavra. Embora eu não fosse muito hábil a responder aos seus argumentos, sabia que algo de tremendo escapava aos meus interrogadores e sabia que eu não podia viver dentro dos limites deles. Quando saí daquela reunião, fui "expulso da igreja" — que era o termo batista do Sul para excomungado. Com dezasseis anos.

A minha mãe ficou mais embaraçada do que devastada. O meu pai não tomou parte na controvérsia. Há muito que tinha ido além do sectarismo; senti que não me desaprovava.

Por esta altura, várias famílias do Norte mudaram-se para a terra; entre elas, um clérigo reformado de apelido Simpson. Essas pessoas não se juntaram a nenhuma das igrejas locais; limitavam-se a dizer que eram cristãs e começaram a realizar cultos no salão da Irmandade dos Odd Fellows. Falavam de unidade da Igreja e expressavam a convicção de que qualquer pessoa que se sentisse seguidora de Jesus tinha o direito de participar na Sagrada Comunhão, a que chamavam a Ceia do Senhor. Para os batistas de comunhão fechada, isto era doutrina escandalosa.

Falei com o senhor Simpson sobre o meu interesse nos sermões unitaristas. Ele conhecia os unitaristas e achava que tinham algo a contribuir para a unidade cristã. Nenhuma das seitas o perturbava em demasia. Era um homem que conseguia afirmar a sua posição sem erguer cercas. Quando

tinha dezassete anos decidi juntar-me à igreja cristã. E esse passo, surpreendentemente, determinou a minha educação dali em diante.

A nossa escola secundária local tinha apenas um curso de dois anos, mas o senhor Simpson falou-me de uma academia no Tennessee onde eu poderia trabalhar para me sustentar e concluir o secundário. Assim, peguei nas economias que juntara com os habituais biscates de sábado e de verão, comprei um bilhete e parti para a Johnson Academy, em Kimberlin Heights, Tennessee, com quarenta dólares no bolso.

A Johnson Academy funcionava pela fé. Os professores recebiam salários conforme o Senhor fizesse prosperar a instituição. Nós comíamos nos mesmos termos. O diretor e os professores eram fervorosos na oração e, além disso, o diretor fazia viagens pelas igrejas para dar a saber aos fiéis que vivíamos da oração. Cada um de nós, rapazes, tinha uma lista de doadores por quem rezava. Eu fiquei conhecido como um dos mais eficazes "rezadores" da escola. No entanto, o meu sucesso na oração não era alheio ao trabalho com que eu ganhava o sustento.

A maioria dos rapazes trabalhava na grande quinta da Academia, mas como eu sabia dactilografar e era bom com números, trabalhava no escritório; uma das minhas tarefas era preparar as listas de nomes por quem se devia rezar. Receio que tenha colocado na minha própria lista alguns dos candidatos mais promissores. Ainda assim, rezava com empenho, e até alguns dos meus candidatos menos prováveis acabaram por enviar donativos.

Uma das minhas orações era por uma oportunidade de ir para a universidade. No outono de 1917 entrei em Transylvania com uma bolsa. Também me inscrevi no Corpo de Treino de Oficiais da Reserva. Sendo estudante de teologia, estava isento do recrutamento, mas, como a maior parte da América universitária, senti que era meu dever patriótico salvar bebés belgas das atrocidades alemãs. Mas nunca fui para o estrangeiro. A minha experiência psíquica foi o mais perto que estive de uma catástrofe — mas deixou-me marcado pela batalha.

CAPÍTULO 3

3 Explorando o Psíquico

Como acontece com muitas outras pessoas que descobrem ter alguma projeção psíquica, eu estava muito disposto a experimentar, mas não sabia por onde começar. O professor Snoddy também não. Tentámos as sessões de "mesa giratória" e obtivemos algumas personalidades aparentemente responsáveis daquilo a que comummente se chamava "o outro lado". Por vezes eu conseguia aceder a conhecimento clarividente, mas nada de grande importância. Com os olhos vendados, por vezes conseguia dizer o que ele estava a fazer do outro lado da sala e, ocasionalmente, dizer o que ele estava a pensar. Não nos ocorreu tentar hipnotismo, embora Snoddy tivesse lido alguma da excelente literatura europeia sobre o assunto.

Tomámos algum cuidado com quem participava nas nossas experiências. O professor Snoddy avisou-me cedo para não divulgar a minha experiência de Camp Grant na comunidade universitária; já bastava ter-me pronunciado a favor da crítica histórica e da evolução. Durante o inverno, emprestou-me livros sobre assuntos psíquicos e sobre misticismo. De certa forma, estes últimos interessavam-me ainda mais. Fiquei espantado ao descobrir que muitos dos génios religiosos do mundo tinham tido poderes psíquicos — entre eles Wesley, Lutero, Swedenborg, Dwight Moody — sem falar numa elevada proporção de santos.

Snoddy tinha uma teoria: vidas dedicadas a procurar Deus desenvolviam esse alcance; ele tinha passado a pente fino os *Journals* e as *Letters* de Wesley e notara a forma como Wesley esperava que Deus Se manifestasse com poder especial e, muitas vezes, via as suas expectativas confirmadas. Por outro lado — eu observava — nem muitos missionários pareciam ter perceção psíquica ou poder de cura; e Snoddy coçava a cabeça, perguntando-se se não seria possível servir Deus com tanta diligência, de olhos fixos na tarefa imediata, que se esquecia de olhar para a Fonte com a mesma avidez que alguns santos tinham tido. Ele sentia com convicção que uma vida de oração conduzia a uma extensão da consciência que, muitas vezes, chegava às proporções de clarividência e clariaudiência.

Mas havia também o facto de pessoas pouco santas terem igualmente dons psíquicos. Era um quebra-cabeças, mas as leituras de Snoddy levaram-no às religiões orientais, onde a documentação sobre métodos de ampliar capacidades psíquicas era abundante. Ao que parecia, as leis do desenvolvimento podiam operar em muitos níveis. Felizmente, tivemos bom

senso suficiente para perceber que precisávamos de orientação — humana e divina.

Passado algum tempo, convidámos o dr. Alonzo W. Fortune, pastor da maior Igreja Cristã de Lexington, para se juntar a nós. O dr. Fortune não era apenas o melhor pregador que eu tinha ouvido até então, mas também um sólido estudioso do Novo Testamento, além de ser um dos homens mais compreensivos e amáveis que conheci. Tinha publicado recentemente um livro, *The Conception of Authority in the Pauline Writings*, e chamou-me a atenção para o facto de Paulo não ter conhecido o Jesus histórico; o seu conhecimento de Jesus e a sua lealdade para com Ele provinham da sua própria experiência psíquica arrebatadora, começando com a visão na estrada de Damasco.

Aos poucos, o dr. Fortune e São Paulo, entre ambos, deram-me a sensação de estar "chamado" a desenvolver quaisquer dons invulgares que me viessem a ser concedidos. Lembro-me de o dr. Fortune me ter lido os capítulos doze e treze da Primeira Epístola aos Coríntios, insistindo que deviam ser sempre lidos em conjunto, e sublinhando a aprovação de Paulo dos "dons" espirituais — como a precognição e a cura sem medicina — desde que o amor dominasse o seu uso. Senti erguer-se em mim uma dedicação indefinida, mas profundamente enraizada, que gostaria de ter mantido sempre.

Li sobre as atas da Society for Psychical Research, na Grã-Bretanha, que tinha surgido pouco mais de uma década antes do meu nascimento. Impressionou-me o facto de a Sociedade ter sido fundada por homens distintos das ciências e das letras, fundamentalmente interessados em responder a uma questão filosófica: o universo é amistoso? A resposta — sentiam eles — estava, em certa medida, ligada a descobertas sobre a continuidade da personalidade para além da morte: se a realização em vida pudesse esperar prolongar-se num espaço de tempo maior, então o universo teria sentido.

Frederick W. H. Myers, um erudito clássico de grande reputação, que fora o primeiro a chamar a atenção dos estudiosos britânicos para Freud, interessava-se particularmente pelo problema do que constitui a consciência. O professor Snoddy tinha a documentação de seiscentas páginas de Myers, *Human Personality and Its Survival of Bodily Death*, e eu li-a com avidez.

Tanto Snoddy como Fortune sabiam algo sobre o trabalho da American Society for Psychical Research, mas ambos eram académicos noutros domínios e tinham, na verdade, pouco tempo para estas questões. Lemos

alguma da literatura sobre o "caso Piper", como era chamada a longa e cuidadosa investigação desta médium de Boston. A mediunidade surgira-lhe quando visitara um grupo de estudo interessado no desenvolvimento da clarividência; entrando num breve transe, escrevera uma mensagem para o juiz Frost, de Cambridge, um jurista notável, que ele sentiu que só poderia ter vindo do seu filho falecido.

Não muito depois, a sogra de William James foi consultá-la e relatou capacidades tão supranormais por parte da médium que, por fim, o próprio professor James foi investigar; e assim começou uma série de investigações que prendeu a atenção de algumas das mentes mais destacadas em Inglaterra e na América. Mais uma vez, impressionou-me a qualidade dos homens interessados — ainda mais do que a minúcia. Esperar-se-ia que fossem meticulosos, pois transportavam para ali a disciplina dos seus diferentes campos; mas que considerassem os poderes supranormais da mente não apenas genuínos como importantes, isso marcou profundamente o meu pensamento.

Dois ou três irmãos da minha fraternidade começaram a interessar-se por assuntos psíquicos; um deles conhecia, na sua terra natal, um homem que conseguia diagnosticar em transe; médicos tinham-no testado e provado que ele conseguia chegar à causa da doença por via clarividente. Outro conhecia uma mulher idosa que conseguia prever o tempo com um ano de antecedência; por vezes era consultada antes de se marcarem as datas da feira do condado. Começámos a acumular alguns relatos que nos pareciam fiáveis. E, quando ouvíamos falar de um bom cartomante, íamos. Uma cigana escolheu-me no meio de uma multidão e disse-me que eu tinha "o dom".

Um desses rapazes, um tipo chamado Joe, levou os seus interesses psíquicos a sério. Quando ficou muito doente com pneumonia e os médicos já não tinham esperança de recuperação, chamou-me e, nas suas últimas respirações laboriosas, disse-me: "Se eu conseguir voltar, dou-te uma prova." Confesso que nunca esperei voltar a ter notícias do Joe.

Mas, alguns meses depois, quando estava de férias no Michigan, assisti a uma reunião espiritualista em que a clarividente apontou para mim e me disse que um amigo "do outro lado" tinha uma mensagem para mim. Descreveu Joe em detalhe, embora não conseguisse obter o nome, e disse que ele falava de dinamite. Aquilo não fazia sentido nenhum para mim e dei a clarividente como alguém que se perdia em trivialidades.

Um ano depois, porém, outro psíquico repetiu a cena. Mais um ano, e um terceiro psíquico, noutro estado, descreveu Joe e insistiu que ele estava a

dizer uma palavra que soava a "dinamite", embora não fosse exatamente "dinamite". Disse que o meu amigo queria que eu dissesse a palavra com ele: ele diria a primeira sílaba, eu a segunda, e ele a terceira.

Então percebi o que ele queria. A palavra era Dynamos, a palavra-passe secreta da fraternidade a que ambos pertencíamos; como meio de identificação, a palavra era soletrada alternadamente entre irmãos, juntamente com o aperto de mão. A palavra-passe mudava todos os anos, mas no ano em que Joe morrera tinha sido Dynamos. O meu amigo estava a identificar-se da forma como se habituara a fazê-lo em vida. Mas esse episódio ainda estava à minha frente; enquanto estudante, eu tinha os meus momentos de ceticismo quanto à sobrevivência.

No verão de 1921 fiz uma viagem a Nova Iorque para conhecer o trabalho da American Society for Psychical Research. Uma das primeiras pessoas que conheci foi a Sr.ª Gertrude Tubby, então secretária da organização. Ela não só conhecia os homens então em destaque, como fazia a história do trabalho da Sociedade ganhar vida para mim, pois acompanhara tudo desde os tempos de William James e Stanley Hall. Nos anos em que o professor James H. Hyslop dirigiu o programa, a Sr.ª Tubby fora o seu braço-direito: o seu emissário de confiança em saídas de investigação, a sua representante e amanuense em centenas de sessões rigidamente controladas e, acima de tudo, a sua amiga firme.

Conhecia também muito bem o dr. Franklin Prince, naturalmente. Ele assumira a direção do programa da ASPR após a morte de Hyslop. Ela tratou de me apresentar. Ele já era amplamente conhecido pelo seu trabalho cuidadoso no caso de personalidade múltipla de Doris Fischer, mas o que mais me impressionou não foi tanto a minúcia como o ceticismo. Para Prince, nada ficava provado se ele conseguisse encontrar espaço para mais um ponto de interrogação.

Essa viagem a Nova Iorque deu-me uma base para o meu estudo futuro. Tornei-me membro da Sociedade Americana e, daí em diante, passei a receber todas as suas publicações. A Sr.ª Tubby também me enviou muitos livros que achava que me interessariam.

Ainda assim, a minha maior excitação estava na pregação e comecei a pregar, como estudante-pastor, em igrejas perto de Lexington. Eu gostava de pregar. Olhando para trás, percebo como era sério — e como era novo. Também ganhei um novo interesse extracurricular: apaixonei-me. O Kentucky era famoso pelas suas raparigas bonitas. No ano seguinte casei com uma das melhores.

No meu terceiro ano, fui chamado para a Igreja de São Mateus, perto de Louisville, para substituir o ministro durante um ano; e, pouco depois de chegarmos, um dos diáconos perguntou-me, muito timidamente, se eu sabia alguma coisa de espiritualismo. Cautelosamente, reconheci que sim. Um pouco mais ousado, fez algumas perguntas. Um pouco mais audacioso, contei algumas das minhas experiências. Então surpreendeu-me ao dizer que um pequeno grupo da igreja se reunia uma vez por semana, experimentando sessões de "mesa giratória". Eu juntava-me a eles? Sim.

As nossas reuniões eram secretas. Foi durante essas sessões que fui hipnotizado pela primeira vez. Em várias ocasiões aproximei-me de um estado de transe, mas nenhum de nós sabia o que fazer com o estado de transe uma vez alcançado.

Felizmente, os relatos das minhas pregações espalharam-se mais depressa e mais longe do que as notícias sobre os meus interesses psíquicos. Fui chamado para uma igreja de sede de condado em Barbourville, no sul do Kentucky. Para um jovem ministro, era uma excelente oportunidade; mas era também um trabalho a tempo inteiro e, se aceitasse, teria de abandonar a universidade no meu último ano.

Sentindo-me uma espécie de herege por ter mudado as minhas ideias em relação a algum do pensamento mais ortodoxo da minha denominação, falei do assunto com o dr. Fortune. Ele achou que eu devia aceitar a igreja. Mais: considerava que eu devia ser ordenado, mesmo sem ter concluído o curso. O seu conselho prevaleceu e, em 1922, juntamente com vários outros jovens ministros, fui ordenado por Alonzo Fortune e I. J. Spencer, na Igreja Cristã da Rua Chestnut, em Lexington. Foi uma experiência comovente.

Durante o nosso segundo ano em Barbourville, o dr. Paul Pearson, fundador e presidente da Swarthmore Chautauqua Association, da Pensilvânia, veio à cidade. Era um quacre distinto e percorria os seus três grandes circuitos pela Nova Inglaterra, pelos estados do Leste e por parte do Sul como uma grande iniciativa educativa. Ia a caminho de visitar "Burns of the Mountains", um homem afável e compassivo, que não tinha medo de nada, e que tinha fundado uma escola nas montanhas numa tentativa de lançar a luz da razão sobre as sanguinárias rivalidades que ali grassavam há gerações. Pearson queria convencer Burns a sair e contar a sua história aos públicos da Chautauqua.

Como o dr. Pearson estava na cidade num domingo, veio ouvir-me pregar. Convidámo-lo para jantar e ele, por sua vez, convidou-me a acompanhá-lo, cerca de quarenta milhas a cavalo, para encontrar Burns.

Durante a viagem, descobri que Pearson se interessava por assuntos psíquicos. Falou-me do seu amigo, sir Oliver Lodge, que recentemente tinha dado palestras na América em resposta ao interesse generalizado pelo seu livro *Raymond*, a história da comunicação com o filho morto na Primeira Guerra Mundial. Falou também de sir Arthur Conan Doyle, que andava a dar conferências por todo o país. Dado o interesse que ambos tinham despertado, o dr. Pearson achou que valia a pena incluir no circuito da Nova Inglaterra uma palestra popular sobre assuntos psíquicos. Antes de partir da cidade, contratou-me para esse trabalho.

Fiquei contente por poder deixar Barbourville numa onda de reconhecimento. Em dois anos de ministério, o número de membros mais do que duplicara; fora instalado um bom órgão de tubos, acrescentado um diretor de música à equipa e concluído um departamento educativo. A igreja estava harmoniosa em todos os aspetos. Na altura, eu não teria pensado em acrescentar o facto de muitos membros da minha congregação estarem a levar a sério as implicações da imortalidade pessoal para a responsabilidade moral nesta terra. Pediram-me que indicasse o meu sucessor, o que fiz. Tenho a certeza de que sempre me sentirei parte daquela igreja.

O meu casamento não tinha sido bem-sucedido. Olhando para trás, vejo que nenhum de nós estava preparado para casar. Eu interessava-me muito mais por preocupações intelectuais do que pela vida doméstica. A minha mulher sentia que eu a negligenciava por causa da igreja — e eu negligenciava. Quando se tratava de ir para o Leste, mesmo no verão, ela preferia ficar com os pais; eles eram sempre o centro da sua vida; psicologicamente, ela nunca tinha saído de casa. Separámo-nos para o verão sem planos de separação definitiva, mas também sem tristeza. Nunca mais voltámos a estar juntos e, algum tempo depois, divorciámo-nos.

Eu partia para a Nova Inglaterra, na minha primeira digressão de conferências.

CAPÍTULO 4

4 O Treino de um Psíquico

Durante todo o verão de 1924 percorri a Nova Inglaterra e os estados do Leste, falando para grandes audiências de pessoas interessadas e amigáveis. O título da minha palestra era "A Hora das Bruxas". Hoje sei que deve ter sido uma apresentação algo superficial do campo da investigação psíquica, mas era sólida, além de dramática. Surpreendeu-me verificar que, depois de quase todas as palestras, alguém — e por vezes várias pessoas — se aproximava para me contar experiências em primeira mão que conhecia ou que tinha vivido.

No fim da época, o dr. Pearson pediu-me que continuasse com o seu serviço de palestras de inverno. A minha base seria Nova Iorque. Aceitei. Eu ainda esperava voltar ao ministério, mas, por enquanto, tencionava aprender o máximo possível no campo psíquico.

Felizmente, tinha a Sr.ª Tubby a quem recorrer.

É extremamente importante, mas também invulgar, que um jovem psíquico, entusiasta, tenha introduções e treino prático como aqueles que a Sr.ª Tubby podia proporcionar. Eu estava nas mãos de uma especialista pragmática e incansável. Ela assegurou que eu não só conhecia os investigadores como também conseguia participar em sessões com médiuns de boa reputação.

Tendo de ganhar a vida, continuei na tribuna das conferências, e as minhas palestras sobre assuntos psíquicos ganharam um certo ar de autenticidade, porque eu podia falar a partir de uma experiência pessoal cada vez mais vasta. Foi por esta altura que deparei com um capítulo inesperado da história da minha própria família. Numa noite, passei por uma reunião onde um médium fazia leituras públicas. Descreveu o meu pai e o meu avô, ambos já falecidos, e disse que eles insistiam em dizer uma palavra que soava a *neversink*. *Neversink*. Ele juntou as palavras, com ênfase. Certamente a mensagem não significava nada para mim e eu risquei o médium da minha lista.

Algumas semanas depois da mensagem *neversink*, eu estava numa pequena cidade na parte ocidental do Estado de Nova Iorque quando vi um sinal na estrada: Dez milhas até Neversink**.** Lá estava a palavra outra vez. Em suma, fui até à vila de Neversink e, depois de perguntar, indicaram-me uma senhora muito idosa chamada Lucy Ford Hornbeck. Ela descreveu de imediato o irmão, Albert Ford, falecido anos antes, e mostrou-me a fotografia

dele. Lá estava o meu avô com a minha avó e o meu pai, então ainda rapaz; a mesma fotografia que o meu pai guardara como um tesouro toda a vida.

Ao que parece, o meu avô não se afogara quando o navio naufragara, mas ficara ferido e doente. Quando voltou à Florida, já não encontrou rasto da mulher e do filho. Eram os turbulentos tempos da Reconstrução. Concluindo que tinham morrido, regressou e viveu até uma idade avançada no Estado de Nova Iorque. Foi com esta tia-avó que fiquei a saber que o meu bisavô tinha anglicizado o apelido *Fordeaux* ao tornar-se cidadão americano. Assim, a minha mãe, de ascendência huguenote, casara com um francês. De algum modo, eu sempre supusera que o nome Ford fosse irlandês.

A seguir à Sr.ª Tubby, o amigo mais útil que tive em Nova Iorque nesses primeiros anos foi Robert Norwood, então reitor da Igreja Episcopal de São Bartolomeu. Conhecera-o pela primeira vez em Swarthmore, quartel-general da Chautauqua do dr. Pearson. Tinha ali perto uma igreja e ele e Pearson eram grandes amigos. Na verdade, ele tinha dado conferências durante uma época no circuito da Chautauqua. Costumava convidar-me, juntamente com outros, para me juntar a ele nos domingos à noite, depois do ofício de vésperas.

Na primeira vez que fui cear, reparei que havia um lugar à mesa que permanecia vazio e, mais tarde, soube que esse lugar era sempre posto para um filho dos Norwood que morrera tragicamente no acampamento de verão da família, no Canadá. A família simplesmente recusava olhar para a morte como separação e considerava sempre o filho parte do círculo familiar. Mais tarde, em Nova Iorque, foi Norwood quem me apresentou a alguns dos seus amigos interessados em assuntos psíquicos. Alguns deles ainda hoje estão entre os meus amigos mais próximos.

O dr. Norwood não era apenas um grande pregador; era um místico, no verdadeiro sentido. Dizia-me que, durante o serviço na igreja, muitas vezes se apercebia de pessoas invisíveis, tanto a engrossarem a congregação como a estarem ao seu lado no púlpito. Contava que se habituara de tal modo à participação de ministros invisíveis que, frequentemente, preparava apenas o esboço do sermão e depois pedia que alguém de uma dimensão superior unisse forças com ele; e, muitas vezes, sentia-se "falado", arrebatado por ideias que nunca antes pensara e usando exemplos que nunca antes lhe tinham ocorrido. Sabia que as pessoas sentiam o poder a emanar do seu púlpito e sabia que esse poder não vinha dele. Eu sentia-me sempre humilde na companhia de Norwood e, ao mesmo tempo, estimulado — muitas vezes inspirado.

Não demorou muito até eu, em Nova Iorque, me familiarizar com alguns grupos espiritualistas. Nessa altura já tinha percebido que, segundo a definição adotada pela National Spiritualist Association of America, o espiritualismo é "a ciência, a filosofia e a religião da vida contínua, baseada no facto demonstrado da comunicação, por meio da mediunidade, com aqueles que vivem no Mundo dos Espíritos". Jovem, e recém-saído de um pastorado numa denominação conhecida pela sua abordagem empírica da religião, parecia-me então muito triste que as pessoas tivessem de fundar uma igreja especial para se sentirem à vontade a falar franca e confiantemente do conceito básico de imortalidade.

Ao observar outros médiuns, fui naturalmente apanhando algo dos seus métodos. Descobri que, acordado, conseguia colocar-me num estado meio hipnotizado no qual podia estar diante de uma assistência e descrever presenças invisíveis e, muitas vezes, captar as suas mensagens. Grupos espiritualistas começaram a pedir-me que falasse para eles e que fizesse essa clarividência pública. Eu sabia que precisava de mais treino, mas, na falta de treino, exercitava-me com as plateias.

Por esta altura conheci um homem chamado Francis R. Fast, que se tornou um dos grandes amigos da minha vida. Era um homem de negócios que representava muitos interesses açucareiros do Havai. Embora fosse consideravelmente mais velho do que eu e tivesse já a família criada, tornámo-nos associados próximos no nosso programa de investigação psíquica. Era um homem de carácter, no sentido antigo da palavra. Com o tempo, passou a tratar dos meus assuntos financeiros.

Francis Fast era membro ativo da ASPR e, através dele, conheci várias pessoas que tentavam desenvolver as suas faculdades psíquicas. Era uma ideia nova para mim: existirem exercícios que se pudessem praticar de forma consistente com o propósito específico de aumentar a consciência. Formámos uma classe de "desenvolvimento espiritual" — termo pouco exato, pois o que se desenvolvia eram as nossas capacidades psíquicas, mais do que os nossos poderes espirituais. Foi nesse grupo que aprendi a relaxar o corpo — uma arte muito mais rara do que a pessoa comum imagina. Aprendi também o começo de um método de concentração.

O trabalho nesta classe preparou-me para o passo seguinte, necessário. Encontrei um mestre. Diz-se no Oriente que, quando o aluno está pronto, o mestre aparece, e isso é, sem dúvida, um facto geral da vida espiritual. Eu precisava de ajuda, e ela veio sob a forma de uma apresentação a Paramhansa Yogananda, um distinto filósofo indiano.

O swami Yogananda viera para a América no outono de 1920 para discursar numa reunião de liberais religiosos, sob os auspícios da American Unitarian Association, em Boston. Quando o conheci, percebi que estava perante um homem que tinha respostas para muitas das minhas necessidades. Disse-lhe que precisava de ajuda para aprender a meditar, para me desapegar de modo a poder estar consciente da verdade, para saber usar um transe. Nem me ocorreu procurar, na tradição protestante, algum mestre que pudesse dar-me esse tipo de ajuda.

O swami Yogananda aceitou-me — não tanto como aluno, em qualquer sentido formal da palavra, mas como amigo. Poderes como os meus não eram novidade para ele, nem os considerava significativos, a não ser na medida em que pudessem ser usados para aprofundar a consciência.

Eu viajava muitas vezes longas distâncias para o ouvir, porque nunca deixava de desafiar o banal. Com ele aprendi que a verdade não pertence nem ao Oriente nem ao Ocidente; é universal e só parece diferente quando não se olha para lá das suas expressões culturais variadas. Yogananda procurava constantemente mostrar a inter-relação dos problemas da humanidade; nunca impunha atitudes ou métodos orientais.

Por exemplo, quando lhe perguntei se devia aprender as *asanas* orientais, ou posturas de oração, respondeu: "Yoga significa simplesmente união com Deus, um estado pelo qual todos os homens lutam, mas não é necessário adotar os métodos clássicos do yoga para ter êxito em encontrar Deus. A tradição cristã de se ajoelhar em oração é uma *asana*: use as posturas a que está habituado. Nunca deixe que os métodos se tornem um fim; só são importantes na medida em que o ajudam a alcançar resultados."

Alguns dos seus seguidores queriam constantemente declarações definitivas do seu ensinamento, mas ele sorria com o seu sorriso caloroso e abrangente e insistia: "Os homens estão ligados entre si e a Deus por princípios eternos que têm de descobrir; palavras que tentam definir esses princípios, mais vezes do que não, confundem e dividem."

Lembro-me de uma vez ir ter com Yogananda com uma pergunta sobre livre-arbítrio e determinismo, ou destino. Ele levava todas as questões a sério, no espírito em que eram colocadas, e nunca fazia um principiante sentir-se tolo. Disse, em substância: "Destino, carma, fatalidade — chame-lhe o que quiser — há uma lei de justiça que, de algum modo, mas não por acaso, determina a nossa raça, a nossa estrutura física e alguns dos nossos traços mentais e emocionais. Isso chega-nos através dos genes, mas o importante é perceber que, embora não possamos escapar ao nosso padrão básico,

podemos trabalhar em conformidade com ele. É aí que entra o livre-arbítrio. Somos livres para escolher e discernir dentro dos limites da nossa compreensão e, à medida que exercemos corretamente o nosso poder de escolha, a nossa compreensão cresce. E depois de escolher, o homem tem de aceitar as consequências da sua escolha e seguir em frente."

Nos anos seguintes, Yogananda atraiu um grande número de seguidores na América. Em Encinitas, Califórnia, foi construído um belo templo para as suas conferências, com grutas para meditação e um hotel para conveniência dos que estudavam com ele. No início dos anos vinte, em Nova Iorque, quando ele me ensinava a entrar num transe autoinduzido em vez de ter de ser hipnotizado, eu não compreendia a dimensão do homem nem do seu ensinamento. Sem dúvida ele sabia isso e deixou-me ao meu destino e ao meu livre-arbítrio!

Aceitei um convite para dar conferências durante algum tempo na Primeira Igreja Espiritualista da Cidade de Nova Iorque, que se reunia aos domingos à noite no Carnegie Hall. Tive sorte, porque era um público crítico, habituado a ouvir homens mais distintos do que eu e a ver excelentes demonstrações de dons psíquicos. Assim, tive de me superar e trabalhar no meu próprio desenvolvimento. Nessa altura, antes de ter terminado os meus estudos com o swami Yogananda, a minha mediunidade ainda era algo irregular e eu nunca sabia se teria resultados ou não.

Quando estranhos queriam chegar aos seus parentes falecidos através de mim, eu estava disposto a ser intermediário, mas por vezes não aparecia parente nenhum! Como poderia eu saber se os parentes se recusavam a comunicar com a família presa à Terra, ou se eu é que não estava bem "sintonizado" para a transmissão? Ou seja: a linha estava em baixo, ou simplesmente não havia ninguém do outro lado? Em geral, porém, numa reunião pública, havia sempre algumas pessoas na assistência com parentes prontos a conversar.

Descobri que a minha principal tarefa nessas ocasiões era manter-me aberto ao que quer que pudesse chegar. Em pouco tempo, o resultado foi uma capacidade bastante consistente de estar diante de uma plateia, meio bloquear as pessoas à minha frente, sentir como se estivesse prestes a entrar em transe mas sem perder a consciência e, então, deixar que personalidades desencarnadas ou aparecessem diante de mim, ou me impressionassem com uma descrição de si mesmas, enquanto, ao mesmo tempo, eu "ouvia", sem palavras, as mensagens que desejavam transmitir.

Sempre que eu lançava a minha mente crítica num estado cético, dizendo a mim mesmo: "Este homem não pode chamar-se Gregory Klegory Tegory", e tentava substituir por algo mais sensato, falhava. Mas, quando avançava e relatava o que ouvia ou via, o resultado era, na maioria das vezes, uma resposta de alguém na assistência.

Embora eu fizesse bastante trabalho público, via-me como um amador e tinha plena intenção de entrar noutra profissão assim que aprendesse um pouco mais sobre o alcance da mente. Lembro-me do dia em que percebi que os meus próprios poderes psíquicos já não me pareciam estranhos. Se procurasse uma analogia, suponho que diria que agora me sentia como um cavalo a quem tiraram as viseiras. Estava menos limitado. O universo tinha-se alargado. E, acima de tudo, a vida fazia mais sentido, pois, ao que parecia, a morte não punha fim às aspirações do homem nem à sua preocupação pelos que amava.

À medida que o meu trabalho público aumentava, eu desejava que existisse alguma forma de conter as multidões de desencarnados que se acotovelavam à minha volta. Por vezes eu "via-os", por vezes sentia-os, mas, de uma forma ou de outra, eram muitas vezes demasiados. Deveria haver algum método — ou alguém — que os mantivesse em ordem, que determinasse precedências. Eu tinha de atender quem clamasse mais alto, por mais silencioso que fosse o clamor. O que faltava era um mestre-de-cerimónias invisível. Foi neste ponto que um parceiro entrou na minha vida, e Fletcher tornou-se o meu braço-direito.

CAPÍTULO 5

5 Fletcher

Um dia, em 1924, quando eu estava em transe, uma personalidade invisível anunciou-se como Fletcher e disse que, dali em diante, seria o meu assistente permanente no plano invisível. Assim, de forma tão simples, começou a nossa parceria. Fletcher disse que conseguia trabalhar comigo de modo eficiente porque tinha o "tom" certo de energia, ou frequência, para estabelecer e manter contacto. Passaram-se anos até eu ter uma noção consistente do que ele queria dizer, mas eu fiquei encantado por vir a ter um colega fiável, que apareceria sempre que eu entrasse em transe e atuaria como interlocutor entre os visitantes invisíveis e visíveis que vinham conversar através da minha intermediação.

Um parceiro assim é geralmente chamado um "controlo". Claro que não foi a mim que Fletcher falou diretamente; anunciou-se a um amigo meu que estava na sessão: "Diga ao Ford que eu serei o seu controlo e que uso o nome Fletcher." Na sessão seguinte, o meu amigo perguntou-lhe, por mim, quem ele era e por que razão pessoal se ligara a mim de forma tão prestável.

Fletcher explicou então que era um dos rapazes franco-canadianos que tinham vivido do outro lado do rio, em frente à minha casa em Fort Pierce. Disse que desejava usar o seu nome do meio, Fletcher, para poupar à família um possível embaraço, porque eram católicos romanos e tinham certas ideias sobre o além que não coincidiam exatamente com o que ele encontrara. Poderiam até ficar perturbados — disse — ao saber que não encontrara o céu habitado exclusivamente por pessoas da sua fé; aliás, ele próprio ficara muito surpreendido ao princípio.

Acrescentou que, depois de a família ter deixado Fort Pierce, crescera no Canadá, alistara-se na Primeira Guerra Mundial e fora morto em combate. Indicou a sua companhia e o local da morte; e deu também a morada da família.

Escrevi à família, perguntando por vários membros, incluindo esse rapaz, mas sem mencionar, claro, que tinha tido notícias dele diretamente. Um dos irmãos respondeu-me, falando-me da morte do irmão e corroborando a afirmação de Fletcher quanto ao tempo e ao local. Assim, aceitei Fletcher pelo seu valor facial (invisível). Por vezes, contudo, eu vejo-o — e sempre como um jovem. Às vezes, quando estou a fazer uma demonstração pública e não estou realmente em transe, o rosto dele surge-me de forma vívida diante dos olhos.

Em pouco tempo tínhamos uma excelente parceria de trabalho. Quando quero entrar em transe, deito-me num divã ou recosto-me numa cadeira confortável e respiro lenta e ritmicamente até sentir uma espécie de aspiração de energia no plexo solar. Depois concentro a minha atenção no rosto de Fletcher, tal como o conheço, até, gradualmente, sentir como se o rosto dele se imprimisse no meu; nesse instante há uma sensação de choque, como se eu estivesse a desmaiar. Em seguida perco a consciência, parecendo estar a dormir. O meu corpo fica num estado de sono e, quando acordo no fim de uma sessão, sinto-me como se tivesse dormido uma boa sesta.

Logo que entro em transe, Fletcher anuncia a sua chegada aos presentes na sala dizendo "olá" com um ligeiro sotaque franco-canadiano. Evidentemente, é o meu aparelho de fala que ele está a usar e, na maior parte das vezes, o meu vocabulário. Por vezes usa palavras que lhe são dadas pelos

desencarnados, mas o facto de captar uma palavra impressionante não significa que a consiga pronunciar corretamente. Às vezes soletra uma palavra especializada tal como, ao que parece, lha estão a soletrar; noutras tenta duas ou três pronúncias até sentir um aceno interior de aprovação de que a disse corretamente.

Nos primeiros momentos do transe, Fletcher parece avaliar os presentes. Pode comentar a sua proveniência geográfica: "Vem da minha parte do país." "Vejo que acabou de voar da costa oeste." "Parece ser um grande viajante." Ou pode dizer: "É químico." "Passa muito tempo diante de um cavalete." "Mais um pregador esta noite." Ou talvez: "O homem preocupado no canto." "A mulher com um lápis." Chegou até a corrigir a ortografia do nome de um presente do outro lado da sala, em relação ao médium adormecido. Pode pedir os primeiros nomes dos presentes e talvez acrescentar: "A inicial do meio é X; essa é estranha."

Os nomes dos invisíveis são por vezes difíceis de obter para Fletcher, como para qualquer "controlo". Pode andar às apalpadelas: tenta Harry, Henry, e por fim sai-se com: "Não, ele abana a cabeça; ah, é Harrall." Numa ocasião, quando um médico desencarnado foi convidado por um presente a escolher, na sala, a pessoa que precisava de assistência médica, o médico invisível indicou de imediato a doente, mas teve de procurar o primeiro nome:

"O nome dela é — deixe-me ver — é verão, os campos estão viçosos e verdes, tudo está em plena flor — ah, sim, o nome dela é June." Noutra ocasião, quando Fletcher tentava transmitir a identidade de uma mulher do lado invisível mas não conseguia captar o nome, comentou: "Estão a mostrar-me um livro… é um livro de poesia… de Longfellow. É sobre a minha parte do país. Acádia! Ah, o nome é Evangeline."

Às vezes acontecem deslocações divertidas. Por exemplo, um ministro bastante santo, desencarnado, foi relatado por Fletcher como dizendo que uma certa situação familiar atual era uma vergonha do caraças. Depois da sessão, a filha, horrorizada, protestou que o pai nunca na vida tinha usado palavrões. Quando ficava mesmo zangado, disse ela, às vezes usava a palavra *tarnation* e então todos se afastavam do caminho dele. Este tipo de deslocação parece fazer parte do problema de traduzir impacto emocional em palavras.

Quem é que, no mundo invisível, vem às sessões? Em primeiro lugar, os entes queridos do consulente. A maioria das pessoas que procura um médium tem alguém de quem gostava e que morreu, com quem deseja estabelecer contacto. Se esse indivíduo estiver interessado e disponível, é

provável que esteja à espera "à porta" e pode ser a primeira pessoa que Fletcher descreve e apresenta.

Normalmente, o parente ou amigo invisível quer, primeiro, identificar-se e, muitas vezes, fá-lo chamando o consulente por uma alcunha ou referindo-se a outros membros da família por traços conhecidos apenas dentro da família; ou menciona episódios-chave do passado, muitas vezes conhecidos apenas pelo consulente e por quem comunica. A abundância de evidência trazida pode ser considerável. E, entre as melhores evidências, está frequentemente alguma trivialidade que o consulente esqueceu e afasta como sendo errada. Descobri que nunca compensa rejeitar dados; o melhor é tomar notas e esperar. Mais tarde, os itens suspeitos podem revelar-se a evidência mais valiosa de uma consciência contínua.

Por exemplo: numa noite do inverno de 1955, fui a um jantar em Rye, no Estado de Nova Iorque. Havia uma dúzia de convidados, entre eles o convidado de honra, o dr. William T. Bidwell, de Greenville, Carolina do Sul. Depois do jantar, sentámo-nos na biblioteca. Eu estava sentado sozinho num dos sofás e, cheio de boa comida, fiquei sonolento e entrei num estado clarividente, mas não inconsciente. Lembro-me de um convidado de New Jersey descobrir que ele e um convidado de Connecticut tinham um amigo em comum, e alguém fez o comentário habitual sobre como o mundo é pequeno.

Então eu falei: "Há aqui um homem que diz chamar-se Adams e diz como têm razão. Diz que a sua casa antiga fica a apenas dois quarteirões da casa do dr. Bidwell em Greenville e que conheceu os Brown na China." (Estou a usar aqui o nome Brown.) O dr. Bidwell disse que nunca tinha ouvido falar desse tal Adams; o sr. e a sr.ª Brown disseram que também não. Alguém troçou de mim, dizendo que nem um médium podia estar sempre certo. Mas, poucos minutos depois, o sr. Brown foi à estante e tirou um volume de *Who's Who*. Lá estava o nome Walter Alexander Adams; a morada permanente era Greenville, a cerca de dois quarteirões da casa do dr. Bidwell; e o senhor Adams tinha sido primeiro vice-cônsul tanto em Nanking como em Tsingtao quando os Brown lá viveram no início dos anos vinte. Não poderiam deixar de o conhecer naquela pequena comunidade estrangeira.

A maioria dos desencarnados, desejosa de contactar os seus entes queridos ainda vivos na Terra, quer mais do que tudo estabelecer o facto de que não está morta; em seguida, normalmente, quer enviar o seu amor, manifestar o laço emocional que os mantém em contacto com aqueles de quem cuidam. Daí que a maioria das mensagens seja pessoal, concreta, mais ou menos trivial. Ou seja: o invisível médio não faz proclamações filosóficas

nem revela conhecimento científico de magnitude histórica — e pelas melhores razões; não falaria nesses termos se estivesse a encontrar-se com a família face a face. Mostra, em grande medida, os mesmos interesses que tinha na Terra, com uma exceção.

A exceção, que surge numa elevada percentagem das mensagens, é o facto de os invisíveis quererem que os seus amigos terrestres saibam que o plano de consciência deles, a sua situação enquanto "mortos", não tem nada a ver com o estereótipo do céu. Poucos se dão ao trabalho de ser coerentes sobre como é esse estado, mas também muito poucos consulentes fazem perguntas consistentes. As únicas pessoas mais vagas do que os mortos são os vivos. Nunca deixa de me espantar que tão poucos ministros — que passam a vida a confortar os moribundos e a consolar os enlutados, que falam eloquentemente sobre a Páscoa e prometem salvação em termos de vida eterna — tenham tão pouca curiosidade inteligente sobre a natureza da morte e do além. A maioria nem sequer tem uma hipótese provisória. Nem a pessoa comum que vem a uma sessão.

Ao que parece, os amigos desencarnados, sentindo a ignorância geral e a falta de interesse, não tentam esclarecer os desinteressados na breve hora (ou pouco mais) que a comunicação mediúnica permite. E como poderiam, quando toda a questão da natureza da consciência está em jogo? Ainda assim, por vezes, um desencarnado faz o possível para informar o consulente de que a comunicação entre ambos poderia ser direta. Às vezes a mensagem é atendida e a pessoa viva esforça-se por desenvolver a sua própria capacidade de receção — na forma de clariaudiência, escrita automática ou transe. Afinal, há milhares que conhecem essa comunicação direta, de uma maneira ou de outra.

Para além da família e dos amigos, aparecem especialistas de vários tipos em resposta a pedidos específicos de ajuda específica. Mas os especialistas parecem ser conhecidos do interrogador ou de algum amigo desencarnado do amigo do interrogador! Não surgem simplesmente sem serem chamados porque um consulente precisa, digamos, de assistência jurídica ou de aconselhamento psicológico. Promotores invisíveis de causas por vezes aparecem para aconselhar amigos terrestres interessados na mesma causa; editores surgem na sessão de um escritor, mas normalmente por algum contacto anterior, direto ou por via de um conhecido comum, vivo ou desencarnado.

Fletcher não parece mover-se sem rumo entre o mundo visível e o invisível. Em termos de lugar, não parece mover-se de todo e insiste sempre que o universo é um só e que os invisíveis não estão noutro lugar, mas apenas

noutro estado de consciência. Ou, como disse recentemente um marido desencarnado a uma esposa em luto, quando ela se lamentava por ter ficado sozinha: "Eu não fui a lado nenhum."

Agora, uma coisa é afirmar que Fletcher existe como uma personalidade separada da minha e descrever o seu método aparente de atuar como intermediário; outra coisa muito diferente é explicar como ele opera. Esta é uma pergunta que me fazem muitas vezes: qual é o processo que permite a uma personalidade desencarnada impressionar uma mente "viva"?

A explicação habitual é que a mente do médium em transe se torna passiva e que a mente do desencarnado que atua como "controlo" toma então posse do mecanismo corporal do médium; usando o aparelho de fala do médium, mas o seu próprio equipamento mental, o "controlo" relata o que "vê" e "ouve" entre outros desencarnados e também consegue comentar o que se passa na sala. Assim, em transe, dir-se-ia que eu fico mentalmente quieto, "apagado", enquanto Fletcher, de algum modo, assume o mecanismo físico que controla a minha audição e a minha fala. Em termos gerais, esta explicação soa suficientemente razoável, desde que não se exijam pormenores.

No entanto, eu tenho uma consulente que é uma interrogadora persistente. Durante meses insistiu com perguntas sobre aspetos da consciência, às quais obtinha apenas respostas genéricas. Mas a sua persistência deve ter atraído a atenção de algumas inteligências desencarnadas interessadas em cooperar para lhe dar uma resposta mais completa. Um dia, uma personalidade desencarnada que disse chamar-se Ruth Finley falou numa sessão de grupo e disse que se interessava em trabalhar com aquela mulher inquisitiva.

A sr.ª Finley identificou-se ainda como a Joan das revelações de *Darby and Joan*, cuja publicação conduzira ao seu trabalho com Betty e Stewart White antes da morte da sr.ª White e, depois, com o sr. White e a sua esposa desencarnada na receção do material registado em *The Unobstructed Universe*. Mais tarde, em sete sessões diferentes, Joan deu ou enviou mensagens à amiga questionadora e, então, um dia, apresentou uma declaração cuidadosamente elaborada sobre certos aspetos da consciência. Refiro aqui apenas os comentários que dizem respeito ao tema da mediunidade em transe.

Para se formar qualquer imagem do processo de transe, disse Joan, é preciso ter presente que cada indivíduo é um complexo de energias; isto é, cada indivíduo é composto por um conjunto de energias que se misturam

num padrão inconstante que, no entanto, possui uma individualidade distinta. O corpo físico é composto por um tipo ou grau de energia que se move a uma taxa de vibração relativamente baixa, e este padrão de energia física é, por si, complexo, porque o coração, o fígado, o cérebro e outros órgãos não têm a mesma frequência; nem são iguais na doença e na saúde. Mas há também outros padrões energéticos que interpenetram o padrão de energia física: energias características dos aspetos emocional e mental da personalidade.

Pessoas dotadas psiquicamente, em todos os tempos, conseguiram frequentemente ver ou sentir esses padrões energéticos mais finos como cor pulsante. A diferença entre o padrão de energia física e os padrões emocional e mental é tão marcada que os dotados psiquicamente falam muitas vezes do "corpo mental" e do "corpo emocional". São estas energias mais finas que permanecem inalteradas pela morte. Embora muitas vezes se diga que "a alma se vai embora", na realidade essas energias mais finas apenas se separam do físico e permanecem intactas, como sempre estiveram.

Tentando ilustrar esta mistura de energias num indivíduo, Joan aconselhou: "Imagine um emaranhado solto de arame, numa configuração geral esférica. O emaranhado tem um padrão intricado; desenhos geométricos interligados. Imagine o arame a conduzir uma carga magnética e uma carga elétrica. Veja tanto a eletricidade como o magnetismo como correntes em movimento, e deixe-as representar energias emocionais e mentais. O padrão inteiro parece vivo; muda de forma, por vezes uma corrente sobrepondo-se à outra." Aqui interrompeu-se. "Estou a misturar a minha figura. Esse é o problema de uma analogia, mas estou a tentar mostrar-lhe que a energia mental ou a emocional pode produzir em excesso. O truque é manter a configuração da personalidade em equilíbrio, claro…"

"Agora, se imaginar uma configuração de arame maior, mais aberta, a aproximar-se e a abrir-se, como numa mola, para abranger a configuração mais pequena e mais compacta de energia mental-emocional, então tem uma ideia de como o corpo físico assume, ou acolhe, o não físico. A partir daí, os fios de energia misturam-se — aquilo a que chama físico e não físico — e, em conjunto, formam um desenho, cada um modificando o outro. Mas, na verdade, é fútil usar termos como físico e não físico, porque ambos são formas de energia.

"Quando levanta questões sobre a mecânica do transe, tenha em mente que, embora não existam duas pessoas com exatamente o mesmo padrão energético, algumas são obviamente muito mais próximas do que outras. Vê as semelhanças e diferenças entre corpos físicos e sente a semelhança e a

dissemelhança de certas mentes. Estas variações são, fundamentalmente, uma questão de física, já que tudo é energia sob alguma forma. Não estou agora a entrar na auto-diretividade de algumas formas de energia, nem na suscetibilidade de algumas formas de energia a impulsos externos…"

"Basta ter em mente que cada indivíduo tem um padrão energético global, do qual uma parte é um padrão físico distintivo e outra parte um padrão mental distintivo. Na vida terrena, é necessário, em permanência, que certos aspetos da mente mantenham alguma ligação ao corpo, porque a interação entre energia mental e energia física opera, em certa medida, em cada célula… Portanto, se a mente do médium deseja ficar livre do corpo durante algum tempo, então uma outra mente, com um padrão energético de aproximadamente a mesma frequência, tem de cooperar com a energia corporal do médium.

Assim, quando o médium está em transe, a sua mente fica liberta para a experiência no nosso universo desobstruído, mas alguma entidade desencarnada fica temporariamente instalada no seu corpo. De facto, por enquanto, o desencarnado torna-se um indivíduo vivo, no sentido em que habita — embora não por completo — um corpo vivo. Durante o transe, é Ford quem está 'morto', enquanto o seu corpo vivo é ocupado por Fletcher. Contudo, a troca não poderia tornar-se permanente, mesmo que Ford estivesse disposto a permanecer 'morto'."

Esta linha de pensamento avançada por Joan contrariava as minhas ideias prévias, pois eu sempre imaginara que, durante o transe, a minha mente ficava "desligada", paralisada, e não livre. Era novo para mim pensar que é a minha mente que se mistura com os desencarnados e imprime as suas mensagens em Fletcher, que fica a tratar do corpo e aceita as impressões que eu lhe dou como se fossem suas — como o são na sua situação! — e, assim, as relata.

Disse Joan: "Ford é o seu próprio mestre-de-cerimónias. Ele está aqui connosco, no que chama o nosso plano. Ele alimenta Fletcher com as suas impressões, e Fletcher relata-as. No entanto, é às suas próprias memórias que Fletcher tem acesso. Por isso, pode referir-se a Acádia como a sua parte do país ou falar do seu próprio passado religioso. De Ford, ele recebe apenas as impressões que Ford lhe comunica, e elas surgem-lhe como se fossem suas."

Joan sugeriu ainda que poderíamos verificar esta mecânica de transferência de funções. Não tínhamos reparado que, se a meio de uma sessão em transe o assunto passava para algo que interessava particularmente ao médium, era provável surgir uma expressão das opiniões

pessoais do médium — e que a fonte dessa expressão ficava, em geral, por identificar ou era atribuída a Fletcher, que, estranhamente, tinha precisamente as opiniões de Ford sobre esses temas?

Na verdade, já me ocorrera muitas vezes que certos pontos de vista e certas convicções que eu sabia serem peculiarmente meus surgiam ocasionalmente no meu transe. Disse Joan: "Nessas ocasiões, Ford está apenas a dar a sua opinião, a participar na discussão geral e a retransmiti-la para Fletcher. E, por vezes, Ford está tão interessado no que aqui se diz que vai com os seus amigos deste lado e deixa outra pessoa a tomar conta do posto. Há outras personalidades desencarnadas com um padrão energético aproximado do dele e que podem, se lhes for permitido, transmitir impressões a Fletcher." É assim, suponho, que um certo ministro prolixo por vezes faz longos discursos, por vezes com o declarado desgosto de Fletcher.

Tenho a certeza de que há subtilezas em toda esta questão da comunicação em transe que ainda não vislumbrámos e talvez não possamos compreender adequadamente o transe — nem os sonhos, nem a morte — até explorarmos mais a fundo a natureza da consciência; e isso poderá ter de esperar, em parte, que biólogos e psicólogos altamente treinados se tornem também médiuns treinados. Joan queixou-se mais de uma vez de que aqueles com quem agora trabalha precisam de médiuns "com um vocabulário de ideias, além de palavras". Ela observa que, quando a comunicação se faz por troca direta de ideias, podem usar-se símbolos até certo ponto — como o lampejo de uma palavra soletrada, ou como uma imagem —, mas, no melhor dos casos, os símbolos são uma circunlocução.

"A comunicação já é bastante difícil entre vocês no corpo físico. Por exemplo, um poeta cita a um lavrador: 'A morte de qualquer homem diminui-me, porque estou envolvido na humanidade', e o lavrador acena com a cabeça, concordando que todos os homens estão ligados de forma vaga. Mas quanto comunicou o poeta? Na sua mente estava a bela imagem da ilha ligada por baixo, nas profundezas, ao continente, e a música dos versos seguintes sobre o sino que toca, e a personalidade do próprio John Donne, e o seu tempo, e a sua influência noutros poetas — centenas de conotações que não existem para o lavrador.

"Agora imagine o poeta a tentar 'fulgurar' as suas ideias no lavrador sem benefício de palavras, esperando que o lavrador expresse essas ideias em poesia. Aí tem o dilema da comunicação entre o meu estado de consciência e o vosso. Para nós, em termos práticos, se um poeta aqui quiser transmitir um poema a alguém que ama na Terra, fará melhor em enviar o seu poema através de outro poeta aí, entre vocês. E um matemático aqui

consegue falar melhor a — e através de — outro matemático. Concretamente, como poderia o professor Einstein, aqui connosco, discutir modificações do seu princípio da relatividade com uma criança cujo fundo é aritmética do terceiro ano — por muito mediúnica que a criança fosse. Precisamos de médiuns com mentes bem apetrechadas."

Outro comunicador observou: "Suponha que uma criança disponível e simpática, que soubesse alemão e inglês, se oferecia como intérprete a Immanuel Kant. Por mais que ambos se esforçassem, o efeito no público seria pouco eletrizante. É preciso outro filósofo como intérprete, ou pelo menos um humanista educado e urbano."

No conjunto, posso estar a fazer uma injustiça aos meus amigos desencarnados ao tentar retransmitir, através dos meus meios limitados, aquilo que tentaram dizer aos meus consulentes. Aqui, estou limitado a relatar o que uma consulente me disse que um desencarnado lhe disse…

Ainda assim, por autoridade própria, posso afirmar que a clareza de pensamento tem continuidade do estado de vigília para o estado de transe; e que o interesse pessoal, por parte de um médium, tende a obscurecer a transmissão do pensamento dos desencarnados. Provavelmente, mesmo quando as melhores mentes se disponham a ser treinadas em mediunidade, continuará a ser necessária a formação em integridade.

Sejam quais forem as complexidades da nossa relação, Fletcher tornou-se tão parte da minha vida quotidiana como qualquer dos meus amigos contemporâneos. Não dependo do transe para vislumbrar o seu rosto e saber que está por perto. Conheço-o objetivamente como uma personalidade, e a parceria que realizamos em transe fez dele uma espécie de autoridade para centenas de outras pessoas. As pessoas agradecem-lhe constantemente — e com razão, pois sem ele a minha eficácia como psíquico seria grandemente limitada — e eu sinto sempre satisfação quando prestam tributo ao meu parceiro.

Os anos de 1924 a 1927 foram os anos do nosso treino mútuo, o de Fletcher e o meu. Fiz um volume crescente de trabalho em público, mas sempre de forma hesitante. Ainda não me via como um clarividente profissional. Escrevia artigos para várias publicações sob pseudónimos e fazia algum outro trabalho para jornais e revistas. Aos domingos falava frequentemente em igrejas espiritualistas e, por vezes, em igrejas ortodoxas, pois o meu interesse pelo ministério estava enraizado. Dava sessões privadas e, embora garantisse sempre aos meus clientes que não podia assegurar a

presença de Fletcher, ele quase sempre aparecia e transmitia informação fiável; assim, comecei a cobrar pelas sessões.

Estudava constantemente, aprendendo e experimentando o mais possível no campo psíquico, e considerava aqueles meses um período de treino — embora não soubesse bem para quê. Um dia eu iria a Inglaterra e conheceria os "grandes nomes" da investigação psíquica.

CAPÍTULO 6

6 Inglaterra e os Especialistas

Fui para Inglaterra na primavera de 1927, num estado de expectativa e apreensão. Queria conhecer algumas das pessoas que estavam a fazer história na investigação psíquica, mas interessar-lhes-iam os meus modestos dons? Pelo menos, eu tinha uma carta de apresentação para Sir Arthur Conan Doyle e tencionava encontrar maneira de lha fazer chegar.

Nessa altura, Doyle era um nome familiar na América. Mais exatamente, Sherlock Holmes era um nome familiar, e a razão por que as pessoas acorriam às palestras americanas de Doyle era o desejo de ver o criador de Holmes e Watson, mais do que qualquer interesse profundo na sobrevivência. Muitos saíam das palestras, no entanto, com os seus instintos detectivescos treinados para uma nova área de exploração.

No dia de abril em que cheguei a Londres, soube que Doyle falaria nessa noite no Grotrian Hall. Como eu sabia que haveria multidão, decidi ir mais cedo para encontrar a sr.ª St. Clair Stobart, que talvez estivesse disposta a entregar a minha carta a Sir Arthur. Eu sabia que a sr.ª Stobart era uma das figuras mais impressionantes do espiritualismo inglês e um membro ativo da Society for Psychical Research.

Era filha de um industrial que se tornara baronete, mas a sua fama vinha sobretudo do seu trabalho na guerra. No início da Primeira Guerra Mundial, organizara a primeira unidade hospitalar móvel e acompanhara-a até à Bélgica, logo após a invasão. Capturada pelos alemães e condenada a ser fuzilada, conseguiu escapar poucas horas antes de enfrentar o pelotão de execução. Com a unidade hospitalar reorganizada, foi enviada para a Frente Oriental, onde ficou conhecida como a Senhora do Cavalo Negro. Mais tarde, liderou parte da retirada sérvia pelas montanhas até à costa da Grécia, trazendo não só um grande contingente de feridos, mas também muitos refugiados. Por esse feito foi condecorada pela maioria dos governos dos Aliados ocidentais.

De volta a Inglaterra, continuou a sua atividade feminista — que, em tempos, incluíra ser acorrentada às paredes do Parlamento, com pausas para respirar, até que o sufrágio feminino fosse reconhecido. Eu sabia também que já estava bem estabelecida como escritora, tanto de livros como de artigos de revista. Amigos seus na América tinham-me dito que a sr.ª Stobart podia sempre contar com factos para sustentar qualquer argumento que avançasse e que não havia como desviá-la do assunto. Foi uma das primeiras mulheres em Inglaterra a conseguir lugar no conselho paroquial da sua igreja.

Se não me lembrasse de mais nada daquela primeira noite, lembrar-me-ia do aspeto marcante da sr.ª Stobart. Como a sua vida era tão ocupada, não se dava ao trabalho com roupas e tinha desenhado para si uma espécie de uniforme. Todos os seus vestidos eram feitos da mesma forma — compridos —, mas de materiais diferentes. Aquele era de veludo roxo. Com ele usava sapatos rasos com grandes fivelas de prata e um chapéu em forma de cone sobre o seu cabelo abundante e desalinhado. Como era coxa e se apoiava numa bengala pesada, algumas pessoas diziam que parecia uma bruxa. Uma bruxa vigorosa e bem-humorada — e, no fundo, uma mulher bonita.

Enquanto esperávamos a chegada de Sir Arthur (eu tinha, de facto, chegado muito cedo), a sr.ª Stobart contou-me como se iniciara nos assuntos psíquicos. Logo após a guerra, uma amiga no oeste do Canadá escrevera-lhe a pedir que organizasse, por procuração, uma sessão com um médium fiável. Sem qualquer interesse pessoal nessas coisas, ela foi, ainda assim, ao melhor lugar de que tinha conhecimento: o British College of Psychic Science, que fornecia médiuns testados. Fez-se uma transcrição da sessão e foi enviada à amiga.

Mais tarde, quando a amiga escreveu a confirmar que grande parte da mensagem tinha valor probatório, a curiosidade da sr.ª Stobart despertou; assim, assistiu a uma série de experiências com Frau Silbert, trazida de Graz, Áustria, para demonstrar capacidades telecinéticas e estigmáticas. A demonstração convenceu-a e ela tomou posição, de imediato, em defesa dos princípios do espiritualismo — que, disse, eram apenas um sublinhar de uma parte esquecida do evangelho.

Foi ela e o reverendo Vale Owen, vigário de Oxford, quem organizou a maioria das reuniões espiritualistas em Londres. Ela era uma pessoa religiosa e fazia sempre distinção entre interesses psíquicos e espirituais. Lembro-me do comentário dela: "O psiquismo é a ciência da sessão; o espiritualismo é a ciência da alma."

Enquanto esperávamos Sir Arthur — eu estava realmente adiantado —, ela convidou-me também para jantar. E assim começou uma amizade longa e preciosa. St. Clair geria as suas casas com a sua característica preocupação em poupar tempo; por isso, o menu semanal era o mesmo durante todo o ano. Durante anos, eu sabia o que haveria para jantar, por exemplo, numa terça-feira à noite, e que haveria uma casa cheia de gente, a maioria interessante e muitos deles distintos.

Quando Sir Arthur chegou ao salão, fomos aos bastidores para o conhecer. Era um homem grande e vigoroso, simples e ao mesmo tempo imponente nos modos. Apertou-me a mão com cordialidade, lançou um olhar à minha carta e convidou-me a sentar-me no estrado com ele.

E assim estava eu num lugar de eleição — e ninguém ali estava mais absorvido na palestra do que eu. Quando Sir Arthur terminou, em vez de se sentar, acalmou os aplausos e permaneceu de pé. Depois disse: "Temos hoje no estrado um médium americano bem conhecido, Arthur Ford." Virando-se para me sorrir, acrescentou: "Vou pedir-lhe que faça uma demonstração pública do seu dom clarividente."

Instantaneamente, fiquei para além da reflexão; mas, de algum modo, caminhei até ao centro do estrado. Uma onda de ansiedade atravessou-me. Senti como se a reputação da mediunidade americana estivesse em jogo. Em casa, eu sempre considerara o meu trabalho público como algo experimental — como o público do Carnegie Hall bem sabia. Eu nunca afirmara ser médium profissional! Senti-me em estado de choque, mas, felizmente, naquele momento recuperei a atitude experimental e, de imediato, senti-me agradavelmente afastado da assistência e aberto ao mundo dos espíritos.

Tudo correu exatamente como devia. Na plateia, pessoa após pessoa soltava exclamações à medida que nomes eram chamados, detalhes de experiências passadas eram revelados, comentários eram feitos sobre alguma situação presente em relação à qual um parente ou amigo falecido poderia, naturalmente, ter preocupação. Houve risos, algumas lágrimas e muito interesse. Quando a força diminuiu e eu terminei, o público aplaudiu calorosamente, Sir Arthur voltou a sorrir e St. Clair Stobart tomou-me sob a sua proteção.

No dia seguinte, o **London Express** publicou um artigo de Doyle a relatar o sucedido. Abriu com a elegante observação: "Uma das coisas mais espantosas que alguma vez vi em quarenta e um anos de experiência psíquica foi a demonstração de Arthur Ford." Depois descreveu um episódio após outro em que, mais tarde, verificara junto da pessoa a quem a mensagem se

destinava e encontrara aquilo que considerava prova espantosa de exatidão. Ao ler o relato, perguntei a mim mesmo como poderia alguém obter toda a informação que tinha passado através de mim, a não ser que tivesse, de facto, amigos invisíveis a cooperar. A notícia de Doyle deixou-me convencido!

Na noite seguinte, Sir Arthur deu um jantar para o qual convidou alguns amigos, incluindo William Gillette, que interpretou Sherlock Holmes em ambos os continentes durante vários anos. Depois do jantar houve uma sessão, e um comentário de Fletcher divertiu os presentes durante anos. "Digam ao meu médium para me dar mais espaço", queixou-se. "Ontem à noite, naquele estrado — esperava ele que eu ficasse entre os narcisos em cima da mesa? Eu estava à esquerda dele e ele apertou-me."

Os meus dias estavam agora traçados. Pouco depois de chegar, falei no Aeolian Hall e os jornais voltaram a publicar um bom relato. Também em Guilford, um jornalista do Surrey Times, presente contra vontade, ficou suficientemente impressionado para escrever um relato vivo e objetivo, incluindo a verificação posterior junto de várias pessoas que tinham recebido mensagens.

Em toda aquela estadia em Inglaterra — e em muitas outras ocasiões posteriores — nada me deu mais satisfação do que o tempo passado com Conan Doyle. Tinha então uns vigorosos sessenta e muitos anos, mas trazia a alegria e o entusiasmo de um homem bem mais novo. Quando o conheci, contei-lhe como Sherlock Holmes entrara na minha vida na Florida, por volta de 1910, quando encontrei um exemplar em letra miúda de *A Study in Scarlet* dentro da caixa de cartão de um frasco de gotas para dor de dentes.

Ele riu e disse que, em 1887, vendera esse conto — o primeiro da série de Sherlock Holmes — a um editor britânico por 25 libras e que nunca mais recebera um cêntimo de direitos de autor por ele. Disse que moldara Holmes à imagem de um professor que tivera na faculdade de medicina, um mestre da indução. Quando vendeu a história, era um médico a lutar pela vida em Plymouth, recém-chegado de uma viagem à África Ocidental, e precisava de dinheiro para sustentar a casa que estabelecera com o casamento recente.

Doyle era um narrador inigualável e tão vívidas eram as suas histórias hilariantes dos tempos de estudante de medicina, do início da prática, dos investimentos aventureiros, da luta no comité dos Jogos Olímpicos, das viagens por muitas partes do mundo, que ainda hoje sinto que testemunhei muitos dos seus feitos em primeira mão. Servira numa unidade médica durante a Guerra dos Bóeres e vivera experiências tão horríveis quanto um homem consegue contar. Na Primeira Guerra Mundial, esteve nas frentes

britânica, francesa e italiana, e assistiu também à rutura final da Linha Hindenburg. O seu magnífico filho, Kingsley — que eu só conheci por fotografias muito belas — morreu pouco depois do início da guerra. Nas sessões, Kingsley falava muitas vezes com o pai e com a madrasta, Lady Jean. Muita gente pensava que fora a morte do filho que levara Doyle a tornar-se espiritualista, mas nada podia estar mais longe da verdade.

O trabalho de Doyle no campo psíquico começara com a telepatia, nos tempos do início da sua prática em Southsea. Costumava dizer que, como jovem médico, sempre comparara a "secreção" de pensamentos do cérebro à secreção de bílis do fígado — até descobrir que um amigo seu, arquiteto, conseguia sentar-se alguns metros atrás dele e reproduzir, com grande exatidão, tudo o que Doyle desenhasse. Como podia a mente do amigo depender dos sentidos? Descobriu ainda que o amigo fazia o mesmo através de grandes distâncias. Seria telepatia?

A experiência seguinte foi com a "mesa giratória". Propôs-se provar a um doente seu — um general e professor no Greenwich Naval College — que o general era vítima de alucinação. O resultado foi a entrada de Doyle na Society for Psychical Research. No entanto, só depois de estudar o assunto durante um quarto de século aceitou a sobrevivência e a comunicação como factos. Sir Oliver Lodge disse-me uma vez que, quando conheceu Doyle pela primeira vez, em 1902, Doyle admitia a possibilidade de telepatia, mas não ia mais longe.

Quando o conheci, Doyle gostava de citar Sir William Crookes — físico distinto e antigo presidente da Royal Society — sobre a sobrevivência: "É inacreditável, mas é verdade." E acrescentava muitas vezes um comentário do barão Reichenbach, célebre naturalista alemão: "Há uma incredulidade científica que excede em estupidez e obtusidade o mais tosco dos campónios."

Por vezes, Doyle gostava de dissertar sobre a sua conceção de pecado, que tinha pouco a ver com as fragilidades humanas e muito a ver com a estreiteza, o fanatismo e o materialismo que ele considerava pecados do espírito. Ao mesmo tempo, não equiparava o conhecimento psíquico à salvação e fazia questão de lembrar aos espiritualistas que muitos canibais tinham poder psíquico — e ainda assim comiam gente.

Talvez as observações mais comoventes que alguma vez o ouvi fazer tenham sido sobre a tendência de certos cientistas para violarem a primeira lei da ciência, pronunciando-se sobre algo sem o examinar. Para mim, a sua observação mais inesquecível foi um comentário sobre a experiência do

Pentecostes, tal como descrita pelo autor dos *Atos*. "Todos de comum acordo", citava ele, e acrescentava que ele próprio se sentara com pessoas santas e sentira o vento impetuoso, vira as línguas tremeluzentes e ouvira a grande voz — mas como poderiam tais coisas acontecer onde não reinasse harmonia na expectativa? Tendo eu próprio vivido alguns desses fenómenos, concordava com a sua afirmação sobre a necessidade prévia de harmonia.

Tanto em Crowborough, a casa de campo dos Doyle, como no apartamento em Westminster, conheci e fiz sessões com muitos amigos de Sir Arthur. Hugh Walpole teve muitas sessões, tanto sozinho como em grupo. Era um inglês calado, algo taciturno, com um humor seco. Quando o conheci, estava no auge como autor da sua famosa história de terror *Portrait of a Man with Red Hair* e trabalhava na sua série de romances históricos. Quando foi sagrado cavaleiro, uma década mais tarde, já acreditava na sobrevivência — mas não creio que essa convicção lhe tenha valido a distinção, nem o contrário.

O major Colley, filho do arcediago Colley, reitor de Stockton e fervoroso na investigação psíquica, fazia parte do círculo mais íntimo. Havia muitos "majores"! Com o vasto serviço ultramarino da Grã-Bretanha, era natural haver muitos homens reformados do exército e da marinha em Inglaterra, e eles dominavam frequentemente a sociedade local, muitas vezes como o "notável" da terra que me apresentava numa reunião pública. Um ano, o meu amigo Ruby Laffoon, então governador do Kentucky, fez-me coronel honorário do seu estado-maior. Quando a notícia chegou à Grã-Bretanha — e pode ser que eu a tenha deixado escapar —, os majores passaram a apresentar-me escrupulosamente como **coronel Ford** e a tratar-me com uma nova deferência, chegando até a aceitar as observações dos meus amigos invisíveis como um pouco mais autênticas.

Outro membro do grupo em torno de Sir Arthur era David Gow, editor de *Light*, uma revista dedicada à investigação psíquica, para a qual tanto cientistas como filósofos escreviam artigos. Doyle costumava dizer que, polegada por polegada, duvidava que qualquer outra revista britânica trouxesse a marca de tantas boas mentes inglesas. Gow tinha um manancial de histórias em primeira mão sobre Stainton Moses, fundador e primeiro editor de *Light*. Moses fora um cavalheiro erudito à antiga, ministro da Igreja de Inglaterra. O poder supranormal surgiu-lhe de repente, depois de ter despendido muito esforço a proclamar que o espiritualismo era espúrio e que os seus expoentes mais vistosos, como D. D. Home, se entregavam ao que ele chamava um enfadonho *twiddle-twaddle*. Foi numa sessão, ao receber uma mensagem de um amigo íntimo morto há anos, que o seu dogmatismo

vacilou. Após seis meses a examinar médiuns bem conhecidos, começou ele próprio a dar sinais de grande poder psíquico. Isto interessou-me, porque eu tinha notado que pessoas que se interessam por assuntos psíquicos muitas vezes se desenvolvem desta maneira — embora não até ao nível fenomenal de Stainton Moses.

Habituado como eu estava a fenómenos inexplicáveis, as histórias sobre o senhor Moses ter-me-iam deixado cético, não fosse a qualidade dos homens que o confirmavam. Foi através de Stainton Moses que o grupo Imperator transmitiu os seus ensinamentos "do outro lado" e, fossem ou não as personagens ilustres que afirmavam ser, eram homens de estatura invulgar, que dificilmente teriam trabalhado com — e através de — alguém menos culto do que Moses.

A par de Conan Doyle, uma das figuras mais impressionantes que conheci na investigação psíquica britânica foi Sir Oliver Lodge. Conheci-o pela primeira vez num almoço com Rose Champion de Crespigny, a romancista. Lodge era então um velho cavalheiro distinto, nos seus setenta anos, mas tão vigoroso como muitos homens mais novos na Sociedade; viveu até aos noventa, creio. Como a maioria dos grandes homens, era simples e bondoso. Tinha um vivo sentido de humor e gostava de contar histórias de certos colegas que, em tempos, o atacaram com ferocidade, mas acabaram por admitir que talvez ele não fosse tão louco como tinham pensado.

Lodge trouxe para o seu trabalho em investigação psíquica a mesma capacidade de análise que já demonstrara na física. Neste campo, claro, ele estava completamente acima da minha compreensão; mas quando se voltava para um dos seus interesses — como a dissipação de nevoeiro e fumo por eletricidade, área em que fizera trabalho original notável —, era tão fascinante como um detetive a reconstituir as suas proezas. Um dia perguntaram-lhe em quantas sociedades eruditas servira como presidente; alguém respondeu por ele e a lista era impressionante, incluindo os longos anos em que foi o primeiro diretor (Principal) da Universidade de Birmingham.

Por vezes, Lodge irritava-se com aquilo que lhe parecia o irracional prolongamento a que certos investigadores, no campo psíquico, iam para evitar declarar-se convencidos da sobrevivência. No seu livro *The Survival of Death*, fez uma observação cáustica sobre a Society for Psychical Research: "Tem sido chamada uma sociedade para a supressão de factos, para a imputação em massa de impostura, para o desencorajamento dos sensitivos e para a repudiação de toda e qualquer revelação do género que se dizia

estar a pressionar-se sobre a humanidade a partir das regiões de luz e conhecimento."

Ao ouvi-lo, eu próprio me perguntava se, no balanço final, não haveria tantas pessoas embaraçadas pela sua incredulidade perante a evidência como pela sua credulidade excessiva.

Os eruditos inclinavam-se a ouvir Sir Oliver com respeito, mesmo sem concordar; mas, depois da publicação de *Raymond*, também o povo ouviu — nem que fosse para argumentar que "o céu não pode ser assim". Poucos livros daquela época tiveram tantos sermões pregados à sua custa. O seu filho Raymond, morto na guerra, descrevia a confusão inicial ao dar-se conta de que estava morto, o aprendizado do uso dos seus novos poderes e a descoberta de uma nova utilidade. Sir Oliver e Lady Lodge empenharam-se muito em estabelecer o que se chamava *cross-correspondences* — o encaixe de uma mensagem coerente a partir de frases dadas a vários médiuns aproximadamente ao mesmo tempo ou em sequência relacionada.

Quem conhecia bem Lodge sabia que ele não era apenas um homem religioso, mas também um homem de Igreja. Por vezes falava comovidamente das suas convicções e, para ele, não havia conflito entre ciência e religião. "Apesar da nossa ignorância e perplexidades", comentou um dia a um grupo de nós, "o resultado de todos os meus estudos é a convicção simples, mas segura, de que 'o Grande Coração da Existência é maravilhosamente bondoso'."

Era inevitável que um jovem médium americano, a trabalhar com homens como Lodge e Doyle, visse os seus dias cheios de excitação intelectual e satisfação pessoal.

No início dos anos trinta, a sr.ª de Crespigny era directora do British College of Psychic Science, que trabalhava em moldes semelhantes aos do mais antigo Institut Métaphysique de Paris: testava vários médiuns e disponibilizava os seus serviços a pessoas interessadas, emitia relatórios aos membros e publicava um trimestral erudito. O colégio fora fundado uma década antes pelo senhor e pela senhora Hewat McKenzie, que lhe trouxeram enorme zelo e uma boa dose de senso prático, de modo que o trabalho se mantinha sempre a um nível elevado.

Sempre senti que Hewat McKenzie, como muitos homens que, por esforço próprio, alcançam algum sucesso e reconhecimento, ficava impressionado com as suas próprias realizações. Mas tinha razões para se orgulhar do seu colégio. A sr.ª de Crespigny acrescentava prestígio a tudo o que trazia o seu nome. O pai, Sir Ashley Cooper-Kay, fora First Sea Lord do

Almirantado, e ela própria escrevera cerca de vinte romances populares; além disso, era uma mulher bonita, alta, esguia, viva. Sempre que eu estava em Londres, ela era "a minha Rose", e, sendo na altura mais velha do que a minha mãe, eu não escondia a minha devoção.

Foi a sr.ª de Crespigny quem me apresentou a Hannen Swaffer, presidente honorário da União Espiritualista e director editorial do império jornalístico de Lord Northcliffe. Entre os jornalistas, Swaffer era conhecido com carinho como "o papa da Fleet Street". Em 1924, após a morte de Northcliffe, quando Swaffer ouviu dizer que o espírito de Northcliffe falara ao seu antigo secretário através de um médium, comentou que era o relato mais ridículo alguma vez posto a circular. Mas farejou uma boa história. Foi, então, ao East End para desmascarar o médium.

Através do médium, alguém que afirmava ser Northcliffe disse coisas de tal valor probatório que Swaffer sentiu que só Lord Northcliffe as poderia dizer — mas continuou convencido de que havia ali um truque. Voltou vezes sem conta, fazendo perguntas cujas respostas só Northcliffe poderia conhecer. A evidência tornou-se demasiada para ele.

Ninguém que conhecesse Swaffer punha em causa a sua integridade ou a sua coragem e, por isso, os amigos que tinham acompanhado a investigação não se surpreenderam quando ele alugou a Queen's Hall e disse ao mundo que estava convencido de que o seu antigo chefe ainda vivia, lembrava-se e continuava interessado nas políticas do jornal. Swaffer escreveu então um livro, *Northcliffe's Return*, onde detalhou as suas provas. Tornámo-nos amigos firmes e, com Swaffer, aprendi muito sobre como lidar com opositores enviesados e mal informados dos assuntos psíquicos. Ensinou-me a exigir que os críticos assumissem os seus supostos factos sobre "desmascarar o médium", apresentando nomes e provas de fraude.

Um dos grandes amigos de Swaffer foi Maurice Barbanell, que estava então a iniciar a sua carreira como editor do *Psychic News*. Foi ele, mais do que qualquer outro, quem começou a levar os dados sobre a sobrevivência a um público alargado, e, nas suas mãos, os dados tornaram-se entusiasmantes. Quando ouviu dizer que alguns dos respeitáveis veteranos o consideravam um pouco sensacionalista, deu a resposta incisiva: «A verdade sobre a sobrevivência é a notícia mais sensacional do mundo.» Com o tempo, o próprio Barbanell desenvolveu uma mediunidade notável e foi, durante anos, o médium do círculo de estudo doméstico de Hannen Swaffer, mas manteve o facto da sua mediunidade oculto do público. As comunicações do seu controlo, Silver Birch, eram conhecidas por um vasto número de pessoas,

mas só no verão de 1957 Barbanell publicou finalmente a sua relação com Silver Birch.

Outro dos grandes médiuns britânicos que conheci na minha primeira visita a Londres foi Horace Leaf, um dos mais antigos em termos de serviço e, certamente, um dos mais fiáveis e importantes. Tive conhecimento dele pela primeira vez quando peguei num livro seu em Roanoke, Virgínia, quando estava a dar palestras para Paul Pearson, e, naquele mesmo momento, quis conhecê-lo. Quando cheguei a Londres, revelou-se um bom amigo.

Em 1928 combinámos entre nós que Leaf deveria visitar a América, assumir o meu trabalho no Carnegie Hall e ocupar o meu apartamento, enquanto eu iria para Londres e viveria na sua casa. Leaf fez um excelente trabalho na América e regressou para visitas posteriores.

Quando tomei conta da sua casa, descobri que a minha primeira tarefa era procurar uma cozinheira-geral, pois a mulher que trabalhara para os Leaf não queria continuar ao serviço de um americano. Descobri também que Leaf dirigia um grupo semanal em sua casa, frequentado por trinta a cinquenta pessoas. O meu anúncio para cozinheira-geral apareceu no *London Post* na manhã do dia em que eu iria realizar a minha primeira reunião.

Por ser a primeira, compareceu uma multidão realmente enorme e, quase ao mesmo tempo, um grande número de candidatas ao emprego de cozinheira-geral. Como distinguir as candidatas das visitas? Felizmente, St. Clair Stobart e Lady Jean Conan Doyle estavam presentes para a reunião, pelo que os coloquei a separar os participantes das cozinheiras. Como tinham de explicar a situação a todos os que chegavam, a maioria das candidatas acabou por querer ficar para a reunião.

De todo este processo acabei por ficar com uma cozinheira-geral que pareceu satisfatória aos meus dois amigos experientes, e Lady Doyle fixou o número de libras semanais que lhe deveriam ser pagas. Ela mostrou-se muito recetiva às minhas inovações e, quando numa noite quente quis servir chá gelado, ajudou-me a encontrar gelo e não ficou minimamente perturbada quando os convidados pediram para trocar o chá frio por quente. Noutra ocasião, preparou um delicioso frango frito do sul, cozinhado de acordo com as minhas instruções, mas os convidados também não apreciaram. Não se fazia assim naquela época.

Nesse ano recebi bastante gente em casa e sempre me admirei da forma como esta minha cozinheira cockney *(sotaque Londrino)* conseguia fazer o orçamento semanal chegar para tudo. Acabei por descobrir o método. Assim que soube que eu estava de saída, foi ela própria quem saiu primeiro, após o

que os comerciantes da vizinhança apareceram em massa. Ela tinha posto tudo o que podia nas contas das lojas. Tive de telegrafar a Francis Fast, em Nova Iorque, a pedir dinheiro para me tirar do aperto.

Tive a sorte de me envolver na experimentação psíquica numa altura em que muitas das pessoas que fizeram a história da investigação psíquica ainda estavam ativas. Embora tenha chegado demasiado tarde para conhecer o Professor Crawford, de Belfast, conheci a sua viúva e também vários membros do círculo Goligher, especialmente Kathleen, hoje Lady Donaldson. Crawford era professor de engenharia mecânica na Queen's University, e o seu livro *Psychic Structures* continua a ser um clássico na área.

Através das suas experiências com fenómenos telecinéticos, deduziu a lei da alteração dos pesos; isto é, quando uma mesa pesada numa sala com um médium era levitada, verificava que o aumento de peso do médium ficava dentro de 5 % da perda de peso da mesa, sendo o restante suportado pelos participantes. Inversamente, se uma força psíquica colasse uma mesa ao chão, o peso do médium diminuía na proporção da pressão suportada pelo pavimento. Durante a levitação, uma substância invisível mas palpável parecia fluir do corpo do médium, atuando por vezes como consolas. Houve outras elaborações cuidadosas das experiências, conduzidas sob o olhar treinado de Crawford, e espero que um dia um físico moderno enfrente este problema — quando conseguir encontrar um médium físico adequado.

Por esta altura surgiu um novo nome impressionante no College of Psychic Science — Eileen Garrett. A Sra. Stobart e a Sra. de Crespigny, bem como Hewat McKenzie, interessaram-se muito por ela, tanto pela sua clarividência como pelas suas sessões em transe. A Sra. Garrett escreveu mais tarde sobre esses primeiros tempos na sua autobiografia, *Adventures in the Supernormal*. Na primavera de 1927 quis consultar um bom médium a respeito de uma viagem que Francis Fast e eu estávamos a planear para Itália e Egito, pelo que um amigo meu, que tinha sessões semanais com a Sra. Garrett, ofereceu-se para me ceder uma das suas marcações.

Ela não me conhecia, nem eu a tinha visto antes, mas, com a sua habitual cordialidade, permitiu-me falar com o seu controlo em transe, Uvani. Foi a sessão mais extraordinária que eu tivera até então. As pessoas que afirmavam falar do outro lado eram pessoas minhas, que tinham vivido e morrido no meu próprio país. Não poderia haver qualquer conhecimento prévio da parte da Sra. Garrett; nem a telepatia poderia explicar as revelações, pois ela deu-me pormenores específicos sobre pessoas e situações na América de que eu próprio nada sabia na altura.

Por exemplo, disseram-me que a minha mãe estava a fazer uma grande mudança e a considerar o casamento. Isto foi para mim uma surpresa completa, pois, após a morte do meu pai, ela tinha entrado nos negócios com tal entusiasmo que eu supunha que seria uma mulher de carreira para toda a vida. Comprava casas antigas, remodelava-as e vendia-as com bom lucro, e gostava imenso do seu trabalho. Agora, porém, ali estava o meu pai, morto havia mais de uma década, a falar-me sobre regressar a casa para aconselhar a minha mãe.

A informação perturbou-me tanto que pedi à Sra. Garrett que desse uma sessão a Francis Fast no dia seguinte. Também a ele foi dito que deveria regressar imediatamente aos Estados Unidos. Ficámos de tal modo impressionados com estas sessões que cancelámos os nossos planos e apanhámos o primeiro navio de regresso. À chegada, verificámos que as revelações transmitidas através da Sra. Garrett estavam inteiramente corretas. A minha mãe estava prestes a casar com um excelente homem, Leighton Thomas, que tinha uma plantação na Carolina do Sul. Fiquei encantado com a perspetiva, ajudei-a a organizar os seus assuntos comerciais e fiquei grato por não ter perdido o casamento.

À medida que fui conhecendo melhor Eileen Garrett, descobri que ela estava tão perplexa quanto eu quanto à natureza da mediunidade, e tão pouco certa quanto eu de que quisesse ser médium. No entanto, a sua carreira posterior estabeleceu-a como uma das grandes médiuns de todos os tempos e como uma das pessoas mais importantes no campo da investigação psíquica. Na minha segunda viagem a Inglaterra, tive o privilégio de organizar uma sessão com a Sra. Garrett para a Sra. Helen Bigelow, então secretária da secção de Nova Iorque da ASPR, cujo entusiasmo viria mais tarde a contribuir para trazer a Sra. Garrett para a América — um contributo extremamente feliz para a causa da investigação psíquica neste país, pois do trabalho da Sra. Garrett nasceram a Parapsychology Foundation e a revista *Tomorrow*.

Antes de deixar a Inglaterra, Conan Doyle colocou-me na consciência a questão de me tornar médium profissional. Sentia que tanto os ministros como os médiuns eram chamados por Deus, mas que, havendo mais ministros do que médiuns, eu deveria escolher a mediunidade. Acabei por concordar com ele e tomei essa decisão, mas passaram ainda muitos anos até eu compreender verdadeiramente a minha vocação.

CAPÍTULO 7

7 Uma volta com os mágicos

Um dos mais apaixonados desmascaradores de médiuns foi Houdini, o mágico. No início da década de 1920, lançou todo o peso da sua reputação como mágico por detrás da declaração de que todos os médiuns eram impostores e de que ele podia reproduzir qualquer truque que um médium fosse capaz de fazer.

Embora mais tarde tenha desempenhado um papel significativo ao dar-me estatuto como médium, nunca conheci Houdini. Morreu em 1926 e, nessa altura, eu era demasiado insignificante para atrair a sua atenção.

A influência de Houdini sobre todo o Movimento Espiritualista não pode ser compreendida sem alguma perceção da distinção que lhe era própria.

Aqui estava um homem que conseguia libertar-se de algemas de todas as invenções e dispositivos em qualquer parte do mundo. Conseguia bater os mergulhadores de moedas de Fiji no seu próprio jogo. Realizava proezas subaquáticas que espantavam a profissão médica pelo tempo que conseguia suster a respiração. Libertava-se de caixas de madeira construídas em palco por carpinteiros locais. Perante audiências atónitas, fazia desaparecer um elefante (não um coelho) e atravessava uma parede de tijolo. Era exatamente aquilo que dizia ser: o mestre da magia do seu tempo.

No início dos anos vinte, Houdini voltou a sua fabulosa tenacidade para expor todo o Movimento Espiritualista. Havia então provavelmente cerca de um milhão de pessoas no país que se diziam espiritualistas. Nos dias de hoje, em que a investigação universitária no campo da parapsicologia tornou respeitáveis os interesses psíquicos, em que a perceção extrassensorial é seriamente considerada nos cursos de psicologia, e em que os cientistas físicos são muito menos dogmáticos quanto ao mundo não físico do que anteriormente, é difícil recuperar a reação violenta dos ortodoxos contra o Espiritualismo nos tempos de Houdini. Na mente ortodoxa, todos os espiritualistas eram equiparados à franja lunática e todos os médiuns eram instrumentos do diabo, mesmo que não houvesse diabo. Foi aqui que Houdini tomou posição ao lado dos ortodoxos e alinhou os seus alvos.

Sempre senti que Houdini foi, no início, honesto — ainda que interessado em publicidade — ao insistir que a mediunidade, especialmente a mediunidade física, podia ser falsificada. Ele próprio enganara audiências com falsa mediunidade e, na sua mente, ser capaz de enganar uma audiência equivalia a fazê-lo de facto. Nos seus primeiros tempos, simulou o tipo de

sessão em que se supõe que objetos materiais se movem por poder sobrenatural, e acrescentou uma aparência de autenticidade ao número ao mandar algemarem-no, amarrarem-no a uma cadeira e colocarem-no num gabinete de tal modo que a audiência concordava com a sua afirmação de que não poderia ser ele a fazer soar o pandeiro, o sino e outros apetrechos sobre a mesa em frente ao gabinete. As luzes apagavam-se e o tilintar e as pancadas que se seguiam eram muito convincentes — como bem podiam ser, uma vez que Houdini conseguia libertar-se das algemas em questão de segundos, produzir os seus «efeitos» e voltar a algemar-se antes de as luzes se acenderem.

Anos mais tarde, quando já era muito mais conhecido, reconheceu a sua fraude anterior e desenvolveu um número em que demonstrava os muitos dispositivos e truques que dizia ter encontrado os médiuns a usar. Foi, no entanto, após a morte da sua mãe que se voltou para a exposição dos médiuns em grande escala. Sempre me pareceu que estava a atacar pessoas que acreditavam naquilo em que ele próprio não conseguia acreditar — que a vida continua. Não deixaria ninguém com um consolo que ele próprio não pudesse ter. O seu sentimento pela mãe era profundo, embora muitas vezes se exprimisse de forma melodramática. Não há dúvida de que Houdini se informou no campo dos fenómenos psíquicos, mas sempre do ponto de vista de procurar o truque.

Quando lia um relatório baseado no testemunho de cientistas de topo, limitava-se a afirmar que eles não eram tão astutos como ele a detetar uma artimanha. Reuniu uma biblioteca pretensiosa e procurou médiuns físicos por todo o país. Os médiuns que apenas transmitiam comunicações verbais eram rotulados de mentirosos antes mesmo de ele começar. Gostava de descobrir factos sobre os quais pudesse basear uma história de desmascaramento, mas não dependia deles. Como autoproclamado expositor da mediunidade fraudulenta e ridicularizador dos espiritualistas, construiu para si a maior reputação da América, e provavelmente do mundo.

Ainda assim, parece-me certo, por opiniões que ouvi de pessoas que o conheceram bem, que por vezes esteve em contacto com comunicações genuínas. Presumo que os médiuns de transe genuíno achassem a sua atitude antagonista extremamente difícil de contornar. É minha impressão que a sua mãe tentou alcançá-lo e poderia ter-se identificado se ele tivesse sido recetivo. Por exemplo, Sir Arthur Conan Doyle relatou que, quando ele e a sua esposa viajavam pela América, Houdini e a sua mulher Beatrice os visitaram durante vários dias no hotel em Atlantic City. Nessa altura, a própria Lady Doyle tinha desenvolvido mediunidade e praticava escrita automática num

estado de semi-transe. Doyle disse que, nessa ocasião, Houdini recebeu uma mensagem geral da sua mãe que o comoveu profundamente, embora, apesar da sua emoção, não a tenha autenticado. Sem dúvida, faltavam-lhe as palavras essenciais que ele aguardava que ela dissesse. Acabou por romper com Houdini, acusando-o de preconceito e duplicidade.

O episódio que levou Houdini ao descrédito final junto da maioria dos investigadores profissionais do campo psíquico foi a investigação da famosa médium física Margery, esposa do Dr. L. R. G. Crandon, durante dezasseis anos professor de cirurgia na Harvard University Medical School, conduzida pela *Scientific American*. O comité de investigação era composto por cientistas e psicólogos irrepreensíveis, incluindo Gardner Murphy, então diretor de investigação da Menninger Foundation. Houdini pediu para ser acrescentado ao comité. À medida que as sessões prosseguiam, o comité tornou-se cada vez mais desconfiado da escrupulosidade de Houdini — para não dizer da sua imparcialidade — e tornou isso público.

Nessa altura, a reputação de Houdini estava em jogo. Se homens distintos conseguissem provar que ele estava errado nas suas acusações, todo o país se riria à sua custa, e ser alvo de riso era algo que ele nunca poderia aceitar. Além disso, os seus inimigos, os espiritualistas — como ele os considerava — teriam também o seu momento de triunfo. Na realidade, muitos espiritualistas tinham defendido Houdini, estando mais desejosos do que ninguém de ver as suas fileiras limpas de fraudulentos.

Este era o estado de efervescência em 1926, quando Houdini morreu, deixando uma mensagem amplamente divulgada segundo a qual, se houvesse algo de verdadeiro na afirmação da sobrevivência após a morte, ele conseguiria comunicar com a sua mulher, Bessie, através de uma mensagem codificada que só ela poderia decifrar. Que esta curiosa mensagem final viesse a ter alguma relação com o meu futuro teria parecido, na altura, uma ideia completamente fantasiosa.

No entanto, o vírus Houdini era contagioso, e outros mágicos também irromperam em ataques contra o espiritualismo e a mediunidade. Entre os mais conhecidos desses mágicos estava Howard Thurston. Thurston era um homem alto, elegante e atraente, a quem eu sempre considerei um perfeito cavalheiro. Por isso fiquei surpreendido quando, em 1927, o antigo *New York World* publicou uma notícia segundo a qual Thurston afirmava ter desmascarado mais de trezentos médiuns, que o Espiritualismo tinha destruído mais lares do que os antigos saloons, e que possuía um engenho semelhante a uma caixa de relógio, no interior da qual se escondia um fantasma de borracha que podia ser insuflado e manobrado de tal forma que

reproduzia todos os fenómenos da sala de sessões. Pedi ao *World* que me deixasse responder a essa notícia, mas recusaram. Eu não tinha nada de particularmente noticioso. No entanto, a United Press Association indicou que divulgaria a minha resposta se eu conseguisse fazer uma boa história.

Mas como fazer uma boa história a partir de uma acusação fraudulenta de fraude? Pensei no facto de mágicos como Houdini e Thurston continuarem a lançar desafios públicos aos médiuns, oferecendo dez mil dólares pela realização de qualquer fenómeno que eles não conseguissem reproduzir por meio de truques. Senti que já havia conversa suficiente desse género e que alguém deveria fazer uma refutação pública com peso. Assim, quando um amigo meu da United Press sugeriu que eu invertesse os papéis e oferecesse dez mil dólares a Thurston se ele conseguisse provar as suas acusações, fui travado apenas por dez mil boas razões. Outro amigo, John Bowman, presidente da Bowman Biltmore Hotel Corporation, ouviu a sugestão e entregou-me um cheque visado. O cheque foi depositado e eu desafiei Thurston.

Agora a imprensa tinha uma história que podia usar com gosto, e assim o fez, cobrindo o assunto de forma exaustiva. Thurston começou a explicar aos seus amigos que o seu agente de imprensa tinha ido longe de mais. Mas a imprensa exigia um confronto. Assim, foi marcada uma noite para nos encontrarmos no Carnegie Hall. Apesar da publicidade, fiquei surpreendido ao encontrar a sala completamente cheia. Aparentemente, estavam lá todos os mágicos, a imprensa estava amplamente representada e, naturalmente, também o público.

Fui o primeiro a falar e desafiei Thurston: «Não lhe vou pedir os nomes dos trezentos médiuns que diz ter desmascarado; peço-lhe apenas que me dê o nome e a morada, o tempo e o local da exposição de vinte e cinco deles, juntamente com a prova de que realmente os expôs.» Thurston mencionou apenas três, nenhum deles vivo. Eu teria conseguido fazer melhor. Pedi-lhe então que me desse os nomes de apenas vinte e cinco famílias que tivessem sido destruídas pelo Espiritualismo. Não tinha nenhum nome. Eu poderia tê-los fornecido, conhecendo o movimento melhor do que ele, pois há sempre indivíduos que fazem uma mania das suas crenças religiosas e acabam por arrastar as famílias até à exaustão.

À medida que nos aproximávamos da questão do seu fantasma de borracha, Thurston tornava-se cada vez mais nervoso. Expliquei ao público o método de testar a mediunidade física. No entanto, sem recorrer a essas preliminares habituais, disse que iria apenas pedir que, à boa luz e diante da audiência, Thurston produzisse esse fantasma de borracha, o deixasse

caminhar até mim e me dissesse o verdadeiro nome do meu pai — um teste de jardim-de-infância para um médium. Mas Thurston tinha-se esquecido de trazer o fantasma. Nessa altura comecei a sentir pena dele.

No dia seguinte, os jornais publicaram um relato completo do encontro, um deles com a seguinte manchete:

FORD E THURSTON APRESENTAM UM ESPETÁCULO NO CARNEGIE HALL… FALHOU NO SEGUNDO ATO

Thurston voltou a explicar à imprensa que o seu agente o tinha metido naquele fiasco, esperando capitalizar a técnica de Houdini para obter publicidade. Naturalmente, a ira de Thurston contra mim era grande, o que lamentei, pois admirava a sua arte como mágico. Supus que o nosso confronto tivesse terminado.

Cerca de quatro anos depois eu estava em Detroit. Thurston apresentava o seu espetáculo num dos principais teatros. Fui com um amigo. A certa altura da sua rotina, Thurston executou o que chamava o seu Truque do Gabinete dos Espíritos, e fiquei surpreendido ao ver no programa impresso: «Isto é um truque para o divertir e não constitui um ataque às crenças religiosas de ninguém.» Quando terminou o truque, pediu que acendessem as luzes da sala e as apontassem para mim. «E agora?», pensei, deduzindo que alguém me tinha reconhecido e lhe dissera que eu estava presente. Precisando de vingança, iria envergonhar-me, se pudesse. Em vez disso, disse ao público: «O que acabei de fazer é um truque, mas na plateia está um homem que acredito firmemente poder ajudá-los a comunicar com os vossos entes queridos falecidos.» Depois pediu-me que fosse ao seu camarim após o espetáculo.

Quando eu e o meu amigo fomos aos bastidores encontrá-lo, Thurston disse-me que, na altura do nosso confronto em Nova Iorque, sabia muito pouco sobre assuntos psíquicos — apenas aquilo que toda a gente pensa que sabe, o que geralmente é menos do que nada. Mas estava decidido a vingar-se de mim e, por isso, começou a sentar-se com médiuns respeitáveis sempre que encontrava algum. «Agora, como mágico, conheço os limites de um truque», disse ele. «Em condições minhas e no meu próprio quarto de hotel, obtive provas de sobrevivência que me satisfazem. Sou agora membro da American Society for Psychical Research.»

Tornámo-nos bons amigos e, mais tarde, assisti a várias sessões na sua casa.

Não tive mais contacto com mágicos, exceto por assistir ocasionalmente a um espetáculo, até à noite de 8 de fevereiro de 1928, quando um grupo de amigos, que incluía Francis Fast, estava a ter uma sessão comigo. Durante o transe, Fletcher anunciou que uma mulher que ele nunca tinha visto antes estava muito ansiosa por dizer algumas palavras. «Ela diz-me que é a mãe de Harry Weiss, conhecido como Houdini.» Fletcher parecia muito interessado nesta pessoa e começou a citá-la. Fast anotou a mensagem.

«Durante muitos anos», disse a mãe de Houdini, «o meu filho aguardou por uma única palavra que eu deveria enviar-lhe. Dizia sempre que, se a recebesse, acreditaria. As condições na família desenvolveram-se agora de tal modo que se tornou necessário que eu faça passar a minha palavra-código antes que ele possa dar à esposa o código que combinou com ela. Se a família agir de acordo com a minha palavra-código, ele ficará livre e capaz de falar por si próprio. A minha palavra é "perdoa!". Escrevam-na com inicial maiúscula e entre aspas. A esposa dele conhecia a palavra e mais ninguém em todo o mundo a conhecia. Perguntem-lhe se a palavra que tentei transmitir durante todos estes anos não é "perdoa!". Tentei inúmeras vezes dizê-la. Agora que ele está aqui comigo, consigo finalmente fazê-la passar. Esta noite entrego-vos essa palavra, e Beatrice Houdini declarará que é verdadeira.»

Quando despertei e o grupo me contou sobre esta mensagem extra que tinha sido introduzida, não me interessei muito. A suposta campanha de Houdini contra os médiuns sempre me tinha irritado; eu via-o como um mágico extraordinário, com uma mente por outro lado intolerante e uma vaidade colossal, e não queria ter nada a ver com ele. No entanto, os homens presentes queriam entregar a mensagem à Sra. Houdini. Eu valorizava particularmente o julgamento de Francis Fast e concordei. Assim, no dia seguinte, uma cópia da mensagem foi levada à Sra. Houdini. Ela ficou completamente espantada e, como os arquivos dos jornais atestam, fez uma declaração pública, assinada por si, dizendo tratar-se «da única comunicação recebida entre milhares até à data que continha a única palavra-chave secreta conhecida apenas por Houdini, pela sua mãe e por mim».

Ela escreveu-me:

67 Payson Avenue
Nova Iorque

Meu caro Sr. Ford,

Hoje recebi uma carta por entrega especial, assinada por membros da Primeira Igreja Espiritualista, que testemunham uma alegada mensagem da mãe de Houdini, recebida através de si. É estranho que a palavra "perdoa"

seja precisamente a palavra que Houdini aguardou em vão durante toda a sua vida. Era, de facto, a mensagem que ele sempre secretamente esperou, e, se lhe tivesse sido transmitida enquanto ainda vivia, teria, sei-o bem, mudado todo o curso da sua vida — mas chegou tarde demais. À parte uma ou duas pequenas inexatidões — a mãe de Houdini chamava-lhe Ehrich — nada havia na mensagem que pudesse ser contradito. Posso também dizer que esta é a primeira mensagem, entre milhares, que recebi e que apresenta aparência de verdade.

Com os melhores cumprimentos,
Beatrice Houdini

A palavra «perdoa» não era a totalidade da mensagem da mãe à nora, mas o restante era de natureza íntima e familiar, relacionado com a Sra. Houdini e os familiares do marido.

Naquela primeira sessão, a última coisa que Fletcher relatou sobre a mãe de Houdini foi simplesmente: «Ela vai-se agora e diz que, uma vez que esta mensagem passou, isso abrirá o canal para a outra.» A "outra" a que se referia era o pacto que Houdini fizera com a esposa. Ele jurara que, se a sobrevivência fosse real, lhe faria chegar uma mensagem. Essa mensagem basear-se-ia num código de dez palavras que tinham usado num dos seus primeiros espetáculos e que só ele e a esposa conheciam. A imprensa dera ampla cobertura a esse acordo. Nos meses que se seguiram à sua morte, pessoas interessadas em várias partes do mundo afirmavam constantemente ter recebido a mensagem de Houdini. E, com a mesma regularidade, a Sra. Houdini negava todas essas mensagens. Raro era o mês em que não surgia alguma referência nos jornais a Houdini e ao seu código.

Após a mensagem da mãe de Houdini, não surgiu mais nada durante vários meses. É certo que ninguém fez qualquer tentativa de acompanhamento. Depois, em novembro de 1928, a primeira palavra da própria mensagem de Houdini surgiu numa sessão com um grupo de amigos, nenhum dos quais o tinha conhecido. A soletração da mensagem completa ocupou parte de oito sessões diferentes, ao longo de um período de dois meses e meio. Quatro das sessões foram com grupos de amigos e quatro com indivíduos, um deles um médico de Nova Iorque, Dr. John Tanner, e outro o Sr. Hamilton Emmons, de Inglaterra, então de visita a este país.

O método de Fletcher consistia em anunciar uma palavra assim que a recebia, independentemente do que estivesse a dizer no momento, e depois, aparentemente, esperar até ter a certeza de outra palavra para criar nova oportunidade. Numa noite anunciou: «A primeira palavra é rosabelle e vai

desbloquear o resto.» Duas semanas depois foi acrescentada uma segunda palavra — now. Numa terceira sessão, Fletcher disse: «Aqui está uma senhora com quem tenho trabalhado há muito tempo, mas a única palavra que recebo dela esta noite é look. Esta é a sexta palavra do código.» Os presentes presumiram que a senhora a que se referia fosse a mãe de Houdini. Mais tarde, Fletcher pediu que se acrescentassem quatro novas palavras — rosabelle, answer, pray e tell.

Na penúltima sessão, Fletcher disse: «Deixem-me dar-vos as palavras desde o início, porque tenho de trabalhar muito para as obter.» O seu último comentário foi: «Este homem diz-me agora que colocou as cinco palavras seguintes, que explicam estas, em francês. Ainda não as obtive. Quero dar-vos as outras palavras porque, ao trabalhar nas palavras francesas, posso esquecer-me das restantes.»

Na sessão final, Fletcher disse: «Este homem que está a comunicar diz-me que lhe levou três meses, a trabalhar no meio da confusão, conseguir fazer passar estas palavras, e que em nenhum momento conseguiu fazer nada sem a ajuda da mãe — tell, essa é a última palavra! Têm agora dez palavras. Passem-nas cuidadosamente em revista. Foi um trabalho árduo fazê-las passar, "mas digo-vos", afirma ele, quase a gritar, "que estão certas!" Agora quer ditar a mensagem exata que devem levar à esposa. Deve ser escrita à mão, sem notas.»

Fletcher pediu então a hora, que era 21h23, e disse que isso devia ser registado; pediu também que se anotasse que o médium se encontrava em transe profundo, que o pulso do médium naquele momento era de sessenta e três, o que pediu que fosse verificado, e que fossem registados os nomes dos presentes.

Fletcher continuou então, com grande precisão: «Um homem que diz ser Harry Houdini, mas cujo verdadeiro nome era Ehrich Weiss, está aqui e deseja enviar à sua esposa, Beatrice Houdini, o código de dez palavras que combinou transmitir se fosse possível comunicar. Diz que devem levar-lhe esta mensagem e que, após a sua aceitação, deseja que ela cumpra o plano que ambos acordaram antes da sua morte. Este é o código:

"ROSABELLE ** ANSWER ** TELL ** PRAY ** ANSWER ** LOOK ** TELL ** ANSWER ** ANSWER ** TELL."

"Ele quer que esta mensagem seja assinada a tinta por todos os presentes. Diz que o código é conhecido apenas por ele e pela esposa, e que ninguém na Terra além deles o conhece. Diz que não há perigo nesse aspeto e que ela deve torná-lo público. O anúncio deve partir dela. Vocês não passam

de agentes. Diz que, quando isto vier a público, haverá uma verdadeira tempestade, que muitos tentarão destruí-la e que ela será acusada de tudo o que não é bom, mas que ela é suficientemente honesta para cumprir o pacto que repetiram vezes sem conta antes da sua morte. Diz: "Sei que ela ficará feliz, porque nenhum de nós acreditava que isto fosse possível."»

Fletcher acrescentou então: «O marido dela diz que, ao receber esta mensagem, ela deve marcar um momento, o mais cedo possível, para se sentar com este instrumento enquanto eu, Fletcher, lhe falo, e que, depois de ele lhe repetir esta mensagem, ela deve devolver-lhe um código que será compreendido apenas por ela e por ele. O código que ela devolver será um suplemento a este, e os dois juntos formarão uma palavra que resume tudo, e essa palavra será a mensagem que ele quer enviar de volta. Ele recusa-se a dar essa palavra antes de a dar a ela.»

No dia seguinte, dois membros do grupo, o Sr. Fast e o Sr. John W. Stafford, editor associado da *Scientific American*, ambos desconhecidos da Sra. Houdini, tal como todos os restantes membros do grupo, entregaram-lhe a mensagem. Ela encontrava-se deitada num sofá, tendo sofrido uma queda na semana anterior. Leu o relatório, depois agitou-se emocionada, deixou-o cair ao lado e disse: «Está certo!» Depois, passados instantes, perguntou maravilhada: «Ele disse rosabelle?» Ao ser-lhe confirmado que sim, exclamou: «Meu Deus! Que mais disse?» Repetiram-lhe tudo o que tinham registado.

Seguindo as sugestões do marido, ela tratou de eu ir a sua casa no dia seguinte, acompanhado por três membros do grupo e por um representante da imprensa. Juntaram-se-nos dois amigos dela.

Assim que entrei bem em transe, Fletcher manifestou-se, anunciando: «Este homem está a vir agora, o mesmo que veio na outra noite. Diz-me para dizer: "Olá, Bess, querida", e quer repetir a mensagem e terminá-la para ti. Diz que o código é aquele que vocês costumavam usar num dos vossos números secretos de leitura do pensamento.» Depois Fletcher repetiu as dez palavras tal como dizia que Houdini lhas estava a dar. «Ele quer que lhe digas se estão certas ou não.»

A Sra. Houdini respondeu: «Sim, estão.»

«Ele sorri e diz: "Obrigado, agora posso continuar." Diz-te para tirares a tua aliança e dizeres-lhes o que significa rosabelle.» Tirando a mão esquerda debaixo da coberta, ela retirou o anel e, segurando-o diante de si, cantou com uma vozinha:

Rosabelle, doce Rosabelle,
Amo-te mais do que posso dizer;
Sobre mim lançaste um feitiço,
Eu amo-te, minha Rosabelle!

Fletcher continuou: «Ele diz: "Obrigado, minha querida. A primeira vez que te ouvi cantar essa canção foi no nosso primeiro espetáculo juntos, há anos."»

A Sra. Houdini acenou com a cabeça em sinal de concordância.

«Depois há uma coisa que ele quer que eu te diga, que ninguém a não ser a esposa dele sabe», prosseguiu Fletcher. «Ele sorri agora e mostra-me uma imagem e puxa as cortinas assim, ou deste modo.»

Evidentemente, isso era a pista para o desenvolvimento da parte seguinte do código, pois a Sra. Houdini respondeu em francês: «Je tire le rideau comme ça.»

Através de Fletcher, Houdini continuou: «E agora as nove palavras além de rosabelle soletram uma palavra no nosso código.» De modo muito exato, explicou então o código. «A segunda palavra no nosso código era answer. B é a segunda letra do alfabeto, portanto answer representa B. A quinta palavra do código é tell, e a quinta letra do alfabeto é E. A décima segunda letra do alfabeto é L e, para perfazer doze, temos de usar a primeira e a segunda palavras do código.»

Prosseguindo desta forma intrincada até ao fim, disse: «A mensagem que quero enviar à minha esposa é: "rosabelle, believe!"»

Fletcher perguntou então: «Isto está certo?»

«Sim», respondeu a Sra. Houdini, com grande emoção.

Para concluir, Fletcher repetiu as palavras finais de Houdini. «Ele diz: "Diz ao mundo inteiro que Harry Houdini ainda vive e o provará mil vezes e mais." Está bastante excitado. Diz: "Fui perfeitamente honesto e sincero ao tentar refutar a sobrevivência, embora tenha recorrido a truques para provar o meu ponto, pela simples razão de que não acreditava que a comunicação fosse verdadeira, mas não fiz mais do que me pareceu justificável. Sou agora sincero ao enviar isto, no meu desejo de desfazer o mal. Diz a todos os que perderam a fé por causa do meu erro que voltem a agarrar-se à esperança e vivam com o conhecimento de que a vida é contínua. Essa é a minha mensagem ao mundo, através da minha esposa e através deste instrumento."»

O código era:

1. Pray — A
2. Answer — B
3. Say — C
4. Now — D
5. Tell — E
6. Please — F
7. Speak — G
8. Quickly — H
9. Look — I
10. Be quick — J

A mensagem propriamente dita era:.

O código tinha sido um expediente prático usado por Houdini nas instruções à sua esposa durante o número. A Sra. Houdini comentou que o código era tão secreto que «mesmo que os maquinistas conhecessem as palavras, ninguém, exceto Houdini e eu, conhecia a cifra, ou a chave, e a sua aplicação».

A partir do momento em que a Sra. Houdini declarou a mensagem autêntica, começou uma enxurrada de ataques, do ridículo ao cruel. A veracidade da Sra. Houdini foi posta em causa; acusaram-na de ter dado o código a alguém que depois mo teria dado — como se houvesse para ela algum consolo em obter, de uma fonte em que não acreditava, uma mensagem que já conhecia. Foi também censurada por "trair" o próprio marido, que tinha divulgado tão amplamente a sua convicção de que todos os médiuns eram impostores. Ela manteve-se firme, afirmando de forma consistente a autenticidade das mensagens e defendendo tê-las tornado públicas. «Era o que ele queria que eu fizesse, e eu estou a fazê-lo.»

Eu também fui acusado de fraude, naturalmente, e uma vez fui até abordado por um chantagista engenhoso. Depois, um homem fazendo-se passar por mim fabricou uma notícia de jornal, que apenas um tablóide publicou, após o que ele confessou a sua mistificação sob promessa de imunidade contra processo criminal. Três pessoas apresentaram queixa à United Spiritualist League de Nova Iorque de que eu estava de conluio com a Sra. Houdini e com a imprensa.

O presidente do conselho de curadores da Primeira Igreja Espiritualista salvaguardou o meu caráter, a Sra. Houdini manteve-se firme, e a imprensa respeitável foi meticulosamente justa. Nunca tentei cobrar nenhuma das somas fabulosas oferecidas por decifrar o código Houdini, embora eu esteja

certo de que poderia ter sido construído um caso legal. No entanto, recebi uma enorme quantidade de publicidade. Talvez Houdini tenha tido mão nisso! Pode ter estado a prestar homenagem ao facto de o meu "número" ter sido feito não algemado, mas profundamente adormecido.

CAPÍTULO 8

8 Tudo no trabalho de um dia

Até à Segunda Guerra Mundial, dar palestras era uma parte rotineira do meu dia-a-dia. E não houve muitas semanas desde então em que eu não tenha aparecido em algum lugar, mas a entrevista planeada na televisão e na rádio leva as celebridades para a sala de estar, e a tendência é para a cultura em forma de cápsula, quer a boa palavra seja impressa quer seja dita numa tribuna.

O público das palestras de antigamente ouvia-me com praticamente a mesma atitude com que ouvia exploradores e viajantes do mundo. Todos nós falávamos de lugares e dimensões que eles nunca esperavam visitar, mas não iam dizer que esses lugares e experiências não existiam. Havia uma disposição para se deixar maravilhar e desafiar.

Durante as décadas de trinta e quarenta, falei para grandes audiências em cidades grandes e para audiências em cidades pequenas. Para cá e para lá, através deste país e de outros países, entrava em comboios e saía para tribunas de conferências. E nunca perdi o interesse nem no público nem no assunto. Descobri que gostava de alargar os horizontes da mente das pessoas tanto quando não precisava do dinheiro como quando precisava.

Além do público geral, havia públicos especializados, compostos em grande parte por espiritualistas convictos, muitos dos quais tinham sido membros de igrejas ortodoxas, mas sentiam que a igreja comum apenas os conduzia até ao túmulo e que, se queriam luz para o resto da viagem, teriam de procurar noutro lugar. Em Nova Iorque, um grupo considerável desta persuasão reunia-se no Carnegie Hall aos domingos à noite. Foi para esse público que falei durante dois anos, expondo a correspondência entre a experiência psíquica e os registos bíblicos, demonstrando comunicação e colocando sobre os seus ombros a responsabilidade por uma vida que tem influência e significado sem fim. Quanto mais um psíquico exercita o seu dom, mais versátil ele se torna, e assim o negócio das palestras entrou em espiral.

Para os espiritualistas, o verão é a grande época das palestras. Os espiritualistas ainda têm campos. Houve um tempo em que metodistas, batistas, discípulos e outros também realizavam grandes campos, para onde afluíam centenas, mesmo milhares, para um repasto de alimento espiritual. Hoje em dia, a maioria das denominações limita os seus esforços a institutos de verão realizados em campus universitários, em estâncias alugadas, ou mesmo nas suas próprias instalações. Mas o zelo dos espiritualistas pelos campos de verão nunca diminuiu desde que Lake Pleasant, Massachusetts, começou o seu trabalho no início da década de 1870.

Provavelmente o campo mais conhecido é Lily Dale, situado numa ilha no Lago Cassadaga, no condado de Chautauqua, Nova Iorque. Como alguns outros, tem hotéis, motéis e chalés para alojamento dos visitantes. Em Lily Dale, cerca de duzentos membros possuem as suas próprias casas, e há famílias que vêm há quatro ou cinco gerações. Há um auditório com capacidade para duas mil e quinhentas pessoas e um excelente órgão de tubos. A Biblioteca Memorial Skidmore está instalada num belo edifício de tijolo e tem milhares de volumes que qualquer investigador psíquico pode usar livremente — praticamente tudo o que está impresso, ou esteve. Recentemente foi construído no recinto um templo de cura, e eu vi ali alguns trabalhos notáveis de cura espiritual. Os interesses em Lily Dale são variados, incluindo até desporto.

A casa dos Fox, transferida de Hydesville, Nova Iorque, para o recinto de Lily Dale, costumava ser visitada por milhares de pessoas que a viam como um santuário. E desde que ardeu no início dos anos cinquenta, a placa que marca o local tornou-se, de certo modo, um santuário. Foi nesta pequena casa que as duas crianças Fox, Kate e Margaret, receberam pela primeira vez as pancadas que realmente inauguraram o movimento do Espiritualismo moderno.

Em 1846, a família Fox mudou-se para uma casa em Hydesville, onde depressa começaram a notar-se pancadas, batidas e ruídos como de mobília a arrastar-se — muito como acontecera, um século antes, com a família de John Wesley. Devido à regularidade peculiar das pancadas, Kate, a filha mais nova, elaborou um código alfabético estalando os dedos um certo número de vezes. As pancadas respondiam da mesma forma. E assim foi sendo gradualmente revelada uma história, digna de qualquer ficção, sobre o assassínio de um vendedor ambulante.

Depois de a família e os vizinhos terem sido envolvidos nas comunicações que vinham por meio das pancadas, dezenas de pessoas proeminentes visitaram a casa dos Fox — e as suas residências subsequentes

— para investigar. O tempo e algum estudo sério trouxeram os contornos gerais dos fenómenos Fox para foco. Os espiritualistas acreditam que o movimento espiritualista moderno foi instigado por um esforço organizado, da parte de membros desencarnados da igreja, ainda ardentes na sua devoção à Igreja Universal, para reintroduzir no pensamento das pessoas religiosas algumas das verdades esquecidas sobre as quais a igreja foi fundada. Os espiritualistas também chamam a atenção para o facto de o movimento moderno ter surgido quase simultaneamente com a publicação da teoria de Darwin sobre a origem das espécies.

Tal como Darwin forneceu impulso científico para a humanidade sair de um universo estático e entrar num universo vital em evolução, assim os fundadores do Espiritualismo ampliaram a ideia do universo para incluir o desenvolvimento contínuo da alma após a morte. Para eles, o caso era claro quanto à sobrevivência e deveria haver investigação adicional sobre a natureza desta dimensão maior da consciência. Ou o homem sobrevive à morte ou não sobrevive, insistiam; é uma proposição de "ou… ou". E, além disso, é uma proposição de tal enorme significado que exige atenção universal.

As pessoas que hoje frequentam os campos são um corte transversal da vida americana. Algumas são profissionais — advogados, médicos, ministros de igrejas ortodoxas, professores, músicos, cientistas; mais ainda são homens de negócios e donas de casa. Lá está toda a escala económica e toda a variedade social. A maioria dos jovens, dos quais há muitos, cresceu em lares espiritualistas e foi ensinada nos Lyceums, que, na nomenclatura espiritualista, significa Escolas Dominicais. Há também muitos idosos. Em geral, os espiritualistas são um grupo saudável, sensato e feliz; não as pessoas solitárias e esmagadas pela dor que os não iniciados muitas vezes imaginam.

Mas há alguns tipos estranhos num campo espiritualista! Em que grupos religiosos não há alguns indivíduos deslocados, alguns alegres cavaleiros de cavalinhos-de-pau de patas abertas? Alguns espiritualistas projetam-se para os mundos superiores antes de terem aprendido a viver neste mundo, ficando completamente absorvidos pela sua duração imortal antes de saberem o que fazer consigo próprios numa tarde de chuva. Ou podem desenvolver uma rotina bizarra para apressar o desabrochar psíquico.

Lembro-me de uma mulher corpulenta que fazia ginástica junto ao lago todas as manhãs e depois dava a volta de chalé em chalé soprando bolas de sabão para expulsar os demónios. Havia um homem que se chamava licantropista: dizia que, olhando para um animal, conseguia dizer que

indivíduo humano poderia estar temporariamente a usar o corpo desse animal. Assim, um gato de estimação com um ataque estava a ser usado pela tia Sally num acesso de mau humor, ou uma vaca a mugir tristemente era o tio Eben a chamar a sua alma gémea falecida. Tinha reunido alguns dados espantosos. Por exemplo, um tiro disparado por um caçador africano entusiasta poderia aparentemente matar apenas uma hiena, mas numa aldeia vizinha o feiticeiro podia morrer nesse mesmo minuto, o que mostrava que o feiticeiro estivera temporariamente a habitar a hiena com o propósito de absorver a sua energia e astúcia.

Há uma literatura sobre o tema da licantropia, parte da qual captou a atenção — mas não a corroboração — de Sir James G. Frazer quando compilava *The Golden Bough*. Depois havia a mulher que não podia comer alimento "morto"; tinha de ver a aura viva de um vegetal, o que significava que não podia ter mais de dez minutos desde a sua casa no jardim. No inverno, deu um trabalhão à sua filha fiel. Talvez estas excentricidades num campo, como noutros lugares, sirvam de travão para aqueles que tendem a montar um só cavalo até o matar.

Em Lily Dale, como na maioria dos melhores campos, o programa organiza-se em torno dos oradores em destaque. A semana abre com uma palestra ao domingo à tarde pelo orador principal, seguida de uma demonstração pública de comunicação clarividente. Nestas ocasiões, por vezes falei para milhares de pessoas. Depois, ao longo da semana seguinte, novas palestras são seguidas de novas demonstrações. Há também aulas diárias para os mais sérios, tratando dos aspetos filosóficos, científicos e religiosos do Espiritualismo.

Em vários campos, conduzi aulas com até quinhentas pessoas. Os seminários para treino de dons psíquicos ou para treino de liderança são menores. Fica ainda bastante tempo para investigadores — ou para qualquer outra pessoa, aliás — se sentarem, em privado ou em grupo, com médiuns devidamente certificados pelas autoridades do campo. O programa não varia muito no plano nos vinte e cinco ou mais campos.

Ao contrário da ideia popular de que os espiritualistas são permissivos e pouco preocupados com as qualificações dos médiuns, as organizações respeitáveis estão mais empenhadas em manter as suas fileiras limpas do que qualquer pessoa de fora poderia imaginar. Sabem que, para os não informados, toda a mediunidade é questionável, mas, mais importante ainda, um médium fraudulento não tem utilidade real para um espiritualista. Além disso, os espiritualistas são mais argutos, porque mais experientes, a detetar fraude do que muitos investigadores psíquicos. Um médium falso pode

aparecer com um saco impressionante de truques, mas nunca conheci um que durasse muito.

Os médiuns autênticos não costumam frequentar o mesmo campo mais do que dois ou três anos seguidos, porque, por mais que tentem, é impossível não acabarem por conhecer as pessoas que lá vão habitualmente, e assim que um médium conhece o seu público as suas "ofertas" tornam-se suspeitas. Pessoalmente, sinto com firmeza que o único valor de uma demonstração pública de fenómenos psíquicos, de qualquer espécie, reside no seu carácter probatório. Por isso, protejo-me não regressando ao mesmo campo durante algum tempo.

Durante muitos anos considerei-me parte do movimento espiritualista. Isto não significa que alguma vez tenha perdido o sentido de identidade com a minha própria fraternidade, conhecida como a Christian Church ou Disciples of Christ, nem que alguma vez tenha querido separar-me da corrente principal do Protestantismo. Além disso, as preocupações do Espiritualismo nunca foram as minhas únicas preocupações religiosas, mas sinto que o evangelho fica truncado quando não proclama a ressurreição de Jesus e a imortalidade da alma. Daí que grande parte do meu trabalho tenha sido feita com aqueles que assim acreditam.

Apenas uma vez cheguei a conflito com a organização nacional dos espiritualistas, e foi por causa de uma questão que hoje em dia nem sequer se levantaria. Há muitos anos, um cavalheiro opinativo, com um marcado preconceito racial, colocou-se numa posição de liderança nacional e usou a autoridade que tinha — reforçada pela pressão de amigos de ideias semelhantes — para agir contra a filiação de negros. Juntamente com outros líderes da delegação do Estado de Nova Iorque, tomei uma posição firme a favor de uma fraternidade inter-racial. A altercação foi levada a uma reunião nacional e, durante algum tempo, perdemos, mas pouco depois o sentimento popular apoiou-nos e a questão ficou resolvida de uma vez por todas. Poucas denominações chegaram a esta posição com tanta rapidez e tão inequivocamente. Hoje, o movimento espiritualista é ao mesmo tempo inter-racial e internacional.

Quanto à posição espiritualista, muitos espiritualistas sentem que «quem não é contra nós é por nós», pois muitos membros de igrejas ortodoxas partilham os princípios básicos do Espiritualismo. E também é verdade que centenas de membros de igrejas espiritualistas partilham algumas das outras preocupações do Protestantismo, que as igrejas espiritualistas tendem a descurar. Um dia o fermento levedará a massa, mas determinar qual é o fermento e qual é a massa levará algum tempo.

Enquanto participava ativamente no movimento espiritualista, participei também nos serviços de muitas outras igrejas protestantes. No inverno de 1934–35, por exemplo, falei nas noites de domingo na Church of the Divine Paternity. Esta é a igreja universalista de que Joseph Fort Newton se tornou pastor depois de deixar o grande Methodist City Temple de Londres. O Dr. Charles Francis Potter antecedera o Dr. Newton na Divine Paternity, e eu ouvira-o fazer palestras em Lily Dale, onde muitos ministros notáveis pregavam no verão.

Depois de o Dr. Newton ter deixado o seu púlpito de Nova Iorque para assumir o pastorado da St. Paul's Episcopal Church em Overbrook, nos subúrbios de Filadélfia, o Dr. Frank Oliver Hall, pastor emérito, oficiava nos serviços matinais da Divine Paternity. Certa noite, um paroquiano do Dr. Hall levou-o a ouvir-me no Carnegie Hall e o Dr. Hall viu tantos membros da sua congregação na audiência que decidiu que eles deviam poder ouvir o tipo de evangelho que queriam ouvir na sua própria igreja. Daí o convite para mim. A igreja estava sempre cheia e a audiência tão apreciativa como qualquer outra de que me recordo. Senti que a nossa associação foi mutuamente proveitosa. Essa pregação de inverno na Divine Paternity foi o mais perto que estive de ter um pastorado desde que saí do Kentucky, mas continuei a falar em serviços individuais de outras denominações.

Por vezes, um sermão tem um resultado diferente do pretendido. A pedido insistente de um amigo meu, falei certa noite numa zona desfavorecida de Nova Iorque, perante uma audiência numerosa e cativada. Em qualquer ocasião, a audiência tem tanto a ver com a eficácia do serviço como o orador, mas naquela noite a empatia da audiência foi tremenda; pareciam antecipar as minhas palavras. Notei, no entanto, que os seus acenos de aprovação, e até os seus «aménsˮ, surgiam nos momentos mais inesperados. Quando recapitulei: «Doze apóstolos, cinco mil pessoas, três pães e cinco peixes, um Senhor», quase saltaram dos seus lugares. Mais tarde, nessa semana, quando vi o ministro da igreja, ele sorria de orelha a orelha. Quase todos os membros da sua igreja, disse ele, tinham «jogado nos números» em que eu tinha tocado no meu sermão; a mulher dele tinha comprado um frigorífico novo com os ganhos e uma mulher tinha feito dois mil dólares.

Sempre me interessaram simpósios e apresentações em painel. Recordo particularmente uma reunião no Emil G. Hirsch Center do Sinai Temple, em Chicago, em 1934. O Rev. James M. Gray, do Moody Bible Institute, falou sobre o tema «A morte é o fim?», apresentando os princípios do fundamentalismo. Seguiu-se o Dr. Charles W. Gilkey, decano da University of

Chicago Chapel, que fez uma exposição erudita sobre a imortalidade como uma aventura de fé. O Professor Arthur H. Compton, que recentemente ganhara um Prémio Nobel da Física, falou sobre certas tendências científicas que davam à crença na imortalidade uma posição forte como possibilidade científica. Eu falei simplesmente do que tinha ouvido e visto — o que incluía a repetição de muitos dos milagres registados na Bíblia.

Quando olho para trás, para centenas de reuniões públicas, surpreende-me o número de amigos que fiz através da reação de alguma pessoa a uma palestra. Por exemplo, Will e Alice Turner. O Dr. Turner é hoje químico consultor de várias agências governamentais e privadas, mas, naquela altura, era docente na University of Missouri, e antes disso professor associado na University of Chicago, onde obtivera o seu doutoramento. Durante um ano sabático, os Turner vieram a Nova Iorque e, tendo um interesse moderado na sobrevivência, procuraram os serviços de algumas igrejas espiritualistas, incluindo uma reunião em que eu estava a falar.

Contam-me que, num período de clarividência aberta, anunciei a presença do pai e do tio do Dr. Turner, dando os seus nomes tal como Fletcher mos dava, e também a presença da mãe de Alice, que pediu que procurassem o irmão dela, Charles, de quem tinham perdido o rasto. A mãe segurava uma criança pequena, disse Fletcher, e assegurou-lhes que cuidava dela. Sem que ninguém à volta soubesse, pois eram estranhos em Nova Iorque, eles tinham perdido, no ano anterior, uma criança de dois anos.

Perguntaram a Fletcher se era provável que ficassem em Nova Iorque, e a mãe respondeu que sim, que ficariam. E assim aconteceu. Mais tarde, localizaram também o irmão, Charles, e numa altura oportuna, pois ele estava a sofrer as consequências de um grave acidente de automóvel. E desse episódio nasceu a nossa amizade continuada.

Por vezes, em reuniões públicas, é por uma utilidade inadvertida para um estranho que eu faço um amigo. Certa noite, no final da década de trinta, Ralph Harrison — hoje ele próprio um clarividente de considerável capacidade — veio ouvir-me ao Carnegie Hall. Naquela altura era-me desconhecido; apenas mais um membro da audiência. Também não punha grande fé nas revelações dos médiuns. Tinha curiosidade suficiente para acompanhar a mãe à reunião e nada mais. Durante as mensagens no fim da palestra, perguntei (dizem-me): «Há aí um Ralph… Ralph… Ralph Harrison presente?»

Harrison confirmou a sua presença. Então eu disse-lhe que, segundo Fletcher, ele devia ter alguma coisa a ver com bancos ou banca, e ele disse

que sim. Continuei: «Dizem-me para o avisar para ter cuidado quando for ao banco. Tem de levar consigo somas consideráveis de dinheiro e deve tomar precauções, ou é provável que haja um assalto. Percebe?»

O Sr. Harrison agradeceu o conselho — e continuou a levar os depósitos bancários diários de milhares de dólares, da firma de Newark da Kreuger Brewing Company, de que era gerente de crédito, para o banco ali perto, no seu próprio carro, sem escolta armada. Em menos de três semanas depois do meu aviso, Harrison foi assaltado por dois homens armados, que lhe tiraram o depósito do dia e fugiram num carro. Posso dizer que Harrison se tornou imediatamente amigo de Fletcher e que o seu interesse por assuntos psíquicos ficou vivamente despertado?

Noutra noite, depois de falar para uma audiência imensa numa reunião espiritualista em Nova Iorque, mencionei que havia uma mensagem para uma mulher chamada Ethel. Várias mãos se levantaram. Observei-as e apontei para uma mulher bem vestida perto da frente, à minha direita. «A mensagem é para si. Não vem de um homem, mas de três homens.» Depois descrevi os três. «Estão de pé em fila, com os braços por cima dos ombros uns dos outros. Querem que saiba que são grandes amigos, e cada um quer que saiba que a ama muito. Sentem que esta mensagem é importante para si, sobretudo o facto de serem tão bons amigos.»

Mais tarde vim a saber que aquela mulher não acreditava de todo na possibilidade de comunicação, mas tinha vindo à reunião com uma amiga. Era uma senhora muito da sociedade e tinha tido três maridos ricos, todos já falecidos. Sempre se preocupara com o facto de ter três maridos no céu e temia que, quando chegasse junto deles, eles se pudessem zangar por causa dela. O alívio dela foi enorme ao sentir-se assegurada de que eram amigos e que todos continuavam a estimá-la. Sempre que fala daquela reunião maravilhosa em Nova Iorque, sei que está a pensar nessa breve mensagem.

CAPÍTULO 9

9 Provado e testado

Sempre que podia, ia à Carolina do Sul visitar a minha mãe e o meu padrasto. A vida era amável na casa deles e as refeições eram bem servidas. Por isso, fiquei surpreendido quando, na primeira manhã de uma visita, desci para o pequeno-almoço e encontrei a nova criada a segurar a travessa o mais longe possível de mim; e depois a vi ficar de pé ao lado da minha mãe, enquanto empurrava os bolinhos metade do comprimento da mesa na minha direção.

A minha mãe pareceu espantada, franziu o sobrolho e, por fim, voltou-se para Euphronia, levantou uma sobrancelha e perguntou: «Euphronia, porquê?»

Euphronia sabia a resposta. «Porque eu não me chego muito a quem anda com fantasmas atrás.»

Euphronia falava por aquelas pessoas, em vários meios, que têm medo, ou pelo menos meio medo, de quem tem contacto com os mortos. Ter medo de um médium como porta-voz de um desencarnado é quase tão sensato como apanhar uma febre porque pessoas invisíveis falam na rádio.

Ainda mais comum do que o medo é a suspeita. Suspeitam que eu tento fazer as pessoas terem fé! Muitas pessoas sentem que as melhores notícias devem ser falsas, simplesmente porque «é bom demais para ser verdade». Se os mortos vivem, então a morte perdeu de facto o seu aguilhão, algo que seria profundamente desejável, mas em que não se acredita. Sentem que eu tento obrigá-las a acreditar. Além disso, a nossa geração está habituada a que lhe digam como as coisas funcionam; não que a média de nós compreenda o "como" da televisão, dos motores diesel ou da propulsão a jato, mas gostamos de saber que outra pessoa compreende. Suspeitam que há trafulhice algures, porque eu não consigo explicar como estou a fazer o que faço — e não consigo, embora esteja preparado para explicar mais do que eles geralmente estão preparados para aceitar.

Os investigadores profissionais, por outro lado, tendem para a teoria de que o médium provavelmente é honesto, mas enganado; recolheu informação que guarda no seu inconsciente — seja lá como lhe chamem — e depois a distribui sob sugestão hipnótica. A única esperança deles de obter mensagens não contaminadas é eliminar todas as fontes possíveis através das quais o médium poderia aceder ao dado particular que consideram

verídico; o médium enganaria se pudesse e, portanto, tem de ser protegido de si próprio.

Ora, isto faz alguma coisa à natureza de um homem, viver constantemente rodeado de suspeita. É provável que os médiuns profissionais sejam pessoas solitárias. Num convívio amistoso, começam a ter medo de ser amistosos, para não acontecer que, inadvertidamente, recolham informação sobre conhecidos que mais tarde venha a aparecer numa sessão e estrague o valor probatório. Admira que os médiuns alguma vez sejam pessoas normais, separados e suspeitos como estão. Mesmo assim, alguns dos meus melhores amigos entraram na minha vida primeiro como céticos. Uma carta recente de Upton Sinclair trouxe-me à memória o nosso primeiro encontro.

Sinclair veio ter comigo pela primeira vez para uma sessão em 1930, acompanhado da mulher e do Professor William McDougall, então do Departamento de Psicologia da Universidade de Harvard. Um dos testes que os três tinham preparado baseava-se em cinco cartas escolhidas dos arquivos de Sinclair, todas escritas por pessoas já falecidas. Nada me foi dito sobre as cartas nem sobre a natureza do teste quando chegaram, e, poucos minutos após a sua chegada, eu estava em transe.

Mais tarde, quando Sinclair me enviou o relatório que estava a publicar, vi que as cartas eram de Eugene Debs, líder sindical, socialista e grande amigo dele; Jack London, escritor e amigo estimado; Conan Doyle; George Brandes, o crítico dinamarquês; a outra eu não reconheci. Sinclair embrulhou cada carta numa folha grande de papel verde e colocou cada uma num envelope pardo de papel manilha separado. A Sra. Sinclair e o Professor McDougall inspecionaram os envelopes. Sinclair relatou que, durante o transe, Fletcher descreveu Jack London e lhes deu várias mensagens dele, terminando com a observação de London:

«Tem aqui uma carta minha.» Fletcher perguntou a Sinclair se isso era verdade e, quando Sinclair confirmou, Fletcher pediu que a carta fosse entregue ao médium adormecido, após o que Fletcher comentou mais sobre o seu conteúdo. Do mesmo modo, o médium segurou as outras cartas e, por assim dizer, produziu de imediato os seus autores, que entraram na discussão comum. Os comentários de Debs, que escrevera a carta na prisão, foram muito comoventes; era um homem simples que queria ajudar este mundo cansado.

Sir William Osler foi um dos que falaram de modo especial ao Professor McDougall, oferecendo vários elementos de prova, e nada foi mais

convincente para McDougall — na medida em que ele tenha ficado convencido — do que as suas observações sobre a sua atitude anterior perante fenómenos que não podiam ser demonstrados pelo método científico. «Eu falei com G —— [ele nomeou um colega que se interessara por assuntos psíquicos] neste mundo», disse Osler. «Na Terra eu não teria falado com ele. Não me teria dado ao trabalho.» O último comentário de Fletcher sobre Osler foi: «Ele diz para lhe dizer que, quando passar pelo seu laboratório, basta levantar o chapéu e ele vê-o.»

Os cuidados a que um investigador sólido chega para verificar o mais pequeno pormenor nunca deixam de me impressionar. Fletcher deu os nomes próprios tanto da mãe como do pai de McDougall, descrevendo ambos e transmitindo mensagens deles. No dia seguinte, o meticuloso McDougall levantou a questão de saber se, tendo eu tido dois dias de aviso da sessão, não poderia ter procurado os seus antepassados na enciclopédia.

Então Sinclair, sendo ainda mais cuidadoso do que McDougall, foi à biblioteca verificar, mas não conseguiu localizar os nomes próprios dos pais de McDougall. O *Who's Who in America* dava as iniciais, enquanto o *British Who's Who* não tinha nada. Sinclair examinou todas as edições do *Who's Who* até 1913 e depois pediu a dois bibliotecários de referência em Los Angeles e Pasadena que pesquisassem — e eles pesquisaram — em enciclopédias, artigos de revista e livros. Não encontraram qualquer menção aos nomes próprios dos pais de McDougall. Além disso, eram nomes pouco comuns, facto que deu alguma satisfação a Sinclair. E a mim também!

O comentário contido do Professor McDougall sobre as sessões de Sinclair ficou resumido numa frase: «Através de Arthur Ford, presenciei fenómenos mentais supernormais genuínos.»

Numa das sessões posteriores de Sinclair, uma mensagem foi enviada por uma rapariga desencarnada, que disse ter morrido muito nova, para uma mulher que afirmou ser a sua mãe. Sinclair tinha a certeza de que essa mulher, uma amiga sua, nunca tinha tido uma filha. Quando lhe contou a mensagem, a mulher desfez-se imediatamente em lágrimas. Tivera um aborto, disse ela, e o nome com que a criança-espírito se identificou era o nome pelo qual a mãe a chamara durante os meses pré-natais. Sinclair usou esta história no seu longo romance *Between Two Worlds*. Recentemente, uma amiga minha disse-me que quis encontrar essa passagem e decidiu ler o livro até dar com ela. O livro tem 855 páginas e ela encontrou a história na página 844. Disse que gostaria de ter consultado Fletcher sobre esse número de página.

No mesmo romance, Sinclair contou a história de Sir Basil Zarahoff, usando outros nomes. Eu conheci Sir Basil através de Lady Zoe Caillard, viúva de Sir Vincent Caillard, que tinha sido diretor da fábrica de armamento Vickers-Armstrong. Sir Basil era um homem pequeno, de lábios apertados, sempre tenso e muito nervoso. Muitas vezes era chamado «o homem-mistério da Europa»; alguns diziam que era grego, outros turco, e muitos sustentavam que era o homem mais rico do mundo. Se assim era, a riqueza comprou-lhe pouca felicidade, pois o seu único interesse pessoal parecia ser a esposa, e ela viveu apenas cerca de três anos após o casamento, há muito adiado. Depois da morte dela, Lady Caillard persuadiu Sir Basil a tentar comunicar com ela e trouxe-o até mim. O alívio de provar, a seu próprio contentamento, que ela vivia deu-lhe uma felicidade tardia, mas transformadora. Nos romances de Sinclair, ele fez do médium uma mulher e deu-lhe um nome polaco, mas os dados são factuais.

Quando Sinclair publicou o seu livro *Mental Radio*, teve enorme prazer no comentário escrito de Albert Einstein: «Em caso algum os interessados em psicologia devem passar por este livro sem lhe prestar atenção.» Sinclair sentiu que a sua metodologia meticulosa e a sua insistência em deixar que os factos falassem por si tinham dado fruto.

Lewis Browne, autor de *This Believing World* e de muitos outros livros, era um dos elementos do grupo de Sinclair. Estava assustado e antagonista e ridicularizava tudo o que fosse psíquico até ter uma experiência, através de Fletcher, em que a sua mãe se referiu a um relógio que lhe tinha oferecido e, em particular, a uma inscrição nele, cujo significado só ela e ele conheciam. Então ficou chocado, e atento, e numa certa medida de abertura de espírito. O seu amigo, Theodore Dreiser, atestou livremente as conclusões das suas sessões experimentais comigo.

Um dos investigadores mais incansáveis que veio ter comigo nos meus primeiros anos em Nova Iorque foi Florizel von Reuter. Na altura eu não sabia nada sobre ele, mas fora um prodígio do violino, tocando por ordem da rainha Alexandra e de Eduardo VII, e para o sultão da Turquia com as suas duzentas esposas; e, em adulto, continuou a ser um dos melhores violinistas. Conan Doyle conhecia-o bem e tinha particular admiração pelos seus métodos engenhosos e minuciosos de testar manifestações psíquicas. Mas, em 1926, quando Reuter veio ter comigo pela primeira vez, eu ainda não tinha conhecido Doyle.

Penso que foi o Dr. Walter Prince, então investigador da American Society for Psychical Research, quem sugeriu a Reuter que me procurasse. Eu nada sabia sobre os assuntos pessoais de Reuter, nem onde morava e,

certamente, não compreendia a língua italiana em que ele por vezes falava com os seus comunicantes.

No decurso do meu transe, Fletcher anunciou que havia um homem do lado dele que desejava enviar uma mensagem à sua própria mãe. «O nome que ele dá soa a algo como Gebart, e ele diz que a mãe dele costumava viver no mesmo lugar onde Reuter vive.» Fletcher acrescentou que o homem dizia que tinha sido carteiro ou mensageiro e que levava cartas e telegramas a Reuter. Nem Reuter nem a mãe se lembravam de tal pessoa e perguntaram o nome da localidade.

Segundo as notas de Reuter, Fletcher respondeu: «É um lugar com um nome, pelo que entendo, algo como "Vicksburg" — não, isso não está certo — espere, vou buscá-lo. Weis—Weissen—sim, é isso, Weissenburg.» Pronunciou o nome como soa em alemão — Vis'en-boork. Era, de facto, o nome de uma localidade alemã onde Reuter passava a maior parte do tempo livre. Fletcher continuou: «Ele diz que morreu durante a guerra num hospital em Coblença. A mãe dele não vive em Weissenburg, mas alguns parentes dele costumavam viver numa casa a que se chega, a partir de onde vive, indo três quarteirões para a esquerda do portão e depois dois quarteirões para a direita.»

Reuter percebeu então que a descrição correspondia a uma casa onde vivia uma velha chamada Gebbers, mas ele nada sabia sobre ela ou a família. «A velha senhora que conheceu não é a mãe dele», disse Fletcher, «mas alguns parentes costumavam viver ali.» Reuter guardou as suas notas, por mais improvável que lhe parecesse então que pudesse estar a receber mensagens probatórias do outro lado do oceano. No junho seguinte, quando regressou ao Castelo de Weissenburg, fez perguntas à Princesa Victoria, que conhecia bem a aldeia, e também aos aldeões, mas a velha Sra. Gebbers tinha-se mudado alguns anos antes e ninguém sabia nada sobre ela ou sobre a situação atual dos seus parentes, embora todos estivessem certos de que ela nunca tinha tido um parente morto na guerra.

No entanto, algumas semanas depois, a velha Sra. Gebbers voltou à aldeia de Weissenburg para uma visita e foi ver a Princesa. A Princesa perguntou-lhe se tinha perdido algum parente na guerra. «Oh, sim, perdi um sobrinho; quer dizer, um sobrinho do meu marido. Morreu num hospital, de um ferimento. Ele costumava ser um dos carteiros aqui — não se lembra?»

Nesta mesma sessão, Fletcher trouxe uma senhora suíça, que descreveu e chamou Sra. Honegger. Fora uma grande amiga de Reuter, mas morrera cerca de cinco anos antes. Reuter falou com ela em dialeto suíço, ao que

Fletcher respondeu em inglês e disse que ela estava a falar de alguém a quem se referia como "Girlie" ou "young Girlie", tanto quanto conseguia perceber. Reuter sabia que o nome carinhoso de Frau Honegger para uma das filhas era "Yug-gerli" e, por isso, perguntou por ela. A mãe relatou que lhe tinham roubado algumas roupas e que elas podiam ser encontradas numa casa nos subúrbios, junto ao rio. Perguntada sobre a morada onde as filhas viviam, conseguiu transmitir o número, mas teve dificuldade com o nome Zurichbergstrasse, acertando primeiro na sílaba do meio, berg. Algumas semanas depois, Reuter localizou as irmãs nessa morada e verificou que a história do roubo das roupas era verdadeira.

Noutra ocasião, Reuter recebeu, por intermédio de Fletcher, uma mensagem que considerou ainda mais probatória do que a discussão de assuntos verificáveis, porque estabelecia o carácter e a personalidade do comunicante invisível. Um homem que deu o nome de Nicolo e que Fletcher descreveu como Paganini estabeleceu-se primeiro com o comentário de que Reuter não tinha praticado o suficiente nesse dia — facto com que Reuter concordou. Depois Paganini passou a dar-lhe conselhos sobre não tocar Bach nessa altura para o público americano.

Quando Reuter perguntou sobre usar o Concerto de Tchaikovsky como número principal do programa, Paganini concordou, mas acrescentou que gostaria de rever todo o programa com ele. Além disso, observou que, no último concerto, o acompanhador tinha tocado demasiado alto no andamento final do concerto — a longa passagem em harmónicos duplos. Reuter perguntou então o que Paganini pensava do método de ensino de um certo violinista em Berlim que afirmava ter descoberto o segredo da maneira como Paganini segurava o arco. Nessa altura, contou-me Reuter mais tarde, eu sentei-me na minha cadeira reclinável — ainda em transe, claro — e Fletcher falou com grande vigor. «Ele diz: Impostor! Diz para ir ver uma imagem dele, em Florença, que mostra a posição exata do seu violino.»

Para que fique registado: eu não tinha assistido ao concerto de Reuter em Nova Iorque e não fazia ideia de como o acompanhador tinha tocado; nem sei absolutamente nada de música para violino. Alguns anos depois encontrei Reuter em Londres e tivemos sessões tanto em casa de Doyle como no apartamento de Reuter. Numa sessão, a que assistiram cerca de vinte pessoas importantes, Fletcher trouxe uma variedade de mensagens, de tal modo que todos os presentes receberam algo que consideraram probatório — uma circunstância muito invulgar. Confesso que fiquei impressionado com a clareza de Fletcher quando vi a transcrição do trabalho dessa noite.

Mais tarde, na Alemanha, fiquei com Reuter e a mãe dele durante várias semanas no castelo da sua amiga e patrona, a Princesa Victoria Reuss, prima dos Hohenzollern, a última realeza da Alemanha. Os amigos desencarnados de Reuter pareciam cooperar na produção de pormenores intrincados para a investigação dele, pois, tal como recebera mensagens na América sobre conhecidos na Alemanha, assim agora, na Alemanha, recebia mensagens sobre pessoas na América. Houve várias mensagens detalhadas que afirmavam vir do primeiro professor de música de Reuter, no Iowa.

Para verificação, essas mensagens tiveram de ser enviadas a uma irmã do comunicante, então a viver na Califórnia. Mais tarde, Reuter publicou algumas destas experiências comigo no seu livro *Psychical Experiences of a Musician*. Bozzano, decano dos investigadores italianos, considerou que algumas das investigações de Reuter estavam entre as mais probatórias dos tempos recentes. Ao longo dos anos, Reuter e eu continuámos a encontrar-nos de tempos a tempos, e o seu entusiasmo pela investigação psíquica não diminuiu.

Foi na casa de Fulton Oursler que conheci o Dr. Nandor Fodor, hoje psicanalista em exercício em Nova Iorque e autor do compêndio de dados psíquicos *Encyclopaedia of Psychic Science*. Nos anos vinte, era novo na América e um investigador profundamente cético, levado a participar apenas pela persistência obstinada de Oursler. A primeira sessão que Fodor alguma vez tentou foi em minha casa, em 1926. No entanto, eu não era o médium dessa sessão. Era William Cartheuser, um médium de voz direta, que se sentava sob rigorosas condições de teste. Oursler publicou um relato dessa sessão e rotulou o médium como fraude. Declarou que a sessão se realizara em minha casa, mencionou que o médium tinha lábio leporino, insistiu que era impostor, mas omitiu dizer que eu não era o médium.

O artigo foi assinado com o nome Samri Frikell, um dos muitos pseudónimos de Oursler. Quando li o relato, eu estava na Califórnia e escrevi-lhe: «Não me importo que me chamem impostor, porque já estou habituado a isso, mas eu não tenho lábio leporino.» Recebi de Oursler um pedido de desculpas divertido. Ele e a sua esposa, Grace Perkins, romancista, foram meus bons amigos durante anos. Mesmo depois de ele se ter convertido ao catolicismo romano, continuámos a discutir o nosso interesse comum, pois ele era membro do conselho de um grupo de cura espiritual que me devolveu a saúde depois de os meus médicos terem perdido a esperança de eu recuperar.

A maior parte dos testes é cuidadosamente planeada e supervisionada, mas, por vezes, uma revelação inadvertida torna-se prova de autenticidade.

Uma vez falei para uma audiência numerosa no salão de baile do Hotel Statler, em Cleveland, e dei uma mensagem a um jovem na audiência de um desencarnado que dizia ser o pai dele. Depois da reunião, o jovem veio ter comigo com um homem mais velho e disse: «Enganou-se numa coisa esta noite, Sr. Ford. O "espírito" que me mandou a mensagem não era o meu pai. O meu pai está aqui mesmo comigo» — e apresentou o homem mais velho ao seu lado. Então o homem mais velho, meio engolindo em seco, respirou fundo, abanou a cabeça e disse ao jovem: «Tu não nasceste meu filho; és meu filho adotivo. Eu acredito que aquele era o teu verdadeiro pai a enviar-te a mensagem, e é melhor para todos nós esclarecer isto.»

Por vezes surgem testes propostos na imprensa. Lembro-me, por exemplo, de um colunista de mexericos que escreveu na sua coluna: «Ford diz que falou com Houdini, mas eu desafio-o a produzir Isaías.» Eu disse-lhe que talvez me comprometesse a produzir Isaías se ele se comprometesse a provar que o homem que eu produzisse era ou não era Isaías. Quem compreenderia Isaías se ele falasse na sua antiga língua hebraica? Ou verificaria a sua autenticidade se Fletcher interpretasse em inglês? Certamente não o colunista. Por outro lado, um homem pode testar a avó, o irmão, a irmã, ou qualquer amigo íntimo por dezenas de pequenas coisas conhecidas apenas por ambos.

Um teste de validade em comunicação permanece-me na memória não porque as pessoas envolvidas fossem famosas, embora algumas o fossem, nem porque tenham feito considerável esforço e despesa para cumprir as condições do teste, embora o tenham feito, mas porque as próprias condições eram tão invulgares. Eu não era o médium envolvido. Neste caso, eu era um dos experimentadores.

No fim da década de vinte, quando um repórter chamado Goldstrom, de um jornal de Washington, estava a entrevistar Conan Doyle, a conversa foi dar à aviação e o repórter perguntou a Doyle que efeito, se algum, a altitude e a velocidade poderiam ter sobre os fenómenos psíquicos. A resposta de Conan Doyle foi uma pergunta: «Porque não subir num avião e fazer a experiência?»

Passaram-se doze anos; Doyle morreu, e Goldstrom tornou-se repórter de aviação para uma cadeia de jornais americanos. Durante esse tempo, o seu interesse por assuntos psíquicos aprofundou-se até ele saber bastante sobre mediunidade. Um dia veio ter comigo e perguntou se eu cooperaria com ele num teste que queria fazer sob condições especiais. Queria alugar um avião, levar um pequeno grupo de amigos interessados e um médium, voar acima do tumulto da cidade e ver que tipo de contacto poderíamos estabelecer com

alguém que fosse bem conhecido do grupo. Eu disse-lhe que me interessava muito. Depois quis saber se eu conhecia um médium capaz de fazer passar, ou produzir, a voz audível direta de um desencarnado. Há médiuns assim. Eu não compreendo o processo psicofisiológico sobre o qual eles trabalham — ou são trabalhados — mas ouvi-os produzir a voz direta de um dado desencarnado e reconheci essa voz tão inequivocamente como alguma vez a poderia ter conhecido quando a pessoa estava viva. Depois de muita consulta, decidimos convidar Maina Tafe, que era o médium através de quem a artista Bessie Clark Drouet recebia ajuda, e a Srta. Tafe concordou em experimentar connosco.

A nossa segunda tarefa foi decidir quem seriam os passageiros da viagem. Decidimos incluir o Dr. David Henry Webster, distinto cirurgião do Manhattan Eye, Ear and Throat Hospital; a Sra. Rita Olcott, viúva de Chauncey Olcott, o famoso tenor irlandês, conhecida como alguém profundamente fundamentado no conhecimento da mediunidade; Everett Britz, um dos líderes do Partido Fusion, que ajudara a levar o Mayor La Guardia para o governo de Nova Iorque e que era também tesoureiro da General Assembly of Spiritualists in America; Jacob Padawer, que saberia lidar com relatos injustos da imprensa sensacionalista; e a Princesa Rospligiossi, amiga íntima de Conan Doyle, que reconheceria a voz dele tão prontamente como eu próprio. Era sobretudo a voz de Doyle que esperávamos ouvir.

A terceira tarefa foi alugar um avião e um piloto. Parece incrível que algum piloto hesitasse em comandar a empresa, mas vários recusaram ter qualquer coisa a ver com um avião cheio de pessoas que tencionavam falar com os mortos! Finalmente conseguimos contratar um, para nos levar num avião transcontinental numa hora de voo.

A nossa única preparação especial foi arranjar papel grosso para tapar as janelas e excluir a luz. Os médiuns que produzem fenómenos físicos parecem trabalhar melhor na penumbra; porquê, não sei, mas suspeito que o facto de a rádio também parecer chegar mais nítida à noite tenha alguma relação com isso.

Instalámo-nos nos nossos lugares e o avião subiu de imediato para pouco mais de oito mil pés. A vibração soltou o papel, que tínhamos prendido de forma bastante uniforme, e uma luz de luar intensa, bem como a luz das asas, inundou a cabina. As mãos do médium eram seguradas por dois passageiros e era óbvio que ela não tinha qualquer parafernália.

De repente, ouviu-se uma voz, por todos os presentes — a voz de Conan Doyle. Qualquer pessoa que alguma vez tivesse ouvido Sir Arthur

reconheceria aquela voz como dele, inconfundivelmente. Ele recordou a Goldstrom a discussão deles e falou de muitas coisas de natureza íntima, conhecidas apenas pelos passageiros que o tinham conhecido bem.

Outras vozes intrometeram-se na conversa. O filho do Dr. Webster, que tinha morrido recentemente em Viena, falou ao pai. Depois, uma voz que dizia ser a de Floyd Bennett, um dos grandes pioneiros da aviação deste país, falou: «Estão agora mesmo por cima do aeródromo que tem o meu nome.» Como tínhamos dado instruções ao piloto para subir pela costa de New Jersey, fazer uma curva a oeste e regressar ao aeroporto, sentimos que a voz intrusa estava enganada. O passageiro mais próximo da cabine do piloto abriu a porta e perguntou ao piloto onde estávamos. A resposta dele foi: «Centrados sobre o Floyd Bennett Airfield.» Ele tinha encontrado condições de voo tais que decidira alterar o nosso percurso.

Outros desencarnados falaram. De uma ponta à outra do avião, vozes de pessoas que supostamente estavam bem enterradas em Inglaterra, na Áustria e em várias partes da América falaram todas, nos seus tons e cadências individuais e distintivos, e foram reconhecidas por aqueles que estavam em posição de as reconhecer. Alguns dos seus comentários eram demasiado ternos e demasiadamente penetrantes para serem relatados, mesmo agora, depois de tantos anos.

Quando o médium despertou, todos os presentes souberam — não apenas por experiência objetiva, mas com a consciência interior de um homem que procura a verdade — que, durante uma fugaz hora estrelada, tínhamos viajado num mundo de beleza e de amor compreensivo onde nem a morte nem a distância são barreiras. Além disso, verificámos que, quanto mais subíamos acima da atmosfera espiritualmente turva que paira como um sudário sobre uma cidade moderna, mais clara era a nossa perceção.

Quando regressámos à terra, reparei nos meus companheiros de viagem num estranho ar de distanciamento. Ninguém volta de um lugar tão longínquo sem mudar.

CAPÍTULO 10

10 As pessoas que vêm

A maior parte das pessoas que vem ter comigo não vem para me pôr à prova, mas simplesmente porque quer entrar em contacto com alguém que, como se costuma dizer, "perdeu". Querem que a pessoa que seguiu em frente saiba que ainda é amada, que faz falta e que é estimada; e querem que a pessoa que desapareceu da vista lhes dê a garantia de existência e de amor contínuos. É isto que querem, mesmo que, na realidade, não acreditem que seja possível comunicar.

Alguns vêm em luto aberto. Gosto de os receber, de os pôr à vontade, de lhes dizer o que esperar e depois retirar-me do quadro, entrando logo em transe. Normalmente, o desencarnado que procuram falará com eles através de Fletcher, dando provas de conhecimento íntimo suficientes para os comover, se não para os convencer por completo. Ou, antes, ficam convencidos enquanto o transe dura, mas, mais tarde, depois de terem ido para casa e discutido a experiência, a dúvida começa a encher-lhes a mente. As pessoas não conseguem acreditar em nada que não "faça sentido" dentro do quadro da sua cosmologia. Para aceitarem a evidência dos seus próprios sentidos e a certeza dos seus próprios corações, teriam de repensar o seu esquema das coisas.

Por outro lado, alguns ficam convencidos de imediato; a conversa que tiveram com quem amavam esteve demasiado cheia de memórias mútuas e de provas pessoais para deixar espaço à dúvida. É provável que me recebam, quando eu desperto, com lágrimas de alegria. Eu sei como se sentem. Tudo o que acaba de lhes acontecer também me aconteceu a mim.

Muitos ficam profundamente gratos a mim, pessoalmente. Esquecem-se de que, em transe, eu sou apenas um instrumento. Não faço ideia do que ouviram ou experienciaram. Importo-me, tal como um padre, um ministro, ou um médico se importa; e, no entanto, se quero ser um bom médium, tenho de me manter fora dos problemas deles — tal como um bom ministro ou médico tem de se manter não envolvido. Um psiquiatra também conhece o calor com que um paciente se identifica com quem lhe presta um grande serviço psicológico. Por vezes, um rapaz ou uma rapariga identifica-me com o pai desencarnado com quem esteve a falar. O jovem volta vezes sem conta e depois começa a telefonar-me a pedir conselhos, como se eu tivesse participado em tudo o que se passou no transe.

Mais desconcertante ainda, não raramente uma viúva começa a identificar-me com o marido falecido! Quando sinto que essa gratidão se está

a tornar pessoal, tenho de estar ocupado quando ela quer outra sessão; não posso tê-la a chorar no meu ombro, por mais que ela precise de um ombro. Um médium consciencioso tem os seus problemas.

Ao mesmo tempo, alguns clientes tornaram-se meus amigos preciosos. O Dr. Sherwood Eddy é um exemplo notável. Foi em 1938 que ele veio ter comigo pela primeira vez, em Londres. Sentiu que as mensagens do pai e da mãe e de certos amigos só podiam ter vindo das fontes que Fletcher nomeou, e continuou a recolher provas através de outros médiuns noutras partes do mundo. Depois, em novembro de 1940, voltou a bater-me à porta, desta vez na Califórnia. Com ele vinha um amigo que conhecera apenas um quarto de hora antes — Gerald Heard, antigo comentador científico da British Broadcasting Company e escritor de muitos interesses. O Sr. Heard era então novo na Califórnia e, nessa altura, eu não tinha lido nenhum dos seus livros, nem os do Sr. Eddy, embora conhecesse muito bem o trabalho de Eddy como secretário mundial da Young Men's Christian Association.

Mais tarde, Eddy publicou algumas das suas notas sobre a sessão desse dia. O Sr. Heard parece ter ficado impressionado com os comentários de Fletcher sobre vários membros da sua família, mas o que mais os interessou foi a aparição do poeta irlandês George Russell e do sociólogo Havelock Ellis. Sem saberem um do outro, ambos tinham conhecido Russell e Ellis. Russell disse a Heard: «Eu tenho uma barba melhor do que a tua.» Depois pediu um lápis e Fletcher — ou eu, no sono, como quiserem — assinou as iniciais AE de modo característico. Disse Russell: «Procurei manter todas as janelas da minha vida abertas para todos os lados. Temos aqui coisas e lugares, mas nada nos acorrenta.»

Foi nessa sessão que um almirante chinês lembrou a Eddy que Eddy estivera ao lado do caixão do almirante quando ele foi morto; depois o almirante comentou sobre Chiang Kai-shek: «Ele ainda lê a tua Bíblia, mas é uma espécie de cristão do Antigo Testamento.» Eddy tinha dado a Chiang a sua Bíblia marcada.

Havelock Ellis entrou em cena para comentar que conhecera tanto Heard como Eddy, mas que nenhum deles sabia que ele conhecia o outro. Eddy perguntou a Ellis sobre o que tinham falado no dia em que Eddy o visitara em casa, e Ellis respondeu com bastante pormenor, acrescentando: «Ainda estou aqui ocupado com o tema do sexo e da guerra.»

As sessões do Dr. Eddy são muitas vezes o equivalente a um seminário mundial com as barreiras do espaço-tempo derrubadas. Numa sessão, cujas notas um amigo comum me mostrou, o Bispo Azariah, o grande velho da

Igreja Anglicana da Índia, apareceu, discutindo o estado atual do cristianismo na Índia e lembrando a Eddy o pacto de rezarem juntos à mesma hora todos os dias, pacto que Eddy mantivera com ele durante mais de quarenta anos… Depois, um médico que dirigira um hospital de leprosos em Formosa…

Depois, um secretário indiano da YMCA que encontrara Eddy pela primeira vez em Mysore, dizendo que centenas de estudantes costumavam considerar Eddy, a seguir a Jesus, a personalidade mais importante em fazer avançar o Reino dos Céus na Terra… Depois, um arcebispo da igreja russa, lembrando a Eddy que se tinham encontrado pela primeira vez na Polónia e assegurando-lhe que, por trás da Cortina de Ferro, os fogos da fé religiosa ardem agora mais intensamente e são cuidados mais fielmente do que nunca… Depois, o Barão Paul Von Schreinach, que se identificou como o general no comando dos Décimos Quintos Hussardos na Primeira Guerra Mundial; mais tarde organizara e liderara um movimento pacifista alemão e lembrou a Eddy que o tinha encontrado durante o Terceiro Reich, no verão anterior ao de o amigo deles ter sido baleado em Berlim…

Depois, um homem que deu o nome Campbell e disse ter morrido apenas algumas horas antes; observou que a sombra de Canterbury se tornava cada vez mais escura e discutiu a sua história passada, bem como o pano de fundo do London City Temple, em termos dos homens que ambos tinham conhecido. Disse Campbell: «É literalmente verdade que estás rodeado por uma grande nuvem de testemunhas. O futuro da fé protestante está nas mãos de pessoas que conseguem unir o misticismo ao evangelho social, que juntos constituem todo o programa do cristianismo. Este problema tem de ser enfrentado agora na Terra. É fácil vê-lo depois de se vir para aqui. Em termos imediatos, há o problema de travar a maré antiocidental na Ásia, face à discriminação racial dominada por brancos na África do Sul e no sul dos Estados Unidos. O problema da cor pode derrotar o Ocidente no fim, a menos que seja resolvido com igualdade e justiça.»…

Alguém chamado Joshi enviou saudações e disse que começara na YMCA de Bombaim, onde apanhara de Eddy o impulso de organizar os Intocáveis num movimento laboral. Trabalhara com Nathan Salananda, disse ele. «Da última vez que visitaste Gandhidje, eu estava lá. Na verdade, eu estava a uma distância em que podia ouvir quando Gandhi foi baleado. Gandhi continua a influenciar pessoas. Vês, ele irradia a sua influência da mesma maneira que Cristo e Buda e Ramakrishna e todos os grandes mestres irradiam a sua personalidade; não consigo explicar, mas é uma questão de grau.»… Um antigo editor do *Bombay Times* enviou saudações e disse que, se pudesse fazer passar apenas uma mensagem, seria a de que muito poucos

indivíduos são suficientemente dedicados para terem influência bastante para operar uma mudança no mundo. «Deus é o fim, Jesus Cristo é o Caminho. Buda, Gandhi, qualquer um pode ser um caminho, ou um mostrador de caminho, na medida do seu ser. Vês, Deus ainda fala através das pessoas. Nesta nova era, o véu está a tornar-se muito fino entre os aspetos visíveis e invisíveis do universo.

As barreiras artificiais de raça, credo e fronteiras nacionais deixarão de existir; já se foram, na essência, se as pessoas conseguissem ver. As Nações Unidas apontam na direção certa. Estes desenvolvimentos levam tempo. Lembra-te de que foram precisos trezentos anos para a igreja cristã causar um impacto visível, e cem anos para a Constituição dos Estados Unidos ser aceite. Com fé, dá tempo às Nações Unidas.»… Um médico, anteriormente colocado na Turquia, informou Eddy da sua morte, ocorrida poucas semanas antes. «Acabei de dar entrada em Beirut e entrar no céu. Nunca estou longe de ti quando estás ocupado nos negócios do teu Pai. Vai à Rússia este verão sem medo. A tua viagem voltará a dar mais fruto do que sonhas.»…

Depois, um Dr. Mark Ward, outrora missionário no Próximo Oriente e, desde a sua morte, frequentemente conselheiro de Eddy quando Eddy viajava nessa parte do mundo, discutiu o velho conflito arménio e a sua relação com perturbações atuais no Próximo Oriente… Ruth Finley, que se identificou como a Joan dos livros de Stewart Edward White, fez alguns comentários a um amigo que estava sentado com o Dr. Eddy e depois disse a Eddy: «Ouvi-te em Oberlin há anos. Foste apresentado pelo Dr. Leacock e quase me persuadiste a tornar-me Student Volunteer, mas quebrei o feitiço indo trabalhar para o *Cleveland News* e o *Plain Dealer*»…

Andrew D. Harmon, antigo presidente de universidade e outrora membro de um seminário de Eddy, comentou: «O segredo da enorme influência de certos grupos religiosos é o facto de não estarem centrados num sacerdócio. Entre eles, cada cristão é uma testemunha, como na igreja primitiva. É certo que tem de haver algum serviço profissional na linha das finanças e das coisas práticas, mas o importante é o testemunho individual. Será um testemunho pequeno ou um testemunho grande? Porquê limitar Deus ou orçamentar o universo? Podes rezar por sabedoria para tornar toda a tua vida eficaz ou podes rezar por algum problema do momento. Pensa grande, porque Deus é grande.»

"Sê audaz, muito audaz. Quando te dirigires a grupos, diz sempre algo sobre o mundo espiritual do poder que as pessoas podem usar." … Vários membros da família de Eddy também compareceram com comentários pessoais e, por vezes, sugestões altamente práticas.

E assim terminou mais um Seminário de Sherwood Eddy! Quando revi as notas — das quais estas são abstrações esquemáticas — voltei a refletir sobre o alcance de um homem que dá a sua vida aos seus semelhantes à escala mundial — e espera que a eternidade coopere.

Por intermédio do Dr. Eddy entrou também na minha vida uma outra amiga interessante, embora eu certamente não tivesse imaginado, na altura, que ela se tornaria minha amiga, nem que Eddy a tivesse enviado. O local foi igualmente a Califórnia e a época os primeiros anos da década de quarenta. Eu acabara de fazer as malas para sair de férias e não tencionava ver ninguém, mas, infelizmente, quando a campainha tocou, fui eu próprio que abri a porta.

Uma mulher idosa, muito simplesmente vestida e de lábios apertados, pediu uma sessão. Expliquei que estava de saída e tentei, educadamente, fechar a porta. Mas a mulher praticamente manteve o pé na porta; tinha vindo para me ver e tencionava ver-me. Depois de alguma discussão, decidi que ela pertencia à companhia dos excêntricos que vão de médium em médium e nunca desistem, e que a forma mais rápida de me livrar dela era aceder às suas exigências.

Após a sessão, a minha cliente taciturna não fez qualquer comentário sobre o que recebera dos seus amigos desencarnados. Mas, quando regressei da viagem, voltou novamente. E então deu-me o seu nome — a Sra. Emmons Blaine, de Chicago. Fiquei quase estupefacto, pois conhecia alguns dos amigos da família McCormick e a sua posição de liderança em muitas iniciativas cívicas. Por fim, disse-me que fora o seu grande amigo Sherwood Eddy quem a enviara, e que viera contra a sua própria inclinação.

Depois de nos termos tornado amigos, o Dr. Eddy contou-me que ela fora o meio de uma resposta notável a uma oração numa altura de grande necessidade. «É em casos como este que o psíquico e o espiritual se encontram», comentou.

Na altura em que foi pela primeira vez pressionado a aceitar o cargo de secretário mundial da YMCA, sentia-se travado pela consciência de que não poderia manter a sua responsabilidade anterior pela Índia, conservar a sua volumosa correspondência e realizar a quantidade necessária de viagens sem um secretário a tempo inteiro. E um secretário que viajasse com ele era um encargo que considerava que o Conselho da YMCA não podia suportar. Assim, orou para que Deus suprisse a sua necessidade.

Disse-me que se dirigira a Deus de forma muito sucinta: «Agora isto é contigo, Pai. Parece-me que preciso de um secretário, mas se tens uma ideia

melhor, isso depende inteiramente de Ti. Não vou continuar a pedir-Te. Estou apenas a colocar-me nas Tuas mãos e a pedir-Te isto uma vez.»

Alguns dias depois chegou a Chicago, onde tinha de fazer um discurso. A Sra. Blaine levou-o à sua bela casa para almoçar e depois conduziu-o ao compromisso seguinte. Pelo caminho disse-lhe: «Tenho estado a refletir sobre esta nova responsabilidade de grande alcance que está a assumir, e ocorre-me que deveria ter os serviços de um secretário a tempo inteiro para viajar consigo; algum jovem que lhe alivie os ombros de tanto trabalho de rotina quanto possível. E gostaria de assumir a despesa desse secretário.»

Muito simplesmente, Eddy aceitou. Aos seus olhos, ela era uma colaboradora de Deus.

E acrescento que, desde a sua morte, raramente houve uma sessão em que ela não tenha aparecido com palavras de conselho. O seu interesse na aplicação da sua fortuna às causas designadas no seu testamento parece não ter diminuído. Obviamente, eu vejo apenas a transcrição das notas, mas Eddy, tal como outros que partilharam sessões com ele, transmite uma tal riqueza do que se poderia chamar prova de carácter, ou expressão de personalidade, que sinto que esta mulher invulgar satisfez os testes de identificação.

Nunca é prudente julgar uma senhora pelas roupas, pelo menos quando vem para uma sessão. Pode estar a tentar uma espécie de disfarce, ou a dor pode tê-la tornado indiferente ao vestuário, algo alheio à sua verdadeira natureza.

Recordo uma estranha pequena inglesa que veio ter comigo em Londres. Se alguma vez vi uma criatura desolada, foi esse indivíduo solitário e de aspeto desamparado. Teve a sua sessão e, quando despertei, encontrei-a a avaliar-me com olhos penetrantes; pensei que estaria a ponderar quanto eu lhe iria cobrar. Tendo acabado de concluir uma série de sessões gratuitas para pessoas que não podiam pagar, mas cujas necessidades eram conhecidas por Maurice Barbanell e pela equipa do *The Psychic News*, já tinha decidido, à sua entrada, que ela poderia muito bem ser a trigésima primeira. Por isso, disse-lhe que não havia cobrança.

A maneira como aquela pobre criatura se eriçou! Não estava apenas insultada; estava furiosa. «Meu jovem, se pensa que não tenho dinheiro porque pareço um inferno, está enganado», e entregou-me vinte libras — então cerca de cem dólares.

Duas semanas depois voltou para outra sessão. Desta vez vinha elegantemente vestida, o cabelo arranjado, portava-se com distinção. Não fiz

perguntas, mas, quando a sessão terminou, contou-me que, na primeira ocasião, fora a sua irmã quem viera — a irmã cuja morte a lançara no luto e no desespero. A irmã identificara-se para além de qualquer dúvida e dissera-lhe para se recompor, contratar um motorista para o carro e voltar a viver. E isso ela já o tinha feito.

Por vezes, um cliente que vem ter comigo dá início a uma cadeia de acontecimentos. Por exemplo, dois editores de uma conhecida casa editorial constataram que, após a publicação, por outra editora, de um livro popular sobre reencarnação, começaram a receber um número invulgar de manuscritos relacionados com matérias psíquicas. Um deles, um vice-presidente a quem chamaremos Smith, sugeriu a uma assistente, a quem chamaremos Jones, que viessem ter comigo, mais para satisfazer a curiosidade do que com a expectativa de obter esclarecimento. Smith marcou a sessão sem mencionar a sua profissão nem a razão da visita.

Na noite da sessão, Smith e Jones trouxeram consigo mais três amigos, de modo que foi um grupo de cinco pessoas que admiti no meu apartamento de Nova Iorque. Sentaram-se confortavelmente; trocámos algumas palavras breves; inclinei-me para trás na minha grande cadeira de couro vermelho, coloquei uma máscara preta sobre os olhos para impedir a entrada de luz e adormeci quase de imediato.

No decurso do transe, dois antigos editores da empresa a que Smith e Jones pertenciam discutiram planos editoriais e enviaram mensagens pessoais às suas famílias. Depois surgiu o Professor James H. Hyslop, outrora professor de lógica e ética na Universidade de Columbia e, até à sua morte, em 1920, um dos distintos dirigentes da Sociedade Americana de Investigação Psíquica.

O Professor Hyslop perguntou, em tom descontraído, porque não publicavam mais no campo psíquico e mencionou uma das suas publicações recentes, uma abordagem bastante erudita aos interesses parapsicológicos que fora especialmente bem recebida. Os editores reconheceram o orgulho que sentiam por esse livro. Então o Professor Hyslop afirmou: «Também se orgulharão do meu livro.»

Sem fazer ideia de quem fosse — ou tivesse sido — o Professor Hyslop, Smith respondeu: «Mas nós não temos nenhum livro seu, Professor Hyslop.»

«O meu manuscrito deveria estar sobre a sua secretária», disse Hyslop, jovialmente. «Digo "meu", mas, na realidade, trata-se do registo de parte do meu trabalho com a Srta. Tubby desde a minha morte.»

«O manuscrito não estava lá quando saí do escritório», protestou Smith.

«Se não estiver lá agora, tê-lo-á dentro de dois ou três dias», respondeu o intrépido Hyslop, «e perceberá rapidamente a sua importância.» E acrescentou um pouco de conselho tipicamente hyslopiano: «Deviam publicar mais deste tipo de obras e menos doçura e luz.»

Duas noites depois, Smith chegou a um jantar de trabalho com um tomo de seiscentas páginas debaixo do braço. Aproximou-se de Jones e entregou-lhe o manuscrito. «Este é o Hyslop!»

Jones levou o manuscrito para casa, mas tinha lido apenas alguns capítulos quando, cerca de quinze dias depois, acompanhou outro colega curioso ao meu apartamento. Um dos primeiros a chegar entre os interlocutores invisíveis foi o Professor Hyslop.

Disse Hyslop a Jones: «Vejo que o meu manuscrito está agora sobre a sua secretária. E sei exatamente o que vai dizer a respeito dele. Dirá que é demasiado prolixo tal como está. É, na verdade, demasiado exato; demasiado literal. Mas também dirá que contém material muito significativo — e terá razão em ambos os aspetos.»

Cerca de seis semanas depois, Jones regressou para outra sessão, e o Professor Hyslop aguardava à entrada.

«Quase não vim», disse Jones, «porque ainda não terminei o seu manuscrito. Tenho tido imenso trabalho.»

«Eu sei, eu sei», respondeu Hyslop. «É difícil ler algo com tantas inserções manuscritas. Mas não importa se já o terminou. Dentro de dois dias vai encontrar-se com a Tubby e vocês as duas podem continuar a partir daí.»

Jones sabia, pelo endereço de devolução do manuscrito, que a Srta. Tubby vivia em Montclair, Nova Jérsia, mas não tinha qualquer intenção de lá ir. No entanto, dois dias depois, acabou por atravessar a cidade inesperadamente, telefonou à Srta. Tubby e, naturalmente, foi visitá-la. Estando já tão perto, disse para consigo: quem consegue resistir à preordenação? Com a intenção de a surpreender, contou-lhe todo o episódio. Tubby não se mostrou surpreendida. «Esse é o Professor Hyslop», concordou. «Ele nunca desiste.»

O Dr. Marcus Bach, da Universidade de Iowa, é outro exemplo de alguém que desencadeou uma cadeia de acontecimentos e um fluxo de pessoas — importantes porque algumas estavam em profunda necessidade pessoal de provas de que a vida continua. Quando Bach participou pela

primeira vez numa sessão de transe em que eu fui o médium, não esperava grande coisa em termos de evidência pessoal.

As suas viagens levaram-no a muitas das regiões menos conhecidas do mundo para entrevistar homens e mulheres que lideravam uma ou outra causa ou culto. Muitas dessas pessoas possuíam poderes supranormais. Além disso, Bach tinha participado em sessões com sensitivos na Índia, Guatemala, Haiti, África e outros cantos do mundo e tinha um ouvido treinado para assuntos psíquicos. Contudo, nessa noite, em Iowa City, não estava num estado de expectativa.

Este primeiro encontro foi organizado por um amigo comum, o Dr. Lewis Dunnington, e teve lugar na casa de Bach. Estavam presentes cerca de vinte pessoas e um gravador registou tudo o que ocorreu. A certa altura, Fletcher comentou com Bach que ele deveria contactar Leonard Deaver. «É um bom rapaz e devia tê-lo consigo no seu trabalho.»

Bach perguntou quem seria Leonard Deaver. «Um ministro», respondeu Fletcher. «Igreja de Salem.»

Nem o nome nem a igreja lhe disseram algo, pelo que pediu mais informações. Fletcher explicou que Deaver era pastor de uma igreja numa localidade próxima. Bach perguntou então de quem vinha a mensagem, e Fletcher respondeu: «Russell Walker.»

Bach nunca ouvira falar de Russell Walker, pelo que perguntou quem ele era, quando tinha morrido e como conhecia Leonard Deaver.

«Russell Walker era revisor de comboios», disse Fletcher. «Leonard Deaver esteve encarregado do seu funeral. Foi ele quem o sepultou.»

Após a sessão, Bach consultou o seu anuário de ministros e outras listas, mas não conseguiu encontrar Leonard Deaver. Contudo, cerca de uma semana depois, ao abrir o correio do dia, reparou no endereço de devolução de um envelope: «Igreja de Salem». Rindo-se para consigo, abriu-o e encontrou uma carta assinada por Leonard Deaver, que o convidava a ir à sua igreja falar sobre as suas viagens.

Bach telefonou ao Rev. Deaver e, antes de terminar a conversa, perguntou-lhe se alguma vez ouvira falar de Arthur Ford; não. Perguntou-lhe então se conhecia Russell Walker. Deaver respondeu que tinha conduzido o seu funeral poucas semanas antes. Bach perguntou-lhe qual fora a profissão de Walker. «Revisor de comboios.»

O resultado dessa primeira sessão foram outros encontros de grupo em Iowa City, mas descrever todas as suas ramificações exigiria demasiado espaço. Para mim, porém, um homem tornou todas essas reuniões valiosas — um profissional que nunca conseguira acreditar na vida após a morte, mas que ficou tão impressionado com o que ouviu na sessão que telefonou ao filho à meia-noite para que viesse ouvir a gravação. A sua alegria, o seu alívio, a súbita mudança de perspetiva e, consequentemente, de valores, foi uma experiência transformadora.

E assim continua.

CAPÍTULO 11
Colegas Para Além da Fronteira

Não é raro que profissionais peçam uma sessão para obter aconselhamento de colegas desencarnados. Posso ou não conhecer o seu propósito na altura. Um nome verdadeiramente famoso no campo da investigação da perceção extrassensorial veio ter comigo durante cinco dias consecutivos, sempre à mesma hora, incógnito, acompanhado pela Srta. Tubby. Ela nunca me apresentou o homem e, quando nos encontrávamos noutras ocasiões, nunca sequer se referia a ele.

Durante vários anos, regressou para a sua série anual de sessões. Depois, um dia, encontrei-o socialmente e fiquei a saber o seu nome, após o que nunca mais voltou. Mais tarde descobri que parte do seu trabalho publicado se baseava nessas sessões, mas ele não citou Fletcher — nem eu o cito a ele.

No que respeita a especialistas que consultam os seus colegas, não só é verdade que as melhores histórias não podem ser contadas, como também o facto de, muitas vezes, só vir a saber o resultado de uma sessão anos depois de ela ter ocorrido leva-me a supor que algumas das sessões mais ricas em evidência permanecem desconhecidas para mim.

Já realizei sessões para muitas pessoas em círculos governamentais — congressistas, senadores, membros do Departamento de Estado e de agências especiais; para generais e almirantes, embaixadores, enviados especiais e outros em posições extremamente elevadas. Durante a Segunda Guerra Mundial, as sessões eram frequentemente realizadas sob condições de grande cautela e, por vezes, os participantes não me eram apresentados, embora muitas vezes os reconhecesse. Desde então, muitos desses indivíduos continuaram a vir ter comigo uma ou duas vezes por ano.

Normalmente, uma pessoa que procura ajuda profissional limita-se a esperar que Fletcher diga que o colega que veio consultar está presente, ou que nomeie outro que tenha interesse profissional no caso. Mas, ocasionalmente, o participante pode pedir um amigo específico, e Fletcher pode responder: «Penso que está aqui, mas ainda não entrou em foco», ou então: «O seu amigo não está aqui agora, mas talvez consiga alcançá-lo.»

Fletcher comentou certa vez: «Temos o nosso equivalente do telefone.» Seja qual for o meio utilizado, no plano invisível, para lançar o chamamento, acontece frequentemente que a pessoa desejada aparece antes de o meu transe terminar. Fletcher dirá: «O seu amigo está aqui agora.» Ou, por vezes, dirá: «Não conseguimos obter a ajuda de que necessita neste momento, mas pensamos que poderemos fazê-la chegar nos próximos dias.» E, dentro desses dias, uma série de "coincidências" acaba por produzir a solução.

Por vezes, cientistas reúnem-se durante o meu transe! Numa sessão a que assistiu um grupo que incluía uma jovem antropóloga que obtivera o grau de *Bachelor of Arts* pela Universidade de Drake e o seu irmão, que estava prestes a receber o doutoramento pela Universidade de Chicago, um cientista invisível deu o seu nome como Forest Moulton. Começou com comentários pessoais e depois disse à antropóloga: «Recebi, em tempos, um doutoramento honorário da escola que lhe concedeu o grau de bacharel.» Depois, dirigindo-se ao irmão, disse: «E obtive o meu doutoramento na mesma universidade que está prestes a conceder-lhe o seu.»

Mais tarde, quando se consultou o *Who's Who*, verificou-se que o Professor Moulton tinha efetivamente recebido um doutoramento honorário (*LL.D.*) de Drake em 1939 e obtido o seu grau de *Ph.D.* na Universidade de Chicago em 1899.

O objetivo da aparição de Moulton, contudo, era uma mensagem que queria transmitir a um tio dos jovens, por quem parecia nutrir grande estima. «Diga ao seu tio que eu costumava desejar poder dar um passeio num asteroide. Bem, agora pode dizer-se que já andei num asteroide! Mas não lhe dê a ideia de que não faço nada além de andar de asteroides. Trabalho com a mesma diligência de sempre e agora sei mais sobre o espaço do que alguma vez sonhei que fosse possível saber.

Diga-lhe que, quanto mais percebo as leis do universo, maior é o meu assombro perante Aquilo que está por detrás das leis. E diga-lhe que agora sei que o Poder que mantém o universo em relação é tanto compaixão quanto lei. Sem uma ou outra, nesta imensurável vastidão de tempo-espaço, os mundos desagregar-se-iam. Gostaria de ter conhecido ambas as metades

da equação antes de vir para aqui — o amor juntamente com a lei. Diga-lhe isso.»

Certo dia, veio um japonês com o seu intérprete, explicando que era membro da faculdade de engenharia da Universidade de Tóquio e que tinha algumas perguntas a fazer-me em transe. Pediu autorização para usar a sua câmara fotográfica. Quais eram as suas perguntas, não sei, mas a certa altura Fletcher teve dificuldade em transmitir um ponto vindo de um colega japonês invisível, pelo que disse: «Ele está a escrever; dêem-me um lápis e eu desenho-lhe o que estou a ver.» Foi-me entregue um lápis, e então — dizem-me — sentei-me e comecei a desenhar. O resultado foram caracteres japoneses suficientemente claros para que os dois japoneses pudessem ler a mensagem. Enviaram-me depois uma fotografia minha, dormindo, mas a reproduzir a mensagem que Fletcher estava a ver.

Outro cientista que participou numa sessão recebeu uma informação que lhe despertou particular interesse, porque envolvia o elemento da precognição. O Dr. William F. G. Swann, diretor da Fundação de Investigação Bartol, antigo diretor do Laboratório Sloane da Universidade de Yale, foi jantar numa noite de Novembro de 1955 à casa de Melvin L. Sutley, superintendente do Hospital Oftalmológico Wills, em Filadélfia. Eu era hóspede de Sutley e, tanto quanto me recordo, os homens que chegaram depois do jantar não me foram apresentados.

Mesmo assim, após a sessão — durante a qual um dos médicos sentiu ter sido esmagado pela massa de pormenores pessoais da sua vida que Fletcher lhe transmitira — esse médico acusou-me de ter lido o *Who's Who*. «Está no *Who's Who*?», perguntei quase automaticamente. «Não, mas o meu avô está.» É espantoso o número de pessoas que esperam que eu traga o *Who's Who*, britânico e americano, em várias edições, escondido na manga para consulta imediata.

Voltando a Swann. Durante o transe, a primeira esposa de Swann, Mabel, falou de conhecidos e incidentes da sua vida que Swann teve depois de verificar para os autenticar. Em seguida, Mabel disse que o antigo colégio de Swann, em Inglaterra, planeava convidá-lo a participar numa ocasião distinta. Fletcher comentou que «há aqui um homem chamado H— que lhe diz que, como reitor do colégio, sente grande orgulho em Swann. O seu nome é Sir R— H—.» Mabel aconselhou Swann a aceitar o convite e disse: «Pode voltar com mais algumas letras depois do nome.»

Swann não se lembrava do nome de Sir R— H—, pois não havia reitor no colégio no seu tempo. Contudo, consultou o *Who's Who* britânico e

verificou que Sir R— M— H— era reitor do colégio desde 1948. Não havia qualquer menção à sua demissão ou morte. Swann afastou o assunto da mente.

No mês de Março seguinte, cinco meses após a sessão, recebeu uma carta do colégio informando-o de que os governadores o tinham eleito membro honorário e convidando-o a participar na celebração anual do dia comemorativo no Outono seguinte para receber a distinção. A carta vinha assinada por R— P— L—, Reitor. Swann aceitou, mas ficou confuso com o facto de o reitor ser R— P— L— e não Sir R— M— H—, como constava no *Who's Who*. A única explicação possível era que Sir R— M— H— tivesse morrido ou se tivesse demitido. Swann consultou os obituários de uma revista científica e verificou que Sir R— M— H— tinha falecido antes da data da sessão. Posteriormente, Swann assistiu às cerimónias e recebeu a distinção.

Certo dia, numa sessão em Chicago, um desencarnado que deu o nome de Ralph Yerkes discutiu a relação entre as células selvagens encontradas no cancro e o problema da direção mental — consciente e inconsciente — do desenvolvimento celular. O seu comentário final foi:

«Naturalmente, não sabemos o que é a energia. Usamos o termo correntes eletromagnéticas, mas também não sabemos exatamente o que isso significa. A partir daqui posso ver que o fluxo da vida, a consciência duradoura, encontra expressão sempre que o instrumento físico é capaz de manipulação ou crescimento. É possível escolher quanta energia vital usar — e como e onde — tal como se tem o direito de decidir quanta água usar do lago à sua frente. Pode fechar a torneira, deixá-la correr apenas um fio ou abri-la por completo. A decisão depende do objetivo, do pensamento, do propósito, da determinação.»

Um dos participantes nessa sessão comentou que, por vezes, durante a meditação, parecia que a energia entrante era excessiva, quase como se pudesse despedaçar a pessoa. Então outro desencarnado retomou a imagem da torneira usada por Yerkes:

«Por vezes, a conduta de água rebenta, mas isso não é culpa do lago. Depende da estrutura da conduta… A corrente de energia, que não compreendemos, responde à exigência e à necessidade. Além disso, a exigência é geralmente determinada pela necessidade. Por exemplo, uma pessoa em perigo extremo sente a necessidade de sobrevivência e força uma exigência de força que nunca julgara possível. A força e a energia surgem quando a pessoa se abandona completamente, quando entrega totalmente o

seu ego ao fluxo, sabendo que não tem outra saída. Geralmente recebe ajuda porque eliminou os bloqueios mentais e espirituais que se interpunham. De certo modo, o medo é muito semelhante à fé, pois impele a pessoa a um abandono total. Ela sabe que não há um sofrimento mais profundo; portanto, o que tem a perder? Aceitou o facto de que, humanamente, chegou ao limite. Já não há mais nada a temer e, por isso, está disposta a tentar. Então vem a sua cura. Os antigos diziam: "O temor de Deus é o princípio da sabedoria." Não queriam dizer medo, mas um sentido de assombro, de maravilha, de grandeza — o conhecimento de que algo para além do eu pode compreender a necessidade do eu.»

«Sinto-me preocupado em trazer estas questões à atenção das pessoas. É muito frustrante aqui, depois de uma vida inteira de luta por causas, ver tão poucos dispostos a deixar-se usar para continuar o trabalho. Muitas vezes, as pessoas na Terra lamentam a nossa perda, quando, na verdade, poderíamos ter esta fraternidade contínua. Estamos todos juntos, vocês e nós, mas o negro cortinado da ignorância cai entre nós. Rasguem o cortinado!»

Um biólogo, Carroll B. Nash, diretor do Laboratório de Parapsicologia do St. Joseph's College, em Filadélfia, tem feito parte de um grupo com o qual realizo sessões periódicas. Entre outros objetivos, ele procura determinar que factores influenciam a expressão do *psi* num indivíduo — ou seja, o que torna uma pessoa mais sensível em determinados momentos. Como médium, interessa-me colaborar nas experiências do Dr. Nash, pois gostaria de descobrir o que torna o meu próprio trabalho mais eficaz sob certas condições.

Artistas vêm receber ajuda de colegas desencarnados. Recordo particularmente Bessie Clark Drouet, porque trabalhou diretamente com os seus materiais sob a orientação de um instrutor invisível que a orientava enquanto eu estava em transe. Quando a conheci, era pintora — e muito bem-sucedida. Numa sessão, Fletcher disse-lhe que um escultor do seu plano queria dizer-lhe que ela também seria uma excelente escultora. Pouco depois, tentou o seu primeiro trabalho em barro e, na sessão seguinte, um escultor desencarnado de tal renome comentou a sua técnica de forma tão específica que ela custou a acreditar que pudesse ser a personalidade que afirmava ser.

A Sra. Drouet hesitou durante muito tempo em mencionar o seu nome, receando iludir-se ou talvez diminuir a estatura do escultor famoso. Nos anos seguintes, realizou trabalhos notáveis e, a partir das conversas relatadas com esse mestre, diria que não era improvável que um homem tão grande se interessasse em ajudar uma colega artista desta forma invulgar. Ao longo de

várias semanas, fez um busto meu e, sempre que certos pormenores lhe causavam dificuldade, eu limitava-me a recostar-me e entrar em transe enquanto ela recebia as sugestões necessárias.

Buell Mullen, muralista, tem vindo frequentemente discutir os seus trabalhos com antigos colegas. É particularmente conhecida pelas suas pinturas sobre aço inoxidável, uma forma de arte que apresenta problemas próprios. Os seus murais encontram-se no novo edifício da General Electric, em Detroit; no Instituto Case, em Cleveland; na Academia Naval dos Estados Unidos, em Annapolis; na Biblioteca do Congresso; no Ministério das Obras Públicas do Brasil; e em muitos outros locais.

Recentemente, escreveu-me:

«Por várias vezes em transe, tanto em aulas como em sessões privadas, disseste que um arquiteto famoso, falecido há cerca de oito anos, Paul Cret, estava presente. Fiz-lhe perguntas concretas sobre soluções para determinados problemas artísticos, como que tema desenvolver, e ele discutiu claramente o problema. Uma vez sugeriu um tema completamente novo para mim e, embora no fim não tenha usado a forma que propôs, abriu um excelente novo conceito que se revelou muito bem-sucedido.

Numa ocasião, enquanto trabalhava num projeto mural de grandes dimensões, encontrei uma oposição irracional e, para mim, inexplicável por parte do arquiteto. O teu transe foi de grande ajuda, pois Paul Cret explicou-me a verdadeira razão e o problema por detrás da antagonismo e, com a sua ajuda, consegui resolver tudo de forma harmoniosa.

Muitas vezes, tu — ou aqueles que falam através de ti — esclareceste atrasos no meu trabalho ou tornaste clara alguma relutância pessoal oculta em relação a um projeto, e, várias vezes, deste-me notícia de encomendas que estavam a tomar forma, das quais nada sabia, mas que mais tarde se concretizaram…

E penso que o episódio da forte impressão visual de Tom Kelly, de Pendle Hill, que levou ao esboço do seu retrato, a partir da experiência em aula, foi artisticamente dos mais fascinantes. Sinto, muito fortemente, que o lado inspiracional do meu trabalho, a criação de temas simbólicos, foi acelerado e, por vezes, diretamente inspirado pela orientação recebida através do teu transe.»

Advogados recorrem a Fletcher. Recentemente, uma advogada veio com um caso de herança particularmente confuso e, após a sessão, disse-me que tinha entrado em contacto com o antigo diretor da sua faculdade de

Direito e recebido exatamente a ajuda de que precisava. Especialistas financeiros vêm pedir auxílio no planeamento de investimentos — e não me refiro a manipulações bolsistas. Um desses especialistas é consultor de uma cadeia de bancos em matéria de testamentos, quando as pessoas desejam deixar verbas para fins filantrópicos. Algumas ideias de grande alcance surgiram nessas sessões, ideias que deram origem a projetos que irão influenciar a história da medicina.

Editores vieram falar com antigos colegas sobre a contratação de novo pessoal. Autores vieram com problemas relacionados com personagens dos seus livros, mas, numa ocasião, foi a personagem que veio com um problema acerca do autor. Nesse caso, a personagem era um desencarnado!

Certo dia, um homem telefonou ao editor de uma editora, deu o seu nome e disse que a sua sogra, conhecida do editor, tinha falecido recentemente e deixara o pedido de que algum membro da família tentasse entrar em contacto com ela através de um médium; mencionara esse editor como alguém que conhecia um médium. Assim, o editor deu-lhe o meu nome.

No dia seguinte, o homem telefonou novamente para dizer que tinha conseguido contactar a sogra e perguntar se o nome Frank (nome fictício) significava alguma coisa para ele. Sim, respondeu o editor; era o nome de um dos pioneiros sobre os quais estava então a publicar um livro.

«Para mim não significa nada», disse o homem ao telefone, «mas este tal Frank apareceu na sessão e diz que quer muito falar consigo assim que lhe for conveniente.»

Sem qualquer explicação, o editor veio ter comigo para uma sessão. E Frank veio ter com o editor e deu um relato completo da sua própria morte, juntamente com os seus amigos. Foram dados nomes, lugares, episódios de anos passados, feitas sugestões quanto a medidas que as suas esposas deveriam seguir, e apresentadas observações pertinentes sobre o livro.

Ao longo dos anos, muitas pessoas vieram com problemas médicos. O tipo de ajuda que recebem depende, naturalmente, de quem, entre os seus amigos desencarnados, vem falar com elas. Embora eu saiba sobre fisiologia apenas o que um adulto medianamente instruído saberia — e muito menos do que isso sobre medicina —, estas consultas interessam-me particularmente.

Nos meus primeiros tempos a trabalhar para o British College of Psychical Science, certa vez acordei do transe para encontrar uma cliente cheia de ira, acusando-me de fraude e insistindo que eu tinha inventado uma

história ridícula. Fletcher dissera que o seu marido tinha cancro da língua e que, se não fosse tratado de imediato, as consequências seriam tristes. Ela quis que eu soubesse que o marido era um homem grande e forte, sem qualquer doença, e que, além disso, nunca lhe escondia nada. Dirigiu-se então ao balcão de atendimento, exigiu — e obteve — o reembolso do dinheiro.

Dois dias depois chegou uma carta. Ela fora para casa e contara ao marido a duplicidade do médium americano, e ele então admitira que, de facto, tinha um caroço na língua e que estava a crescer, mas que continuara a dizer para consigo que aquilo passaria em breve e, por isso, não dissera nada. No dia seguinte à sessão, foi a um médico e foi imediatamente encaminhado para um hospital para ser operado; e a esposa enviava agora um cheque. Poderiam agradecer ao jovem médium americano por uma revelação tão útil?

Alguns clientes pedem regularmente ajuda médica. Na verdade, têm médicos conselheiros regulares do outro lado — desencarnados que discutem o seu estado atual de saúde, comentam o tratamento em curso e fazem sugestões. Ocasionalmente, um cliente traz à sessão o seu médico "deste lado". Recordo uma família de cinco pessoas que veio ter comigo em Chicago, em 1955 — uma mãe, um filho que era professor universitário, a esposa dele, e uma filha e o marido desta, ambos médicos.

Depois de eu entrar em transe, a mãe perguntou a Fletcher se havia por ali um médico e, ao ser informada de que um Dr. Tucker estava pronto para os ajudar, pediu-lhe que observasse o grupo para ver se alguém dos presentes necessitava de assistência médica. Não se mencionou que, apenas três dias antes, a nora saíra de um internamento de um mês no hospital. O Dr. Tucker identificou de imediato a doente, discutiu o tratamento passado e presente com os dois médicos presentes, fez sugestões e, em seguida, perguntou à jovem porque falara tão pouco das suas dores de cabeça. Indicou-lhe a causa, sugeriu que um médico osteopata poderia remediá-la facilmente e fez depois comentários aos médicos sobre o uso da osteopatia na medicina, segundo a sua perspetiva.

A mãe disse então ao Dr. Tucker: «Poderia, por favor, dar uma vista de olhos ao bebé da minha filha?» A criança estava a cerca de quarenta milhas de distância, num subúrbio não identificado. Não se mencionou que, poucos dias antes, na consulta dos três meses, fora observado que uma anca parecia rodada e que os pais estavam algo preocupados. O Dr. Tucker disse: «Oh, ela é tão pequenina que ainda não há muito nela.» A avó insistiu: «Ainda assim, ficaria grata se olhasse.» Meio minuto depois, o Dr. Tucker comentou — através do médium adormecido, claro —: «Vejo o que quer dizer — essa anca esquerda.» Depois explicou que, a seu ver, parecia que se corrigiria sozinha,

mas que, se não o fizesse, o pai poderia levá-la a Boston dentro de um ou dois anos para fazer algum procedimento corretivo.

Foi depois dessa sessão que, segundo consta, o pai do bebé disse, no tom de quem afasta um prodígio com uma vassourada de autoridade científica: «Uma demonstração muito boa de telepatia mental.»

Disse a esposa: «Mas, querido, quando entrámos lá, não acreditávamos em telepatia.»

Foi essa mesma médica que comentou, alguns meses mais tarde, após mais experiência: «Segundo a lei da parcimónia, a explicação mais simples, com menos pontas soltas, é a tese de Fletcher de que as mentes desencarnadas ainda operam.»

Por vezes, o aconselhamento médico de médicos desencarnados contém elementos diagnósticos que os médicos vivos não detetaram; e, por vezes, os médicos vivos têm vantagem, porque nem todos os médicos desencarnados se mantêm a par do que há de mais recente na medicina moderna! Sherwood Eddy é o tipo de doente que cita os médicos visíveis e invisíveis uns aos outros. Quando ambos os grupos de médicos decretam repouso numa altura em que ele sente que tem de partir para um seminário na Ásia ou na Europa, abana a cabeça — com os seus oitenta e sete anos — e explica que tem de cumprir a tarefa que lhe está confiada e que, por favor — visíveis e invisíveis — façam o que puderem por ele.

Recentemente, um amigo trouxe-me a Sra. Harold Ruopp, de Minneapolis. Na altura, eu nada sabia sobre a Sra. Ruopp e o seu trabalho com crianças americanas e os seus correspondentes estrangeiros em prol da paz, nem sobre o marido, Harold Ruopp, outrora pastor da Igreja Metodista da Hennepin Avenue, em Minneapolis, e, portanto, naturalmente, não sabia que o Sr. Ruopp sofrera uma longa doença, diagnosticada tardiamente como *sprue*. Mal eu entrei em transe, um amigo dos Ruopp entrou com Fletcher e apresentou um Dr. Cochrane, que em tempos fizera parte da equipa de um hospital americano na China e se interessava muito por *sprue*.

O Dr. Cochrane discutiu o caso tal como ele e os seus colegas o viam do seu ponto de vista atual. Abordou a questão de alergias múltiplas e da falta de absorção de proteínas, discutiu trabalhos sobre *sprue* que aparentemente não tinham chegado ao conhecimento dos médicos que tratavam o Sr. Ruopp, comentou em pormenor a dieta e o uso de doses maiores de certas vitaminas, apontou as vantagens para o doente de uma mudança para o Arizona, onde poderia sentar-se ao sol e absorver os seus raios actínicos e, por fim, especificou alguns exames adicionais que poderiam ser feitos.

Dois dias depois, quando a Sra. Ruopp regressou a casa, descobriu que um médico alemão, recentemente envolvido em investigação sobre alergias noutra parte do país, se juntara à equipa do hospital onde o marido era paciente. O médico alemão fez um exame à medula óssea que corroborou as conclusões da sessão — de que ele nada sabia — e planeou um regime em linha com as sugestões do Dr. Cochrane. A sessão foi provavelmente mais útil por dar ao doente confiança num regime alterado, quando antes sentia que esforços adicionais eram inúteis.

Além disso, amigos próximos e estimados, agora desencarnados, também falaram com a esposa, enviando mensagens de confiança na sua recuperação final e no restabelecimento da sua utilidade. A impressão deixada por aquela hora de consulta foi a de um grupo de médicos interessados a reunir os seus pontos de vista numa consulta geral, e de amigos calorosos a expressarem ideias práticas sobre problemas financeiros, a planearem a viagem para o Oeste, a oferecerem sugestões sobre a melhor pessoa para ajudar a encontrar alojamento e outras questões práticas. Mais uma vez, amigos desencarnados provaram a praticidade do seu interesse continuado.

Recordo um caso em que um jovem casal chinês veio pedir ajuda médica porque a bela jovem esposa não conseguia engravidar. O seu conselheiro médico invisível era um médico chinês que tinha conhecido o pai da jovem na Universidade de Nanking. Fez um diagnóstico interessante do marido, bem como da esposa, e deu sugestões quanto a uma alimentação reforçada e a um modo de vida diferente.

Há vários psiquiatras que enviam e trazem pacientes para sessões. Dois psiquiatras médicos estão atualmente a trabalhar em casos de possessão. Embora por vezes a esquizofrenia se disfarce de possessão, outras vezes a suspeita de possessão revela-se bem fundada. O médico desencarnado consegue explicar, primeiro, porque é que este doente está aberto à possessão; isto é, qual o traço emocional que afetou os sistemas endócrino e nervoso de tal modo que a consciência pode ser parcialmente deslocada por uma entidade desencarnada que procura um corpo para engrandecimento temporário.

Depois explica a situação da entidade que possui — porque se sente presa à Terra, o que tenta alcançar. Por fim, sugere-se terapia tanto para o doente como para o desencarnado, que é mais facilmente alcançado por uma mente terrestre do que por outro desencarnado. A entidade pode, em geral, ser persuadida a tratar do desenvolvimento próprio. Torna-se então possível lidar mais facilmente com o doente.

Durante muitos anos, o Dr. Russell G. MacRobert, de Nova Iorque, utilizou a minha clarividência em transe para fins diagnósticos. Foi Robert Norwood, quando era ministro de St. Bartholomew's, quem nos juntou. Típico do trabalho de MacRobert com Fletcher é este caso retirado do seu caderno:

Acompanhei um estudante finalista, um paciente em análise, a seu pedido, na sua primeira visita a Ford. Tinha ouvido Ford dar uma conferência pública, mas não tivera qualquer comunicação pessoal com ele. Durante o transe de Ford, sentei-me de lado e tomei as minhas próprias notas rápidas. Entre vinte nomes mencionados, nove eram nomes estrangeiros difíceis; todos, exceto um, eram conhecidos do paciente; seis diziam respeito à discussão da vida e dos problemas do paciente; cinco nomes eu próprio reconheci como pertencendo a psiquiatras falecidos e antigos associados que me fizeram comentários pessoais intercalados.

Uma história grave desenrolou-se em torno daquele único nome não identificado. Fletcher, estimulado pelos seus comunicadores invisíveis, disse que, quando o paciente tinha três anos, um jovem tio de dezasseis anos, cujo nome deu tanto na versão estrangeira como na americana, se enforcara na casa de banho da casa dos pais da criança. Este incidente trágico fora um segredo de família rigidamente guardado. Até ser informado por Fletcher, o paciente nunca tinha ouvido falar de tal tio.

Fletcher deu muitos pormenores descritivos dos hábitos e do carácter do tio. Sugeriu algum traumatismo psíquico no paciente na altura, mas o que descreveu como importante foi a influência contínua da presença do tio morto sobre o paciente até ao momento desta entrevista. O pai do paciente confirmou mais tarde a história. Usando a informação transmitida psiquicamente, o Dr. MacRobert conseguiu lidar com sucesso com o paciente perturbado.

A julgar pela minha própria clientela, um número crescente de psiquiatras está interessado em parapsicologia. O Dr. MacRobert reuniu algumas estatísticas de apoio. Em 1948, tentou inquirir o interesse atual dos seus colegas na perceção extrassensorial. Fez o seu inquérito sob a forma de um questionário de cinco itens, enviado a todos os que constavam da lista de membros de 1947 da Association for Research in Nervous and Mental Disease e do diretório do American Board of Psychiatry and Neurology. Entre meados de Abril e o fim de Agosto de 1948, presume-se que o questionário tenha chegado a 2 510 especialistas, dos quais 28,8 por cento, ou 723, responderam — uma elevada taxa de resposta pelos padrões dos sondadores profissionais.

Entre os que responderam encontravam-se a maioria dos nomes dos membros ativos e eminentes dos dois grupos.

A Pergunta 3 perguntava: Acredita que psiquiatras e neurologistas prestariam um serviço útil patrocinando investigação para determinar se a perceção extrassensorial tem lugar na psicodinâmica do sistema nervoso? Em resposta, 495 (68 por cento) responderam que sim; 129 (18 por cento) que não; e 99 (14 por cento) estavam indecisos.

A Pergunta 4 perguntava: Já observou, na sua experiência geral ou profissional, ou na sua prática profissional, algo que indicasse uma consciência extrassensorial? A resposta de 163 respondentes (23 por cento) foi sim; de 437 (60 por cento) foi não; e 123 (17 por cento) disseram não ter a certeza. Com as suas respostas, muitos dos especialistas enviaram cartas pessoais com comentários pertinentes.

Pessoalmente, sinto que há muito a ganhar com a cooperação entre psiquiatras e médiuns, quando ambos são hábeis na discriminação, e por isso tento arranjar tempo, contra quase todas as probabilidades, para cooperar.

CAPÍTULO 12
12 Lá Em Baixo

Nos doze anos entre 1928 e a Segunda Guerra Mundial, viajei bastante, por vezes devido a compromissos de conferências, por vezes porque fora organizada uma série de sessões privadas e, por vezes, porque a minha própria curiosidade me levava a partir. Em 1928, visitei a Alemanha pela primeira vez por uma combinação destas razões.

O meu bom amigo Florizel Reuter queria que eu realizasse algumas sessões para amigos seus. Ele e a mãe tinham sido hóspedes em minha casa, em Londres, e eu era agora, durante várias semanas, hóspede com eles no enorme castelo do século XV da Princesa Victoria Reuss. Passei várias semanas no castelo. A Princesa era, na verdade, uma robusta *hausfrau* alemã com um coração de ouro, como os aldeões faziam questão de sublinhar. O palácio estava infestado de ratos que corriam ousadamente pelos corredores elaborados e se escondiam sob as cortinas. À noite, a *hausfrau* dominava: dava ordens para apanharem os ratos nas grandes gaiolas de arame que se mantinham à mão para esse fim; mas, de manhã, vencia o seu bom coração e mandava soltá-los de novo.

Uma segunda razão para a minha viagem à Alemanha foi a promessa de dedicar várias noites à Sociedade de Investigação Psíquica de Berlim. Naquela

época, havia um interesse considerável por assuntos psíquicos na Alemanha. Na verdade, desde os primeiros tempos de Mesmer, esse interesse nunca diminuíra, e os médicos alemães que usavam o hipnotismo como meio para o doente fazer um auto-diagnóstico acabavam por vezes por descobrir outros estados psíquicos. Assim, tinham-se desenvolvido alguns médiuns alemães fiáveis. Havia um clima saudável para a experimentação: uma vontade ardente, mas contida pela insistência alemã numa boa documentação. O Barão Schrenck-Notzing levava a cabo importantes experiências laboratoriais em Munique. Era médico e psiquiatra e chegara ao seu interesse por fenómenos psíquicos através do trabalho hipnótico com doentes perturbados, e as suas conclusões eram tidas em consideração por outros médicos europeus e britânicos.

Em Berlim, lembro-me de que havia seis repórteres de importantes jornais alemães presentes numa grande audiência. Mais tarde, um deles mostrou-me as notas que tomara sobre as mensagens clarividentes e a reação do público, comentando: «Se eu entregasse para publicação aquilo que acabei de escrever, perderia o meu lugar no jornal.» Antes de eu deixar Berlim, alguns jornalistas reuniram-se para uma declaração final no sentido de que, embora Ford não soubesse alemão, tinham verificado que 70 por cento das suas descrições de amigos falecidos foram imediatamente reconhecidas por membros surpreendidos da audiência; 20 por cento tinham sido cuidadosamente investigadas e verificadas; e 10 por cento permaneciam não identificadas. O Barão Schrenck-Notzing ficou encantado com o relatório.

O trabalho de Schrenck-Notzing com dois dos seus protegidos forneceu-me a terceira razão para ir à Alemanha. Eu queria ver a mediunidade dos dois médiuns austríacos, Willi e Rudi Schneider. O controlo de Willi, conhecido como Olga, afirmava ser a antiga amante de Ludwig I, o velho Rei da Baviera. Durante uma sessão, certa noite, quando Willi tinha cerca de dezassete anos, Olga insistiu que a força não era suficientemente intensa e que Rudi tinha de ajudar. O pai, operador de linotipo com um bom senso prático, respondeu que Rudi era demasiado novo e, além disso, estava na cama a dormir. Poucos instantes depois, a porta abriu-se e Rudi entrou, em transe profundo. A partir daí, Olga passou a controlar Rudi.

Todos os interessados em assuntos psíquicos na Grã-Bretanha, no Continente e na América conheciam a mediunidade física daqueles dois rapazes, pois poucos médiuns foram estudados de forma tão minuciosa por uma variedade tão ampla de cientistas. Os factos pareciam manter-se constantes: objetos na sala moviam-se e objetos que não estavam na sala quando a sessão começou apareciam subitamente no espaço. Havia muitos

relatórios, por vezes contraditórios em pormenor, mas a conclusão global era que os fenómenos eram genuínos.

No Verão em que vi os rapazes Schneider, Schrenck-Notzing estava ausente de Munique, mas concordou que eu poderia sentar-me com eles se levasse comigo três membros da sua comissão para verificarem quaisquer relatórios que eu pudesse fazer. Levei Reuter, de Berlim, o Dr. Probst e o Major Kaliphas, de Munique, todos investigadores treinados. Fomos à casa dos Schneider em Braunau, uma cidade austríaca na fronteira, mais tarde famosa por ser o local de nascimento de Hitler. Fiquei hospedado num hotel típico de aldeia e as sessões realizaram-se no meu quarto, uma divisão grande, com paredes de pedra e apenas uma janela.

Como Rudi gostava de trabalhar com um gabinete, improvisámos uma espécie de gabinete estendendo dois cobertores a atravessar o canto do quarto mais afastado da janela. Rudi sentava-se a cerca de quinze pés desse gabinete e um ou outro de nós segurava-lhe as mãos e controlava-lhe os pés; de facto, revezávamo-nos nessa tarefa de imobilizar as mãos e as pernas, para que, ao fazermos o nosso relatório, ninguém pudesse sugerir conluio entre qualquer um de nós e Rudi. A janela estava escurecida, mas havia uma boa luz vermelha acesa e conseguíamos ver com clareza.

Nessas condições, testemunhei fenómenos físicos genuínos de um tipo notável. Os cobertores insuflavam-se e, por vezes, voavam até ao teto, como se uma grande rajada de vento os tivesse atingido por trás. Tínhamos a certeza absoluta de que não havia ninguém nem nada dentro do gabinete, nem qualquer abertura para o gabinete a partir das sólidas paredes de pedra. Vários brinquedos que tínhamos colocado numa pequena mesa diante do gabinete e diretamente sob a luz deslizavam pela mesa, ou erguiam-se sozinhos e pousavam-se noutro ponto da mesa. Depois, uma mão pequena mas de forma perfeita saiu de trás dos cobertores, moveu-se na minha direção, parou mesmo à minha frente, tirou do bolso interior do meu casaco um lenço de seda e levou-o de volta para dentro do gabinete. Um momento depois, o lenço foi-me devolvido pela mesma mão, atado com dezoito nós.

Sempre considerei o tempo e a energia que investi nessa viagem a Braunau como um dos meus melhores investimentos, pois sei agora que os fenómenos físicos ocorrem, e nas condições mais exigentes. O meu amigo Will Goldston, o ilusionista, também testemunhou o trabalho de Rudi e declarou que, nas mesmas condições, um grupo inteiro de prestidigitadores não conseguiria produzir os fenómenos que ele tinha observado. Em 1933, no fim de uma série de sessões de teste sob a direção do Conselho do National Laboratory of Psychical Research, em Londres, o Dr. Henry H. Price, editor

dos seus boletins, documentou em pormenor os «fenómenos psíquicos absolutamente genuínos» que foram produzidos. Apesar de todo o testemunho, porém, e não obstante a minha longa experiência no campo, fico satisfeito por ter visto o trabalho de Rudi, em vez de aceitar a palavra de quem quer que fosse.

Durante a década entre 1928 e 1938 fui convidado a proferir conferências em várias partes do mundo. Uma das viagens mais interessantes foi à Suécia e à Dinamarca. Na Sala de Concertos, em Estocolmo, falei a quatrocentas pessoas sobre «Espiritismo, Ciência e Religião» e partilhei a surpresa da imprensa por a sala não só estar cheia como por dezenas de pessoas terem sido recusadas à entrada. Enquanto estava na Escandinávia, pediram-me um dia que realizasse uma sessão para uma senhora que preferia manter o anonimato.

Não havia nada de invulgar nesse pedido, nem no facto de essa senhora, modesta e digna, me receber cordialmente, ainda que sem se comprometer, e passar de imediato ao propósito da minha visita — que era eu adormecer! Também não me surpreendeu acordar no fim da sessão e encontrá-la profundamente comovida com o que lhe chegara. Mas surpreendeu-me, e muito, quando me apresentou um Sinete Real Britânico contendo setenta e três pequenos diamantes. A participante era a Rainha Maud. Mais tarde ofereci o sinete real à minha segunda esposa como presente de casamento.

Os meus álbuns de recortes têm muitas notícias de jornais alemães e escandinavos, e o tom de todas elas é o mesmo; era como se se acrescentasse uma nova nota de rodapé à literatura sobre a imortalidade, pois as próprias pessoas estavam a participar na prova da continuidade da vida.

Numa viagem à Europa, em 1932, decidi dar a volta ao mundo e ver o que poderia encontrar de interessante no campo psíquico. Contudo, sem apresentações, nem sequer qualquer ideia concreta do que procurava, não obtive muito de valor. Hoje eu saberia onde ir e como encontrar o que desejava. Especialmente na Índia, esperava descobrir algum *yogin* que pudesse avançar o meu treino. O que encontrei foi que as técnicas que aprendera com Swami Yogananda eram as que todos os outros usavam. Além disso, os iogues comuns olhavam para mim com estranheza; eu não produzia já resultados? Que mais queria eu? Poucos deles conseguiam fazer tanto.

Havia, contudo, outros que eu sentia estarem muito para além de mim. Tinham-se lançado no duro caminho da expansão permanente da consciência, e as suas disciplinas entravam em cada faceta da vida,

transformando-lhes o carácter. Naqueles dias, eu não procurava ter o meu carácter transformado. Assim, vim embora da Índia como qualquer outro turista poderia vir, com memórias misturadas de beleza e degradação, não muito mais sábio do que quando fui.

Algo muito semelhante me aconteceu no Egipto. Vi médiuns no Cairo e em Alexandria, fiz as minhas perguntas à Esfinge, senti que havia sabedoria à minha volta, mas contentava-me em aceitar a clarividência como visão espiritual.

Em 1937, fui convidado pela Society for Psychical Research, em Sydney, Austrália, a dar uma série de conferências "lá em baixo". Antes disso, Sir Arthur Conan Doyle tinha-me instado a visitar a Austrália; ele próprio fora muito bem recebido lá e encontrara investigadores competentes. A minha partida teve de ser adiada várias vezes devido a uma greve de marinheiros na Costa Oeste e, quando finalmente obtive passagem, descobri o navio apinhado de passageiros ansiosos por regressar a casa.

Partilhei uma cabina com um padre católico romano e um homem de negócios de Sydney. O padre e eu tornámo-nos rapidamente bons amigos, mas o homem de negócios viajava mal e era muito difícil de aturar. Certamente não tinha qualquer interesse em mim. Nunca discuto os meus assuntos com estranhos, a menos que haja motivo para isso, e ele, de certeza, não revelou nada dos seus interesses. Ninguém a bordo sabia por que razão eu ia para a Austrália.

Mas, quando fizemos escala em Auckland, na Nova Zelândia, um repórter subiu a bordo com instruções do seu jornal para me entrevistar. O jornal, ao que parecia, pertencia aos mesmos editores que possuíam o *Sydney Sun*, e o *Sun* estava interessado em publicidade antecipada para a minha digressão australiana. Por isso, falei livremente com o repórter. No fim da tarde, pouco antes de zarpámos, a edição da noite do jornal foi levada a bordo. Em breve, todos liam o jornal local, cuja primeira página trazia a minha fotografia e uma notícia sobre o meu trabalho, com o resultado de o bom padre me evitar pelo resto da viagem, enquanto o meu outro companheiro de cabina se tornava subitamente afável. Era membro da Society for Psychical Research e apressava-se a regressar para estar presente nas conferências do médium americano que chegaria ao seu país.

Em Sydney, fui levado apressadamente pela alfândega e para o hotel, onde mal tive tempo de vestir o *smoking* antes de ser conduzido a um jantar de boas-vindas oferecido pela Society for Psychical Research. Depois dos discursos e respostas habituais, Eric Baume, editor do *Sydney Sunday Sun*,

anunciou que queria o privilégio da primeira sessão privada comigo. «Trouxemos o Sr. Ford com grande despesa», disse ele, «e, se a sua digressão há de ser um sucesso, precisaremos de publicidade. Essa publicidade posso fornecê-la através dos nossos jornais e estações de rádio. Por isso, gostaria de uma sessão por volta das sete e meia amanhã de manhã.»

Compreendi de imediato o que queria dizer: não me iria dar tempo para o procurar — a ele, nem a mais ninguém — no equivalente australiano do *Who's Who*, nem para obter qualquer outra informação sobre ele. Prosseguiu: «Se esta sessão for um sucesso e eu obtiver material probatório, escrevo tudo no meu jornal. Se for um vazio, compreenderei e tentarei outra vez, pois todos os psíquicos têm vazios por vezes. Mas se eu ficar convencido de que o Sr. Ford não é honesto, saberemos como lidar com a situação.» Sorriu-me. Eu conheço esse sorriso. Essas pessoas encontram-me sempre com a mão estendida de forma amistosa, mas com uma sobrancelha arqueada, à espera de que o meu truque se revele.

As suas precauções pareceram-me, contudo, sensatas. Nunca me opus a qualquer teste razoável e, na verdade, acolho-os de bom grado, porque as condições de teste não só satisfazem o investigador como, ao mesmo tempo, me protegem de acusações injustas. Sempre me pareceu que um psíquico que se recusa a cooperar e a sentar-se sob condições adequadas, ou que exige conhecer antecipadamente os nomes dos seus participantes, se coloca numa posição duvidosa. Um psíquico pode cansar-se destas precauções que em nada afetam os desencarnados que pretendem comunicar, mas, ainda assim, elas são razoáveis na nossa cultura.

Ao que tudo indica, o Sr. Baume recebeu o que considerou material satisfatório, pois fui imediatamente convidado a fazer emissões de rádio duas vezes por semana na estação controlada pelo seu jornal e também a escrever um artigo semanal sobre assuntos psíquicos para a revista semanal do jornal, *The Woman*.

Realizou-se uma série de quatro conferências públicas e demonstrações psíquicas no Assembly Hall. Era uma grande sala com capacidade para cerca de mil e quinhentas pessoas e, quando cheguei para a primeira conferência, encontrei uma multidão a circular no exterior, incapaz de entrar. Como eu estava sozinho e ninguém me reconhecia, os meus esforços para entrar foram contestados pela multidão: quem pensava eu que era? A afirmação de que eu era Arthur Ford foi recebida com apupos e avisaram-me para não tentar essa conversa. Por fim, um polícia tomou conta de mim e teve a gentileza de confirmar com alguns dos responsáveis pela reunião.

Na última sessão, decidimos tentar a experiência de radiodifundir todo o procedimento. Na demonstração de clarividência aberta, eu tentaria dar mensagens não só às pessoas na sala, mas também aos ouvintes da rádio. Foram instalados telefones de longa distância e fizeram-se anúncios, pedindo às pessoas que ligassem se recebessem uma mensagem que se ajustasse particularmente ao seu contexto. Eu sabia que o factor espaço-tempo se tinha provado repetidamente irrelevante em experiências psíquicas, mas, ainda assim, não sabia quão bem-sucedida poderia ser este tipo de experiência. Era, certamente, a primeira vez que alguma vez se tentava.

Quando a reunião terminou, dezassete pessoas tinham telefonado para confirmar pormenores das mensagens. Na semana seguinte, a encantadora editora de *The Woman*, uma Sra. Hamilton, e um fotógrafo viajaram centenas de milhas para entrevistar aqueles que tinham telefonado a reconhecer mensagens. A reportagem, amplamente reproduzida — especialmente em Inglaterra —, trouxe as habituais acusações de fraude, conluio e afins. A tais reações eu estava já habituado e, ainda assim, parecia-me um tanto insensato que alguém acreditasse que um jornal fiável faria tanto esforço para montar uma mistificação. No conjunto, a resposta por correio, na sua maioria elogiosa, foi tão grande que desistimos de tentar incluir a audiência da rádio.

Entre os membros da Society for Psychical Research, na Austrália, havia homens de estatuto científico e académico, incluindo Sir Ernest Fisk, que acabara de ser feito cavaleiro pelo seu trabalho no estabelecimento de comunicações rádio por todo o Império. Uma noite, enquanto jantava com ele, perguntou-me de repente se havia alguém em Londres com quem eu gostasse de falar. Eu disse que gostaria de falar com o meu amigo Maurice Barbanell, editor do *Psychic News*. Quase tão depressa como se fosse uma chamada local, tínhamos o "Barbie" na linha e falámos com a mesma facilidade e clareza como se estivéssemos porta com porta. Hoje este tipo de comunicação soa banal, mas mesmo há apenas vinte anos era algo invulgar.

Tanto em Melbourne como em Brisbane continuei a falar na rádio, respondendo a perguntas sobre sobrevivência e comunicação. Eu deveria dar uma segunda série de palestras em Sydney antes de deixar o país, mas, ao regressar de Brisbane, os proprietários do Assembly Hall recusaram o uso da sala para novas reuniões. Os meus patrocinadores alugaram então o enorme Town Hall, com capacidade para três mil e seiscentas pessoas e que ostenta um dos maiores órgãos de tubos do mundo. Para essa reunião final, todos os lugares foram vendidos. Francamente, fiquei impressionado, porque eu recebia uma parte substancial da receita de bilheteira; mas, no dia da reunião, uma tempestade forte caiu sobre Sydney e quase inundou a cidade. A água

estava nas ruas até à altura dos quadris e eu esperava falar para uma sala apenas um quarto cheia. Surpreendentemente, a sala estava apinhada, tendo-se esgotado até o lugar em pé.

Ainda mais felizmente, a minha clarividência estava particularmente nítida e pessoa após pessoa levantou-se com um suspiro — ou, por vezes, num pranto convulso — para reivindicar alguma mensagem de um parente, amigo ou conhecido falecido. De vez em quando, eu próprio volto a sentir, com renovada força, o peso da evidência que chega, e esta última reunião na Austrália foi um desses momentos.

Regressei a Auckland, na Nova Zelândia, onde fui patrocinado pelo Quest Club, e mal desci do navio fui levado a uma estação de rádio para uma entrevista. Ao sairmos da estação, o novo amigo que me recebera explicou que iríamos de imediato para Rota Ruri, umas famosas termas. Naturalmente, compreendi o propósito daquele "rapto" apressado. Eu ficaria sob vigilância e definitivamente afastado de qualquer fonte possível de informação sobre pessoas locais e os seus antecedentes. Isso não me incomodou, pois Rota Ruri é um ótimo lugar para descansar antes de uma tarefa exigente. A paisagem em volta é exótica. Centenas de géiseres lançam água fumegante no ar; trilhos serpenteiam entre os géiseres e placas avisam o visitante para não sair dos caminhos, pois abundam areias movediças e remoinhos, e quem escorregar para um deles corre o risco de ser sugado até à morte.

Na primeira tarde, decidi dar um passeio sozinho, mas fui-me confundindo gradualmente quanto ao rumo e, por fim, apercebi-me de que não tinha a mínima ideia de onde ficava o hotel. Por toda a paisagem havia pequenas casas arranjadas e asseadas onde viviam os maoris locais. Os maoris são os habitantes originais do país, o grupo a que nórdicos de superioridade assumida tendem a chamar «os nativos». Na aparência, assemelham-se aos polinésios: pele morena, estatura alta e corpos belos e esguios.

A sua cultura é antiga, e a sua dignidade natural é notória. Cada vez mais fazem parte da cultura composta da Nova Zelândia, instruídos nas escolas públicas e a integrarem-se na vida cosmopolita. Contudo, nas zonas mais afastadas, os mais velhos falam, em grande medida, a sua língua maori e mantêm certos costumes distintivos. Religiosamente, são quase todos cristãos, mas têm um folclore encantador que os seus filhos herdam, tal como as crianças anglófonas adotam o Capuchinho Vermelho e os Três Ursos.

Eu sabia que havia famílias maoris a viver na maior parte das casas e pensei que praticamente qualquer pessoa me poderia indicar o caminho do

hotel. Não tinha, certamente, consciência de qualquer orientação especial quando me aproximei de uma casa próxima que parecia habitada. Quando bati à porta, respondeu-me uma encantadora mulher maori. «Entre, Sr. Ford», disse ela, «sabíamos que viria hoje e estamos à sua espera.»

Posso dizer que fiquei desconcertado? Eu estava a várias horas de Auckland e ninguém, a não ser o meu amigo, sabia que eu estava nas termas — e ele não sabia que eu saíra para passear sozinho. Ao entrar na casa, encontrei cerca de uma dúzia de homens e mulheres, todos maoris, à espera! Eram cordiais de uma forma simples e sem constrangimentos; nenhum deles parecia achar estranho eu ter aparecido; estavam, de facto, à minha espera. E não quero dizer que estivessem a concentrar-se conscientemente em dirigir os meus passos na direção deles. Estavam apenas à espera de um acontecimento de que tinham sido, tranquila e psiquicamente, avisados.

Tivemos uma visita deliciosa. Uma das pessoas do grupo disse-me várias coisas interessantes sobre os meus próprios assuntos; uma delas foi que, quando eu deixasse a Nova Zelândia, iria conhecer uma mulher que teria muito que ver com o meu futuro eu; que, depois de sair desta ilha, eu passaria algum tempo noutra ilha antes de regressar à América e que, nessa ilha, tomaria decisões que afetariam todo o meu futuro. Fiz apontamentos, como era meu hábito, mas depois pensei pouco mais na conversa.

Tal como os neozelandeses eram politicamente e socialmente avançados, também eram independentes e inteligentes no campo dos interesses psíquicos. A assistência às reuniões era excelente, a discussão era viva e informada, e eu estava satisfeito por me encontrar em boa forma, tanto nas conferências como nas demonstrações. Antes de deixar Auckland, recebi um telegrama a convidar-me a visitar velhos amigos em Honolulu. Tinha muitos conhecidos no Havai, porque o meu grande amigo, Francis Fast, em Nova Iorque, representava os interesses da Alexander Baldwin e eu ajudara muitas vezes a entreter havaianos em visita, muitos dos quais se interessaram pela investigação psíquica. Com algum prazer, respondi por telegrama que teria todo o gosto em parar em Honolulu por algumas semanas.

Quando parti de Auckland no paquete da Matson *Monterey*, fiquei surpreendido ao descobrir entre os passageiros uma mulher chamada Valerie McKeown, que fora ativa na Society for Psychical Research em Sydney. Era inglesa de nascimento, filha de uma família distinta de Londres, e casara com um empresário australiano que mais tarde morrera em Sydney. A sua irmã era casada com um membro do clã jornalístico que possuía jornais em

Melbourne, na Austrália, e em Edimburgo, na Escócia. A Sra. McKeown ia a Honolulu visitar amigos.

Os nossos dias no mar foram agradáveis, e as nossas semanas em Honolulu ainda mais agradáveis, pois descobrimos que tínhamos vários amigos em comum. A hospitalidade havaiana é, com justiça, famosa. Muitos dos nossos amigos — que pareciam todos transformar-se em anfitriões — eram descendentes dos missionários que primeiro foram às ilhas. Penso que foi Edna Ferber quem escreveu sobre eles que «foram ao Havai para fazer o bem, e fizeram-se bem». A Sra. Albert Waterhouse organizou uma receção para mim e, entre os presentes, estava o Dr. John Tanner, um dos membros do grupo a quem tinham chegado, em Nova Iorque, vários anos antes, as mensagens codificadas de Houdini. Fomos levados de avião por todas as ilhas.

Foi durante uma visita à encantadora Kona Inn, na maior das ilhas do arquipélago, que pedi Valerie em casamento e fiquei espantado por ela me aceitar. Um ano depois encontrámo-nos em Los Angeles e casámos. E assim se cumpriu a previsão do meu amigo maori.

O nosso casamento foi feliz. Marcou o fim das minhas andanças, ainda que não das minhas viagens. Valerie tinha duas filhas pequenas, por isso, em breve me senti como um homem de família. Tivemos uma casa discreta, mas muito confortável, em Los Angeles. Valerie gostava de receber e tinha um dom para isso. Ajudei a organizar o Los Angeles Institute for Psychical Research, do qual Hamlin Garland se tornou presidente, e em pouco tempo estava em marcha um programa intrigante. Pessoas do Leste vinham constantemente para Oeste para participar em algumas das nossas iniciativas, ou, não raramente, pessoas voavam até lá para sessões privadas. Continuei a dar conferências, mas passei a reservar mais tempo para amigos, estudo e interesses pessoais. O velho ditado «este, oeste, casa é o melhor» passou a fazer sentido para mim.

CAPÍTULO 13
13 Catástrofe

Pessoas mais sábias do que eu observaram que o sucesso traz muitas vezes, no seu âmago, o germe da derrota. O resultado da publicidade que me rodeava e do aumento de trabalho que se seguiu foi o previsível: cansei-me. Cansado até aos ossos. De facto, em Dezembro de 1930, sentia-me esgotado. A única coisa que eu queria na vida era a oportunidade de descansar bem — a oportunidade de não fazer nada e recuperar energia. Por isso, decidi ir à Carolina do Sul visitar a minha mãe e o meu padrasto.

Leighton Thomas era um homem grande e bem-disposto, religiosamente um batista de velha guarda, temperamentalmente um cavalheiro à antiga e, por convenção, desinteressado de assuntos psíquicos, mas eu sentia-me sempre à vontade com ele. Creio que ficou surpreendido quando começou a sentir-se à vontade comigo. Um dia, numa das minhas visitas mais antigas a casa, pouco antes de eu partir para a minha segunda viagem a Inglaterra, apontou-me o dedo e disse: «Tu foste pregador, não foste?» Eu disse que sim. «Mas agora já não pregas.» Eu disse que já não tinha igreja. «E vais para a Europa num navio?» Eu disse que partiria quase de imediato. Ele abanou a cabeça. «É melhor lembrares-te de Jonas e ficares longe de navios.» E queria mesmo dizer aquilo; não estava, de todo, a brincar.

Penso que Leighton viveu e morreu sem saber quão profundo se tornara o interesse da minha mãe pela minha mediunidade e quão essencial era isso para a sua religião. Ela tinha o dom de não incomodar as pessoas com interesses que elas não partilhavam, mas de continuar serenamente com os seus interesses. Anos mais tarde, quando soube que iria morrer, foi muito do seu feitio tratar dos preparativos do funeral com o seu ministro, que a conhecia como um esteio da igreja, e depois, quando ele saiu do quarto, voltar-se para mim com uma risada e comentar que o bom homem ficaria surpreendido se soubesse que ela estaria ali mesmo, no serviço, a ouvir tudo o que ele dizia. A minha mãe e eu éramos amigos, e eu ansiava por descer até à sua casa para a recuperação de que sabia precisar.

Aconteceu também que a minha irmã mais nova, Edith, queria fazer uma visita a casa. Trabalhava numa empresa em Nova Iorque e também tinha andado a trabalhar muito. Na verdade, o trabalho cobrara o seu preço sob a forma de uma mancha no pulmão e, como a tuberculose causara a morte de vários membros da nossa família, ela decidira mudar-se para Denver. Naqueles tempos, o procedimento aceite para pessoas ameaçadas de tuberculose era mudar para Oeste, para o ar das montanhas. Naturalmente,

Edith queria ver a Mãe antes de partir. Convidou a sua secretária e amiga, Grace Harrington, uma jovem particularmente bonita, para vir connosco.

Tivemos exatamente o tipo de quinzena de descanso que queríamos. Senti-me renovado — ou, pelo menos, capaz de enfrentar a rotina de discursos e compromissos com alguma vivacidade. Estávamos os três gratos e felizes no dia em que iniciámos o regresso a Nova Iorque. Então, mesmo quando atravessávamos a linha da Carolina do Norte, o condutor de um camião de tabaco vazio abalroou-nos.

A minha irmã morreu no momento e Grace ficou tão gravemente ferida que morreu três horas depois. Eu fui projetado para fora do carro e, quando recuperei a consciência, descobri que estava no Baker Sanitarium, em Lumberton, na Carolina do Norte, a sofrer de uma lesão nas costas, várias costelas esmagadas, lacerações faciais e ferimentos internos. Colocaram-me num gesso e as perspetivas de recuperação pareciam sombrias.

A minha mãe suportou o peso da responsabilidade pelo duplo funeral e por apurar a responsabilidade pelo acidente. O condutor adormecera ao volante e foi pronunciado por homicídio involuntário pelo júri do médico legista. Nós não queríamos processá-lo, pois não víamos sentido em causar mais tristeza. Nunca senti que qualquer tipo de vingança valha a pena.

Devido à recente publicidade nos jornais a meu respeito, a imprensa divulgou a história do acidente por todo o mundo. Chegaram centenas de cartas, telegramas e cablogramas. À medida que eu melhorava um pouco, a minha mãe divertia-se com o facto de que, antes de as mensagens serem entregues no hotel da aldeia onde ela estava hospedada, já as notícias do seu conteúdo e assinatura eram conhecimento geral.

O meu médico, um jovem, formado na Harvard University Medical School, tomou nota de toda aquela publicidade e disse-me que ele próprio se interessava por assuntos psíquicos. Um dos seus professores na faculdade de medicina fora o Dr. L. R. G. Crandon, marido da famosa médium de Boston, Margery. O meu médico lamentou que eu não estivesse em condições para experiências.

Na verdade, eu estava sob forte sedação — isto é, recebia injeções regulares de morfina. A minha memória mais viva desses primeiros dias no hospital é o alívio glorioso da dor que aquelas injeções me traziam. Embora eu soubesse que narcóticos e opiáceos de muitos tipos tinham, desde tempos antigos, desempenhado um papel em certos tipos de experiências psíquicas e religiosas, nunca tivera qualquer interesse pessoal em experimentar com eles. Mas ali estava eu, a tomar morfina, e isso estava a

afetar a minha captação psíquica. Descobrimos esse facto de forma bastante incidental.

O meu amigo gentil e bondoso, Francis Fast — a quem muitos chamavam São Francisco — veio ver-me. Na altura, vivia na sua propriedade num subúrbio de Nova Iorque, em Nova Jérsia, onde conduzia um pequeno círculo doméstico dedicado ao desenvolvimento de técnicas de meditação. Como acontece sempre em grupos assim, quando bem constituídos, uma das pessoas do grupo, uma professora, desenvolvera mediunidade. Ela, por via clarividente, captara pormenores sobre os meus ferimentos, bem como sobre a mobília do meu quarto.

Sem dúvida que isso estava na mente de Francis Fast quando se sentou ao meu lado na segunda noite da visita, pois, embora eu parecesse estar a dormir e não tivesse conhecimento nem memória de ele me estar a falar, perguntou-me se eu conseguia visitar o seu grupo de estudo em Nova Jérsia. Imediatamente o fiz e dei-lhe pormenores que ele conseguiu verificar por telefone ainda nessa noite.

Este episódio intrigou o meu médico. Se eu podia captar acontecimentos em Nova Jérsia, por que não ali mesmo, noutras enfermarias do hospital? Talvez eu lhe pudesse falar de outros doentes, confirmar diagnósticos, dizer-lhe o que encontraria em operações a realizar no dia seguinte. Eu podia. E assim ele começou a passar pelo meu quarto todas as noites, depois de o hospital acalmar, para me dar uma injeção de morfina e depois tomar nota do que eu relatava.

Não me ocorreu que este procedimento pudesse ser prejudicial. Eu só sabia que precisava do opiáceo para suportar a dor e, naqueles dias sombrios, isso era tudo o que me importava. E também não ocorreu ao médico, creio eu, que me estivesse a prejudicar. Sem dúvida que tencionava retirar a morfina gradualmente. Eu era um doente conformado e ele um médico experimental, de mente ávida.

Felizmente, ao fim de algumas semanas, a minha mãe — que entretanto regressara a casa — começou a preocupar-se com a duração da minha permanência no hospital e consultou um primo meu que vivia perto dela, um excelente médico, que conhecia a extensão dos meus ferimentos. Ele achou que, a esta altura, eu já deveria estar suficientemente recuperado para ser levado para casa. Naturalmente, nada sabia sobre a forte sedação que eu ainda recebia. Assim foi que, um dia, a minha mãe apareceu simplesmente no hospital com um enfermeiro robusto e levou-me para casa, para os seus bons cuidados.

Nessa tarde, o meu primo médico apercebeu-se de que eu me tinha tornado uma vítima involuntária de dependência de morfina. Explicou-me a situação e deixou claro que havia dois métodos a seguir — ou uma retirada gradual, ou o método mais drástico de interromper o uso de morfina de forma perentória. Em qualquer dos casos, eu podia esperar sofrimento intolerável, mas, no segundo caso, seria mais curto — e muito mais intenso. Como fiquei horrorizado com a ideia de me tornar — ou já me ter tornado — dependente de morfina e, como teria de sofrer em qualquer das opções, escolhi o caminho curto para a liberdade. O meu primo explicou que, uma vez escolhida a via, não haveria volta atrás. No momento, concordei, mas, à noite, estava numa agonia tão grande, tanto mental como física, que a minha decisão já nada significava; a morte e até o tipo de inferno em que os meus antepassados calvinistas acreditavam pareciam preferíveis.

Reviver os dias seguintes, mesmo em memória, faz-me rebentar em suor frio. Diz-se que a dor não se recorda verdadeiramente, mas certamente se recorda a angústia nervosa. Os velhos caminhos nervosos reanimam-se. Durante esse tempo, cada nervo do meu corpo gritava convulsivamente. Eu não conseguia comer, nem conseguia dormir. Chorava durante o dia e praguejava durante a noite. As perguntas antigas queimavam-me a mente: porque não tinha eu morrido com as duas raparigas? O que tinha Deus contra mim? O antigo grito desesperado de Job — «amaldiçoa Deus e morre» — parecia a única lógica. Mas eu não conseguia morrer e ainda me agarrava a algum tipo de crença na justiça de Deus.

O golpe final veio sob a forma de cegueira. Durante algo como três semanas, não via nada. Além disso, quando a visão física se foi, comecei a perder a esperança. Teria eu sofrido tudo isto apenas para viver no escuro o resto da vida? Porque haveria de continuar? Porque haveria de viver? Numa noite em que a minha mãe chegara a um esgotamento quase igual ao meu desespero, o meu médico ofereceu-me um sedativo. De algum modo, naquele instante, encontrei forças para me erguer na cama e, desferindo golpes cegos na escuridão, atingi-o com força no rosto. Mais tarde, ele disse-me que, em toda a sua prática, nada o tinha feito tão feliz como aquele murro na cara.

Quando recuperei da necessidade de morfina, tinha desenvolvido tanta tensão nervosa que a vida continuava a não valer a pena. De dia, qualquer ruído me irritava, mas, em vez de adormecer quando a noite silenciosa caía, eu ficava mais desperto, mais intensamente alerta. A visão também não regressou; eu tinha apenas uma perceção vaga de formas. O meu médico achou boa ideia eu ir a Nova Iorque e fazer uma série de banhos e massagens,

bem como mudar de ares e ter a oportunidade de estar com amigos. Uma vez lá, porém, o meu estado piorou. Eu não conseguia descansar. Tinha um medo profundo de qualquer coisa que soasse a remédio para dormir e recusava a ajuda de qualquer tipo de medicamentos.

Em Nova Iorque, estava entregue a um excelente e respeitável médico e, se ao relatar esses dias de agonia o faço parecer pouco engenhoso, devo estar a ignorar algumas das suas tentativas honestas e empenhadas para me aliviar. Por fim, sugeriu, de forma prática, que o álcool poderia quebrar a tensão. Seria ele próprio a administrá-lo.

Até então, nunca me ocorrera beber, embora eu me movesse em meios onde beber era uma parte tão aceite do convívio social como comer. Alguns amigos atribuíam a minha abstinência total à proteção dos meus dons psíquicos, mas, na verdade, eu era abstémio por aquilo a que se poderia chamar convicção herdada.

Fizemos quase uma ocasião solene desse primeiro copo "medicinal". Ambos pensámos que uma bebida forte bastaria, mas, surpreendentemente, parecia que eu tinha uma resistência inata ao álcool. Um copo não fez efeito; nem dois, nem três. Como o médico estava convencido de que uma boa bebedeira quebraria a minha tensão nervosa, entendeu que eu devia continuar a beber até ceder ao álcool.

Eu tinha acabado uma garrafa de uísque escocês e parte de outra quando, finalmente, desmaiei e adormeci. Depois dormi durante três dias. Quando acordei, constatei não só que me sentia melhor, mais normal, como também que a visão tinha regressado por completo. Estava relaxado e calmo. Fui para a Florida descansar bem.

O médico instruiu-me a continuar a beber moderadamente até a tensão passar completamente. Eu devo ter sido uma das pessoas mais tensas do mundo, pois foram precisos cerca de vinte anos — e muito sofrimento e humilhação — para eu superar tanto a tensão como a necessidade de álcool.

CAPÍTULO 14
14 Um Poder Maior do que Eu Próprio

Durante esses vinte anos em que enfrentava a tensão com álcool, continuei a viajar pelo mundo. Muito do meu melhor trabalho foi feito nesse período. Eu era apenas um bebedor social — ou julgava que era. Não reparei que havia um número crescente de ocasiões em que, durante dias, eu não conseguia trabalhar. Normalmente controlava a bebida nos períodos de agenda mais carregada e, durante longos intervalos, não bebia de todo. Mas tinha sempre, no subconsciente, uma data para recomeçar… depois do fim desta digressão… depois de concluir este compromisso. Provavelmente passaram quinze anos até eu encarar o facto de que os períodos de bebida estavam a aproximar-se uns dos outros e, muitas vezes, a sobrepor-se.

Por vezes, tentei várias curas, sempre com esperança. Tanto quanto sei, a ciência médica nunca encontrou uma cura para o alcoolismo. É possível "pôr" uma pessoa sóbria, mas o problema de a manter sóbria tem escapado, em grande medida, à medicina e, até há poucos anos, escapara geralmente à religião. Coube a um grupo de alcoólicos, ajudados pela intuição psíquica de um deles, lançar uma luz intensa sobre este problema antigo.

Na verdade, penso que nunca ouvi a palavra alcoolismo — certamente não aplicada a mim. Uma pessoa era um bêbedo, um vadio, um fraco moral, um pecador irredimível. Tenho a certeza de que fui tudo isso e mais; e esse "mais" era o facto de eu ser um homem doente, doente de uma enfermidade incurável que só poderia levar a um hospital psiquiátrico ou a uma morte prematura. Diz-se que o alcoolismo é hoje a quarta maior causa de morte entre as doenças.

No meu dilema, o meu conhecimento de assuntos psíquicos não me ajudava. Naquela altura, eu via a minha capacidade psíquica como algo que me tinha chegado sem ser procurado e ressentia-me do facto de quase toda a gente que conhecia me considerar um charlatão ou um louco, ou, na melhor das hipóteses, uma cobaia para experiências interessantes. Para mim, os factos da continuidade da vida e da comunicação eram tão claros que uma pessoa incapaz de ver a sua significação religiosa só podia ser, ela própria, mentalmente atrasada.

Na nossa cultura, isso fazia de mim o excêntrico — a chamar louca à maioria. Mesmo com muitos espiritualistas eu não conseguia estar totalmente à vontade, porque tantas vezes pareciam arrancar a doutrina da sobrevivência e da comunicação do seu enquadramento. Eu culpava os estúpidos, desprezava os preconceituosos e considerava-me superior a

ambos os grupos, sem perceber que o alcoolismo era a minha resposta aos nossos fracassos e frustrações mútuos.

No início dos anos quarenta, a minha mulher e eu vivíamos na Califórnia. No essencial, éramos felizes; apreciávamos a nossa vida em comum. Naqueles dias, havia bastantes britânicos interessantes na Califórnia e a nossa casa era palco de muita boa conversa. Além disso, o Los Angeles Institute for Psychical Research estava a investigar com vigor e eu participava em muitas iniciativas. Via bastante Yogananda e, grande homem que era, manteve a sua amizade comigo sem recriminações.

Tenho a certeza de que pressentia o meu dilema e eu sentia sempre a sua compreensão e compaixão, mas ele sabia que eu tinha de chegar a mim próprio; era um caminho que ninguém podia percorrer por mim. E, para mim, o meu caminho parecia suficientemente agradável; certamente não me faltavam amigos, conforto, nem sequer dinheiro. Mas raramente me sentia bem, e fazia um número crescente de idas ao hospital com uma variedade de males provocados ou agravados pelo álcool. Também tinha de cancelar mais palestras ou subir à tribuna apenas meio sóbrio.

E então, certa manhã, acordei na Florida sem a mínima lembrança de quando tinha saído da minha casa na Califórnia. Procurei o empregado e ele disse-me que, durante toda a viagem através do país, eu tinha permanecido no meu quarto, pedindo ocasionalmente comida, e que eu tinha estado muito calado, muito bêbedo e muito distraído. Informei a minha mulher de onde me encontrava, e ela informou-me de que iria pedir o divórcio por causa das duas filhas pequenas.

Chegámos a um acordo mútuo sem rancor nem amargura. Não a culpo. Tenho a certeza de que, se tivéssemos conhecido a verdadeira natureza do alcoolismo, ela teria continuado a ajudar-me no mesmo espírito de dedicação abnegada que manifestara durante vários anos. Se há algo pior do que ser alcoólico, deve ser estar casado com um, ou ter de viver numa família com um. A personalidade do alcoólico muda; ele torna-se egoísta, pouco fiável. E há, em simultâneo, deterioração física.

Depois da nossa separação, abandonei o meu trabalho por longos períodos, fui para Nova Iorque e aceitei outros empregos; mas depois tinha períodos de lucidez e decidia que já passara o pior e voltava outra vez à tribuna. Por fim, em 1946, decidi deixar tudo e todos os que alguma vez significaram algo para mim, descer até à Florida e travar a minha batalha. Fui, de facto, para a Florida e lutei, mas era uma batalha perdida. Fala-se de alcoólicos a "acabarem na valeta" ou a irem parar à Bowery, mas a valeta

nem sempre é um lugar; pode ser um estado de espírito. E a "rua da desgraça" nem sempre é um beco de uma cidade; é algo que um alcoólico transporta na consciência. Sei que se pode estar na valeta enquanto se dorme na própria casa, e eu acabei na minha própria "rua da desgraça" enquanto vivia num hotel de luxo. Infelizmente — talvez — eu tinha quase sempre dinheiro suficiente para me aguentar nos maus momentos e tinha muitos amigos leais, a maioria dos quais acabou por se cansar e desistir — e não os culpo por isso.

Em 1949, entrei novamente no hospital, não por alcoolismo agudo, mas por um colapso físico completo. Relativamente poucas pessoas morrem, de facto, de alcoolismo; morrem de outras doenças provocadas pela malnutrição prolongada que acompanha o alcoolismo. Foi durante esta hospitalização que tive uma visão psíquica que me impressionou profundamente, mas que só produziu o seu trabalho transformador alguns meses depois.

Quando tive alta, disseram-me que teria de aceitar uma vida de inválido e que provavelmente não me restava muito tempo. Se alguma vez voltasse a beber, estaria a autorizar a minha própria morte. Embora eu nunca tivesse tido medo da morte, a vividez da minha experiência psíquica fez-me perceber que, após a morte, eu não experimentaria um estado de consciência mais feliz do que aquele que merecesse.

Nesse ponto, tentei ajudar-me a mim próprio. Tendo estudado ioga e lido amplamente ocultismo e metafísica, conhecia todas as teorias, mas nunca aplicara a mim mesmo os seus aspetos mais exigentes. Agora compreendia que era melhor usar o que soubesse para a minha própria cura. Assim, comecei uma tentativa tardia de mudar a minha atitude mental e refazer o meu corpo. Em Maio de 1950, eu estava sóbrio há quatro meses — não porque gostasse de o estar, mas porque tentava pôr em prática algumas das leis psíquicas que conhecia. Estavam a funcionar. Sentia-me melhor do que há anos. Os meus dons psíquicos estavam de novo em plena força. Aceitei um contrato de conferências que deveria começar em Junho. Fui para Nova Iorque.

Cliff, que se tinha interessado por assuntos psíquicos alguns anos antes, quando eu o tinha, por acaso, selecionado de uma assistência para lhe dar uma mensagem probatória, convidou-me para jantar e, enquanto jantávamos, mencionou que ia a uma reunião de um grupo em que estava interessado; o mais interessante grupo de discussão de que tinha conhecimento. Convidou-me a ir com ele, e eu aceitei. Assim, fomos ao edifício paroquial da Church of the Heavenly Rest, no Alto da Quinta Avenida,

onde se tinham reunido cerca de duzentas pessoas com ar feliz. Reconheci alguns velhos amigos. E então descobri que todas aquelas pessoas tinham sido, em tempos, vítimas do alcoolismo. Até então, eu nem sequer sabia que Cliff tinha sido alcoólico.

Ouvi com interesse o que um e outro diziam sobre o sofrimento e a degradação do passado; falavam uma linguagem que eu conhecia demasiado bem. Foi a primeira vez que ouvi o alcoolismo ser discutido como «uma alergia física com uma compulsão mental»; falavam do tratamento de uma doença, e não de uma fraqueza moral irredimível. Aquela reunião deu-me um enorme impulso espiritual; a sinceridade e a humildade completa das pessoas que falaram impressionaram-me profundamente. Era terapia de grupo no seu melhor. Ainda assim, senti-me de fora, porque eu já tinha vencido a bebida — assim pensava. Já tinha ultrapassado a necessidade da sua terapia.

Pouco tempo depois, acordei num quarto de hotel estranho e, para meu horror, percebi que estivera bêbedo durante mais de uma semana. Um dos sintomas do alcoolismo é o apagão, um estado em que a vítima parece estar numa consciência normal, mas não tem memória de ter bebido. É quase como se uma entidade invasora tomasse conta, fizesse a sua devastação e depois partisse, quando se saciasse. Fiquei deitado, esmagado pela consciência de que chegara ao ponto de saturação com o álcool e de que chegara o momento de recomeçar o processo doloroso de voltar a pôr-me em ordem. Eu sabia o que isso implicava — o sofrimento, tanto físico como mental; o remorso e a vergonha.

Quis telefonar ao meu médico de Nova Iorque, mas da última vez que ele me tinha ajudado a ultrapassar uma crise severa, disse-me que a medicina nada mais podia fazer por mim e que, se eu alguma vez voltasse a beber, tencionava internar-me numa instituição durante um ano. Não tive coragem de chamar um médico desconhecido que exigiria análises e, provavelmente, hospitalização pela doença real que regressava com o uso do álcool. Por isso, durante dezoito horas, lutei sozinho contra o meu desespero. Caí numa depressão tão horrível que, de madrugada, no segundo dia, por volta das duas, me pareceu que o único desfecho desejável era a morte. A coisa lógica — decidi — era avançar e deixar que aquela bebedeira fosse a última. Eu beber-me-ia até ao fim. Estendi a mão para o telefone para chamar o serviço de quartos.

E, ao estender a mão, aconteceu uma coisa estranha.

Derrubei a Bíblia dos Gideões da mesa. Automaticamente, apanhei-a do chão e veio-me à memória algo que eu fazia muitas vezes em criança. Nessa

altura, eu abria a Bíblia ao acaso, passava o dedo por uma página e parava; a frase onde o dedo tocasse era a minha "sorte" do dia. Desta vez, a frase onde o meu dedo parou foi o versículo 7 do primeiro capítulo da Segunda Epístola a Timóteo: «Porque Deus não nos deu o espírito de medo, mas de poder, e de amor, e de bom senso.»

Poderia Deus ter falado mais claramente à minha necessidade?

Então os meus olhos repararam num folheto que estava debaixo da Bíblia desde a noite em que eu chegara daquela reunião com Cliff. Lembrei-me vagamente de que aqueles bêbedos recuperados tinham dito que iriam a qualquer hora, de dia ou de noite, ajudar outro bêbedo que tivesse chegado ao fundo. Endireitei-me, apoiado na almofada. Eles tinham dito isso. Ainda assim, não fazia sentido. Voltei a deitar-me e fiquei a pensar. A minha agenda também estava na mesa do telefone; havia lá os nomes de muitos amigos, bons amigos. Mas, se eu telefonasse a qualquer um deles, ele diria: «Estás bêbedo; vira-te e dorme isso, e amanhã vejo-te.» Porque haveriam estes estranhos de fazer o que um amigo provavelmente recusaria?

Quando se perde a fé em si mesmo, perde-se também a fé nos outros; o cinismo e uma profunda desconfiança dos motivos alheios são sintomas do alcoolismo. O bêbedo habitual já tentou de tudo e achou tudo insuficiente. Ainda assim, lá estava o número de telefone no folheto — o número para chamar em caso de necessidade.

Disquei, e, em vinte minutos, dois homens entraram no meu quarto. Estavam descontraídos, amistosos, completamente sem recriminações. Um deles comentou que eu estava à beira de delirium tremens e deu-me um gole de uísque. O outro soltou uma risada baixa e disse-me que conhecia todos os marcos daquele lugar de desespero; já lá tinha estado. E a história que me contou, breve e simples, foi mais chocante do que a minha.

Ambos pareciam dar como certo que eu iria recuperar por meio do Poder de que eles próprios se tinham apoderado. À medida que falavam, eu ficava mais calmo por dentro. Pelo menos conseguia ouvir, embora metade da minha atenção estivesse presa ao momento terrível em que eles saíssem do quarto para irem trabalhar e eu voltasse a ficar sozinho.

Mas não me deixaram sozinho. Uma chamada telefónica trouxe mais dois homens para o quarto antes de os primeiros dois saírem. Também eles estavam descontraídos, confiantes e dispostos a partilhar o que tinham encontrado. Pela primeira vez, eu não lhes estava a contar nada. Eu estava a ouvir. E assim foi durante três dias e três noites; nunca me deixaram sozinho.

Por fim, deixei de procurar o truque — o que é que eles ganhariam ao ajudar-me. Eu teria simplesmente de acreditar que havia pessoas assim. À medida que um e outro me contava a sua história — e algumas eram mais sórdidas do que a minha —, vi que havia um padrão na experiência deles. Era o padrão da minha própria experiência. No terceiro dia, de repente, caiu-me a ficha de que Paulo sabia do que falava quando disse que a fé é a substância das coisas esperadas. A fé teria de ser o meu próximo passo — fé de que existia esse «Poder maior do que eu próprio» de que eles falavam constantemente.

Era suficientemente claro que se referiam a Deus, embora não utilizassem o termo. Mas eu dizia a mim próprio que já sabia acerca de Deus e que antes já tinha tentado rezar-Lhe. Agora compreendia que não sabia rezar. Nunca tivera realmente fé. Estes homens, nas suas próprias pessoas, eram a prova da fé nas «coisas que se esperam»; tinham sido transformados; tinham saúde e paz de espírito; tinham empregos e o respeito dos seus amigos; tinham o amor das suas famílias. Eram normais! Não, eram mais do que normais. Tinham um excesso de certeza, de humildade, de alegria. Tinham triunfado através da tribulação e estavam dispostos a partilhar.

Ao mesmo tempo que falavam de certezas invisíveis, não faziam o meu caminho adiante parecer fácil ou suave. Eu tinha de me tornar completamente honesto; tinha de fazer um inventário profundo e destemido de mim próprio. Da forma mais implacável, tinha de escrever tudo o que me corroía; tudo o que parecia uma frustração, uma derrota; tudo o que me tornava zangado, abatido, irritado. E não só tinha de desenterrar estas atitudes negativas como tinha de as atribuir às pessoas e às situações contra as quais me tinha revoltado.

Tinha de saber de que é que eu estava a tentar fugir. Obviamente, no processo de fugir constantemente aos aspetos ingovernáveis da minha vida, tinha magoado muitas pessoas. Assim, também tinha de listar as pessoas e os danos que lhes tinha causado. E depois tinha de ir ter com elas e fazer todas as reparações que fossem possíveis. Isto parecia a tarefa mais impossível, pois eu sabia que tinha magoado tantos, causado tanta dor, alienado tantos que tinham tentado ser meus amigos e, em alguns casos, tinha sido o meio da sua derrota e frustração.

Nos meses seguintes tentei fazer todas estas coisas. Primeiro falei do meu passado com um amigo; pus cá fora tudo de que me envergonhava, tudo aquilo de que me arrependia. Depois comecei o trabalho de fazer reparações. Nunca, uma única vez, encontrei rejeição por parte de alguém a

quem honestamente pedi perdão. A tragédia foi que havia alguns que não consegui encontrar.

O Poder maior do que eu próprio era real! Mais próximo do que a respiração, mais próximo do que mãos e pés — quantas vezes tinha lido essas palavras sem nunca as interiorizar.

Em breve comecei a frequentar reuniões onde outros alcoólicos recuperados se encontravam numa irmandade como não existe outra igual na terra. Estas pessoas compreendiam-se umas às outras. Nos relatos em primeira mão de degradação e restauração comecei a compreender o que se entendia pela graça de Deus. Não conseguia explicar o que me tinha acontecido, mas, tal como o cego à porta que recuperou a vista por Jesus, eu sabia que, sendo antes cego, agora via. Havia muita gratidão e humildade no grupo. E havia sempre, claro, pessoas novas a precisar de ajuda.

Ao longo dos meses seguintes observei a minha própria ressurreição. Sei que a cura espiritual acontece porque tive um renascimento para a saúde. Sei que o medo pode transformar-se em fé, a humilhação em humildade, a vergonha em segurança; mas a comunhão é essencial para que alguém consolide os ganhos de qualquer experiência espiritual.

No processo de refazer a minha vida, pensei um pouco acerca dos meus próprios dons peculiares. Mas, mais uma vez, não se pesa nem pondera de forma abstrata; é preciso pôr as atitudes em prática. Embora tenha regressado às antigas atividades, no que dizia respeito à mediunidade comecei a trabalhar a partir de um novo ponto de vista.

CAPÍTULO 15
15 Vida com Dimensão

Enquanto me ocupava a escrutinar o meu passado e a tentar fazer reparações, na medida do possível, às pessoas que tinham sido feridas ou prejudicadas pelo meu alcoolismo, dei por mim a perguntar se todo o processo não seria muito semelhante ao Julgamento que se diz ser atribuído a cada alma após a morte. Todos os dias me surgiam novos entendimentos; por vezes, revelações assustadoras. Nada do que eu fizera estava destituído de significado.

Mas nem todas as revelações eram inquietantes. Ocasionalmente via que tinha influenciado uma vida para o bem, dando nova energia a alguma pessoa desencorajada. Contudo, essa mudança de atitude não tinha vindo de mim, mas através de mim. Fiquei espantado por alguém que eu considerava

ter sido um fracasso tão grande ter podido fazer tanto bem, ainda que esse bem fosse relativamente discreto. Certamente estava a reavaliar-me e, nesse processo, a minha própria personalidade começou a mudar.

Muitas vezes a minha mente regressava a uma experiência psíquica que tivera quando estive desesperadamente doente num hospital de veteranos em Coral Gables. Na altura impressionara-me, mas não me mudara; agora, porém, começou a ganhar força. O que precipitou a minha doença aguda esqueci-me, mas estava em estado crítico e os meus amigos foram informados de que provavelmente não sobreviveria à noite. Eu não sabia do veredicto, claro, mas quando ouvi um médico dizer a uma enfermeira: «Dê-lhe a injeção, ao menos que esteja confortável», deduzi que era o fim e perguntei-me quanto tempo demoraria a morrer, mas a minha única emoção foi uma vaga curiosidade.

Depois apercebi-me de que estava a flutuar no ar acima da minha cama. Vi o meu corpo, mas não me interessava. Sentia-me em paz; na verdade, paz é um termo gasto demais para o sentimento profundo de que tudo estava como devia estar. Depois fiquei inconsciente. Ou melhor, após um período que não tinha qualquer sensação de tempo, soube que tinha estado inconsciente, mas que agora flutuava pelo espaço sem qualquer sentido de corpo e, no entanto, como o meu eu completo e pleno. Vi que, de algum modo, tinha chegado a um vale verde com montanhas de todos os lados, e por toda a parte havia um brilho de luz e cor como nunca antes tinha experimentado.

Vinham na minha direção pessoas e percebi que eram todos amigos e conhecidos que eu pensara estarem mortos. Contudo, ali estavam eles. Parecia reconhecê-los mais pelos seus traços de personalidade do que pelo seu aspeto habitual, pois estava consciente de que alguns que tinham morrido numa velhice decrépita agora transmitiam a impressão de juventude vigorosa. Dois primos que tinham morrido na primeira infância eram agora maduros; isto é, eram personalidades completas. Não questionei a ausência dos sinais da antiga identidade física, porque conhecia cada um satisfatoriamente pelo que ele era; não havia um véu de carne entre nós.

Ao ver um velho amigo, lembrava-me de outro e notava que não estava presente. Por fim, perguntei por alguns de quem sentia falta. Ninguém respondeu, mas pareceu formar-se um nevoeiro diante dos meus olhos. Sabia que estava no mesmo lugar, mas a luz tornou-se mais fraca e as cores perderam o brilho; aqueles com quem eu falava esvaneceram-se, enquanto aqueles por quem eu perguntara surgiram em formas difusas. Senti-me pesado; os meus pensamentos dispararam para antigas ocupações terrenas e

percebi, sem saber porquê, que me estava a ser permitido ver uma esfera inferior. Chamei pelos amigos por quem tinha perguntado e senti que me ouviam, mas não responderam. Depois tudo se aclarou novamente e uma personalidade suave e radiante estava ao meu lado, sorrindo. «Não te preocupes com eles. Podem vir aqui a qualquer momento que queiram, se o desejarem mais do que qualquer outra coisa.» A minha preocupação por eles deu lugar a um estado tranquilo.

Todos à minha volta pareciam ocupados. Sem saber o que faziam, eu sabia que a sua atividade era boa e justa, e vi que estavam muito felizes. Alguns a quem eu estivera ligado por laços estreitos no passado não me davam agora muita atenção, mas eu não ressentia essa falta de atenção. Outros que eu conhecera apenas ligeiramente — e alguns que não conhecera de todo — pareciam atraídos por mim. Sabia, sem explicação, que alguma lei de afinidade estava a atuar.

A certa altura — tudo isto decorria sem qualquer noção de tempo — dei por mim diante de um belo edifício de um branco luminoso e deslumbrante como nunca antes imaginara. Sabia, sem que me fosse dito, que aquilo era o Salão do Julgamento; e sabia também que deveria esperar numa enorme antecâmara. Ouvi vozes e, através da ampla porta, vislumbrei duas longas mesas com pessoas sentadas à sua volta. Estavam a falar de mim. Assim era o julgamento! Vieram-me à memória as palavras: «O dia do Senhor vem como um ladrão de noite.»

Enquanto esperava, comecei a rever a minha vida. Não foi um processo feliz. Depois senti que as pessoas às longas mesas também estavam a fazer um inventário da minha vida. Contudo, os episódios que me causavam preocupação não pareciam inquietá-las. As suas categorias de pecado não eram as da igreja batista da minha juventude: alcoolismo, sexo e aquilo a que se chamam atividades mundanas. Pelo contrário, falavam repetidamente de egoísmo, egotismo, estupidez, e usavam frequentemente a palavra dissipação, mas não em referência à devassidão; falavam da dissipação de energia, de dons, de oportunidades. Trouxeram à luz atos egoístas e estúpidos da minha juventude que eu há muito tinha empurrado para fora da consciência e, ao mesmo tempo, sorriam perante alguns atos simples e bondosos, como qualquer homem faz pelos outros e logo esquece. Evidentemente, estavam a tentar estabelecer a tendência principal da minha vida.

Apontando para mim, um deles falou de eu não ter conseguido realizar «aquilo que sabia que tinha de terminar». Percebi que tinha nascido no mundo com algum plano ou propósito bem definido e que, de alguma forma,

ou falhara em aceitar o meu destino ou não amadurecera o suficiente para saber o que era que tinha de fazer.

A palavra «registo» foi usada muitas vezes. Senti como se tivesse sido equipado com um gravador incorporado no qual cada experiência e atitude tivesse deixado uma impressão indelével. Queria ouvir todo o registo e, no entanto, parecia saber que não me deixariam perceber mais do que a vida imediatamente passada, para que a minha atenção não fosse desviada da tarefa em mãos. Enquanto permanecia sozinho — muito sozinho — diante da porta aberta deste Salão do Julgamento, não estava então a analisar o que experienciava; estava apenas a experienciar.

Então, de repente, senti que estavam a deliberar enviar-me de volta à Terra para terminar a minha missão, e revoltei-me completamente. Definitivamente não me agradava a ideia de voltar a assumir o corpo doente e maltratado que tinha deixado no hospital. Contudo, não estavam a pedir a minha permissão; não me estavam a consultar. Vi outra porta diante de mim e, de alguma forma, soube que, se passasse por essa porta, estaria de novo na minha cama. A minha natureza terrena reafirmou-se. Como uma criança mimada a fazer uma birra, empurrei os pés contra essa porta e lutei contra a sua abertura. Lembro-me de usar uma linguagem bastante violenta. Depois tive a sensação súbita de ser arremessado pelo espaço. Abri os olhos — e olhei para o rosto da enfermeira.

Mais tarde, a enfermeira contou-me que, durante o tempo em que estive em coma, não me mexera nem causara qualquer problema, mas que durante cerca de meia hora antes de recuperar a consciência lutei e gritei impropérios, insistindo com alguém que não queria acordar. Conhecendo a enfermeira, não expliquei. O que poderia eu dizer que a convencesse, ou a quem quer que fosse, de que tinha vivido uma realidade para além de qualquer outra que conhecera em todos os anos anteriores?

Mesmo agora, depois de ter escrito o acontecimento da forma mais simples que consigo, sinto algo do sentimento de inutilidade de Paulo. Para a sua experiência de vida para além desta terra usou a palavra «inefável» — e suponho que seja tão boa como qualquer outra. Fui como um homem outrora cego que recuperou milagrosamente a vista e depois tentou explicar uma pintura de El Greco àqueles que ainda eram cegos. Como escreveu Sidney Lanier em «The Marshes of Glynn», quando estava a morrer de tuberculose —

… a crença domina a dúvida, e eu sei que sei…
E o meu espírito cresceu até um compasso nobremente vasto dentro de mim.

Durante aqueles primeiros dias pós-alcoolismo, esta experiência estava viva na minha consciência, de tal modo que compreendi, de uma forma inteiramente não teológica, que os meus pecados estavam registados contra mim e que o pecado era algo diferente do que eu anteriormente supusera; e também que cada tentativa genuína de viver de acordo com a minha melhor perceção ficava registada a meu favor. A visão confortava-me mesmo quando surgia de forma mais brilhante para me censurar.

Também durante os meses pós-alcoolismo, quando tentava efetuar restituições, pensei muitas vezes como era afortunado por poder ajustar relacionamentos enquanto ainda estava no meu corpo físico. Há, de facto, coisas que podem ser feitas melhor na Terra do que no céu! E, no entanto, eu não estava a tentar avançar no presente para poupar-me a futuras dores; não estava a tentar poupar-me fosse o que fosse.

Algumas pessoas que tiveram sessões comigo relataram que amigos seus desencarnados também mencionaram a experiência do julgamento. Por exemplo, um amigo do falecido John Chambers contou-me uma sessão que teve comigo na qual John comentou as circunstâncias da sua própria morte. John concluiu: «De certo modo, não há tanta diferença entre as duas vidas como se poderia esperar, exceto que na Terra se pode crescer e desenvolver conforme se queira, de uma forma que nós não podemos.» Mais tarde acrescentou: «Parece-me que somos julgados menos por atos individuais, ou pela sua acumulação, do que pela inclinação das nossas vidas, o objetivo para o qual nos mantivemos orientados.» Rindo, acrescentou: «Embora eu não saiba por que digo isto, pois ainda não fui julgado.»

Aparentemente, o julgamento é simultaneamente um processo constante e um acerto final de contas. Parece que algum tipo de balanço está constantemente a ser feito ao longo de toda a vida terrena de cada indivíduo, prosseguindo pelos períodos intermédios em que a alma pode ter outras experiências noutras dimensões da consciência, ao longo da próxima vida terrena — se houver outra — e assim sucessivamente. Nenhuma alma faz o mesmo percurso. Mas o objetivo é a perfeição, nada menos do que isso; a plena realização do potencial individual, a verdadeira maturidade em que a vontade própria se funde com a vontade de Deus.

A pesagem e a medição são um processo constante e, em qualquer momento, o indivíduo tem acesso ao conhecimento da soma que está a ser calculada, se o desejar com intensidade suficiente para aquietar-se e permitir que ela chegue à sua mente consciente de si. Nunca há um momento em que não tenhamos acesso ao conhecimento do nosso próprio saldo espiritual. Em

certo sentido, a contabilidade parece ser automática; e, no entanto, nenhum homem está por sua conta num universo automático.

Contudo, existem de facto juízes. Numa sessão, alguém perguntou se os juízes eram desencarnados que tinham cumprido as suas obrigações terrenas e alcançado um elevado estado de conhecimento. A resposta foi que os juízes nunca tinham sido encarnados na Terra, que são «servos do Altíssimo», que não necessitaram dessa disciplina. Aparentemente, «o julgamento», no sentido do acerto de contas de uma vida acabada de terminar, ocorre quando o desencarnado está preparado; quando está plenamente consciente da sua condição e ciente do seu próprio registo passado.

Parece também que, após a morte, muitas pessoas simplesmente dormem durante um período indefinido. Se houve uma doença longa e devastadora, a mente pode precisar de um longo repouso. Amigos que vão ter com Fletcher a pedir por um ente querido que morreu recentemente são muitas vezes informados: «Ele ainda está a dormir.» Pessoas mortas por violência parecem, em especial, precisar deste sono. A súplica do livro de orações para sermos libertos da morte súbita tem fundamento numa realidade psicológica; ser arremessado para uma nova dimensão sem tempo para a separação ordenada do espiritual em relação ao físico pode ser uma experiência traumática, a menos que o indivíduo seja levado gradualmente à consciência do seu novo estado. Alguns indivíduos desejam dormir; não querem enfrentar qualquer acerto de contas que os espere.

Aparentemente, porém, os mortos adormecidos podem ser despertados para a sua nova realidade pelas orações amorosas dos vivos; de facto, parece que muitas vezes são mais facilmente alcançados por uma pessoa viva do que por um desencarnado.

Também parece claro que os desencarnados muitas vezes se agarram aos seus interesses terrenos com uma tenacidade notável; vagamente sabem que já não estão como antes, mas continuam a agir como se estivessem. Este é um estado infeliz. Pode mesmo ser o inferno. Um assassino pode continuar a lutar para escapar aos seus perseguidores, assombrado, com medo, faminto, abandonado pelos seus amigos. Um tirano pode ainda estar a dar ordens e pode ainda manter em cativeiro outros desencarnados que outrora foram seus capangas e cúmplices. Terroristas que atuavam em conjunto na Terra tendem a manter-se coesos como um grupo desencarnado e a continuar no terror dentro da sua própria consciência. A mente pode continuar a fixar a atenção na ação com o propósito de excluir a avaliação.

Pessoas que não acreditam na continuidade da vida parecem despertar mais lentamente do que pessoas que entendem que a vida prossegue. Além disso, aqueles que nunca acreditaram na imortalidade têm uma sensação devastadora de irrealidade: sabem que estão vivos, mas os seus antigos associados terrenos não respondem às suas tentativas de comunicação. A mente treinada na concentração do tipo usado na meditação parece fazer o ajustamento mais imediato e sereno à nova condição.

Um caso de consciência imediata do novo estado foi-me relatado por amigos a quem chamarei William e Portia. A história deles começou, na verdade, numa sessão anterior de um amigo deles, quando Fletcher anunciou de repente: «Está aqui um velho que quer ser ouvido. Ainda não está aqui há muito e não sabe como comunicar; fala depressa demais. Mas quer deixar uma mensagem para a sua nora, Portia. Diz que você conhece a Portia. É o pai do William. Era médico. Quer que dê à Portia e ao William o seu amor e que tente fazê-los vir aqui amanhã. Ele sublinha: amanhã.»

Passaram três ou quatro dias até que o casal fosse contactado por telefone e, quando o amigo acabou de transmitir a mensagem, houve um momento de silêncio do outro lado da linha. Depois Portia disse: «O pai do William morreu no domingo passado na Noruega e a notícia da morte nem sequer tinha sido dada à imprensa. De facto, nós estávamos fora da cidade e nem nós próprios recebemos logo a notícia.»

Mais para agradar ao amigo do que por acreditar nisso, William marcou uma sessão comigo. No domingo, uma semana após a morte do pai, ele e Portia vieram. Mal Fletcher chegou, disse que o pai estava à espera, muito entusiasmado, para lhes falar. Seguiu-se então um relato da morte do pai: tinha visto demasiados outros morrer com a consciência de que estavam a ser recebidos — disse ele — para duvidar de que a vida continuava sem interrupção. «Por isso aceitei-o com naturalidade e atravessei logo. Fiquei inconsciente apenas por uns momentos; acho que toda a gente fica inconsciente por uns momentos. Como um sono rápido.»

William perguntou se o pai tinha recebido a sua carta antes de morrer e o velho médico respondeu: «Leram-ma. Pensavam que eu estava inconsciente, mas decidiram tentar ler a carta na mesma.» E, em seguida, falou do conteúdo da carta. Contou também sobre a mãe do William, que o esperava, e sobre a alegria de estarem em estreita companhia — «embora, claro, nunca tivéssemos estado separados». Fletcher comentou o número de crianças à volta do pai, o que não surpreendeu, explicou Portia, porque o velho médico tinha ajudado dezenas de órfãos. Uma longa conversa decorreu entre os três, através de Fletcher, e foram discutidos muitos assuntos

familiares pertinentes. O velho médico disse ao filho: «A razão por que quis que viesses na quarta-feira era porque era o teu aniversário e achei que o melhor presente que te podia dar era enviar-te o meu amor em primeira mão.»

A partir da informação que me chegou ao longo dos anos, através de tantos desencarnados quantos os meus conhecidos nesta terra, deduzo um facto que me parece mais significativo do que qualquer outro — exceto o facto básico de que a vida continua. Esse facto é que a qualidade da vida após a morte é determinada pela qualidade da vida antes da morte.

Pouco a pouco, nos dias da minha própria reconstrução, também me foi ficando claro que o importante na minha vida nesta terra era que era possível ter uma qualidade presente para além de tudo o que eu imaginara. Era agora que eu vivia num universo sem obstruções; era agora que os meus pensamentos ultrapassavam a comunicação por palavras; era agora que eu podia recorrer aos recursos de amigos invisíveis tanto quanto de amigos visíveis. A vida abundante começava a tomar forma e significado.

CAPÍTULO 16
16 Todos São Psíquicos

O alcance da mente a que chamamos paranormal ou psíquico parece-me ter muito que ver com a dimensão da vida. Podemos viver vidas constritas, limitadas na nossa compreensão à experiência sensorial, ou podemos aprender a ver através e para além das aparências. Esta compreensão mais ampla é-nos imposta após a morte, mas está ao nosso alcance já agora. No entanto, nem toda a gente parece ser psíquica. Eu costumava refletir sobre este facto. Se a faculdade psíquica é tão imensamente útil, por que razão não é uma dotação comum? A minha conclusão foi que é mais comum do que pensamos e que todos são, pelo menos, potencialmente psíquicos.

É claro que outros chegaram a esta conclusão antes de mim. William James observou certa vez que a coisa mais espantosa nos fenómenos psíquicos é a sua comum ocorrência. Depois, certamente, a segunda coisa espantosa é a sua variedade. Quando comecei a classificar as experiências que observava diariamente — e que tinha — este facto tornou-se evidente para mim.

Em primeiro lugar, por serem as mais comuns, estão os casos de cognição psíquica ou paranormal. Foi F. W. H. Myers quem primeiro categorizou os estados psíquicos com alguma nitidez. William James

comentou também, a certa altura, sobre ele: «Qualquer que venha a ser o juízo do futuro sobre as especulações de Myers, ficará sempre o mérito de terem sido a primeira tentativa, em qualquer língua, de considerar os fenómenos de alucinação, automatismo, dupla personalidade e mediunidade como partes ligadas de um único assunto.»

Relacionado com essa tentativa esteve o recolher de material sobre a comunicação de ideias de uma mente para outra sem os canais e códigos habituais, para o que ele inventou o termo telepatia. Quase toda a gente teve alguma experiência que parece telepática. Ainda ontem peguei no telefone para ligar a uma amiga e, enquanto esperava que a telefonista atendesse, a minha amiga começou a falar; o impulso dela para me ligar coincidiu tão exatamente com o meu impulso para lhe ligar que eu atendi antes de o telefone tocar. Experiências deste tipo são demasiado comuns comigo para admitir a coincidência como explicação.

Descobri que, com certas pessoas, consigo muitas vezes fazer-lhes chegar uma ideia simplesmente concentrando-me numa imagem nítida do indivíduo que quero alcançar, dizendo de forma muito sucinta, embora sem voz, o que quero comunicar e, depois, pondo a ideia de parte, sem ansiedade. Recentemente precisei de alcançar o meu sobrinho desta maneira, querendo que ele me ligasse — já que eu não sabia para onde lhe ligar. O meu objetivo era complicado pelo facto de ter de lhe transmitir o lugar específico para onde eu queria que ele ligasse. Ele ligou-me — algo perplexo quanto ao motivo de estar a ligar!

Na telepatia de grupo, a mensagem transmitida por uma pessoa é suscetível de ser recebida sob formas ligeiramente diferentes pelos destinatários designados. Por exemplo, William Button, então presidente da American Society for Psychical Research, pediu uma vez a quatro médiuns em diferentes partes do país que tentassem captar a imagem que ele estaria a transmitir telepaticamente às quatro horas numa determinada tarde. Todos nós voltámos a nossa expectativa, por assim dizer, na direção dele e eu senti-me impelido a registar: «Eu não sou nenhuma sumidade» ou «O Button é uma sumidade.» Outro médium sentiu-se compelido a pegar na pistola de brinquedo do filho e a disparar sobre o alvo de brinquedo. Button tinha pegado numa espingarda e apontado em posição de disparo.

A literatura sobre telepatia não é insignificante e parte dela está extremamente bem documentada.

A clarividência é uma das experiências psíquicas mais comuns: discernir objetos, símbolos, pessoas, cenas, como tendo realidade objetiva, embora

não estejam ao alcance dos sentidos comuns. Um dos famosos exemplos históricos de clarividência é a descrição de Emanuel Swedenborg de um grande incêndio em Estocolmo enquanto visitava amigos a cerca de trezentas milhas de distância. A meio da conversa, empalideceu subitamente e começou a descrever o incêndio que lavrava em Estocolmo e, passado algum tempo, acalmou-se, anunciando: «Graças a Deus, o fogo foi extinto à terceira porta da minha casa.» Dois dias depois, cartas confirmaram cada detalhe. Immanuel Kant esteve entre os muitos profundamente impressionados pela investigação e pelos testemunhos relativos ao incidente, pois Swedenborg era um dos estudiosos altamente respeitados do seu tempo.

No nosso tempo, o Dr. J. B. Rhine, da Universidade de Duke, e os seus colaboradores realizaram e tabularam milhares de experiências de clarividência. Usando amostras aleatórias de todas as idades e de muitas ocupações, testaram a capacidade dos indivíduos para «ver» os símbolos em cartas que são baralhadas e viradas por um aparelho controlado fora do alcance dos seus olhos — de facto, numa sala diferente daquela em que o percipiente está a nomear as cartas. Concluíram que, em muitas pessoas, existe uma capacidade de nomear os símbolos muito acima do que seria de esperar pelo acaso.

Alguns estudiosos da clarividência gostam de categorizar os tipos. A chamada clarividência de raios X é a capacidade de ver através de materiais opacos como envelopes selados, caixas de madeira, paredes de tijolo, etc. É o tipo de clarividência muitas vezes exibido em teatros. Quando me concentro nisso, não me é difícil demonstrar este truque, mas nunca me interessou.

A clarividência viajante acontece-me ocasionalmente. É a capacidade de perceber algo que está efetivamente, e naquele momento, a acontecer à distância. Recentemente, estando em Nova Iorque, vi um incidente a decorrer na minha casa na Flórida; o incidente não tinha particular significado, mas foi confirmado quanto a detalhes e hora.

Louis Anspacher, conferencista e dramaturgo, contou-me que, uma vez, cumpriu uma obrigação de jantar numa ocasião em que relutava em deixar a mulher em casa, porque ela estava doente e ele não confiava que ela ficasse na cama como o médico lhe ordenara. Enquanto jantava com Belasco, viu de repente a mulher a atravessar o quarto em casa. Imediatamente lhe telefonou e confirmou que ela tinha, de facto, feito exatamente aquilo que ele a visualizara fazer. Este tipo de experiência pode ser desconcertante para quem é percebido; sente que vive numa casa de vidro.

A clarividência médica, a capacidade de ver o padrão interno do corpo humano, identificar a doença e atribuir-lhe a causa, está para além de mim. Alguns clarividentes diagnosticam acordados, recolhendo as suas impressões da aura do doente, ou vendo o corpo como transparente. Alguns conseguem diagnosticar em sono hipnótico. Edgar Cayce era particularmente hábil na clarividência médica, que era ao mesmo tempo clarividência viajante; mas ele era provavelmente o homem mais dotado, psiquicamente, que alguma vez conheci.

Para além da sua capacidade de diagnóstico, as pessoas ficavam impressionadas com a clarividência exibida em observações laterais, facilmente verificáveis. Enquanto estava em Virginia Beach, por exemplo, comentava o cenário da casa de um doente no Nebraska, desconhecidos para ele tanto o doente como o lugar. «Árvore bonita no quintal; um carvalho enorme.» Sobre um homem na Califórnia: «O homem ainda não chegou aqui; vem a subir no elevador.» Sobre uma mulher na Geórgia: «É uma caminhada longa até aqui; deve ser a umas quatro milhas; quatro e um quarto, na verdade, desde a cidade.»

Quando não estava em transe, Cayce diagnosticava a partir da aura do doente, e com grande precisão. Clarividentes que veem a aura sentem que a estão a ver com a visão comum. «Eu vejo-a; não há mais nada a dizer; está ali.» Mas alguns vêem-na tão bem com os olhos fechados, embora continuem a perceber a experiência como visão. A partir desta manifestação de luz-cor-energia, conseguem não só ler a condição de saúde do sujeito, como captar perturbações emocionais e até problemas emocionais detalhados; até ler o que sentem ser o padrão espiritual do indivíduo.

Que as pessoas de facto têm auras, devo atestá-lo, porque eu também as vejo muitas vezes. Não quero dizer que, quando alguém entra na sala, eu veja sempre a sua aura tão claramente como vejo o seu corpo e feições; mas, se tentar captar a aura, geralmente consigo, e muitas vezes consigo-a sem tentar.

A verdadeira natureza da aura é um assunto para investigação e, atualmente, está a ser feito algum esforço sério para medir e cartografar esta emanação. Um excelente cientista, anteriormente funcionário da Radio Corporation of America, escreve que conseguiu definir por instrumento os limites da aura e que por vezes a encontrou a repetir-se acima do corpo até uma altura de trinta pés, como se a energia padronizada ecoasse em diferentes oitavas. Existe até um alfabeto da aura, por assim dizer, pois sensitivos de muitos séculos e de muitos climas, assim como de muitas culturas, interpretaram certas cores como representando determinadas

condições de saúde ou inclinações emocionais. Todos parecem concordar, por exemplo, que a luz branca percebida em torno da cabeça de certas pessoas é indicativa de uma natureza espiritual altamente desenvolvida. Daí o nimbo que os antigos mestres pintavam em torno das cabeças dos santos.

Que o dom de ver auras é comum não pode haver dúvida.

De improviso, consigo nomear trinta pessoas que habitualmente veem auras, e também duas pessoas que estão a tentar aperfeiçoar um método de as fotografar. Se a cor está «lá fora», em torno do sujeito, então a câmara deveria conseguir registá-la; se for subjetiva, no sentido de ser percebida como cor quando na realidade é outro tipo de onda que se traduz, na mente do sensitivo, como cor, então a fotografia estaria fora de questão.

A capacidade de ler as vidas passadas de um sujeito pode estar relacionada com a leitura da aura, mas certamente é uma faculdade psíquica muito difícil de documentar. Antes de mais, pressupõe que a maioria dos indivíduos tenha tido vidas passadas nesta Terra. Em essência, esta é a teoria da reencarnação; os indivíduos devem, no longo decurso do tempo, realizar plenamente a capacidade da sua natureza e, para alcançar essa perfeição, são necessárias muitas experiências terrenas. A teoria parece-me plausível, porque explica as aparentes injustiças com que muitos seres humanos nascem.

Segundo esta teoria, o processo de desenvolvimento do carácter — de semear e colher, um processo que nos é suficientemente familiar no dia-a-dia — prossegue por um período maior do que o de uma única vida. Ao nascer, então, os indivíduos recebem, ou criam, a oportunidade que lhes oferece as melhores hipóteses de crescimento. Mas não sustento que a aceitação ou rejeição da reencarnação afete de forma marcada os nossos problemas imediatos. Quem rejeita a reencarnação pode tornar-se santo tão prontamente — e com a mesma dificuldade — quanto quem aceita um período de mais do que uma vida.

Conheço impostores neste campo da leitura de vidas passadas; pessoas com alguma capacidade psíquica que conseguem inventar uma história fantasiosa sobre o passado de qualquer indivíduo que lhes apareça. E por que lhes chamo impostores, se não consigo refutar as suas conclusões? Porque atribuem, de forma relativamente igual, o mesmo passado a pessoas diferentes; porque são imprecisos ao retratar períodos históricos; mas, basicamente, porque não conseguem diagnosticar um dilema psicológico presente. O conhecimento de vidas passadas só é útil se lançar luz sobre um

enredo presente de personalidades que já trabalharam problemas comuns noutros contextos, ou se esclarecer uma dificuldade atual.

No ouvir de vozes não audíveis ao ouvido, a voz pode parecer ter exatamente o tom e o acento de uma pessoa ausente. Por exemplo, quando estive em Nova Iorque, ouvi a minha mãe falar na Carolina do Sul. Confirmando com ela, verifiquei que estava lá; ela disse aquilo que eu pensei que estava a dizer no momento em que pensei que me estava a falar, mas é evidente que as vibrações produzidas pelas suas cordas vocais não poderiam ter chegado até mim por aparelhos auditivos normais. Estaria eu a captar o pensamento dela telepaticamente e a imaginar a sua voz? Talvez, embora eu sentisse que a ouvia da forma habitual. No entanto, a voz característica assim ouvida pode ser a voz de alguém que já morreu; desde a morte da minha mãe também a ouvi falar comigo na sua própria voz, e ouvi as vozes de outros que eu conhecia bem.

Mas a clariaudiência também pode ser a perceção de uma voz não distinguida pelo seu tom ou cadência e, ainda assim, sabida como vinda de um indivíduo específico. Uma mulher diz: «O meu pai disse-me» — e ela sabe que foi o pai, mas, quando lhe perguntam se ouviu realmente a voz dele, tem de dizer: «Era o pai a falar; o vocabulário é distintamente o dele, como se vê pela minha transcrição; mas as palavras chegaram sem voz.» Aqueles que tiveram a mesma experiência — e são legião — sabem exatamente o que ela quer dizer. Muitas vezes, porém, as palavras ouvidas interiormente não parecem ser ditas por nenhum indivíduo definido. Podem ser bastante impessoais, mas ditas com autoridade.

A Bíblia contém numerosos episódios de clariaudiência. Por exemplo, em II Reis 6:12, é dito ao rei da Síria: «Mas Eliseu, o profeta que está em Israel, diz ao rei de Israel as palavras que tu falas no teu quarto.» O quinto, sexto e sétimo capítulos de II Reis são uma história de fenómenos psíquicos, se alguma vez houve uma registada. De novo, em I Samuel, capítulo 3, o jovem Samuel ouviu uma voz que tomou por ser a de Eli, mas Eli, informado do chamamento, entendeu ser a voz do Senhor. Em vez de ignorar a voz por não poder ser «real», Samuel respondeu como Eli lhe indicara: «Fala, Senhor, porque o teu servo ouve.» Isto não pretende implicar que a voz impessoal ouvida por tantos seja necessariamente a voz do Senhor, mas muitos descobriram que a voz que os admoesta ao despertar ou em momentos de necessidade é uma voz fiável.

Por exemplo, Sócrates falou muitas vezes do seu daimon, que o guiara em momentos críticos da sua vida. Sempre que estava prestes a tomar um caminho errado, o seu daimon pronunciava um «não» restritivo. Depois de

Sócrates ter sido condenado à morte pelo tribunal ateniense, quando os amigos lhe suplicaram que fugisse da cidade, ele respondeu que, ao aceitar a sentença, o seu daimon não dissera «não» e, por isso, entendeu que o melhor era beber a cicuta, como decretado.

As vozes que dirigiram Joana d'Arc são tão conhecidas quanto a história da espetacular liderança da rapariga e da sua morte cruel. No século XVIII, William Cowper foi notado pelos seus poderes clariaudientes e testemunhou ter ouvido vozes que descreviam, antes de acontecerem, os acontecimentos mais importantes da sua vida. Muitas pessoas de génio relatam esta experiência, mas também o fazem muitas de menor dotação.

Nem todas as experiências clariaudientes têm significado, e é um erro tentar atribuir-lhes significado só por serem paranormais. Um dia estava sozinho na minha casa da Flórida, a fazer uma sesta, quando fiquei irritado e perplexo por ouvir trechos de uma conversa indistinta a decorrer ali mesmo, na sala de estar onde eu dormia. Por fim, sonolento, apercebi-me de que estava a ter uma experiência clariaudiente. Escutando com mais atenção, tomei consciência de que uma voz era a de um estranho e a outra a minha. E, no entanto, eu só ouvia claramente palavras incoerentes, como «negócio»… «empreiteiro»… «assinar»… e outras.

Então veio uma ordem da segunda voz: «Acorda, Arthur. Há um homem a aproximar-se da casa!» Acordei abruptamente, levantei-me de um salto e vesti um robe, e estava a pentear o cabelo quando a campainha tocou. Era um empreiteiro de telhados, a angariar trabalho. Como o meu telhado estava em bom estado, o meu primeiro impulso foi repreendê-lo por me ter interrompido a sesta. Contudo, como ele tinha feito parte da minha experiência clariaudiente, agradeci-lhe e fiquei com o cartão — e ouvi-me a prometer que lhe ligaria mais tarde, provavelmente depois do próximo furacão.

O *Cincinnati Post* publicou uma vez uma história sobre uma experiência clariaudiente que tive enquanto estava nessa cidade. Eu tinha deixado marcado, no meu hotel, o Gibson, um telefonema de despertar para as 8:00 da manhã de segunda-feira, mas acordei um pouco antes dessa hora e fiquei deitado à escuta do telefone. Tocou e disseram-me que eram oito horas. Depois, mesmo quando eu pendurava o auscultador, ouvi uma voz a dizer-me que o meu Tio John tinha morrido mais cedo nessa manhã. Eu não tinha nenhum Tio John, mas no meu prédio de apartamentos em Nova Iorque vivia um excelente e velho senhor a quem eu chamava Tio John. Quanto mais pensava na mensagem, mais preocupado ficava, por isso liguei para casa, em Nova Iorque, e perguntei se havia algum problema com o Sr. Riley.

Responderam que ele tinha morrido à 1:45 da manhã e que estavam mesmo a preparar-se para me enviar um telegrama. Quando um repórter de Cincinnati soube do incidente, enviou um telegrama ao *New York Telegram* e perguntou se um John Riley tinha morrido no Hospital St. Luke's e a que horas. O *Telegram* respondeu que ele tinha morrido à 1:00 da manhã. O repórter pediu-me então uma autorização assinada que lhe desse permissão para verificar os meus telegramas recentes de entrada e saída e as chamadas interurbanas. Quando a investigação o convenceu de que eu não recebera nenhuma notícia sobre o Tio John, exceto por via psíquica, ele escreveu a sua história sobre clariaudiência.

Incidentes de precognição, ou conhecimento antecipado, enchem-me a pena. Uma mulher que vivia numa cidade onde nunca tinha visto um esquilo sonhou que era mordida por um esquilo raivoso e assim relatou o sonho; poucos dias depois, um esquilo raivoso apareceu do nada e mordeu-a, e ela teve de levar injeções contra a raiva. Um homem, acordado, viu subitamente a si próprio a fazer uma viagem num carro Pullman com um nome peculiar, um porteiro albino e uma bandeira drapeada sobre uma janela. Poucos dias depois, inesperadamente, fez a viagem e os detalhes eram exatamente como os tinha visto.

Eu próprio tive bastantes experiências precognitivas, sobretudo em sonhos. Na verdade, estou inclinado a acreditar que cerca de 25 por cento do material dos nossos sonhos é precognitivo, mas fragmentado e impreciso nos pormenores, de modo que os elementos de precognição não se registam a menos que estejamos a acompanhar os nossos sonhos e a observar a sua relevância.

Em transe, por vezes tenho clarividência precognitiva que não está presente no estado de vigília. No outro dia, um homem escreveu-me que nunca deixara de ser grato a Fletcher, porque, em plena depressão, quando estava a receber assistência social, Fletcher lhe dissera para arranjar emprego numa agência de seguros, insistindo que ele tinha talento nessa área e que em breve subiria na organização. Era um campo que o homem nunca considerara. Mas arranjou o emprego, progrediu, tem desfrutado de cada ano do seu trabalho e agora considera-se um homem rico tanto em dinheiro como em satisfação pessoal.

A pós-cognição é, na minha observação, uma faculdade mais rara do que a precognição, mas conheci várias pessoas que tiveram experiências pós-cognitivas. Dois homens a atravessar as planícies abertas do Nebraska viram subitamente índios em pleno traje de guerra; tão nítidos eram que ambos exclamaram em voz alta e apontaram simultaneamente para a janela. Um

segundo depois não havia índios; outros passageiros, olhando pelas janelas, não viram nada. Mas o revisor atestou que aquele local tinha sido um antigo acampamento Pawnee cerca de setenta e cinco anos antes; sabia-o pela história do seu avô… Um amigo viu um navio a afundar-se em pleno oceano. É claro que não havia navio algum, mas ele foi capaz de o descrever em pormenor e uma investigação persistente revelou que um navio com essa descrição tinha desaparecido num tromba-de-água, aproximadamente naquele local.

Alguns sonhos transmitem informação de forma indireta. Por exemplo, nos tempos em que eu bebia mais do que devia, muitas vezes extraviava dinheiro. Numa ocasião, desapareceu uma nota de cem dólares. Eu tinha a certeza de que estava no meu quarto de hotel, mas onde a tinha escondido era algo que eu não conseguia imaginar. Nessa noite, tive um sonho tão vívido com um conhecido chamado George Baker que, de manhã, decidi telefonar-lhe. Pegando na lista telefónica de Manhattan, procurei o nome e, ali, entre as páginas dos Baker, estava a minha nota de cem dólares. Um truque elegante do subconsciente.

A minha amiga Louise Richardson teve um sonho de natureza semelhante. Ela usa um anel composto por três aros separados de ouro, os dois aros exteriores engastados com rubis e o aro central e maior engastado com pérolas. À noite, coloca-os em linha sobre a cómoda. Numa manhã, o aro de pérolas tinha desaparecido, embora os outros dois estivessem nos seus lugares habituais. Ninguém além do marido estivera no apartamento e ele sabia que não tinha tocado nos anéis. Ela ficou fora de si durante vários dias, pois os anéis eram relíquias de família e insubstituíveis. E então, numa noite, sonhou com um rapaz bonito, talvez com doze anos.

Perguntou-lhe o nome e ele respondeu que era Hassett. Quando ela perguntou onde vivia, ele disse que não sabia o número, mas que o seu lugar ficava no canto noroeste da Fitzgerald Avenue, em Rugby. Ela acordou e ficou a pensar. Não conhecia ninguém chamado Hassett. Conhecia, isso sim, um subúrbio chamado Rugby na sua cidade natal, mas não conhecia nenhuma Fitzgerald Avenue. Por fim, foi buscar a lista telefónica. O diretório metropolitano de Chicago estava numa prateleira baixa entre os diretórios dos subúrbios e o diretório classificado.

Ela procurou Hassett — e ali, a envolver o nome, estava o seu anel. Pelo menos, estava no canto noroeste do livro, tal como ele repousava na prateleira. Teria o anel sido transportado para aquele lugar? Teria o nome Fitzgerald algum significado se ela conhecesse toda a história do anel? Seja como for, o sonho transmitira informação.

Próximo do estado de sonho está, claro, o transe. Aqui, a minha própria experiência conta milhares de casos e suponho que conheça uma centena ou mais de pessoas cuja mediunidade em transe oferece material verídico. Por vezes, o conhecimento em transe revela-se através da escrita automática. Estou certo de que devo conhecer mil pessoas que «fazem escrita automática», em transe ou fora dele. Por vezes, a capacidade de escrever assim surge de forma bastante súbita, sob a forma de um impulso quase incontrolável para se sentar e escrever; mas, mais frequentemente, é a segunda etapa do desenvolvimento psíquico, após o uso de uma tábua Ouija. Por vezes, tem de ser cultivada.

Por exemplo, Dexter C. Buell, diretor do *The Railway Educational Bureau* de Omaha, Nebraska, decidiu desenvolver o dom depois de ter conhecido, na Nova Inglaterra, um médico cuja escrita automática parecia fiável. Buell sentava-se à secretária segundo um horário regular, durante um curto período todos os dias, ao longo de várias semanas, antes de o lápis mostrar qualquer inclinação para algo mais do que alguns rabiscos gerais em letra Spencerian; depois começaram a surgir letras vagas; algumas palavras; e, por fim, mensagens de um filho que tinha morrido aos 21 anos. A soma dos escritos ao longo de vários anos é um corpo de material consistente, inteligente e altamente interessante sobre a natureza da vida após a morte.

Alguma escrita automática parece ser uma mistura dos conteúdos do subconsciente com informação que a mente do sujeito não poderia normalmente ter disponível, e alguma é de elevado grau de fiabilidade, quer seja aceite como ditada por uma inteligência exterior, quer como discernimento da mente libertada do próprio sujeito.

A ação paranormal difere da cognição paranormal por ser observável aos olhos ou ouvidos de toda a gente numa sala. Em regra, o movimento de objetos de modo característico depende da ação muscular de alguém. Os livros não andam pela sala, nem as moedas se atiram a si mesmas. Contudo, já vi objetos moverem-se sem agente e observei levitação. Os efeitos poltergeist são outra matéria. As batidas, pancadas, movimentos sem sentido de objetos visíveis e invisíveis e coisas semelhantes foram experimentados por muitas pessoas cuja palavra não posso pôr em dúvida, bem como por figuras históricas cuja palavra também não posso pôr em dúvida.

Quem tiver lido os muitos volumes dos diários e cartas de Wesley está familiarizado com a interferência poltergeist — quase chegando por vezes à perseguição — que a família experimentou.

No início, as perturbações psíquicas na Reitoria de Epworth, onde o Rev. Samuel Wesley era pároco da igreja em 1716, foram atribuídas a travessuras e, depois, ao diabo. Mas a mãe de John Wesley discordava dessas explicações. Tivera um irmão, ao serviço da Companhia das Índias Orientais, que desaparecera e de quem nunca mais se ouvira falar; e ela e as suas sete filhas davam por adquirido que estes fenómenos estavam ligados a esse irmão, a quem chamavam Old Jeffrey.

Em 12 de Janeiro de 1717, a mãe de John Wesley escreveu:
«Uma noite fez um barulho tal no quarto por cima das nossas cabeças, como se várias pessoas estivessem a falar; depois correu escadas acima e abaixo, e esteve tão desatinado que pensamos que as crianças ficariam assustadas; por isso, o teu pai e eu levantámo-nos e descemos às escuras para acender uma vela. Mal chegámos ao fundo das escadas largas, de mãos dadas, do meu lado pareceu como se alguém tivesse despejado um saco de moedas aos meus pés e, do lado dele, como se todas as garrafas debaixo das escadas (que eram muitas) tivessem sido despedaçadas em mil bocados.

Atravessámos o átrio para a cozinha, conseguimos uma vela e fomos ver as crianças. Na noite seguinte, o teu pai pediu ao Sr. Hoole que dormisse em nossa casa e ficámos todos sentados juntos até à uma ou duas da manhã, e ouvimos as pancadas como de costume. Às vezes fazia um ruído como o de dar corda a um espeto; e outras vezes, como nessa noite em que o Sr. Hoole estava connosco, como um carpinteiro a aplainar tábuas; mas, na maioria das vezes, batia três vezes e parava e depois outras três, e assim por muitas horas seguidas.»

Hetty Wesley relata que ouviu «algo como um homem com uma camisa de noite larga a arrastar-se atrás dele» a descer as escadas atrás de si. Os ruídos respondiam pancada por pancada e surgiam em qualquer parte da casa. Durante as orações em família, ao serem pronunciados os nomes do rei Jorge e do Príncipe, as pancadas tornavam-se muito agitadas. O Rev. Samuel Wesley tentou falar-lhes, mas a única resposta que recebeu foram «dois ou três guinchos fracos, um pouco mais altos do que os chilreios de um pássaro, mas não como a voz de ratos, que eu já muitas vezes ouvi».

Nancy Wesley foi uma vez erguida com a própria cama onde estava sentada. Saltou da cama e disse que, certamente, Old Jeffrey não haveria de fugir com ela. Com medo, sentou-se de novo na cama, e então a cama foi levantada várias vezes a uma altura considerável. Os Wesley tinham um cão mastim que gemia sempre de terror quando estas coisas aconteciam e se aninhava junto das pessoas da casa.

As cartas e o relato publicado de Susannah, Emilia e Molly Wesley contêm estes comentários:

«Ouvimos um grande estrondo, como se um pedaço de metal sonoro tivesse sido atirado lá fora, junto ao nosso quarto. Respondia à minha mãe se ela batesse com o pé no chão e lhe ordenasse… Ficava mais alto e feroz se alguém dissesse que eram ratos ou devido a causas naturais… Os sons, muito frequentemente, pareciam estar no ar, a meio do quarto… Nunca vinha de dia até que a mãe mandasse tocar a buzina. [Isto refere-se a uma buzina que a Sra. Wesley mandou tocar em todos os quartos com a ideia de assustar qualquer entidade intrusa.] … Depois disso, quase ninguém conseguia ir de um quarto para outro sem que a lingueta fosse levantada antes de lhe tocarem…

Quer o relógio estivesse certo ou errado, vinha sempre, tanto quanto se podia calcular, por volta de um quarto para as dez da noite… O quarto tremia à medida que passava, e as portas sacudiam-se extraordinariamente, de modo que o bater das linguetas era muito alto… As crianças estavam a dormir, mas ofegavam, tremiam e suavam abundantemente… O meu pai conjurou-o, mas parecia não fazer caso, e ele enfureceu-se e chamou-lhe diabo surdo e mudo e voltou a conjurá-lo para falar. Depois de o ter feito, bateu na cabeceira da cama com tanta força como se a quisesse fazer em estilhaços… O Rev. Sr. Hoole (Vigário de Haxey) leu orações uma vez, mas as pancadas continuaram como de costume nas orações pelo rei.»

Uma vez que se começa a acompanhar relatos de fenómenos poltergeist, eles parecem menos raros do que se poderia supor, mas o valor do registo depende da veracidade, da formação e do carácter geral de quem relata.[1]

[1] À medida que este livro chega à fase de provas tipográficas, os jornais estão a destacar relatos de fenómenos poltergeist envolvendo uma família num subúrbio de Long Island, Nova Iorque.

Entre as variedades de interação psicofísica, uma das mais comuns é a leitura de bilhetes, em que o sensitivo segura na mão uma carta selada ou um papel dobrado e revela o conteúdo sem, naturalmente, olhar para o que está escrito. A minha leitura de objetos tende a ser mais exata quando estou em transe. Por exemplo, não há muito tempo, uma mulher aproximou-se de mim depois de uma reunião e estendeu-me um anel invulgar, pedindo-me que o psicometrizasse. Francamente, eu não estava com disposição e sugeri que mo trouxesse na reunião seguinte. Foi o que fez, mas esperou até eu estar em transe para mo apresentar. Fletcher anunciou, de forma perentória, que a

mulher a quem o anel pertencera originalmente tinha sido decapitada. Mais tarde, a atual proprietária contou-me algo da história do anel; em tempos tinha pertencido a Maria, Rainha dos Escoceses.

Olga Worrall, de Baltimore, é boa em psicometria. Um dia, uma amiga minha entregou-lhe um dos seus brincos de pérola e perguntou-lhe o que captava a partir dele. De imediato, Olga encolheu-se, parecendo mais pequena e um tanto curvada, e começou a falar um palavreado rápido, com muitas sílabas agudas e acentuadas. Olga disse: «A mulher que te deu este brinco é pequena e fala uma língua que eu não conheço. Vive do outro lado do mundo, tão longe quanto se pode estar sem começar a voltar para cá. Tem riqueza, mas está rodeada de pobres por quem o coração dela se comove, de modo que está sempre a repartir com eles.

Sofreu muito, parte disso por causa da guerra, penso eu. Deu-te estes brincos com verdadeiro amor e gratidão.» A minha amiga explicou então que os brincos lhe tinham sido oferecidos por uma pequena mulher chinesa em Macassar, na ilha de Celebes. A minha amiga sabe chinês e falara muitas vezes com a amiga chinesa. A chinesa vive na sua propriedade, mas durante a ocupação japonesa, quando tantos homens da sua própria família foram mortos, muitas pessoas pobres também perderam tudo o que tinham; por isso, ela deixou que construíssem cabanas na sua terra.

O facto de Olga Worrall também ter clarividência diagnóstica, além de conseguir discernir e descrever desencarnados que possam estar na sala, apoia a teoria de que um indivíduo que desenvolve clarividência numa direção pode, com treino, orientá-la para muitas direções.

Provavelmente nenhum outro fenómeno psíquico foi tema de mais histórias contadas à lareira ou provocou mais arrepios na espinha do que as aparições e assombrações. Este é também um tema que recebeu muita atenção crítica. Em 1886, a Society for Psychical Research, na Grã-Bretanha, publicou os resultados de um inquérito sistemático de doze anos sobre a realidade de aparições fantasmáticas, realizado por um comité de investigadores cuidadosos que entrevistou quase seis mil pessoas que afirmavam ter visto fantasmas.

O seu relatório foi cautelosamente resumido: «Entre a morte e as aparições existe uma ligação não atribuível apenas ao acaso. Consideramos este facto provado.» Outros estudos foram feitos no Continente e na América. Atualmente, o Dr. Hornell Hart, anteriormente da Universidade de Duke, está a recolher exemplos de fantasmas tanto de mortos como de vivos.

Muitas pessoas não se apercebem de que as aparições de vivos são mais comuns — talvez o dobro — do que as dos mortos, e de que foi feito bom trabalho experimental na produção de aparições; isto é, uma pessoa pode concentrar-se em aparecer a um determinado indivíduo noutro local e fazer-se «aparecer» ao sujeito que escolheu.

Comumente, a aparição de um desencarnado inquieto, preso à Terra, que continua a assombrar o local da sua própria morte ou do seu habitat, tentando transmitir uma mensagem sobre o modo como morreu, chama-se um fantasma. Mas toda a gente sabe que um fantasma é — ou não é! Fantasmas tiveram o seu papel na história e também os espectros — que geralmente são considerados aparições imaginárias, em contraste com a coisa real.

Plutarco regista sobre Bruto: «Pouco antes de deixar a Ásia, estava sentado sozinho na sua tenda, sob uma luz fraca, a altas horas. Todo o exército dormia em silêncio, enquanto o general, absorto em meditação, julgou perceber algo entrar na tenda; voltando-se para a porta, viu um espectro horrível e monstruoso, de pé, silencioso, ao seu lado. "Que és tu?", disse ele com ousadia. "És deus ou homem, e que queres de mim?" O espectro respondeu: "Sou o teu mau génio, Bruto! Ver-me-ás em Filipos." Ao que Bruto calmamente replicou: "Encontrar-te-ei lá." Quando a aparição se foi, chamou os seus servos, que lhe disseram não ter ouvido voz alguma nem visto visão alguma.»

O que se vê como sendo uma aparição é uma questão que intriga os investigadores. Numa sessão com D. D. Home, um dos maiores médiuns dos tempos modernos, um homem de curiosidade inteligente perguntou uma vez ao controlo de Home como é que as aparições se tornam visíveis. A resposta foi: «Por vezes fazemos passes sobre o indivíduo para o levar a ver-nos; por vezes fazemos aparecer a semelhança exata da roupa que usávamos e pela qual nos conheceste na Terra; por vezes projetamos uma imagem que tu vês; por vezes vês-nos como somos, com uma aura nebulosa de luz à nossa volta.» Se eu pudesse trocar a expressão «fazemos passes sobre o indivíduo» por «aumentamos o campo de energia em torno de um indivíduo», e trocar «fazemos aparecer a semelhança exata» por «moldamos ectoplasma na semelhança», então eu diria que vi todos esses métodos de manifestação.

Além disso, eu próprio tive um encontro com um fantasma, e numa casa de campo inglesa, precisamente onde um encontro desses deveria ocorrer. Passei um fim-de-semana com uma velha senhora divertida, Lady Elizabeth Mosley, que me disse que me tinha posto no seu quarto assombrado porque, claro, eu era uma pessoa que não tinha medo de fantasmas, convivendo

diariamente com eles, como eu fazia. O quarto que me deu era enorme; e também frio. Quando me meti na grande cama de dossel, puxei para cima um edredão de penas e também deixei a porta um pouco aberta para deixar entrar algum do ar mais quente do corredor. Essa extremidade do corredor não estava iluminada; que necessidade teria um fantasma de luz? Eu caí num sono profundo quando, de súbito, senti o edredão a ser puxado dos meus ombros. Não via ninguém ao lado da cama, mas, sem dúvida, uma mão tinha agarrado a roupa da cama. Tentei segurar o edredão no lugar o melhor que pude, mas a Coisa puxou com mais força e, por fim, a coberta foi literalmente arrancada das minhas mãos, flutuou para fora da porta e arrastou-se pelo corredor.

Depois de uma noite muito agitada, desci para o pequeno-almoço já tarde. Ao entrar na sala, um outro hóspede, um cavalheiro irascível e decidido, estava a contar que, tendo regressado de uma reunião na noite anterior já muito tarde, encontrara a sua cama com poucos cobertores e ficara gelado até aos ossos. Por isso, tinha avançado furtivamente pelo corredor escuro até ao velho quarto assombrado e tirara um edredão de penas da cama desocupada. Então eu disse-lhe que, no processo, ele também me tinha tirado dez anos de vida.

O tema dos apports suscita tanta controvérsia quanto qualquer outro interesse psíquico — sendo um *apport* um objeto materializado diante dos olhos. Já ouvi pessoas contar que, em momentos de necessidade, lhes apareceram objetos valiosos. Uma mulher — uma mulher estimável, ainda por cima — insiste que, repetidas vezes, lhe apareceram moedas no chão ou na sua caixa de chapéus quando precisava desesperadamente de dinheiro para ajudar alguém necessitado. Esse dinheiro, diz ela, traz sempre a data de alguma moeda que foi declarada perdida pelo governo, pois verificou alguns desses dólares de prata e moedas de ouro. Eu era tão cético quanto qualquer outro em relação a tais fortunas fortuitas, até ter eu próprio uma experiência peculiar em Inglaterra, nos finais dos anos vinte.

Um pequeno grupo de nós reuniu-se em casa de Catherine Barkel. Estavam Sir Arthur Conan Doyle e Lady Doyle, Hannen Swaffer e a sua mulher, a Sra. Stobart, Francis Fast e eu. A própria Catherine Barkel era a médium e nós sentámo-nos no relvado, em pleno dia. Ela entrou rapidamente em transe e um dos presentes segurou-a pelo pulso. Em breve, o seu guia indiano assumiu o controlo e disse que as «pessoas pequenas» tinham trazido certos objetos de valor que se tinham perdido em navios afundados no mar, ou de outras formas. De imediato, na mão livre da Sra. Barkel, pousada aberta no colo, apareceu uma pedra preciosa para cada um de nós. No dia seguinte,

Doyle levou-as a um joalheiro, que as avaliou em várias centenas de libras. Não houve fraude. A Sra. Stobart mandou colocar o seu diamante num medalhão, que usou enquanto a conheci. Os outros receberam uma ametista, uma esmeralda ou um rubi, e o meu era uma granada antiga, que mais tarde também mandei engastar.

Vi a colecção de velhas colheres de prata de Swaffer, que foram largadas no meio do chão da sua sala de estar do mesmo modo. Numa ocasião, quando a Sra. Swaffer quis que as colheres fossem marcadas com iniciais — eram todas colheres lisas, de desenho simples — um pedaço de cortiça, marcado com um S, flutuou para baixo. É certo que tais coisas não poderiam acontecer num mundo governado pelas leis tal como hoje as compreendemos, mas aconteceram.

Certamente, entre as manifestações psíquicas, teriam de ser incluídas algumas das proezas do hatha-ioga. Certos iogues fazem passar ganchos farpados pelos pulsos, penduram neles braseiros de carvões em brasa, carregam os carvões durante horas numa procissão e, depois, retiram os ganchos dos pulsos sem deixar ferida nem cicatriz e sem qualquer sinal de a pele ter ficado avermelhada pelo calor dos carvões. Na minha viagem à Nova Zelândia, vi também caminhantes do fogo das Fiji. Numa cerimónia anual, atravessaram um fosso de quarenta pés de carvões ao rubro e não se queimaram, embora o calor que subia do fosso mantivesse os espectadores afastados a trinta pés. Para mim, pareceu óbvio que estavam hipnotizados, mas não sei se pelo sacerdote ou num estado de transe autoinduzido.

Quando o Dr. Walter F. Prince dirigia a experimentação da American Society for Psychical Research, mandou fazer-me certos testes fisiológicos enquanto eu estava em transe. O reflexo habitual do joelho estava ausente, o que inquietou um dos médicos presentes. Disse que um sujeito poderia ter o mesmo reflexo se tivesse sífilis, pelo que tive de fazer um teste de Wassermann e repetir a demonstração antes de ele concluir que o próprio estado de transe inibia certas reações nervosas habituais.

A cura não médica, conhecida como cura espiritual, é uma forma de interação psicofísica regida por leis que, por agora, não compreendemos melhor do que compreendemos os métodos de produzir *apports*. Uma força parece atuar sobre a matéria viva para operar uma mudança — mas que força, e por que razão apenas em certas pessoas? Homens perspicazes procuram respostas. Um amigo meu viu Julius Weinberger, da equipa de investigação da Radio Corporation of America, tentar detectar uma chamada força curativa, que parece emanar das mãos de Ambrose Worrall, engenheiro consultor da Martin Aircraft Company, em Baltimore, e do Dr. Michael Ash, de

Londres. Como as experiências sobre esta força ainda estão em curso, não cito as conclusões provisórias; mas, em algumas pessoas, em certos momentos, há uma corrente suficientemente forte para desviar a agulha de um íman. Foi avançada uma teoria segundo a qual certos curadores atuam como pólo positivo face ao doente, que atua como pólo negativo na troca de energia, e vice-versa; assim, curadores cuja força é positiva podem ter grande sucesso com certos doentes e nenhum com outros. Outros que estudam a questão consideram esta teoria relevante, mas simplista em excesso.

Concordam que cada célula do corpo é uma bateria elétrica mas, ao mesmo tempo, sustentam que cada célula utiliza uma energia vital, de natureza magnética, conhecida entre povos orientais como *prahna*, uma força mais manipulável do que a eletricidade, mais facilmente atraída do próprio universo. É sobretudo esta força, consideram eles, que o curador consegue dirigir ao órgão necessitado, ou, através da glândula pituitária, ao indivíduo como um todo. Além disso, um doente pode atrair esta força sem a ajuda de um curador, se estiver consciente desse facto.

É um campo em que é necessário muito mais estudo. Com a ênfase atual da medicina nos elementos psicossomáticos da cura, mais médicos se sentem justificados em manter a mente aberta, até mesmo em experimentar neste domínio. Testemunho disso são os cinco seminários sobre cura espiritual realizados em Wainwright House, em Rye, Nova Iorque, todos eles com a presença de médicos e médicas distintos, assim como de pessoas que trabalham diretamente no campo da cura espiritual. Até hoje, demasiados curadores não médicos exageraram reivindicações e ressentiram-se de exames médicos aos seus doentes e, ao mesmo tempo, demasiados médicos recusaram reconhecer a cura não médica, mesmo quando ela é tão evidente como qualquer cura produzida pela medicina ou pela cirurgia.

Conheço muitas pessoas a fazer cura espiritual eficaz: algumas através do canal ortodoxo da imposição de mãos, do uso de óleo santo, de uma bênção especial com a participação na Eucaristia; algumas através de uma fórmula simples concebida pelo próprio curador; algumas — como no caso de Ambrose Worrall — sem qualquer fórmula, cerimónia ou teoria. As pessoas são curadas; a doença de que padeciam antes da cura não regressa. Existem muitos estudos de caso e, embora a maioria esteja insuficientemente documentada, alguns — como os mantidos pela equipa de curadores do Dr. Leslie Weatherhead, no City Temple, em Londres — têm históricos médicos meticulosamente registados.

Em 1945, eu estava em Fort Lauderdale, na Flórida, com uma palestra marcada para um grande público, quando desenvolvi uma laringite grave. Na

noite da palestra sentia-me demasiado doente para subir a uma tribuna e, além disso, a minha voz não passava de um guincho. Os responsáveis pela reunião ficaram desesperados, pois sabiam que muitas pessoas estavam a conduzir muitos quilómetros para assistir; se eu pudesse ao menos fazer clarividência em aberto, ainda que pouco, o público perceberia que se tentara tudo. Por fim, consenti em aparecer, ainda que fosse só para provar que não conseguia falar. Foi contratado um palestrante substituto.

Quando cheguei ao local, um desconhecido veio aos bastidores e perguntou-me se eu permitiria que um curador espiritual, Clinton Stone, me curasse. É claro que eu ficaria encantado por ser curado, mas achei o tempo curto e o caso um tanto teimoso. O desconhecido trouxe o Sr. Stone para a sala — um homem tranquilo, com um ar de serenidade e calma espiritual. Cumprimentou-me com segurança, não fez perguntas, colocou a mão sobre a minha garganta e disse-me para relaxar. E, enquanto falava, senti a minha garganta a relaxar e, depois, a formigar de vitalidade. O Sr. Stone disse: «O Dr. Stearns diz que agora está tudo bem.» E estava mesmo. Subi ao palco e falei com facilidade durante quarenta e cinco minutos, seguidos de meia hora de clarividência.

Desde então, tenho encaminhado, e enviado, muitas pessoas para Clinton Stone. Muitas foram curadas por completo e tenho um dossier com os seus testemunhos; todas foram ajudadas. A parceria Stone e Stearns — sendo Stearns o membro desencarnado — é eficaz.

A sensação de vitalidade que senti sob as mãos do Sr. Stone parece ser um sinal deste tipo de cura. Muitos disseram-me que, depois de Ambrose Worrall lhes fazer um tratamento, sentem a mesma reação. Muitas vezes, com Worrall, um único tratamento produz uma mudança espetacular; noutras ocasiões, a cura exige uma série de tratamentos. Por vezes, não há cura. Worrall afirma que a idade, o sexo e a gravidade da doença não fazem diferença, nem a presença ou ausência de um sentimento de empatia; mas, ao mesmo tempo, há pessoas para quem ele sabe de imediato que nada pode fazer — não necessariamente os particularmente ou irremediavelmente doentes, mas apenas «certas pessoas». Não tem teoria para apresentar, apenas muitos factos registados, e espera, a partir deles, vir a deduzir uma teoria provisória.

Em todo o campo psíquico, a crença popular não espera pelos factos, mas antes por uma hipótese de apoio aceitável quanto à natureza do homem e da matéria.

Se todas estas pistas, impulsos e conclusões mediadas por amigos desencarnados apontam na direção certa, então, em potência, todos são psíquicos. É um facto que eu suspeitava há anos.

CAPÍTULO 17
17 Expansão da Consciência

Basta um único caso para provar que a consciência opera livre do corpo. Para a observação científica, um caso pode ter interesse, mas, para fins práticos, a consciência expandida precisa de ser reprodutível, fiável e suscetível de direção.

Na minha experiência, a expansão da consciência pode ser desenvolvida. Por outras palavras, as faculdades psíquicas podem ser induzidas e treinadas. As minhas faculdades psíquicas esporádicas foram treinadas. Despertei e treinei outras pessoas. Talvez «disciplinei» seja uma palavra melhor. Além disso, existem regras para essa disciplina. Algumas tropecei nelas, embora sejam conhecidas há milhares de anos; outras foram-me ensinadas. Não há nada de original nelas. São as leis que operam em qualquer tempo e em qualquer lugar. Podem ser formuladas de modos diferentes para se adequarem a culturas diferentes, mas, como quer que sejam enunciadas, produzem resultados quando são seguidas.

É importante que a consciência se expanda. A raça precisa de viver no contexto mais amplo de compreensão que as faculdades psíquicas permitem. Além disso, suspeito que um indivíduo só pode alcançar plena maturidade quando a sua consciência se expande. Um homem com dons psíquicos, se as suas faculdades forem fiáveis e se estiver livre de interesse próprio, pode ajudar os seus semelhantes de formas como nenhum outro pode ajudar.

Os jovens são constantemente instados a entrar em áreas de serviço, como a medicina, o ministério, as ciências sociais e semelhantes. Depois de uma vida de observação das necessidades humanas, acredito que os jovens também deveriam entrar neste campo; especialmente jovens instruídos, que saibam o que significa disciplina noutros domínios e que tragam a sua formação para este novo empreendimento.

Há alguns pré-requisitos.

Quem quiser treinar-se para o desenvolvimento psíquico tem de abordar a tarefa com um ego não turvado. Outras áreas de serviço têm o seu juramento hipocrático, as suas promessas, a sua abnegação subscrita, mas as pessoas podem ter sucesso profissional e contornar as suas promessas.

Neste campo, desviar-se do objetivo significa derrota final. É certo que pessoas egoístas podem progredir, mas apenas até certo nível, e correm riscos graves. O conhecimento da alma destina-se a quem se ocupa de almas. Se o conhecimento não usado é pecado, então também o é adquirir discernimento para fins que não os seus propósitos intrínsecos.

Quem quiser treinar-se psiquicamente tem de ser capaz de esforço sustentado. Esforços espasmódicos são piores do que nenhum.

Uma mente aberta também é importante, mas uma natureza aberta é mais importante; é esta clareza de que falam os santos e que o cientista conhece, pelo menos em relação ao seu trabalho. É preciso alinhar, desde o início, com a verdade na ação, na fala e na atitude. Um detetor de mentiras regista a falsidade porque o mecanismo psicofísico regista o desvio, mas um estudante nem sempre sabe, conscientemente, quando se afastou da verdade. Em qualquer caminho da vida, a capacidade de discernir a verdade é rara, e a capacidade de dizer a verdade é ainda mais rara. No trabalho psíquico, este cuidado no trato com a verdade é uma necessidade, se alguém espera algum dia ter visão aberta.

Trabalhar com um professor é uma ajuda tremenda. Há correções a fazer nos hábitos de trabalho e também no próprio estudante, que um professor assinalará. Corrigir é uma matéria delicada, mas também uma matéria severa. Outra grande utilidade de um professor é a sua capacidade de perceber quando um estudante se está a forçar, tentando avançar depressa demais e, assim, a atrasar o progresso.

Porém, sobretudo, um professor é alguém que mostra o caminho, e um estudante que o observa encontrará encorajamento de formas subtis. Naturalmente, é possível treinar sem professor. Alguém o terá feito pela primeira vez! Agora percebo que estes eram alguns dos pontos que Swami Yogananda tentava transmitir-me e agora sei que teria ido mais longe, mais depressa e teria poupado enorme sofrimento se tivesse entendido o que ele queria dizer. Por isso, agora tento transmitir os mesmos pontos aos meus alunos — ocasionalmente com sucesso.

O desenvolvimento psíquico tem de avançar em três níveis ao mesmo tempo — corpo, emoção, mente. Os três componentes não podem ser separados, mas devem ser trabalhados de forma independente. Nenhum dos três se pode dar ao luxo de ficar para trás, ou os outros dois não podem prosseguir.

Primeiro, ao nível do corpo. Agora acredito que a disciplina do corpo é a mais difícil, se incluirmos todos os apetites do corpo. Nesta vida, e por boas

razões, o treino do corpo faz parte da expansão da consciência. O corpo tem de ser tornado apto a sustentar a mente em desenvolvimento e as emoções refinadas; se não for tornado apto, então todo o projeto fica aquém na medida da inaptidão do corpo. Uma pessoa gorda pode tornar-se psíquica, mas seria melhor psíquica se emagrecesse; uma pessoa emagrecida pode tornar-se psíquica, mas sustentaria melhor o esforço se estivesse bem nutrida. Uma pessoa tensa, porém, está sob a maior desvantagem de todas. Nunca conheci uma pessoa tensa que fosse um psíquico fiável.

Todo o estudante que queira desenvolver-se psiquicamente tem de aprender a relaxar.

Os requisitos para este tipo de relaxamento são dois: o estudante tem de estar confortável; tem de manter a coluna direita. Muitas vezes, os dois requisitos parecem impossíveis de cumprir ao mesmo tempo. Se a coluna não está habituada a estar direita, insistir para que se mantenha direita é pôr músculos pouco usados sob tensão e ficar desconfortável, logo tenso. Se este for o dilema do estudante, fará bem em adiar o passo seguinte até pôr a coluna em melhor forma. Contudo, pode começar antes de ter postura perfeita.

Idealmente, no início de cada sessão, a pessoa passará algum tempo a soltar e a alongar-se até sentir o corpo como algo poroso, feito de átomos que estão imensuravelmente afastados e livres no espaço. O corpo não é sólido e compacto; a sua matéria não está comprimida. Essa abertura tem de ser sentida cinestesicamente antes de ficar tão maleável quanto precisa de estar. Quando o estudante sente a própria maleabilidade e consegue estar confortável mantendo a coluna direita, então já não importa muito se está deitado, sentado ou de pé.

O relaxamento tem, em última análise, de ser completo. Tem de estender-se desde as pontas dos dedos dos pés até aos folículos capilares no topo da cabeça; mas nenhum desses é o melhor lugar para começar a relaxar. Os olhos são, provavelmente, a primeira consideração. Quem consegue relaxar os olhos consegue relaxar. Deixe-os sentir-se soltos; deixe as pálpebras cair até parecerem pesadas, sem resposta. Os próprios olhos movem-se facilmente no globo ocular, como folhas a roçar suavemente a superfície de um lago; depois deixam de se mover; por que haveriam de mover-se? Estão relaxados.

O nariz está relaxado; o nariz inquieto e inquisitivo descansa. A boca já não responde; está fechada, levemente, e contente por ficar fechada para sempre. As faces relaxam, o que significa que as orelhas também; as orelhas

sentem-se tão grandes e moles como as orelhas de um spaniel adormecido; caem; repousam suavemente contra o pescoço. Todas as feições se largam preguiçosamente. A testa já não está enrugada; como poderia estar, com as orelhas relaxadas? O couro cabeludo é grande demais para o crânio, como qualquer tentativa de o enrugar provaria, mas está demasiado relaxado para enrugar.

Depois da cabeça, o pescoço e os ombros. Os ombros rígidos e voluntariosos! Os ombros que carregaram tantos fardos que não eram deles; os ombros que abriram caminho com cotoveladas e empurrões por tantas multidões e apertos! Agora estão demasiado relaxados para se lembrarem. Os músculos que mantêm o esterno para trás, as omoplatas para fora e os braços no lugar — todos eles relaxam.

Depois, os pés. Lá em baixo, tão longe, os pés. O dedo mindinho tenso e encolhido, os dedos do meio meio esquecidos; ganham vida ao soltarem-se. Cada lado do pé; ambos os pés. Cada perna, à volta toda, por dentro e por fora; os joelhos sobrecarregados; as nádegas subaproveitadas; tudo relaxa. Depois, o tronco, músculo a músculo. É esta a forma sonolenta de aprender anatomia: soltando, segmento a segmento.

No processo de aprender a relaxar por completo, o estudante descobrirá a razão da necessidade do relaxamento: um indivíduo relaxado está desprendido. Não se sente preso ao seu corpo. Tem consciência do corpo apenas à distância, com uma sensação de paz pouco habitual. A mente não está amarrada por tensão ou dor. Contudo, ao desligar-se, a mente não fica necessariamente livre para empreendimentos proveitosos, porque o facto desconcertante é que, ao atingir-se um estado de relaxamento completo, o estudante, se estiver sozinho, provavelmente adormece.

Um jovem no nosso mundo ocidental quase sempre precisa de sono. Para este trabalho de desenvolvimento psíquico, tem de estar acordado, provavelmente com mais acuidade do que alguma vez esteve, mas não pode estar acordado até recuperar o sono em falta; o bom sono profundo e relaxado de que precisa.

Talvez durante uma semana, sempre que ele tente relaxar, acabe por adormecer. E então, um dia, ficará desanimado por adormecer sempre e ponderará ir deitar-se mais cedo, mas o arrastamento cultural sobre ele é muito forte. Como a maioria das pessoas que conhece, fica fora até tarde, conversa até tarde, estuda até tarde, come um lanche tardio e, por fim, em pura exaustão, dá corda ao despertador e cai na cama. Desfazer hábitos de anos e remar contra a corrente do costume exige mais coragem e mais

individualidade do que um estudante consegue, em regra, reunir. Mas o estudante que genuinamente quer expandir a consciência tomará os seus hábitos em mãos. Desenvolverá alguma curiosidade fisiológica e aprenderá a colaborar com as leis do bem-estar corporal. Aliás, mais vale fazê-lo, porque o seu progresso fica limitado se negligenciar o corpo, ou mesmo se o tratar com desdém.

Chegará o dia em que o estudante conseguirá relaxar e manter-se acordado. E então começará a aprender a respirar.

E porquê — é provável que pergunte — é que uma respiração especial é tão necessária? Ele desenrasca-se bem, sente ele, com o tipo de respiração que faz habitualmente. A resposta é que se desenrascará muito melhor quando aprender a respirar de forma plena e rítmica. A maioria das pessoas sem treino respira superficialmente; utiliza apenas parte da capacidade pulmonar. Poucos sabem expandir o diafragma de modo a exercitar o abdómen; as vantagens do uso regular dos músculos abdominais têm de ser vividas para serem apreciadas.

Alguns professores de respiração falam de respiração baixa, querendo dizer a expansão do diafragma inferior pelo uso dos músculos abdominais; de respiração média, querendo dizer a plena expansão das costelas; e de respiração alta, querendo dizer o enchimento dos lobos superiores dos pulmões, de modo que o ato de respirar é sentido até sob as clavículas. A atenção pode ser dirigida a qualquer uma destas formas de respirar, mas a melhor maneira de respirar durante o treino é cultivar a respiração plena, que as engloba a todas. A respiração plena garante um fornecimento adequado de oxigénio ao organismo e isso, por si só, melhora a saúde e aguça as perceções.

Não só a respiração precisa de ser plena como tem de ser suave, regular. Os mestres da respiração afirmam que, quando o sopro é controlado de forma uniforme, uma pena colocada sob o nariz não se mexerá.

A respiração plena e regular precisa também de ser rítmica. O ritmo é uma lei psicológica. O bater de um coração saudável é rítmico; o jogo dos músculos é rítmico; o ato de caminhar é rítmico, tal como o balanço dos braços e a ligeira rotação do corpo. O peristaltismo é rítmico; uma boa digestão é uma digestão rítmica. Mas o ritmo não é mais importante para nenhum destes processos do que para a respiração. Um estudante que respira ritmicamente está em sintonia consigo próprio; os seus órgãos são como instrumentos de uma orquestra a seguir a batuta.

Os professores de respiração desenvolveram muitas variedades de sopro, algumas úteis. Há uma respiração de limpeza, em que o estudante enche os pulmões e expulsa o ar pela boca com força, num sopro curto. Há a respiração sustentada, em que se conta até oito ao inspirar, retém-se a respiração por quatro ou oito tempos e, depois, expira-se em oito tempos. Por vezes, o número é multiplicado por dois ou por mais.

Embora a prática seja a chave da expansão psíquica, a discrição é, sem dúvida, a assinatura. Um «não» categórico aplica-se às formas mais complicadas de respiração que exigem prolongados períodos de pulmões vazios. Para treino avançado é necessário um professor e, como dizem os antigos, «quando o aluno está pronto, o mestre aparece». Isto não quer dizer que o treino avançado não seja importante. As formas mais puras de concentração só podem ser mantidas enquanto a respiração é sustida, e este feito pode ser aprendido.

Não importa apenas como se respira, mas o quê. Ar, claro; oxigénio para a combustão dos resíduos no sangue. Ar fresco, se possível; ar não contaminado pelos resíduos das nossas chaminés. Na atmosfera, dizem-nos, existem elementos vestigiais, até raios cósmicos, importantes para o nosso bem-estar. Mas também o ar inspirado ritmicamente, de forma uniforme, parece conter algo mais do que elementos que possam ser analisados quimicamente; algo extremamente vitalizante. No Oriente chama-se *prahna*.

Os estudantes do desenvolvimento psíquico depressa descobrem que a respiração rítmica tem um efeito peculiar em produzir um tipo peculiar de energia. O que essa energia é, é uma questão debatida. Seja qual for a sua natureza intrínseca, porém, sente-se como uma corrente, uma força definida, um agente vitalizante. E estimula o desenvolvimento psíquico. Na verdade, sem ela o desenvolvimento psíquico é impossível.

Depois de o estudante praticar respiração rítmica durante algum tempo, um dia sentirá este afluxo de vitalidade, como se o seu corpo, mesmo no estado mais inerte, estivesse a ser animado. Sente-o como uma força delicada de centralização, que parece integrar o corpo e aguçar as faculdades. Todo o seu organismo psicofísico tem um sentimento de expectativa, um sentido de poder latente.

Esta energia parece primeiro despertar a base da coluna, e depois subir ao longo da coluna, por vezes demorando-se em certos pontos, como um curso de água que pára para encher um poço antes de continuar a viagem. Se a coluna estiver direita, continuará para a cabeça e terminará atrás da testa numa ténue sensação pulsante que parece encher agradavelmente o crânio.

Por vezes, há então um despertar — ou pelo menos uma consciência definida — do plexo solar.

Enquanto a corrente sobe, o estudante sentir-se-á como se todo o seu ser estivesse em atenção aguda. Poderá ouvir um som que nunca ouvira antes — uma nota clara e ténue; alguns descrevem-na como a nota fundamental do indivíduo; outros, como a nota fundamental do universo. Poderá sentir como se estivesse a olhar através de um telescópio infinitamente longo e a ver um minúsculo ponto de luz brilhante, e saberá que essa luz tem um significado infinito.

Este é o momento de visualizar a sua própria necessidade, seja ela qual for, e elevá-la, como se estivesse a pedir ao universo que tornasse clara a resposta. Pode obter a resposta num lampejo de compreensão, ou num símbolo, ou numa frase. Ou pode obter, em vez disso, um sentimento de paz, de segurança; se for este o caso, é provável que lhe chegue uma resposta mais específica nas horas ou dias seguintes. A experiência será breve em duração e depois a corrente vital esmorecerá.

Por vezes, no período de prática do dia seguinte, a corrente vital será sentida apenas de forma ténue; e o estudante poderá dizer: «Hoje não aconteceu grande coisa.» Mas se continuar com os exercícios de relaxamento e respiração, em breve encontrará esta energia vital a surgir regularmente, capaz de sustentar a concentração por períodos cada vez mais longos. Todos os dias sairá do seu período de prática com uma nova vitalidade, como se estivesse ligado às correntes magnéticas do universo.

Os adeptos do Oriente chamam a esta corrente *kundalini* e muitos livros foram escritos sobre ela. Os ocidentais que a descobriram fizeram pouco em termos de documentação. É um assunto sobre o qual precisa de ser feito muito mais trabalho por pessoas da nossa cultura. Aqui, de novo, um professor vale mais do que todos os livros, mas, sem livro nem professor, qualquer pessoa que se proponha a isso pode encontrar o seu próprio caminho. Na verdade, qualquer um que pratique meditação acabará por tropeçar nestes factos básicos.

Ao aprender a relaxar, a respirar e a prestar atenção à corrente energizante, o estudante sábio não se forçará. Períodos curtos de prática são mais eficazes do que períodos mais longos em que a atenção não consegue manter-se.

Além disso, um estudante fiel dar-se-á conta de que está a alterar muitos dos seus hábitos diários. Tal como teve de recuperar sono antes de conseguir manter-se vividamente acordado, também descobre que precisa de cuidar da

sua nutrição. Alimentos pesados atrasam a respiração; comida em excesso torna-o resistente à corrente de ativação. Muitas vezes um professor atento fala de dieta cedo no curso, mas, mesmo que nunca a mencione, o estudante atento descobrirá que aquilo que come faz diferença. Descobrirá que o álcool e o desenvolvimento psíquico são incompatíveis, e digo-o apesar de eu ter bebido muito durante anos, enquanto ganhava a vida como médium em transe. Descobrirá também que o tabaco tolda a sensibilidade. Claro que pode decidir fumar na mesma, como eu fiz por vezes, mas então está a dizer que quer apenas tanta disciplina quanto seja confortável. Todos temos de enfrentar as implicações de carácter do treino psíquico. Por mais que tentemos esquivar-nos, as provas regressam vezes sem conta até serem enfrentadas. E então damos um passo de sete léguas.

Não só ao nível físico serão necessárias mudanças nos hábitos do estudante, mas também ao nível emocional. Descobrirá que, se estiver zangado ou mesmo ansioso, não consegue respirar fundo, de forma uniforme e rítmica. Tem de escolher entre emoções negativas e progresso; não pode ter ambos. Descobrirá também que não pode adiar o confronto com os problemas. Quando entra pela primeira vez em treino, os problemas podem parecer tornar-se mais agudos. Mas, no fundo, são apenas um problema — acertar contas consigo próprio e com as suas circunstâncias. E descobrirá que o vai fazendo com facilidade e clareza crescentes à medida que o treino avança para a fase seguinte — a disciplina da mente.

CAPÍTULO 18
18 Treino na Expansão

Quando tiver aprendido a relaxar e a respirar, o estudante está pronto para aprender a concentrar-se. Em certa medida, aprender a relaxar e a respirar já o ensinou a concentrar-se, pois nem o relaxamento adequado nem a respiração podem ser realizados sem uma direção rigorosa da atenção. Agora está pronto para aplicar a mente a coisas fora de si. Na sua derivação, a palavra «concentrar» significa pôr no centro. Ele está pronto para colocar alguma coisa, algum objeto, no centro da sua atenção e manter a atenção sobre o objeto escolhido.

Para começar esta fase do trabalho, um lugar harmonioso é uma vantagem. Com o tempo, conseguirá concentrar-se em qualquer lugar, a qualquer hora, mas, no início, compensa procurar condições harmoniosas, sem distrações. O estudante pode querer usar o seu escritório depois do expediente, quando as máquinas de escrever estão silenciosas e o telefone

deixou de tocar. Ou pode ser um quarto, mas um quarto arrumado; ou uma sala sossegada; ou um canto da cozinha. Uma boa aluna, lembro-me, costumava ir a uma igreja vazia e ali fazer a sua meia hora de concentração.

O passo seguinte é escolher um objeto e observá-lo. Um lápis, uma rosa, um anel, uma colher — qualquer coisa simples. Se o estudante escolher um lápis, então que o observe realmente. Que repare no comprimento, na espessura, na forma, na cor; na maneira como a borracha se encaixa na ponta metálica, no tamanho dessa ponta, nas suas ranhuras; na ponta, em como está afiada, no tom exato do grafite.

Depois de observar cuidadosamente esse lápis, está pronto para fechar os olhos e tentar recordar cada detalhe com nitidez. Uma mulher, numa altura em que estava num hospital, fez este exercício com a luminária acima da sua cama; levou duas semanas até conseguir recordar cada pormenor dessa luminária, incluindo o padrão da sombra que a própria luminária projetava sobre si e sobre o teto.

Após vários períodos de prática sobre as características do lápis, o estudante está pronto para se concentrar no significado do lápis. Para que serve um lápis? Cumpre a sua função? Aqui pode deter-se tão intensamente que se dá por si a inventar um lápis melhor! De que elementos foi feito o lápis? De onde veio o grafite? Que processo o trouxe debaixo da superfície da Terra até ao seu lugar no lápis? De onde veio a madeira? Como era a árvore, onde cresceu, quando foi cortada, qual foi o processo de fabrico até se tornar num lápis?

Ainda em concentração, deixe a imaginação entrar em jogo. Que o estudante olhe para o quarto do ponto de vista do lápis. A sua mão torna-se um enorme mecanismo de agarrar; ele próprio é um gigante. Outros objetos no quarto — cadeiras, mesas, candeeiros — assumem proporções diferentes. Um sofá almofadado é uma coisa terrível; quão fácil é escorregar para trás de uma almofada e perder-se. Os dentes afiados de um cão ou de uma criança são uma ameaça. Uma caneta é uma rival, um livro o produto da sua habilidade, um homem um árbitro do destino.

A imaginação dá lugar à empatia. Ora a empatia é uma qualidade de sentimento. Absorvido em concentração, o estudante começa a sentir com o lápis até o abranger; ele entrega-se. Se a identificação for suficientemente nítida, pode subitamente ver ou pressentir a pessoa a quem o lápis pertenceu anteriormente. Ou pode ver um incidente em que esse lápis entrou — a assinatura apressada de um testamento no leito de morte, o susto de uma criança no seu primeiro dia de escola. Que ele tome nota da impressão, mas

apenas de forma relaxada, com curiosidade suave. Este não é o momento de questionar ou analisar. Depois de terminado o período, poderá escrutinar as suas impressões. Se disserem respeito a alguém que conhece, poderá confirmar. Mas se a impressão parecer ter sido mal interpretada, não deve desanimar, pois pode ter sido mais exato do que pensa. Ou pode ter estado completamente errado. Ou pode não ter impressão alguma. Seja qual for o resultado, o passo seguinte é o mesmo: escolher outro objeto e repetir o processo. Observar, concentrar, identificar. Chegará o dia em que ele recolherá, a partir de algum objeto, informação que não poderia ter vindo por canais sensoriais. E este é o início da clarividência.

Nunca há um momento para deixar de praticar relaxamento, respiração rítmica e concentração, tal como nunca há um momento para um músico deixar de praticar escalas e arpejos. Mas há uma altura para avançar para objetos mais complexos do que um lápis. O anel de alguém, por exemplo, sobre o qual o estudante pode comparar impressão com facto; uma carta selada no envelope; um chapéu cujo dono é desconhecido, mas que pode mais tarde autenticar impressões; um livro com capa lisa; qualquer objeto que possa segurar nas mãos, ver, tocar, sentir o peso e a textura. Quando se encontrar a captar conhecimento a partir de objetos com alguma regularidade, tornou-se um psicometrista.

Há técnicas de grupo para trabalho em psicometria. Quando um estudante se vê a começar a ser clarividente, está pronto para se juntar a um grupo. Trabalhar com um grupo cedo demais é, em geral, um erro, a menos que o grupo seja escolhido com extremo cuidado e o professor seja hábil; e, mesmo assim, o trabalho básico de relaxamento tem de ser feito a sós. Um grupo de estudo deve ser composto por pessoas despertas, inteligentes e solidárias, de um mesmo propósito quanto a abordar a tarefa com vontade firme, mas que, ao mesmo tempo, se mantenham leves quanto ao empreendimento. Têm de conseguir aceitar o fracasso e o atraso com elegância despreocupada e, ainda assim, avançar sem hesitação.

Ao desenvolver a técnica da psicometria, os alunos podem cooperar proveitosamente em testes. Que alguém prepare envelopes nos quais se colocam amostras de substâncias simples, como açúcar, sal, cremor tártaro, pimenta, amido de milho, farinha e semelhantes; passem-se os envelopes pelo grupo e que cada participante registe o que pensa que os envelopes contêm. Ou usem-se recipientes opacos com líquidos como água, leite, vinagre, óleo de salada, vinho, sumo de laranja, e assim por diante. Muitas vezes, logo à primeira tentativa, algum aluno terá uma sensação definida de sabor ou sentirá atividade nas glândulas salivares. Pode até espirrar por causa

da pimenta. Uma turma verificou que as experiências com purgantes e eméticos tiveram resultados inofensivos, mas embaraçosos.

Outra experiência de grupo é a troca de objetos, com o propósito de sentir algo da história do objeto. Um anel, um relógio, um broche, um brinco, um lenço especial, um cartão de visita, uma carta — qualquer objeto cuja história o dono conheça mais ou menos, mas com o qual o destinatário não tenha familiaridade. Que cada aluno segure o objeto que lhe foi atribuído na mão esquerda e coloque a mão direita levemente em concha por cima; depois feche os olhos e registe o que for sentido, visto, percebido, ou até ouvido. Ao fim de seis ou oito minutos, devolvam-se os objetos aos donos e que cada aluno diga o que sentiu ou imaginou. Não se deve reter impressão alguma, por mais trivial que seja, pois pode ter significado para o dono.

Por exemplo, uma rapariga numa turma pegou no homem ao lado num anel que ele usava no dedo mindinho; tudo o que ela captou foi uma impressão da cor vermelha, «um vermelho bonito e vivo; nada mais». Quando relatou a impressão, o dono do anel riu-se, pois a mulher que lhe dera o anel usava muito daquele tom particular de vermelho e gostava de objetos vermelhos em casa; ele costumava chamá-la «Pequena Vermelha». Outro aluno, um homem, que segurou o relógio de uma mulher, só conseguiu relatar que, em vez de fazer tique-taque, o relógio «tocava pequenos sinos, quase como se estivesse a tocar uma melodia»; ficou embaraçado com o que lhe pareceu uma impressão tola. Mas a dona do relógio tocava xilofone e a sua melhor peça de concerto era uma em que se imitavam sinos.

No início, em qualquer turma, é provável que haja muito mais falhanços do que acertos. Além disso, algumas pessoas parecem, por constituição, mais aptas do que outras. Dizemos que são «sensitivas», e a palavra aplica-se tanto à reação a impressões sensoriais como a estas impressões extrassensoriais. Uma pessoa sensitiva responde mais prontamente ao treino, mas poucas pessoas são juízes exatos da sua própria sensibilidade. Um homem enorme, sempre ativo e muitas vezes ruidoso, pode revelar-se não só «meigo com crianças e cães», mas também sensível ao treino psíquico. Por outro lado, uma mulher magra e nervosa, que se julga sensitiva, pode, na realidade, estar tão encerrada no interesse próprio que as impressões das coisas e pessoas à sua volta nunca penetram. Estas diferenças revelam-se no treino psíquico.

A psicometria de pessoas é frequentemente feita com o propósito de diagnóstico médico. Se o aluno sentir inclinação nessa direção, o seu primeiro procedimento é passar as mãos levemente sobre o corpo do paciente. Que trabalhe com os olhos fechados, centrando a atenção através do processo percetivo a que por vezes se chama o olho interior. Ao tocar na pele do rosto

ou dos braços do paciente, pode sentir com o tato um arranhão ou uma zona áspera, mas pode também perceber nódoas negras, congestão, inflamação ou alguma outra dificuldade que não é discernível ao tato. Que observe até a impressão mais fugaz; talvez o paciente pareça, por exemplo, mais opaco na região do peito do que noutras partes do corpo. Que diga o que sente. Mesmo que o paciente negue qualquer problema na zona do peito, o aluno pode ter razão. Ou, claro, sendo principiante, pode estar enganado. De um modo ou de outro, o importante é registar e relatar os achados.

Que o aluno esteja atento a notar vários modos de resposta à área afetada. As suas mãos sentem-se frias sobre uma certa zona? Sente de repente dor no seu próprio corpo num determinado ponto, e esse ponto corresponde à localização da dor do paciente? Não há método certo ou errado de responder; cada sensitivo tem de desenvolver os seus próprios sinais e interpretar o seu significado à sua maneira; a parte difícil é manter-se no treino quando os sinais ainda não são claros, quando os falhanços excedem os acertos. Que se console com uma resposta correta. William James costumava dizer que basta um corvo branco para provar que nem todos os corvos são pretos. Mesmo assim, basta um diagnóstico correto, que não poderia ter vindo por canais sensoriais, para provar que o diagnóstico extrassensorial é possível.

Por vezes, enquanto um aluno está a psicometrizar um paciente, pode sentir um impulso para curar. Pode perceber uma corrente a fluir pelas suas mãos e sentir-se impelido a colocar a mão sobre a área em dificuldade; ou pode sentir a corrente curativa a pulsar na sua própria testa e sentir-se impelido a dirigir a atenção ao paciente, como quem dirige um jato de água sobre uma zona específica. Seja qual for a forma que o impulso de curar assuma, isto é a pista do aluno a seguir. E o passo seguinte é praticar, praticar, praticar. Nem todos aqueles em quem trabalhar serão curados, nem mesmo depois de se tornar proficiente, mas a sua responsabilidade é tornar-se um canal fiável do poder curativo, e isso significa treino.

Alguns exercícios simples podem ajudar a desenvolver sensibilidade para diagnóstico e cura. Que o aluno se sente relaxado diante de um espelho numa sala pouco iluminada e veja se consegue perceber algum tipo de emanação a sair da imagem refletida. Alguns veem um escoamento como uma névoa delicada; um reflexo de uma emanação do corpo do aluno. Uma vez percebida, o aluno pode então vê-la a emanar de outras pessoas e, quando alguém está doente, é provável que essa emanação pareça mais ténue, ou como se tivesse buracos, ou que flua de forma aos solavancos. O aluno começa a interpretar o que vê em termos da condição do paciente.

Que o aluno mantenha a mão direita sobre um espelho e depois a esquerda. Verifique se uma das mãos está ligeiramente mais fresca do que a outra. A mão mais quente é geralmente interpretada como sendo o aspeto positivo da corrente vital e deve ser colocada sobre a parte afetada do corpo, com a mão esquerda por baixo do corpo; a teoria é que uma corrente passa entre as duas. Sem dúvida que a corrente é demasiado subtil para ser detetada por qualquer instrumento atualmente conhecido — embora bons cientistas estejam a trabalhar precisamente nisso — mas «age como uma corrente».

Que um aluno feche os olhos enquanto outro move as mãos lentamente, a cerca de três polegadas de distância, por cima e à volta da cabeça e dos ombros do percipiente, que tenta sentir se os passes são feitos para cima ou para baixo. A maioria dos alunos sente os passes descendentes como positivos; isto é, fazem o corpo sentir-se relaxado, alinhado, e muitas vezes aliviam a tensão e, com ela, a dor.

Que cada aluno do grupo atue como recetor enquanto cada um dos outros tenta o movimento das mãos — muitas vezes chamado passes magnéticos na literatura antiga. Normalmente, um aluno estabelecerá uma corrente mais marcada do que os outros e, geralmente, ele revela ser aquele que se interessa, ou se torna hábil, na cura.

Que o aluno se sente confortavelmente de modo a poder respirar ritmicamente; depois que feche os olhos e coloque uma mão sobre cada joelho, juntando o polegar e o indicador de cada mão até se tocarem. Esta posição é por vezes chamada «trancar vibrações». Depois, que dirija o olhar interior para a cana do nariz. Se o corpo permanecer quieto e o olhar firme, descobrirá que as preocupações do dia se esbatem e, neste estado, é provável que receba algumas impressões clarividentes definidas.

Tanto a psicometria como a clarividência são formas de *clairsentience* — claro saber — e uma tende a induzir a outra. Por vezes, um aluno, enquanto psicometriza, terá uma experiência clarividente; por exemplo, pode ver um incidente no passado do paciente que explica, pelo menos em parte, a doença presente. Ou pode ver um desencarnado que o está a ajudar a ajudar o paciente. Ou pode ver uma pessoa viva que está, de algum modo, ligada ao problema que produziu a doença.

Um aluno que tenha desenvolvido as faculdades psíquicas ao ponto de conseguir vislumbrar dados que não poderiam ser adquiridos por meios normais pode ver a informação chegar-lhe através de símbolos. Alguns símbolos parecem ser geralmente aceites, pelo menos na nossa cultura.

Todos os sensitivos que conheço que veem símbolos aceitariam, por exemplo, uma pomba como significando paz, ou uma cruz como indicando sofrimento. Ao mesmo tempo, alguns alunos desenvolvem as suas próprias interpretações individuais. Por exemplo, um aluno relatou que sempre que via uma estrela azul sabia que uma mensagem lhe estava a chegar pessoalmente.

Próximos dos símbolos vistos clarividentemente estão os símbolos que os sonhos levantam. A maioria dos sonhos é, de facto, símbolo de problemas que o sonhador enfrenta. Um aluno pode treinar a mente durante o sono para produzir sonhos cujo significado não confundirá. A técnica de treino é deitar-se confortavelmente e relaxar por completo e, depois, informar a mente profunda, de forma específica, quanto ao problema, instruindo-a a trazer à consciência aquilo que for apresentado num sonho. Quando acordar, seja durante a noite seja na manhã seguinte, que o aluno anote cada fragmento de qualquer sonho de que se lembre. Após algum tempo de prática fiel, descobrirá que está a «sonhar com sentido».

Não é invulgar que um aluno numa turma de desenvolvimento psíquico caia espontaneamente em transe. Ora o transe é um estado semelhante ao sono, no qual as faculdades ficam libertas das suas limitações sensoriais habituais. Há marcas fisiológicas do transe que o diferenciam do sono comum, principalmente o ritmo mais lento do sistema nervoso autónomo e a ausência da resposta habitual à dor. A pessoa em transe só é chamada médium se, no transe, agir como intermediário entre entidades encarnadas e desencarnadas. É possível cair em transe e apenas sonhar com clarividência, ou andar em sonambulismo. Seja o que for que aconteça em transe, o indivíduo costuma acordar com a sensação de ter estado a dormir. Não tem noção de tempo.

No treino para aprender a entrar em transe, um hipnotizador é muitas vezes útil. Pode ser o professor. A técnica de indução de um estado hipnótico está bem documentada na literatura médica. Assim que o aluno perde o contacto com o ambiente objetivo, o hipnotizador pode prosseguir e dar-lhe instruções. Se estiver a treinar para mediunidade, a instrução será provavelmente olhar em redor e relatar quem quer que veja. Se ele relatar outras pessoas vivas na sala, o hipnotizador aceita o relato e, no momento apropriado, termina a sessão desse dia. É necessário um sentimento de confiança mútua entre o hipnotizador e o aluno, e isto pode exigir várias sessões.

Na lição seguinte, o hipnotizador pode pedir ao aluno, depois de hipnotizado, que olhe em redor da sala e relate outras pessoas que tenham

vivido na mesma sala. O aluno pode ou não ser capaz de recuar assim no tempo, mas, se o hipnotizador for paciente e elogioso, a maioria dos alunos consegue estender a consciência desta forma. O hipnotizador pode também pedir ao aluno que volte ao seu próprio passado e diga o que estava a fazer no seu décimo quinto aniversário, por exemplo, ou no seu segundo aniversário; que descreva os presentes, a festa, os familiares, as decorações do quarto. Alguns alunos não têm dificuldade com este tipo de regressão.

Depois de algumas sessões, o hipnotizador pode então sugerir que há outras presenças na sala; indivíduos que deixaram esta Terra, mas que estão tão vivos como sempre. Pede ao aluno que descreva quem quer que veja. Talvez o aluno não veja ninguém assim e comece, em vez disso, a descrever algum outro indivíduo vivo que outrora viveu ali. Mas, se o instrutor for paciente, o aluno pode regressar à instrução inicial e fornecer a informação de que agora há alguém presente. O avô dele acabou de entrar.

O hipnotizador pode pedir uma descrição do avô e, enquanto os dois — hipnotizador e aluno — discutem o terceiro, o hipnotizador pode explicar que, embora seja de facto o avô do sujeito, o avô morreu há bastante tempo. Sem dúvida tem algo a dizer, alguma mensagem que gostaria de enviar a outro membro da família.

Muitas vezes, as respostas do aluno hipnotizado serão muito lentas, como se estivesse a tentar ler uma mensagem projetada num ecrã letra a letra. Na realidade, está a tentar traduzir impressões de pensamento ou símbolos em palavras. O hipnotizador só pode encorajar e esperar. Após algumas sessões, o sujeito tornar-se-á mais proficiente. O hipnotizador provavelmente instrui-lo-á a prosseguir com confiança; a dizer simplesmente o que pensa que está a ouvir; e a não se demorar demasiado com uma personalidade, mas a passar à seguinte, que pode estar à espera da sua vez.

Assim, numa série de sessões, o aluno aprende as técnicas para fazer contacto com personalidades desencarnadas e trazer, em palavras, aquilo que estão a tentar transmitir.

Mas nem sempre é conveniente ter um hipnotizador à mão. Mais cedo ou mais tarde, o aluno quererá entrar em transe por si próprio. Que se deite quieto, num estado relaxado, consciente de que está no comando da situação e de que o censor interior, que nunca dorme, não permitirá que lhe aconteça mal algum. Um agradável sentido de expectativa dá cor à sua passividade. Que respire regularmente, mas não demasiado fundo, enquanto instrui a mente a relatar tudo o que vir ou ouvir enquanto ele dorme. Se já tiver sido hipnotizado anteriormente, poderá recordar a voz do hipnotizador

a dar instruções. Se nunca tiver sido hipnotizado, pode achar útil fixar uma luz forte até a visão se turvar. Quaisquer pensamentos que lhe venham à mente, que os deixe passar preguiçosamente como nuvens num céu de Verão. Em breve tenderão a esbater-se e ele adormecerá.

À medida que o estudante solta a consciência, o corpo pode tender a dar sacões, como acontece muitas vezes ao entrar no sono normal. Às vezes pode contorcer-se um pouco, tal como um corpo adormecido por vezes se agita brevemente. Depois o corpo ficará em paz. À medida que o transe se aprofunda, o aluno pode por vezes gesticular e mostrar alguma animação, como uma pessoa a falar durante o sono.

Uma vez em transe, ele começará, em geral por iniciativa própria, a descrever o que e quem quer que veja e a verbalizar a sua comunicação. Podem surgir várias personalidades, algumas delas regressando repetidamente em sessões de transe subsequentes. Mas um dia — pode ser na primeira ocasião ou após muitas sessões — algum desencarnado identificar-se-á e dirá que será um controlo permanente; doravante atuará como diretor das operações do lado desencarnado.

Quando o médium passa a conhecer esta personalidade de tal modo que a visualiza, além de sentir a sua presença, pode achar útil, quando deseja entrar em transe, limitar-se a recordar o rosto do seu controlo. Se o conheceu em vida, é mais fácil visualizá-lo com a expressão característica e os maneirismos. À medida que o estudante se deita quieto, começando a sentir sonolência, visualizando esse rosto, provavelmente vê-lo-á com mais nitidez na inspiração, como se o rosto viesse na sua direção; depois esbater-se-á um pouco quando o estudante expira, oscilando para a frente e para trás com a respiração, até sentir que o outro rosto e o seu se tornam um.

Uma vez que um controlo tenha indicado que a relação é permanente, o médium achará muito mais fácil escorregar para o transe. Desenvolve um sentimento de que o controlo está pronto e é fiável. Uma vez que um controlo tem de ser um desencarnado cujo padrão global de energia é harmonioso com o padrão de energia do médium e, uma vez que cada indivíduo é um composto de energias que corporizam as suas conquistas emocionais, intelectuais e espirituais, o médium pode estar certo de que não será tomado por um desencarnado cuja natureza seja muito diferente da sua. Por outras palavras, um médium cuja intenção é honesta encontrar-se-á a trabalhar com um controlo de intenção semelhante.

Quando um médium de modesta capacidade intelectual afirma ter um controlo que foi um gigante intelectual nesta Terra, é altura de questionar se

o médium ou o controlo não estará a mascarar-se. Ou, se um médium de reputação duvidosa reivindica um controlo que usa o nome de um dos santos, também é altura de suspeitar de embuste — especialmente se o «santo» emite ordens que nenhum indivíduo vivo, de espírito elevado, emitiria. Na verdade, qualquer controlo que emita ordens e tente substituir-se ao livre-arbítrio dos consulentes, ou que procure dirigir as minudências da vida deles, deve ser suspeito de fingir ser algo que não é.

Não há nada de sagrado num médium nem num controlo, e a ambos deve exigir-se que passem qualquer teste de autenticidade que pareça razoável. A identificação é difícil, mesmo nesta vida, como qualquer pessoa pode demonstrar se pedir ao seu melhor amigo, do outro lado de uma linha telefónica, que dê prova positiva de que é quem diz ser.

Enquanto, para alguns estudantes, o desenvolvimento psíquico é um crescimento constante, para outros é um tempo de provação, até de tragédia. Um estudante pode começar a fazer escrita automática, em que uma fonte benevolente parece dar conselhos sensatos, e depois os conselhos tornam-se malévolos ou ridículos. O comunicante desencarnado pode instruir o estudante a executar tarefas fúteis e difíceis «como teste». Mas uma coisa é certa: uma entidade malévola só consegue aceder à mente do estudante através de alguma fraqueza de carácter — orgulho, desejo de fama ou de poder, excessiva disposição para pôr de lado o juízo ou para evitar fazer escolhas, antagonismos, ódio. Os puros de coração estão seguros e os verdadeiramente destituídos de interesse próprio encontram colaboradores invisíveis do mesmo tipo.

Em todas as fases do esforço psíquico há leis em funcionamento, e tanto o adepto como o estudante têm de continuar a alinhar-se com elas. Aptidão física, responsabilidade moral, equilíbrio mental, harmonia emocional, expectativa espiritual, uma vontade dedicada — tudo isto são concomitantes de apoio de uma consciência expandida.

CAPÍTULO 19
19 O Caminho da Oração

À medida que me interessava cada vez mais em ajudar outras pessoas a desenvolver as suas faculdades psíquicas, ocorreu-me que nunca conhecera um grupo que se reunisse regularmente para oração em que alguém do grupo — e muitas vezes vários — não desenvolvesse capacidade psíquica. Depois percebi que nunca conhecera um indivíduo que orasse insistentemente para descobrir a vontade de Deus para a sua vida e que não desenvolvesse alguma medida de consciência extrassensorial. Talvez não lhe chamasse isso, mas tinha-a.

No início, perguntei-me por que razão isto seria verdade, mas, depois de me juntar ao grupo de cura que me libertou do alcoolismo, comecei a receber pistas. Quando entrei no grupo, vi que cada pessoa ali estava a tentar pôr-se em contacto com Deus. Sem pudor, queria que Deus a refizesse. Queria tornar-se o tipo de pessoa que Deus pretendia que fosse — e isto, sentia ela, seria o seu verdadeiro eu. Por isso, estava sempre a escutar por dentro. Esperava ser informada. Falava de tentar estar aberta à orientação, e esta é uma condição de antecipação aguda e silenciosa.

Eu via que as pessoas desse grupo de cura estavam a tornar-se pessoas maiores. Via as suas mentes a ganharem um alcance que nunca tinham tido. Começaram a compreender as pessoas à sua volta. Muitos relataram que, quando «algo» lhes dizia para fazer isto ou aquilo e eles seguiam o impulso, acabavam num lugar onde eram necessários exatamente naquele momento. Histórias espantosas de chegar precisamente onde alguém estava desesperado por ajuda. Às vezes ouvia-se a observação: «Parece que ouvi algo dizer…», ou «A cara dele passou-me pela cabeça e…», ou «Ouvi-a chamar o meu nome e fui ao telefone e…» Nas reuniões, ninguém falava de clariaudiência ou telepatia, mas contavam as suas experiências. É óbvio que ninguém trabalhava para obter dons psíquicos; os dons simplesmente vinham à medida que eram necessários.

O facto de muitos pós-alcoólicos terem experiências psíquicas foi notado por tantos pós-alcoólicos que um deles está a acumular dados para fazer um estudo sério. Parecia evidente que estava a operar algo mais do que a coincidência. Ele decidiu que o que operava era um factor organizador que luta por se afirmar em toda a natureza; o ímpeto que faz a árvore, a pedra, o cristal tornarem-se inteiros quando feridos; a sabedoria interior que permite ao corpo humano manter alguma medida de saúde contra grandes probabilidades. Esta é a força de Deus a libertar cada criatura dos seus limites até atingir a perfeição que lhe está implícita. Ao nível da personalidade

humana, temos de querer que essa força de Deus faça em nós a sua obra perfeita.

Com isto no fundo da mente, ocorreu-me um dia que todo o indivíduo que orasse consistentemente estava a fazer a mesma coisa — a oferecer-se aos propósitos de Deus, a ser despojado e depois reconstruído, e a descobrir que essa reconstrução incluía uma extensão da consciência. Era esta a razão por que tantas pessoas em grupos de oração tendiam a desenvolver faculdades psíquicas.

Pessoalmente, eu nem sempre rezei este tipo de oração. Como o Filho Pródigo antes de cair em si, eu rezava «dá-me», em vez de «faz-me». Nesses dias, eu não queria ser refeito segundo algum padrão que Deus pudesse ter em mente; queria apenas que Ele trabalhasse comigo a melhorar a minha condição. Este é o padrão convencional que a maioria de nós segue até ficar desesperada.

O processo da oração é o processo de ser refeito. Não é algo que se possa fazer em surtos. Tem de haver um tempo definido e regular para uma troca de pensamento a dois sentidos. É porque a consistência é tão difícil que a transformação demora tanto tempo. Dia após dia, porém, vamos sendo revelados a nós próprios na proporção da atenção que damos ao assunto, não só em termos do nosso fracasso, mas também em termos das nossas possibilidades ilimitadas.

E, à medida que começamos a pressentir o nosso verdadeiro eu, é certo que veremos as nossas ações sob uma nova luz. Assim, podemos de repente perceber que temos de mudar a maneira de ganhar a vida, ou que temos de ajustar os nossos padrões económicos e modificar o nosso padrão social, ou mudar de amigos e de prazeres. Estranhamente, poucas dessas mudanças parecem perdas, porque a satisfação de nos tornarmos nós próprios é muito grande. E o conforto de saber que estamos a mover-nos em linha com a intenção de Deus é ainda maior. Na verdade, os dois são inseparáveis e ambos fazem parte da resposta à nossa oração.

Embora saibamos que Deus conhece os nossos problemas, incluindo o modo como ficámos enredados neles, ainda assim sentimos, em geral, que temos de os expor especificamente diante dele. Algumas pessoas falam deles como falariam com um amigo. Podem falar em voz alta ou podem sussurrar, como se a mínima expressão bastasse para o seu ouvido. Algumas explicam o seu dilema mentalmente. Seja como for que o problema seja apresentado, a oração é a mesma: «Deus, ajuda-me!»

Este pedido de ajuda é a chave da oração atendida, porque não estaríamos a colocar o nosso problema diante de Deus — e a nós próprios com ele — se não tivéssemos alguma crença de que Ele nos pode ajudar. A força da nossa crença é a medida da resposta que receberemos. Segundo a nossa fé, assim será! Esta é a lei fundamental da oração. Toda a gente que falou com autoridade sobre a oração nos disse isto. Foi a nota fundamental do ensinamento de Jesus. Crê que já o tens, e tens-lho. A fé é o agente ativador. A resposta à nossa necessidade está disponível, mas não pode entrar em nós até a pedirmos e acreditarmos que virá. Gostava de saber como tornar este ponto claro, porque é primordial.

Talvez seja porque eu trabalho constantemente com faculdades extrassensoriais que me detenho nesta questão de acreditar que não há barreiras intransponíveis entre nós e a resposta à nossa necessidade. Há algo na descrença que bloqueia o alcance da mente. Isto foi-me demonstrado muitas vezes. Por exemplo, alguém vem ter comigo para uma sessão mas, mesmo antes de eu entrar em transe, explica que não acredita que seja possível os mortos comunicarem com os vivos; diz que toda a ideia é contrária ao senso comum.

Quando vejo a sua atitude negativa, sei de antemão que provavelmente não terá uma boa sessão. É provável que Fletcher seja muito seco com ele, possivelmente por simples incapacidade de o pôr em foco. Já se sugeriu que a descrença estabelece uma corrente negativa que contraria a força vital que, de algum modo, parece envolver-nos a todos num campo de energia durante uma sessão de transe. Ou talvez Fletcher descubra que, do lado dele, as pessoas sentem que não vale a pena tentar alcançar o consulente. Talvez também, a algum nível profundo, a minha mente esteja a dizer: «Não dá; não dá.» Seja qual for a combinação de razões, descobri que a falta de fé é uma barreira prática à comunicação.

As pessoas que fazem cura espiritual também me disseram que a fé parece ser um pré-requisito para a cura, exceto no caso das crianças, para as quais a fé de outra pessoa parece bastar. Do mesmo modo, pessoas que dirigem um programa de testes em grande escala, em que se procura ler os símbolos em cartas antes de as cartas serem expostas, descobriram que aqueles que não acreditam que a clarividência seja possível têm uma pontuação média mais baixa do que aqueles que acreditam. Se a fé opera nestas situações concretas, parece razoável que também opere na questão de obter uma solução para os nossos problemas complexos. A fé é essencial no funcionamento das faculdades parapsicológicas.

Assim que começamos a rezar com fé, acreditando que as nossas necessidades serão satisfeitas por meios supernormais se necessário, então seremos forçosamente impressionados pela persistência e pela engenhosidade com que as respostas chegam. Por vezes, mal a oração é articulada, a resposta irrompe. Isto é especialmente verdadeiro quando está em causa uma questão de motivação ou de atitude; num lampejo que equivale a revelação, podemos ver a nossa relação com o problema à sua verdadeira luz e, no instante em que vemos, a nossa atitude muda!

Mas por vezes a resposta não é assim tão imediata. Podemos sair do nosso lugar de oração com o mesmo problema com que entrámos, mas o nosso sentimento em relação a ele mudou; temos um sentimento de expectativa porque sabemos que a resposta está a chegar. E, em questão de horas, ou talvez de dias, alguém vem ter connosco, ou ocorre alguma situação que sugere a solução. Parece evidente que há um planeamento definido na forma como as respostas são trazidas à nossa atenção. Quase diríamos que as respostas nos procuram; de facto, por vezes parecem já estar a caminho antes de o problema ser enunciado. «Antes de chamares, eu responderei.»

Este processo de pedir e receber pode continuar durante bastante tempo, até que um dia nos apercebemos de que ocorreu uma mudança enorme nas nossas ideias sobre Deus. Ele já não é um poder impessoal. Percebemos que só alguém que se importa connosco poderia supervisionar tão pessoalmente o nosso bem-estar. Somos amados! O nosso Deus lembra-se de nós. Se tropeçamos, sentimos de imediato a sua mão a amparar-nos. Se excedemos a nossa habitual generosidade modesta, ou fazemos uma bondade para além do nosso costume, quase vemos o seu aceno de aprovação. Eis uma companhia para além de tudo o que conhecíamos. Tornámo-nos amigos de Deus. Esta é uma afirmação não teológica de um facto tremendo.

Algumas pessoas falam de se afastarem para rezar como «entrar na Presença», e é uma boa expressão, porque, embora Deus não esteja mais presente num lugar do que noutro, Ele só está presente para nós quando voltamos a nossa atenção para Ele. Chega um dia em que, ao entrarmos na Presença, o sentimos tão perto, tão real, que ficamos pasmados. Como pode ser! Deus! O coração transborda. Não temos palavras para o que sentimos. Talvez as palavras do salmista se precipitem e as digamos porque temos de exprimir alguma coisa. Ou podemos irromper num hino. Seja como for que respondamos, estamos a viver a oração de ação de graças. E, além disso, uma vez que a vivemos, o tom de louvor surge-nos facilmente. A nossa gratidão

pelo facto de Deus existir, de estar disponível e de ser amor motivará a nossa vida.

Se temos um tempo de oração estabelecido, talvez meia hora no início do dia, por vezes descobrimos que todo o período foi dedicado à pura adoração. Pode não restar tempo para considerar o problema que tínhamos planeado apresentar a Deus. No entanto, ele será respondido da forma habitual. Era a nossa atenção que precisava de se focar nele, não a dele em nós. A resposta à nossa necessidade está inerente na sua presença.

Por vezes, quando estamos absorvidos em louvor e ação de graças, podemos dar por nós perdidos na consideração de alguma qualidade particular que Deus personifica. A sua bondade, por exemplo; ou a sua justiça. A sua misericórdia, a sua verdade, a sua fiabilidade. O seu amor! Refletimos a partir dos episódios em que Ele lidou connosco. E depois refletimos sobre a sua natureza. À medida que nos sentimos atraídos para Ele, podemos perder-nos na nossa meditação até não termos qualquer sentido de eu.

Nem toda a meditação é espontânea, porém. Podemos planear deliberadamente um exercício de meditação sobre algum aspeto da natureza de Deus. Temos de escolher alguma faceta do seu ser com a qual tenhamos tido experiência íntima. Estes exercícios são necessários se alguma vez esperamos que Deus faça em nós a sua obra perfeita. Também isto é um método de atenção e de tentar tornar-nos um com o objeto do nosso pensamento. E, como todos os exercícios de concentração, a meditação sobre a natureza de Deus precisa de ser feita regularmente. Com o tempo, basta iniciarmos a meditação e descobrimo-nos arrebatados por ela. Com o tempo, também, a meditação pode tornar-se tão absorvente que a mente perde contacto com o mundo exterior, o corpo fica quieto num sono semelhante ao transe, e só a alma está desperta. Isto também é oração.

Algumas pessoas acham difícil meditar sobre um aspeto de Deus. Não conseguindo visualizá-lo, Ele não lhes parece inteiramente real. Mas conseguem visualizar a sua expressão em Jesus. Conhecem Jesus em termos de episódios concretos da sua vida, e a Ele respondem. Podem contar-lhe as suas dificuldades e a sua gratidão para com Ele exprime-se prontamente. Para elas, meditar sobre algum episódio da sua vida é mais significativo do que tentar meditar sobre Deus. Essa meditação pode também ter grande valor. Eu próprio o constatei.

Podemos decidir tentar entrar na vida de Jesus tal como está registada nas Escrituras, tanto quanto possível. Para tornar a experiência vívida,

precisamos de ser participantes em cada episódio. Talvez sejamos um discípulo desconhecido; ou um daqueles que Ele curou e que, talvez depois, permaneceu o mais perto possível d'Ele. Talvez sejamos um membro da sua família ou um vizinho. Podemos começar por meditar sobre o seu nascimento. Qual foi a reação dos que o rodeavam — os seus pais, os seus parentes; os pastores, os reis magos, o rei; os vizinhos; os anciãos na sinagoga?

Podemos avançar para meditar sobre a sua ida a Jerusalém aos doze anos. Talvez agora o apreciemos através dos olhos de um dos sacerdotes com quem Ele falou. Que espécie de ambiente familiar terá este rapaz que faz perguntas tão persistentes e inteligentes? E quais são as suas perguntas? O que dizemos quando Ele pede a nossa opinião sobre a vinda do Messias? O que diz quando lhe perguntamos quais julga serem os sinais do Messias? Porque pergunta se o Messias saberá, ainda em menino, que é de facto o Messias? Embora comecemos a meditação a tentar ver Jesus menino pelos olhos de um dos sacerdotes que Ele interrogou, é quase certo que seremos atraídos para a mente do próprio menino. E na medida em que somos atraídos, o episódio entrega o seu significado.

Muitos usaram este tipo de meditação para se colocarem, por amor de Cristo, sob a sua direção. Quando assim entramos na sua vida, o seu ensinamento parece inevitável e os seus milagres deixam de ser estranhos. Se conseguirmos participar vividamente num milagre de cura enquanto estamos neste tipo de meditação, é muito provável que sintamos subir em nós poder curativo. Sentiremos um impulso para curar. E curaremos. Isto é, o poder atuará através de nós para curar. É da natureza da verdadeira meditação que a nossa consciência se expanda na direção em que a expansão é necessária — neste caso, a cura. Este é um facto que ninguém pode negar ou afirmar até ter meditado consistentemente durante muito tempo.

Além da oração que é um clamor de ajuda por nós próprios, e da oração de ação de graças e louvor, e da oração de meditação e contemplação, resta a oração de intercessão. Há sempre outros cujas necessidades se tornam como as nossas. Isto é verdade, claro, desde o tempo da nossa primeira necessidade desesperada de ajuda, pois a maioria dos nossos problemas envolve alguém mais e não podemos encontrar a nossa relação com as nossas dificuldades sem também nos tornarmos conscientes da relação de outras pessoas connosco. À medida que prosseguimos na oração, a nossa consciência expande-se e tornamo-nos cada vez mais conscientes das necessidades dos que nos rodeiam. Então, torna-se tão natural rezar pelos outros como por nós.

Rezar por outro significa tentar estar no lugar dele perante Deus. Isso só é possível mediante uma consciência concentrada da outra pessoa. Limitar-se a dizer as palavras «Deus abençoe o meu vizinho» não serve de nada, a menos que consigamos estar agudamente conscientes do nosso vizinho. Uma oração em que falte empatia entre quem reza e aquele por quem se reza não pode registar-se junto daquele poder que responde. Não se trata de um Deus temperamental que se recusa a responder, mas de uma questão de lei. Uma das leis da oração é a atenção, a concentração. Temos de atender ao nosso vizinho no sentido de nos tornarmos um com ele. É o mesmo processo em funcionamento na psicometria; é um processo de unificação. Quando a separação é obliterada, então posso, de facto, rezar por ele.

Sendo a atenção um processo psicofísico que exige energia, não conseguimos atender intensamente a muitos interesses em sequência. Por isso, é difícil rezar por muitas pessoas com um sentido das suas necessidades individuais. Só conseguimos rezar enquanto conseguimos atender. Assim, os períodos de oração de intercessão costumam ter de ser curtos e parecem mais eficazes após a meditação, quando a atenção foi levada ao seu grau mais agudo. As pessoas que fazem cura espiritual conhecem as mesmas limitações da atenção. O poder curativo sobe, é transmitido a alguns indivíduos, depois parece esmorecer e ficar latente durante algum tempo antes de se juntar de novo e tornar a subir. Uma lei semelhante parece estar a operar na cura e na oração de intercessão.

Uma das formas mais eficazes de intercessão é levar connosco, mentalmente, aquele que precisa, quando entramos na Presença para meditar. Então, embora a nossa atenção se desloque do necessitado para o próprio Deus, aquele por quem rezamos participa do poder transformador da presença de Deus. A sua necessidade é atendida tão certamente como se o tempo tivesse sido gasto em súplica.

Há outra forma de ajudarmos a ligar alguém em necessidade ao poder de Deus. Num momento em que a atenção do indivíduo não esteja dirigida para outro lado, de preferência enquanto dorme, podemos chamá-lo silenciosamente pelo nome, repetindo-o firmemente até sentirmos como se a sua atenção fosse despertada, e então podemos lembrar-lhe afirmativamente que Deus é igual à sua necessidade. Deus está disponível para ele; Deus está próximo; Deus tem os recursos, a sabedoria, o amor, o poder. Ele só tem de pedir com anelo; só precisa de se voltar para pedir ajuda, numa determinação honesta de a aceitar nos seus próprios termos.

Mas, ao assim nos dirigirmos a outro, precisamos de ter um cuidado especial para que não haja qualquer interesse próprio envolvido. Se o núcleo

da mente que recebe tal comunicação sentir que o estamos a manipular para os nossos fins, não cooperará em trazer a nossa oração à sua atenção desperta. Temos de comunicar com a convicção nascida da experiência; tem de haver autoridade no que dizemos. Este é um método de oração que usei inúmeras vezes com resultados transformadores. O seu método é a telepatia, mas é muito mais do que um exercício de telepatia.

Da longa experiência na intercessão, passamos a saber que as vidas que tocam a nossa estão, de facto, ligadas à nossa. A um nível profundo, as nossas necessidades são uma só e a comunicação é possível para aqueles que querem comunicar. Quando há uma dedicação comum de propósito, então o fluxo de mentes pode tornar-se um factor tremendo em fazer incidir o poder de Deus sobre um objetivo comum. Jesus deve ter tido este facto em mente quando disse que onde dois ou três se reunissem em seu nome, aí Ele estaria no meio deles. É esta partilha de intenção que torna um grupo de oração poderoso na intercessão. Também torna possível uma inspiração muito intensificada.

Estou convencido de que muito do que chamamos inspiração é, na realidade, cooperação entre mentes afins dispostas a partilhar tanto ideias como energia. O esforço conjunto é telepático, mas tem de ser com a intenção de promover um fim comum, mesmo que a intenção não chegue ao limiar da consciência. É assim que grandes movimentos de reforma começam, ganham ímpeto e realizam o aparentemente impossível. É assim que renascimentos espirituais podem varrer uma terra. É este o modo de cumprir os propósitos maiores de Deus.

Além disso, esta conjugação de esforço e aspiração pode incluir tanto pessoas encarnadas como desencarnadas. Händel relatou que, depois de um longo período em que não produzira nada, teve grande anelo de voltar a compor. Sentou-se durante três dias e noites, diz ele, imóvel e a escutar, a olhar para o céu, sem estar consciente das pessoas à sua volta nem da comida que lhe traziam. Então, de súbito, soube que estava a ouvir música inaudível para outros ouvidos. Transfigurado, escutou por dentro. E depois pegou na pena e no papel e escreveu *O Messias*. À luz da minha própria experiência, só posso perguntar-me se o tom triunfante do *Coro do Aleluia* não terá sido induzido, em parte, pelo sentido triunfante de realização de músicos invisíveis que irradiavam a música que ele insiste ter ouvido na sua mente.

George Washington Carver, um químico cujo trabalho sobre o amendoim, por si só, fez história agrícola e industrial para o Sul, descreveu muitas vezes o seu método de invenção como um método de pedido e

escuta. «Então, a coisa que estou prestes a fazer e a maneira de a fazer vêm ter comigo. Nunca tenho de andar às apalpadelas por métodos. O método é revelado no momento e sou inspirado a criar algo novo. Sem Deus para afastar a cortina, eu seria impotente.»

Comentou ainda: «As minhas orações são mais uma atitude do que qualquer outra coisa. Mas peço ao Grande Criador, silenciosamente e diariamente, e muitas vezes muitas vezes por dia, que me permita falar com Ele através dos três grandes reinos do mundo que Ele criou — o reino animal, o mineral e o vegetal — para compreender as suas relações entre si e as nossas relações com eles, e com o grande Deus que fez todos nós. Peço-Lhe diariamente e muitas vezes a cada momento que me dê sabedoria, entendimento e força corporal para fazer a sua vontade; portanto, estou sempre a pedir e a receber.»

Não poderá ter sido que colegas invisíveis trabalhavam com ele, tanto para aumentar a sua intenção como para responder à sua oração? Deus não está menos presente por o seu processo de atender à oração utilizar leis de que agora começamos a ter consciência. A oração ganha novas dimensões e nova urgência quando é vista no contexto das leis superiores em operação — muitas delas, ao que parece, leis do paranormal. Um Carver reza enquanto psicometriza um amendoim e os segredos que ele revela tornam-se a resposta às orações de dezenas de milhares de pessoas famintas. Um Händel clariaudiente torna-se o compositor de ligação, traduzindo a harmonia celestial de músicos invisíveis, em benefício da fome de coração de milhares que são elevados para mais perto de Deus pela sua criação conjunta.

Parece-me evidente que a oração é uma transação direta entre o homem e Deus, mas também me parece evidente que, muitas vezes, Deus responde a cada um de nós por via de alguns de nós.

Um dia, quando eu estava em transe, uma mulher pediu ajuda para uma amiga. Dizem-me que um antigo médico respondeu: «A tua amiga terá de fazer o seu próprio pedido.»

«Ela não sabe como», protestou a mulher, «e precisa de ajuda.»

A resposta foi: «Basta que ela abra o coração e exprima o seu profundo desejo ao Altíssimo, que já o conhece. Que peça acreditando. Que peça com fé, sabendo que o seu ouvido nunca se fecha. Então alguém no céu ou na Terra obterá a resposta para ela. Esta é a lei. Mas cada homem tem de fazer o seu próprio pedir, procurar, bater. E, ao mesmo tempo, tem de estar disposto a ser usado para responder à procura dos outros.»

Talvez o desenvolvimento de faculdades psíquicas por parte dos que rezam seja um passo necessário na evolução da consciência da unidade de todos os que se voltam para Deus, quer nesta Terra, quer no reino invisível.

CAPÍTULO 20
20 Uma Nova Fronteira

Estou convencido de que os teólogos e ministros que desvalorizam os milagres registados no Novo Testamento o fazem porque não conseguem acreditar na suspensão da lei natural; e, não sabendo nada das leis que operam nos aspetos extrassensoriais do nosso universo, são forçados a inventar uma explicação de acordo com a sua epistemologia limitada. Não conseguem conceber o registo da igreja primitiva como factual porque, na sua mente, tais coisas não acontecem, nem podem acontecer.

Sempre me causa espanto ver teólogos menos abertos a novos factos do que biólogos, e psicólogos mais dogmáticos — mais sob o feitiço do positivismo — do que os cientistas físicos. A razão por que isto me desanima é que os ministros parecem ter uma familiaridade maior com teologia e psicologia do que com outras disciplinas e, no entanto, são eles que têm constantemente de lidar com uma Escritura que documenta os próprios fenómenos psíquicos que não conseguem acomodar ao seu pensamento, e com a experiência viva da oração que induz fenómenos psíquicos.

À primeira vista, parece estranho que uma cultura como a nossa, que desenvolveu tantos campos de investigação, não tenha incluído o campo da investigação psíquica. Mas a ciência, que domina a nossa cultura, progrediu por meio de experiências suscetíveis de repetição e prova. E, indiscutivelmente, os fenómenos psíquicos nem sempre são suscetíveis de prova por experiência repetida. Algumas experiências chegam duas vezes, ou uma dúzia de vezes, aos mesmos resultados, mas, tantas vezes quantas não, condições que parecem idênticas produzem resultados divergentes — ou nenhum resultado. Assim, pelos padrões da investigação científica, as conclusões psíquicas são declaradas subjetivas, ou, por algum outro artifício semântico, remetidas para fora do âmbito da consideração séria. Contudo, os próprios cientistas começam a reconhecer que, em muitos casos, o experimentador é um factor na experiência. Certamente, um indivíduo dotado psiquicamente sabe-se a si mesmo como experimentador e como aparelho.

Quando se trata de avaliar assuntos psíquicos, a maioria dos ministros, presos à sua cultura mas livres na sua experiência, tem sido confrontada com

uma escolha difícil: ou tinham de tomar posição a favor da realidade da experiência psíquica — o que não poderia ocorrer se a estrutura básica da única ciência que conheciam estivesse corretamente concebida — ou tinham de insistir que havia algo de errado com a estrutura do pensamento científico, porque ela não conseguia acomodar a experiência parapsicológica. Qualquer uma das posições parecia presunçosa.

Apesar disso, os dados psíquicos têm continuado a acumular-se e, com a crescente popularidade de grupos de oração nas igrejas, estão a ser trazidos com força à atenção de um número crescente de ministros. É tempo de que o fosso entre a *terra firma* da experiência sensorial e a *terra incognita* da experiência extrassensorial seja transposto. E parece que, finalmente, os físicos e os biólogos lançaram uma corda. A física e a biologia não são os meus campos, nem são os interesses especiais da maioria dos ministros, mas noto que muitos estão a ler com entusiasmo alguns dos relatos de ambos os grupos.

Não pode deixar de espantar alguns ministros descobrir que os astrofísicos que antes sentiam ter os pés no chão mais sólido agora reconhecem não só que estão a balançar sobre uma estrela, mas que a luz emitida pela estrela consiste tanto em ondas como em partículas — conceções contraditórias, ambas aparentemente confirmadas pela experiência. Além disso, um cientista atómico tão notável como Robert Oppenheimer comenta a posição perigosa dos cientistas que lidam com as menores cargas conhecidas de energia.

Àquilo que parecem ser as perguntas mais simples, tenderemos a dar ou nenhuma resposta, ou uma resposta que, à primeira vista, recordará mais um catecismo estranho do que as afirmações diretas da ciência física. Se perguntarmos, por exemplo, se a posição do eletrão permanece a mesma, temos de dizer "não"; se perguntarmos se a posição do eletrão muda com o tempo, temos de dizer "não"; se perguntarmos se o eletrão está em repouso, temos de dizer "não"; se perguntarmos se está em movimento, temos de dizer "não". O Buda deu respostas deste tipo quando interrogado sobre a condição do eu do homem após a morte; mas não são respostas familiares à tradição científica dos séculos XVII e XVIII.

Talvez observações deste género não provem que o físico e o parapsicólogo estejam de pé na mesma plataforma algures no espaço exterior, mas sugerem que a inconclusividade já não é uma marca de observação distorcida. E talvez pessoas comuns, dotadas de capacidade psíquica, possam ajudar a tecer um cabo de factos que possa ser usado para

sustentar uma ponte sobre o abismo que hoje separa teólogos e parapsicólogos.

Nos meus primeiros tempos, muitas vezes notei que ministros que viam a relevância dos fenómenos psíquicos para a sua tarefa frequentemente se sentiam em evidência à medida que as notícias dos seus interesses se espalhavam entre os seus pares. Mas também notei que os interessados tinham uma forma de se encontrarem uns aos outros. No final dos anos vinte, em Inglaterra, o Rev. G. Maurice Elliott e St. Clair Stobart decidiram que era tempo de reunir os interessados numa espécie de organização informal, para poderem trocar ideias, livros, monografias e relatórios e também, por vezes, encontrarem-se. Assim, surgiu uma organização conhecida como a Confraternity. O grupo cresceu de forma constante e muitos nomes distintos se lhe juntaram.

Depois da morte de Mrs. Stobart, a Confraternity foi definhando um pouco até que, após a Segunda Guerra Mundial, Maurice Elliott e o Ten.-Cor. Reginald M. Lester, jornalista, reavivaram o interesse e organizaram a *Churches Fellowship for Psychic Studies*. O grupo conta agora dois mil e trezentos membros, entre os quais dignitários como o Bispo de Ripon, o Bispo de Sheffield, o Bispo de Worcester, o Deão de St. Paul's e o Dr. Leslie Weatherhead, do City Temple, em Londres. A revista do grupo serve tanto de órgão interno como de fórum para troca de ideias. Numa visita recente a Inglaterra, pareceu-me que o clima mudara em muitas igrejas. Tanto a atenção geral como a erudita se voltam para a relação entre a experiência extrassensorial e a religião.

Com a organização britânica em mente, eu costumava desejar que o clero americano tivesse um centro equivalente. No Inverno de 1956, quando eu estava em Chicago, falei com Paul Higgins e com o falecido Albin Bro sobre a possibilidade de reunir, de modo informal, tais clérigos e amigos interessados quantos quisessem encontrar-se durante um fim-de-semana para partilhar interesse e descobertas nos três campos relacionados da oração, da cura espiritual e da sobrevivência. Mrs. Victor Munnecke juntou-se a eles para formar uma comissão de planeamento e enviaram cerca de cinquenta convites e marcaram uma data provisória. Quase imediatamente começaram a chegar cartas e telegramas de várias partes do país; outros queriam ser incluídos. E assim o seminário contemplado cresceu até se tornar numa reunião considerável, realizada na Hyde Park Methodist Church, em Chicago.

O programa foi abrangente, a discussão animada, e o interesse suficientemente vigoroso para que se formasse uma organização

permanente, chamada *Spiritual Frontiers Fellowship*. Paul Higgins tornou-se o primeiro presidente e Edmond Dyett o secretário executivo. Uma publicação mensal mantém os membros em contacto uns com os outros, e encontros regionais trouxeram novos membros, de modo que agora a nova organização conta cerca de seiscentos. Um programa de investigação e muitos grupos de estudo estão florescentes.

Certamente, uma experiência como a minha levanta questões com que as pessoas religiosas, como as que se reúnem nestes grupos, terão de lidar. Por exemplo, qualquer pessoa que assista a um número considerável de sessões de transe acumulará bastante evidência de que a personalidade persiste após a morte. Mas se ela de facto persiste como uma organização de traços individuais com vida autodirigida, ou se persiste apenas como um registo bem definido, que, de algum modo, está disponível ao médium, é mais difícil de determinar.

A hipótese de um registo permanente, de algum modo imposto ao tempo-espaço, tem sido atestada por sensitivos pelo menos desde os primeiros tempos egípcios e indianos. É certo que o único "facto" oferecido em prova de tal registo é a capacidade de videntes treinados, sem conluio, de se concentrarem num dado indivíduo e reconstituírem, em larga medida, a mesma história de experiência passada, tanto desta vida como de supostas vidas anteriores. Sem dúvida existem videntes assim vivos hoje, mas é menos provável encontrá-los na nossa cultura ocidental, que oferece pouco treino nestas linhas, do que numa cultura oriental, que guarda e fomenta tais dons. Essas pessoas poderiam, claro, ser procuradas e, com a sua cooperação, poderiam trazer-se à luz algumas conclusões significativas.

A questão é o que tal indivíduo está a viver: um rompimento de memória de uma vida anterior? Ou a imaginação de uma cena de notável autenticidade nos detalhes, a que dificilmente teria tido acesso nesta vida? Ou um vislumbre de fenómenos registados? Neste último caso, tem-se de pressupor um continuum de ondas e partículas de luz e de ondas sonoras — e talvez de algum outro tipo de ondas — discerníveis por algum aparelho recetor inato peculiar à humanidade.

Que existe algum tipo de registo permanente foi, e é, atestado por um número suficiente de pessoas para tornar a hipótese digna de estudo. Se, em vez de ser chamado registo acásico (*akashic record*), significando espaço, éter ou céu, como a tradição hindu concebe o continuum, este registo permanente recebesse um novo nome, em consonância com os mais recentes desenvolvimentos da física moderna, a experimentação poderia avançar mais depressa e com menos desculpa.

Outra questão: se, a partir do registo acásico, um sensitivo está a "ler" a história do avô falecido de John Brown, digamos, e apenas a pressupor a existência continuada do avô, então a motivação do sensitivo tem de ser estabelecida. Porque haveria eu, ou qualquer outro sensitivo, de usar o dispositivo elaborado de personalizar o registo como sendo o avô? Simplesmente porque o desejo do cliente — e de milhões de clientes de outros médiuns antes de mim — me empurra para esse artifício, a algum nível subconsciente? Mas há também a questão do uso discriminado do pretérito e do presente por parte do avô presumido. E as suas prognósticas sobre o futuro. Será que eu, em transe, vislumbro o registo antes de ele ser feito — tanto quanto as nossas conceções comuns de tempo-espaço permitem? Esta possibilidade não pareceria demasiado estranha à física moderna.

Além disso, admitindo que um médium possa estar em contacto com a personalidade persistente do avô de John Brown, poderá John Brown deduzir, por isso, que a personalidade do seu avô continuará a existir por todo o tempo? Uma resposta afirmativa não é dedutível de qualquer evidência que eu tenha visto — embora eu acredite que algo desse género seja um facto.

Interessa-me que bisavôs não apareçam nas minhas sessões. Figuras históricas não aparecem. Ora, se um físico está a ter uma sessão com o propósito de obter informação de colegas desencarnados sobre um dado problema, porque não se manifestam Faraday ou Davy, Ørsted ou Ampère? Certamente não por falta de interesse, se o cliente for um cientista do seu calibre.

Aqui, o único comentário digno de nota vem dos próprios desencarnados. Pelo que vale, a explicação deles é que, na comunicação entre o encarnado e o desencarnado, estamos envolvidos num problema de transferência de energia. Cada indivíduo, como combinação de energias num padrão flutuante, influencia todos os outros indivíduos que partilham o mesmo campo de força. Na verdade, uma certa quantidade de energia é constantemente trocada entre indivíduos. Digamos que o indivíduo A e o indivíduo X trocam uma carga definida de energia, variando a quantidade segundo a intensidade e a frequência do contacto. Esta troca de energia produz um canal permanente de comunicação. Uma vez aberto o canal, a troca é possível entre esses dois indivíduos — dado um impulso de necessidade e aquiescência — quer ambos estejam vivos, quer um seja desencarnado, quer ambos sejam desencarnados. Além disso, um terceiro indivíduo, K, que em algum momento tenha tido contacto com A e com X,

pode retransmitir conversa de um para o outro, mas não consegue pôr A e X em contacto direto.

Com qualquer indivíduo, este entrecruzar de "fios" de energia liga-o a muitas pessoas, talvez a milhares. Muitas delas continuam a viver com ele no contexto da vida diária tal como a conhece no corpo físico; com o passar dos anos, um número crescente delas passa ao estado desencarnado. Mas os laços persistem. Se John Brown, vivo, alguma vez tocou o seu bisavô, continuam em contacto; a possibilidade de comunicação direta persiste. Se John Brown nunca conheceu o seu bisavô, então o melhor que pode fazer é obter alguém como o seu avô, que conheça ambos, para transmitir comunicação. E mesmo isso só é possível se tanto John Brown como o bisavô desejarem esta comunicação indireta.

Há também perguntas a fazer sobre onde os processos psíquico e criativo se tocam. Poderá o processo criativo — digamos, a invenção literária — ser de facto um esforço duplo, composto do desejo de uma mente de inventar uma personagem, ou um conjunto de personagens dentro do quadro de um enredo, e de alguma mente respondente devolver uma personagem ou enredo reais, extraídos do registo acásico? Uma pista útil é fornecida pela forma como as personagens se apoderam do autor e insistem na sua própria ação. Serão os artistas criativos nos domínios da música, pintura, drama, poesia e afins mais abertos à experiência psíquica do que os que não exercitam as faculdades criativas? E os inventores em geral? Onde termina a parte de um indivíduo no processo criativo e começa uma empreitada cooperativa? Uma leitura cuidada das autobiografias de personalidades criativas coloca algumas possibilidades interessantes.

Há outras razões possíveis para que um médium não traga à frente personalidades de um passado mais remoto. Mas aqui, de novo, a informação chega através de sensitivos ou de desencarnados e tem apenas o valor teórico que cabe a qualquer estrutura coerente de pensamento.

Personalidades desencarnadas podem, no processo de maturação, avançar para outra dimensão de consciência, expressa num padrão de energia mais subtil, em cujo estado podem estar ocupadas com problemas que não os da Terra. Aparentemente, todos os graus de consciência são suscetíveis de direção a partir de formas mais elevadas de consciência, sujeitos — pelo menos em parte — à censura do seu próprio livre-arbítrio. Assim, estas personalidades avançadas podem ou não estar "de serviço" quando John Brown as chama pelo nome. Contudo, o chamamento de John Brown não fica sem resposta. Parece ser uma lei do universo que quem procura, bate, chama, é respondido.

O *modus operandi* do universo espiritual pode não ser tão simples como foi delineado por alguns sistemas de pensamento religioso, mas o facto parece manter-se: ninguém que precise de ajuda é alguma vez ignorado, não ouvido ou menosprezado. Nem a resposta depende do capricho de qualquer pessoa, encarnada ou desencarnada. Se John Brown, em agonia de anseio por força para seguir um caminho difícil, chama o seu avô desencarnado, conhecido pela coragem, e o avô se recusa a responder, então alguém mais atende o chamamento e responde. «É assim que o universo está montado», comentou um desencarnado filosófico. «É a lei, e opera com a precisão da lei. O mais humilde dos corações pode chamar o Todo-Poderoso e, num certo sentido, o chamamento é uma ordem, porque Deus escolheu operar através desta lei de que as orações são ouvidas e atendidas. A cadeia de comando pode por vezes ser intrincada, mas é instantânea e segura.»

Espero ver os ministros aproximarem-se mais destas preocupações. Afinal, a Igreja nasceu numa experiência psíquica no dia de Pentecostes. Além disso, vi a vida de um ministro — e também os seus sermões e o tamanho da sua congregação — mudarem pela sua própria experiência com fenómenos psíquicos. O primeiro ministro que conheci bem cujo ponto de vista foi alterado pela sua própria experiência psíquica chamava-se Arthur Ford! Ficou abalado até aos ossos e, no processo, a sua cosmologia, epistemologia, teologia e todas as suas outras "ologias" tiveram de ser reconstituídas. Depois vi a pregação de Alonzo Fortune ganhar nova autoridade, à medida que ele, calmamente, ia substanciando os aspetos psíquicos do registo evangélico.

O meu contacto principal seguinte com um ministro para quem os relatos psíquicos da Bíblia se tornaram uma história contínua foi com Robert Norwood. Lembro-me de o ouvir contar as suas experiências na Sagrada Comunhão. Tendo eu crescido numa denominação que faz da Ceia do Senhor o centro do culto de domingo de manhã, comoveu-me encontrar este grande homem, num contexto litúrgico, a viver a «boa companhia» dos que partiram reunindo-se com os que estavam à mesa.

Disse-me que, quando homens e mulheres se ajoelhavam na balaustrada do altar, ele frequentemente via aqueles que lhes eram queridos, supostamente mortos, de pé atrás deles ou ajoelhados ao lado; via um pai pôr um braço sobre o ombro de um filho, uma mãe tomar a mão da filha, uma criança meter-se entre os pais. Por vezes, um ente querido invisível dizia-lhe, em voz baixa, o problema oculto daquele a quem ele estava a servir e ele via as suas próprias orações ganharem asas com novo anelo por esse necessitado filho de Deus.

Emmet Fox foi um ministro que tomou o registo do Novo Testamento pelo seu valor literal. Foi na minha segunda visita a Londres, quando eu vivia na casa de Horace Leaf, que ele veio ver-me pela primeira vez. Antes dessa altura, eu nunca tinha ouvido falar dele, e ele nada me disse sobre os seus interesses metafísicos até depois da sessão. Mas, através de Fletcher, algumas das suas próprias pessoas, desencarnadas, vieram ter com ele nesse dia e instaram-no a aceitar um convite que acabara de receber para assumir um grupo em Nova Iorque.

Fox ficou muito surpreendido por os seus amigos invisíveis saberem da oferta e decidiu aceitar o convite. Durante os anos em que falava a enormes audiências em Nova Iorque, encontrámo-nos muitas vezes; de facto, vivemos no mesmo hotel durante dois anos e tivemos muitas conversas tanto sobre o trabalho dele como sobre o meu. Ele esperava que qualquer pessoa que aceitasse o sistema metafísico que ensinava — que sempre sentiu ser simplesmente a metafísica de Jesus — desse por adquirido a sobrevivência da personalidade e o fluxo de comunicação entre os vivos e os mortos.

Sempre que penso em ministros que se depararam com o psíquico com algum sentido de choque, vem-me à mente um clérigo anglicano chamado Winekoop. Conheci-o no Lyceum Club, que era um clube de mulheres escritoras profissionais, em Inglaterra. Mrs. de Crespigny era membro e foi ela quem me convenceu a dar lá uma palestra. Naturalmente, eu esperava uma assistência só de mulheres, o que já era desafio suficiente para qualquer orador, porque estas inteligentes mulheres britânicas deleitavam-se em fazer perguntas provocadoras. Contudo, havia ali presente um homem. Na altura, eu não sabia que era um descrente convicto em assuntos psíquicos. Durante o período após a palestra, quando eu estava a transmitir mensagens de desencarnados que se manifestavam clarividentemente, chegou uma mensagem para esse clérigo.

Depois da reunião, vi que ele estava abalado, por isso levei-o comigo para se juntar a um grupo em casa de Conan Doyle, e essa ocasião acabou por ser o início do seu interesse na investigação de fenómenos psíquicos. Um ano mais tarde, mais ou menos, quando regressei a Londres, ele disse-me que, recentemente, juntara coragem para dizer à sua congregação, numa igreja em Finchley Road, que estava convencido da sobrevivência e da comunicação. Contou que, ao subir ao púlpito, tinha a sua carta de demissão no bolso, certo de que lha pediriam no fim do culto. Como aquele seria o seu último sermão, disse-lhes tudo o que sentia que deviam saber em apoio da afirmação neotestamentária da vida eterna. Após o serviço, esperou corajosamente que as objeções o esmagassem. «Pode imaginar a minha

estupefação», disse-me, «quando a congregação se precipitou para me felicitar por eu ter finalmente alcançado o nível deles.»

Outro clérigo britânico por quem tenho grande estima foi o escocês John Lamond, outrora pastor da Greensides Church, em Edimburgo. Depois da Primeira Guerra Mundial, começou a receber mensagens da sua filha Kathleen, enfermeira que morrera em França na Primeira Guerra Mundial. Quando se convenceu da sobrevivência, declarou publicamente a sua posição, e o resultado foi que teve de deixar a sua igreja. Daí em diante, falou por todo o Reino Unido. Era um homem grande, tanto física como espiritualmente. Partilhei muitas vezes a tribuna com ele e fiquei invariavelmente comovido pela profundidade da sua perceção.

Depois da morte de Conan Doyle, vários homens de letras proeminentes quiseram escrever a biografia de Doyle, mas Lady Doyle nunca conseguiu decidir quem deveria ser o biógrafo oficial. Então, um dia, quando o Dr. Lamond estava a ter uma sessão comigo, Doyle comunicou com a declaração de que queria que fosse ele a escrever a biografia, prometendo ajudar no que fosse preciso. Lady Doyle sentiu que a mensagem do marido era genuína e encarregou Lamond de avançar. Depois disso, durante vários meses, Lamond veio ter comigo regularmente com o manuscrito e, no meu transe, Sir Arthur corrigia e acrescentava pormenores. Obviamente, eu não tinha consciência do trabalho página a página, mas, no prefácio do livro, o Dr. Lamond afirma que o livro não poderia ter sido escrito sem «a cooperação constante de Arthur Ford».

Nos anos trinta, como um dos resultados do crescente interesse do clero em assuntos psíquicos, Cosmo Lang, Arcebispo de Cantuária, nomeou uma comissão para inquirir as alegações do espiritualismo. Durante uma das minhas visitas a Londres, St. Clair Stobart convidou esta comissão e vários outros clérigos para me encontrarem para um chá. Depois de eu ter terminado de transmitir mensagens de amigos invisíveis deles que fizeram as suas chamadas de longa distância, uma discussão animada — e, de facto, acesa — rapidamente ganhou fogo.

A certa altura, um sacerdote de tendência anglo-católica começou os seus comentários com a frase: «Na hora da Santa Missa…», ao que um homem de "baixa igreja" respondeu: «Quer dizer, durante a Comunhão…», e alguém mais interveio: «Ele quer dizer, durante a Ceia do Senhor.» Então, o mais velho e provavelmente o mais distinto de todos — soube mais tarde que era o Cônego de Christ Church, Westminster — levantou-se e resolveu a disputa dizendo: «Santa missa, santa comunhão, santa cavala!» Isto impôs silêncio pelo choque. O Cônego prosseguiu então: «Andamos a discutir este

assunto há duzentos anos. Hoje viemos ouvir falar de algo significativo que até aqui negligenciámos. Portanto, limitemos as nossas observações ao assunto.»

Mais tarde, esta comissão do Arcebispo apresentou um relatório favorável às conclusões do Espiritualismo, mas o Arcebispo arquivou-o, e só depois de uma exigência generalizada, liderada por Hannen Swaffer, é que foi tornado público.

O Dr. Ozora Davis, outrora moderador das Igrejas Congregacionais nos Estados Unidos e também presidente do Chicago Theological Seminary, foi um dos ministros de visão avançada que sentia que a física moderna acabaria por vir em apoio de uma psicologia do paranormal. Num dos seus últimos discursos disse: «Não haverá nenhuma igreja protestante na América dentro de cinquenta anos, a menos que aceitemos e usemos as conclusões da investigação psíquica.» Teve muitas sessões comigo; aliás, na noite antes de partir para a sua última viagem à Califórnia — a viagem em que morreu — eu fiz uma sessão para ele, para membros da sua família e para alguns amigos da sua faculdade.

O Dr. William H. Leach, editor de *Church Management*, aproveitou muitas ocasiões para transmitir a luz que sente ter recebido através de Fletcher. Como outros dos meus amigos, por vezes conta-me o que se passa no meu transe. Teve uma sessão pouco depois da morte do irmão Earl, que era dez anos mais velho do que ele. O irmão estivera acamado durante vários anos, incapacitado por paralisia. Nesse dia, Fletcher relatou que o irmão comentou: «Ainda quase não sei o que dizer. Estou aqui há tão pouco tempo que ainda não estou orientado. Na verdade, fiquei surpreendido por me encontrar aqui. Vi a Mãe e o Pai. Mal reconheci a Mãe; parecia tão jovem. Há uma coisa que te vai interessar — aqui projetamos a idade que queremos ter. Que máximo! Deviam ver-me. Tenho apenas vinte e cinco anos.»

Leach sentiu que era o tipo de observação que o irmão faria se tivesse feito qualquer outra viagem a um país desconhecido e Leach lhe telefonasse em chamada interurbana. De alguma forma, sempre preferi esta pequena história humana a muitos relatos mais complexos e "probatórios" que me chegaram através de Leach.

Por vezes custa alguma coisa aos ministros assumirem firmemente as suas convicções quanto aos fenómenos psíquicos. O Dr. Davis falou abertamente num tempo anterior ao interesse das universidades pela parapsicologia ter tornado tais preocupações respeitáveis. A esse propósito, penso sempre no velho John Hill, pastor de uma pequena igreja espiritualista

de uma só sala, num bairro pobre de Nova Iorque, nos dias em que a lei classificava a mediunidade juntamente com a adivinhação. Por fim, foi aprovada uma nova lei em Nova Iorque e, daí em diante, ministros autenticados sob jurisdição da Assembleia Geral das Igrejas Espiritualistas não podiam ser presos. Mas muitas vezes, nos velhos dias, fui à prisão da Rua 57 para adiantar a fiança de quinhentos dólares exigida para a libertação de um médium.

John Hill era um homem de devoção unilateral às suas crenças; se a vida era eterna, como dizia o Bom Livro, então ele pretendia que as pessoas recebessem prova desse facto através da sua mediunidade. Numa ocasião, foi levado diante de um magistrado que lhe ofereceu deixá-lo ir se ele «deixasse de fingir que comunicava», mas, se não desse a sua promessa, teria de ir para a cadeia por três meses. A palavra «fingir» foi demais para John. Endireitou-se e disse que, se Pedro, Tiago e João podiam aceitar a prisão em vez de deixarem de pregar o seu evangelho, também ele podia. E assim cumpriu a pena em Welfare Island. O seu testemunho não ficou sem repercussões; Ethel Corbin, então uma das polícias mais antigas no corpo, converteu-se ao ouvir o testemunho de John.

Ernest Holmes é outro homem que sempre exprimiu firmemente as suas convicções. Periodicamente, ao longo de anos, teve sessões comigo e considero-o um dos homens mais perspicazes que conheço. A sua enorme comunidade de seguidores não tem dúvidas quanto ao seu ponto de vista, e ele usa a sua revista, *Science of Mind*, como meio de pôr as conclusões de alguns dos mais distintos homens da ciência moderna ao serviço das revelações do psíquico.

O Dr. Lewis L. Dunnington, pastor da First Methodist Church de Iowa City, Iowa, é outro ministro que fala no púlpito a favor da duplicação moderna dos fenómenos psíquicos da Igreja primitiva. Ouvi-o falar duas vezes, numa manhã de domingo, à sua grande igreja cheia de pessoas, sobre a sua crença em vida continuada e comunicação, usando ilustrações em primeira mão da sua própria experiência. Nessa noite, um grupo dos seus amigos e colegas ministros, incluindo o Dr. Marcus Bach, reuniu-se para uma sessão espírita. Também já lecionei e demonstrei clarividência em palco na sua igreja.

Cada vez mais, as igrejas estão a descobrir a inevitabilidade da experiência psíquica na devoção disciplinada. É notável uma mudança no carácter dos grupos de oração. A meditação silenciosa é quase costumeira e este tipo de atenção intensificada é suscetível de produzir alguma consciência de presenças invisíveis, bem como de ativar a cura espiritual.

O Rev. Paul L. Higgins, pastor da Hyde Park Methodist Church de Chicago, começou a aperceber-se de presenças desencarnadas num grupo de oração que se reunia semanalmente para rezar pelos doentes. Tornou as suas experiências conhecidas de alguns membros do conselho oficial da sua igreja, e o interesse deles levou à investigação do campo psíquico. Mais tarde, convidou-me a encontrar-me com um grupo de membros para uma sessão espírita na sala de oração da igreja. Ainda mais tarde, realizaram-se várias reuniões abertas em que a sessão se tornou uma espécie de testemunho da vida da igreja invisível.

Glenn Clark foi outro que sentia constantemente a ajuda daqueles que amava e que haviam desaparecido da sua vista terrestre. Lembro-me de que, na primeira vez que veio ter comigo para uma sessão, estava quase apologético por precisar de um intermediário para conversar com os membros invisíveis da sua família. Na verdade, creio que não precisava, pois tinha o seu próprio método de comunicação. Alguns dos seus seguidores ficaram chocados por ele procurar um médium; de facto, uma das pessoas do grupo que o acompanhou disse-me depois que nunca teria chegado perto de mim se alguém que não Glenn Clark o tivesse sugerido.

Essa mulher é hoje uma médium muito boa. Não muitos meses antes de morrer, Glenn Clark exprimiu o sentimento de que tantos antigos membros dos seus grupos de oração tinham ido para a sua morada celeste, onde as suas perspetivas eram mais amplas e o seu poder maior, que os seus *Camps Farthest Out* podiam assumir tarefas que nunca teriam conseguido levar quando todos os seus membros estavam ligados à Terra. Também sentia que a sua própria partida empurraria ainda mais os horizontes do grupo — e, de facto, assim parece ter sido.

Há uma qualidade própria nas reuniões em que presenças invisíveis se manifestam. Na véspera de Páscoa de 1957, encontrei-me com um grupo de quinze ministros de igrejas protestantes tradicionais num subúrbio de Filadélfia; juntaram-se-lhes muitos colegas e amigos invisíveis. Disseram-me que alguns dos sermões de Páscoa pregados na manhã seguinte tinham uma autoridade nova para a congregação.

Na noite de Páscoa, o meu amigo Melvin Sutley reuniu outro grupo de ministros e amigos para a mesma espécie de encontro. Dali fui para Cleveland para me reunir, durante duas noites, com um grupo maior de ministros e amigos, para discutir o lugar da comunicação no conjunto dos dons espirituais enumerados por São Paulo e para permitir que amigos desencarnados contribuíssem para o colóquio. Tornou-se evidente para mim,

no período de discussão, que os homens desses grupos não estavam sem experiências psíquicas próprias.

Noto que muitos ministros se têm interessado pela parapsicologia porque tiveram experiências psíquicas pessoais. Por vezes perguntam-se se deviam tê-las tido. Às vezes ficam espantados por, quando rezaram pelos doentes, a pedido, os doentes terem sido curados. Um ministro mencionou-me recentemente que seria surpreendente se homens que passam tanto do seu tempo a encorajar doentes, a assegurar aos moribundos a vida eterna, a confortar os enlutados, não procurassem evidência verídica de cura espiritual, sobrevivência e comunicação, e de oração atendida. Há algum tempo que noto que os homens que dão testemunho em primeira mão de experiência nestas linhas são os homens que enchem as suas igrejas.

Nos últimos meses, encontrei-me com grupos numa variedade de igrejas, incluindo a Broadway Tabernacle, uma igreja congregacional em Nova Iorque de que o Rev. Albert Penner é pastor; na St. Peter's Episcopal Church, em Chicago; na First Methodist Church de La Grange, de que o Rev. Lester Minion é ministro; na Burnside Methodist Church de East Hartford, Connecticut, de que o Rev. Ralph Henard era então ministro; com a Associação Ministerial de South Bend, Indiana, e assim por diante. Fazer a chamada é apenas pôr em itálico o crescente interesse dos ministros. Nas reuniões de Chicago, notei a presença de estudantes de seminário; numa reunião recente em Trenton, Nova Jérsia, estavam representados tanto estudantes como docentes do Princeton Theological Seminary.

E em todas estas reuniões estão presentes e a falar alguns ministros não visíveis ao olho, mas desejosos de acrescentar o seu testemunho através de Fletcher. Na verdade, uma lista dos antigos dignitários de muitas denominações e dos fiéis ministros de muitas igrejas que falaram através de Fletcher poderia surpreender aqueles que pensam que eles cumpriram o seu tempo e seguiram em frente. Muitas vezes continuam a servir, como amigos dos seus antigos paroquianos e nos seus próprios púlpitos, como apoio invisível ao pregador presente.

Alguns ministros desencarnados falam de terem igrejas próprias na sua situação atual. «Uma vez ministro, sempre ministro», comentou um distinto velho senhor. «Não acha que nos reunimos para culto no nosso aspeto do universo? E não acha que gostamos de ouvir um bom sermão e de pregar um bom sermão? Aqui não temos de tentar convencer ninguém de que a vida continua, embora se surpreendesse ao saber que há aqui, entre nós, aqueles que simplesmente não acreditam no que Paulo chamou "o terceiro céu". Bem, é real, sim, e há espíritos desse estado que comunicam connosco e nos

emprestam a sua ajuda, tal como nós tentamos cooperar convosco. Deus é imanente em toda a sua criação, e é muito mais complexo do que você ou nós ainda percebemos.»

Pergunto-me se o interesse por estas novas-velhas fronteiras não poderá trazer de volta às igrejas alguns dos milhares de membros que se perderam para os cultos e movimentos esotéricos que, nos últimos cinquenta anos, se apropriaram dos aspetos psíquicos da religião. A sobrevivência não é o único princípio do evangelho, mas é aquele sem o qual os outros perdem grande parte do seu significado. Basta ver a transformação na vida de alguns que, de repente, percebem que a personalidade não se perde na morte para saber quão básica é esta certeza. Do mesmo modo, basta viver a cooperação de presenças invisíveis ainda animadas pelo amor e dedicadas ao serviço para saber que a companhia dos justos é invencível.

Paulo compreendia este trabalho conjunto para o bem comum: «Ora, há diversidade de dons, mas o mesmo Espírito; e há diversidade de ministérios, mas o mesmo Senhor; e há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos.» Depois, após enumerar os dons psíquicos e exortar os seus ouvintes a desejarem ardentemente estes dons superiores, põe tudo na devida relação com uma última admoestação: «Fazei do amor o vosso alvo.»

E isto, tomo eu, é o objetivo da consciência expandida — a plena consciência e a expressão perfeita do amor. Fim.